MARIA FILOMENA GREGORI

PRAZERES PERIGOSOS

EROTISMO, GÊNERO E LIMITES DA SEXUALIDADE

TESE APRESENTADA AO CONCURSO DE LIVRE-DOCÊNCIA

DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

JUNHO DE 2010

Sumário

Apresentação **3**
A pesquisa e a pesquisadora 8
Agradecimentos 12
Capítulo 1
Limites da sexualidade: violência, gênero e erotismo **21**
Violência e gênero: por uma perspectiva relacional 27
Erotismo: êxtase e transgressão 36
Capítulo 2
Entre o prazer e o perigo: o erotismo politicamente correto **43**
Prazer e perigo 48
Boas Vibrações 59
Os *Clones* 67
Capítulo 3
Mercado erótico e feminilidades: os novos sex shops de São Paulo **77**
O que é um sex shop, em São Paulo? 81
No centrão 85
Os sex shops de bairro 91
As boutiques eróticas 97
Capítulo 4
Usos **123**
Roteiros sexuais? 128
Bens eróticos ou agentes eróticos? 141
Sex toys: acessório, James, Jack, brinquedinho, consolo 154
Capítulo 5
S/M **167**
Impressões de campo 174
24/7 182
Quando a pele vira carne 189
A performance do risco 194
Bibliografia **201**
Anexos **219**

Apresentação

Esta tese partiu de um desafio: discutir as articulações entre prazer e perigo em algumas manifestações do erotismo contemporâneo. Prazer está associado à sensação de bem estar, ao deleite e indica uma inclinação vital. Perigo sugere uma circunstância que prenuncia um mal a alguém ou a algo. Em vez de confrontar a satisfação ao risco como se fossem expressões excludentes, esse estudo pretendeu tratar dos prazeres perigosos presentes no mercado erótico. Esta abordagem teve, por propósito, circunscrever um campo de investigações relativo ao que eu proponho chamar de limites da sexualidade: a zona fronteiriça onde habitam norma e transgressão, consentimento e abuso, prazer e dor. Todo o empenho realizado foi o de tornar o desejo – tema ainda pouco abordado em termos antropológicos[1] - uma matéria a fornecer elementos para a realização de etnografias, mais além dos âmbitos das investigações já realizadas, como os estudos cuja ênfase está em tratar a sexualidade como um conjunto de dispositivos a normatizar e disciplinar corpos, influenciados, por Foucault (1976), em seus primeiros esforços para traçar uma História da Sexualidade. Muitas contribuições analíticas já estão consolidadas, no Brasil, a respeito dos saberes e verdades sobre o sexo, produzidos pela Sexologia, pela Medicina e

[1] O interesse sobre esse tópico remonta o início do século XX e tem na *Vida Sexual dos Selvagens* (1929), de Bronislau Malinowski, sua primeira tentativa sistemática. Já no prefácio, o autor justifica a relevância de estudos sobre a questão e pontua, como na maioria das formulações pioneiras, as perspectivas que influenciam o campo de investigação, dando a expressão de sua diversidade: as abordagens que tratam a sexualidade na sua relação com dinâmicas de parentesco e de família, as que a associam à formação da identidade individual e social, as perspectivas que tomam sexualidade articulada aos desejos ou, ainda, como atividade e comportamento. Carol Vance (1995) alerta que, ainda que tenhamos que reconhecer as contribuições clássicas dos estudos antropológicos, a maioria deles apresenta resultados limitados, no que tange à experiência sexual não pensada exclusivamente em sua dimensão reprodutiva e ao erotismo.

pela Psiquiatria[2]. Também não pretendi empreender pesquisa a partir da rica linhagem de estudos que articulam sexualidade e direitos reprodutivos[3].

Estabeleci o mercado como campo de pesquisa, não apenas pela centralidade que ele representa na vida das pessoas, hoje em dia, mas pela influência das ideias de Nestor Perlonguer (1987) e o impacto que elas geraram sobre toda uma geração de antropólogos[4]. No que concerne ao meu objeto de investigação, suas reflexões sobre as interfaces entre transações sexuais e desejo foram particularmente inspiradoras, sobretudo, ao assinalar que, no marco das relações eróticas, risco, diferença, transgressão e prazer são termos articulados. Os tensores libidinais, expressão que empregou, são resultantes da noção de que o desejo é feito daquilo que desafia, que arrisca e que assinala a diferença. O que essa sugestão implica é que os marcadores sociais de diferença[5] – e entre eles o gênero, a idade, classe e status, cor/raça – que operam como eixos na configuração das posições desiguais, em relações de abuso, também atuam na configuração daquilo que proporciona prazer. As hierarquias, as normas e proibições formam o repertório para o erotismo, a partir de todo um esforço de transgressão. Assim, os prazeres perigosos são empreendimentos de risco: podem colocar em perigo as normas e convenções e, nelas, muitas das que posicionam feminilidades, masculinidades, heterossexualidades, homossexualidades e variantes entre todos esses termos. Mas podem também, dependendo das circunstâncias,

[2] Quero aqui chamar atenção para a significativa contribuição dos estudos sobre os enunciados científicos, produzidos por essas ciências, desde o século XIX, seu impacto no campo científico nacional e suas implicações sobre a sexualidade, levados a cabo por antropólogos brasileiros como Duarte (1999; 2004), Russo e Carrara (2002), Russo (2009), Rohden (2001).

[3] É vasta a bibliografia de pesquisas e estudos empreendidos nesta interface, tendo a demografia como campo disciplinar pioneiro no Brasil. Para maiores esclarecimentos, consultar entre outros Berquó (2003) e Barbosa et alli (2002).

[4] Adriana Piscitelli, Julio Assis Simões e eu. desenvolvemos pesquisas nessa direção a partir do projeto temático Fapesp, coordenado por Mariza Corrêa, intitulado *Gênero e Corporalidades* (em vigor entre 2005 e 2009). Além dos resultados acumulados por tais investigações, é importante mencionar as contribuições importantes de Isadora França (2006; 2010) e Camilo Braz (2008; 2010).

[5] No sentido de evitar tratar as diferenças sexuais, de classe, raciais ou etárias como caudatárias da natureza, emprego a noção de marcadores sociais da diferença de modo a enfatizar que meu estudo se filia às pesquisas que buscam apreender a produção social, cultural e política das referidas diferenças e entender as articulações, entre tais marcadores, de modo a constituir eixos que promovem a desigualdade social.

transformar o que é prazer e consentimento em dor e abuso. O risco à integridade física e moral das pessoas é uma possibilidade aberta e não dada de antemão. Estudar tais manifestações permite entender como todos esses termos são abertos à negociação de sentido e de posições.

Esta tese parte de uma indagação sobre o erotismo, que nasceu quando trabalhei com abusos e, ao me debruçar com maior detalhe sobre o tema, encontrei as rotas em direção ao prazer. **N**o final dos anos 70, eu estudei violências interpessoais e, em particular, as relativas às relações de gênero. A partir da experiência militante no movimento feminista e no SOS Mulher[6] de São Paulo, realizei uma pesquisa sobre a atuação desta entidade, no atendimento de mulheres vítimas de violência e sobre entrevistas feitas, com algumas delas, que enfrentavam o problema em suas vidas conjugais e familiares. Menos do que perseguir uma explicação unívoca para o fenômeno, com o objetivo de pensar os paradoxos que revestem as relações violentas, eu preferi adotar a perspectiva que acredita na coexistência de vários núcleos de significado que se sobrepõem, se misturam e conflitam entre si. Exercer um papel é agir em função de várias dessas concepções, combinando-as, mesmo quando são conflitivas. Assim, quis salientar que, ao tratar os papéis ou posições de gênero, é preciso considerar que certamente existem importantes padrões, legitimados socialmente, na definição de identidades e condutas. Contudo, é preciso ter em mente que eles devem ser vistos como construções, imagens, e referências compostas, que são adotadas de modo bastante complexo e pouco linear. Eu indiquei ser fundamental trabalhar a violência de gênero, na perspectiva relacional - até o momento, os

[6] SOS-Mulher de São Paulo foi uma entidade criada por iniciativa de vários grupos feministas, em outubro de 1980, com o propósito de prestar atendimento a mulheres vítimas de violência. Essa entidade teve a duração de três anos, durante os quais atendeu as mulheres, em plantões, realizou encaminhamentos para aconselhamento jurídico e psicológico e organizou campanhas de conscientização sobre a gravidade do problema tratado. Eu e Heloísa Pontes fomos militantes dessa organização e realizamos estudos, visando elaborar nossas dissertações de mestrado. Meu estudo foi publicado como livro *Cenas e Queixas - um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista* (para maiores detalhes consultar Pontes, 1985 e Gregori, 1993).

estudos e artigos, no Brasil, estavam restritos às representações das mulheres quanto à tal problemática.

A referência ao meu estudo anterior não se deve apenas ao intuito de revelar como a preocupação com o erotismo se situa no meu itinerário intelectual. Como ficará claro, no capítulo que abre a tese, a experiência que acumulei ao tratar teórica e empiricamente da violência marcada por gênero, preparou-me para abordar os erotismos e o prazer, diminuindo o risco de obliterar a dimensão dos perigos que eles ensejam. Existem conexões entre os aspectos que marcam a violência, em termos de gênero e, um conjunto de concepções e práticas relativas à sexualidade (em conjunto, é importante salientar, desde que visto como sendo recortado pela diversidade e por variados significados). Em particular, elas dizem respeito aos aspectos que interconectam a prática sexual, no interior de um campo simbólico particular, a uma "*erótica*", no qual se relacionam o feminino e o masculino, o corpo jovem e o velho, asiático, branco, pardo, negro (e o suporte de tais definições não está colado necessária e exclusivamente às mulheres e homens, como sujeitos empíricos) - supondo uma operação que, antes de apagar as diferenças ou torná-las homogêneas, produz e assinala as tensões e as posições de poder assimétricas -. Assim, devo ao meu percurso intelectual e às variadas leituras que fiz, admitir que essas posições e marcas – antes de serem resolvidas no erotismo – constituem o material simbólico, a partir do qual as tensões entre norma e transgressão e também entre consentimento e abuso podem sofrer deslocamentos.

Em função desta hipótese central, encaminhei a pesquisa de modo a mapear e descrever detalhadamente a oferta e o consumo de "*bens*" eróticos, bem como e de modo exploratório, as práticas sadomasoquistas. A pesquisa

em lojas eróticas, nos Estados Unidos[7], mostrou a emergência do que eu chamei de *erotismo politicamente correto,* cuja análise está apresentada no capítulo 2 . Tal erotismo, mesmo tendo como ponto de partida o protagonismo de atores ligados à defesa das minorias sexuais - entre os quais figuravam nomes importantes do cenário teórico e político do feminismo – passou a ser difundido no universo mais amplo de produção, comercialização e consumo eróticos ao redor do mundo.

A pesquisa realizada no Brasil e, mais especialmente, em São Paulo, teve o propósito de observar os impactos desta vertente de erotismo. O material coletado foi indicando a necessidade de aprofundar a discussão sobre o mercado erótico (produção, comercialização e consumo de bens eróticos), e de decifrar os efeitos das novas faces deste mercado sobre as experiências sexuais, no que se refere à ampliação ou restrição de normas de gênero e de sexualidade. A análise sobre o mercado, em São Paulo, está apresentada no capítulo 3.

No capítulo 4, discuto as implicações entre o consumo e os usos dos produtos eróticos, nas trajetórias sexuais e afetivas de homens e mulheres, nos seus relacionamentos hetero ou homossexuais, procurando identificar em que medida tais usos permitem entender as experiências relacionadas à corporalidade. Finalmente, no último capítulo, trato de alguns aspectos do sadomasoquismo, cuja expressão de mercado é S/M, constituindo práticas eróticas a tocar de perto os limites entre prazer, dor, constrangimento e consentimento.

[7] A pesquisa foi feita nos Estados Unidos, em 2001, a partir de um programa de pós-doutoramento junto a University of Califórnia at Berkeley (com financiamento da Fapesp), em que tive a oportunidade de coletar dados em *sex shops* de San Francisco e Berkeley.

A pesquisa e a pesquisadora

Todo o material empírico da presente investigação foi coletado de modo mais intenso entre 2004 e 2009, seguindo uma perspectiva eminentemente qualitativa, baseada em observação direta, interação de campo prolongada e entrevistas, em profundidade, com informantes selecionados.

A abordagem etnográfica implicou três diferentes esforços de coleta de dados empíricos: o primeiro deles consistiu em alguns meses de pesquisa exploratória, em *sex shops* em São Francisco e Berkeley, durante o ano de 2001[8]; em seguida, a pesquisa sistemática, em São Paulo, que ocorreu entre 2004 e 2007. Indo de encontro à noção de que o acesso e consumo de produtos eróticos, bem como às possibilidades de exercício de escolhas sexuais, a partir de lugares no mercado, é mais significativo em meio urbano e junto às sociabilidades que aí se descortinam, a pesquisa foi feita nessa metrópole brasileira. Além de ser um grande centro urbano, no qual a oferta destes bens e o acesso aos locais de interação são facilitados, justifica-se a investigação, em São Paulo, por razões estratégicas. Essa cidade representa lugar pioneiro, em nosso país, na expansão e liberalização dos costumes, abrindo campos de sociabilidade e exercício diversificado da vida sexual, desde a década de 60.

O mapeamento das lojas foi feito partir da identificação e localização do conjunto de estabelecimentos, atendendo a públicos diversificados, de modo a fornecer uma visão geral importante para a seleção dos locais que

[8] Nesses meses, procedi à investigação, tomando como primeira tarefa o mapeamento dos principais estabelecimentos, do perfil descrito,, e selecionei três, no intuito de aprofundar a observação. As lojas foram escolhidas, tomando como critério uma distinção que está na base da natureza particular do empreendimento na região: a segmentação entre os *sex shops* destinados ao homoerotismo, os que operam segundo o mercado sexual convencional e, por último, um tipo de loja que foi criada em meados da década de setenta, o *Good Vibrations*, que visa um público diversificado e pretensamente consciente em relação às limitações e implicações do mercado convencional do sexo. Na análise que apresento no capítulo 2, este último é o *sex shop* que está descrito etnograficamente.

foram objeto de investigação mais detalhada. Além do acesso virtual via *sites* e *blogs* da internet, que hoje representam instrumentais básicos para qualquer investigação, foi feito um pré-campo, bem como uma pesquisa intensiva, em lojas selecionadas por critérios que incluíram segmento do mercado e segmento consumidor – a partir de classe, raça, idade, sexo, orientação sexual – para o desenvolvimento de etnografia densa e comparada[9]. Ainda na primeira fase da investigação, além das lojas, duas versões da *Erótika Fair* (uma feira de produtos eróticos com duração de uma semana) foram objeto de investigação, por dois anos seguidos (2005 e 2006), bem como a participação no *Fórum Marketing Erótico e Ética*, curso de extensão, promovido pela Fundação Getúlio Vargas ,para coleta de informações sobre os cursos de marketing e o erotismo. Também foi objeto de coleta a participação em dois cursos para mulheres, ministrados por especialistas que são protagonistas do mercado erótico de São Paulo. Uma delas, bastante conhecida e pioneira nesse tipo de atividade, é Nelma Penteado. Fiz também uma pesquisa exploratória, no Rio de Janeiro, junto à rede de lojas *A2* em Ipanema e Copacabana e à loja *Muito Prazer,* na Barra da Tijuca.

Concluída a coleta de material empírico sobre a comercialização de bens eróticos, o segundo grande esforço da pesquisa foi realizar entrevistas, em profundidade, com usuários e usuárias de acessórios e produtos eróticos durante todo o ano de 2008. Pretendi acrescentar, deste modo, à análise, a apreensão sobre as variadas modalidades de "*recepção*" dos estímulos mercadológicos sobre os consumidores. Foram feitas 16 entrevistas, em

[9] A amostragem pré-selecionada foi realizada com os seguintes *sites* da Internet: *007 Sex Shop, Amor com Prazer, Animate.com.br, Diandra Collection, Eros & Afrodite, Erosmania Sex-Shop, Loja do Prazer Sex Shop, PowerSexy, Sex Secret e SITE G*. O primeiro reconhecimento de campo (pré-campo) das lojas de São Paulo foi feito nos estabelecimentos: *Docstallin, PontoG Sex Shop, Sex Mundi, Maison z, Clube Chocolate, Emoções e Prazeres, Ecstasy Sex Shop, Bris Point Sex Shop, PontoG Sex Shop, Revelateurs, Sex Appeal Sex Shop, Tesão Sex, Aline Sex Shop, MXM SEX - Produtos Eróticos, PontoG Sex Shop, Ana Keeler Sex Shop, Artes dos Prazeres, Darme Sex Shop, Mais Mais Sex Shop, Sex Brasil, Darme Sex Shop*. Foram escolhidas, para a pesquisa de campo prolongada, as seguintes lojas: *Maison Z, Love Place Erotic Store, PontoG Sex Shop e Darme Sex Shop*.

profundidade[10], com pessoas selecionadas, de modo a contemplar um leque comparativo mais amplo: mulheres, homens, diferentes orientações sexuais e faixas etárias, compondo um quadro comparativo entre pessoas jovens e mais maduras (o escopo, no caso, ficou entre 20 e 50 anos) de diferentes extratos de classe média[11]. A ampliação, nesse caso, não visou estabelecer correlações entre comportamentos e marcadores sociais de diferença. Antes de serem representativas, estas entrevistas (ricas em sua diversidade) fornecem material eminentemente qualitativo e até exemplar aos propósitos analíticos.

A terceira frente de pesquisa se deu junto às práticas, experiências e relações sadomasoquistas. Dentre as novas faces do mercado erótico, desenvolveu-se um campo rico de experiências, produtos e acessórios S/M, inclusive no Brasil. Realizei um esforço etnográfico exploratório, no ano de 2009, a partir do que aparece na Internet em *sites* e *blogs*, bem como de visitas a dois clubes que atendem a tal segmento, em São Paulo: o *Libens* e o *Dominna*[12]. Longe de ter esgotado a riqueza das situações e vidas envolvidas, em tais práticas, busquei abordar aspectos que permitissem adensar as observações que desenvolvi sobre os limites da sexualidade, o que teria sido impossível sem o apoio inestimável dos achados analíticos e das redes, identificadas por Regina Facchini, por ocasião de sua tese de doutorado, orientada por mim.

---

[10] As entrevistas foram feitas a partir de três redes de investigação: a primeira delas foi construída a partir da pesquisa de campo junto aos diferentes *sex shops* investigados e resultou em quatro entrevistas com mulheres heterossexuais, de classe média e média alta, entre 40 e 50 anos; a segunda rede foi formada na pesquisa de doutorado de minha aluna Regina Facchini e contou com entrevistas de dois homens heterossexuais, de classe média, entre 30 e 50 anos, um homem e duas mulheres bissexuais, de classe média, entre 20 e 40 anos e mais um homem homossexual, de classe média, entre 20 e 30 anos; a terceira rede foi formada a partir dos contatos de pesquisa de outra aluna, Carolina Parreiras: duas mulheres bissexuais entre 20 e 30 anos, de classe média, duas mulheres homossexuais entre 20 e 30 anos, também de classe média e dois rapazes homossexuais, também entre 20 e 30 anos e de classe média. Em anexo, há uma caracterização detalhada dos entrevistados e das redes que fazem parte.

[11] A diferenciação de estratos sociais foi estabelecida a partir da classe média, classe que se constitui como consumidora desse tipo de mercado erótico, segundo dados coletados pela pesquisa.

[12] *Libens*, um clube para praticantes de fetiche, segundo designação própria, localizado em Santana, aberto no início de 2008 e fechado no ano seguinte; o clube *Dominna* foi criado em 2002 e se localiza no Tatuapé.

Antes de arrolar as pessoas e instituições, a quem devo reconhecimento pela finalização desta tese, resta um comentário que, mesmo de natureza pessoal, me parece inteiramente apropriado. Em todo o percurso, dediquei um esforço significativo para elaborar uma reflexão sobre um tema afeito aos prazeres, próximo inclusive do deboche. Foi preciso justificar o alcance teórico, demonstrar seriedade no desenho da pesquisa e proceder com rigor quanto aos métodos empregados. O cuidado acadêmico, no entanto, não deve ser visto como uma tentativa de racionalizar o que seria, em tese, matéria envolvida pelas emoções ou sentidos impensados. Ao contrário, esse comentário importa para situar o pesquisador e suas escolhas, assim como para pensar sobre os significados de entrar, olhar, perguntar e fazer parte do campo que se investiga. Em se tratando de uma pesquisa como esta, tive que lidar com pudores, com desejos e com o *embodiment* do antropólogo.

Maria Elvira Diaz Benitez (2009), ao estudar as redes de produção dos filmes pornôs brasileiros, chamou atenção para a sua vontade de se tornar invisível em inúmeras situações, tal a dificuldade de enfrentar sua subjetividade, em campo e, neste campo, ainda mais. Sua reflexão atinada e fina sugere que a experiência etnográfica, antes de constituir uma observação participante, poderia ser qualificada como uma observação acompanhante. Essa afirmação merece ponderações: na maioria dos estudos etnográficos, não só os que tratam de temas como sexualidade, a nossa observação é acompanhante, sendo a participação bastante relativa – os antropólogos, na maioria das vezes, observam, conversam e alguns anotam. Para além do fato de dizermos que só acompanhamos – e, assim, deixar claro que não participamos das cenas e do sexo – há uma participação inegável: ao observar as cenas, estamos presentes e tal presença afeta, tanto aqueles que observamos, quanto nos afeta. O "*estar lá*" modifica o *setting*, as disposições dos envolvidos, nas cenas, e nos modifica. Seria o caso de indagarmos se não

há uma fantasia "*voyerista*" do pesquisador. Essa pergunta não configura nenhuma confissão pessoal, até porque o interesse do antropólogo pelo cotidiano, pelo imponderável e pelo interpessoal, implica uma curiosidade que poderia ser qualificada como um *voyerismo*. No caso deste campo temático, a fantasia só se realiza porque há uma interação – e na maioria das situações de campo, ela é bem sucedida - entre o que gosta de ver e o que gosta de ser visto. Não há prazer em ver sem o prazer de mostrar. Tal fato está na base dos sentidos modernos do erotismo e da pornografia, como será elaborado, com maior detalhe, a seguir. Uma questão que fica aberta para futuras investigações é a de pensar as implicações sobre o que os sujeitos de pesquisa acham de estarem sendo observados, por nós, não só no sentido de nos alertar sobre os limites de nossa observação – e por motivo de ética -, mas também para extrair dessas interações entre o *voyer* e aquele que se exibe o material para sofisticar as discussões sobre os erotismos contemporâneos.

Agradecimentos

Esta tese de Livre Docência já é a terceira tese em minha história profissional. Ela não é exigida pela carreira, nem sequer é reconhecida por todos os sistemas acadêmicos. Dediquei um período grande para elaborar o projeto de pesquisa, angariar os recursos necessários para a realização da investigação, em todas as suas fases, dispondo de um tempo exíguo, dividido entre as exigências de aulas, alunos, bancas e atividades administrativas. Assim mesmo, fiz essa tese e guardo, desses momentos, muito mais do que ansiedade e incertezas. Aqui estão registrados pensamentos que resultam do que há de verdadeiramente válido na profissão: a boa discussão, baseada na opinião consistente de colegas e alunos. Se as fragilidades das reflexões que apresento são de minha inteira responsabilidade, muitos dos eventuais

acertos eu devo a comentários, sugestões e críticas das pessoas que estiveram comigo neste tempo, bem como das oportunidades abertas pelas agências de fomento e pelo incentivo institucional.

Agradeço à Fapesp pelo financiamento do meu estágio de pós-doutorado, na Universidade da Califórnia em Berkeley, por nove meses, em 2001. Toda a equipe do Center For Latin American Studies (CLAS) e Harley Shaiken, seu coordenador, me receberam com toda a atenção e ofereceram uma infraestrutura fundamental para a formulação dos primeiros resultados da investigação, que dão suporte a todo o estudo realizado. A biblioteca extraordinária da universidade ofereceu os subsídios bibliográficos e, os seminários interessantes do Brazil Group, ajudaram-me a alcançar oportunidade de discutir as primeiras hipóteses deste trabalho. Misha Klein, amiga para toda a vida, discutiu com interesse. Jelani Mahari foi um interlocutor generoso e Benedito dos Santos foi o companheiro de expedições, muito especiais, ao campo que resultaram na análise que apresento no capítulo 2.

Agradeço ao Cnpq ter me agraciado com a "bolsa de produtividade em pesquisa" desde o início de 2005. Toda a pesquisa feita no Brasil contou com esse recurso e com o apoio da Fapesp para o projeto temático "Gênero, corporalidades", no qual estive vinculada nos últimos anos. A Fundação de Apoio ao Ensino e à Pesquisa da Unicamp também apoiou com subsídios para assistentes de pesquisa e para a minha participação em eventos e congressos internacionais.

Desde as primeiras indagações para a formulação do projeto de pós-doutorado, contei com o apoio inestimável das minhas colegas do Pagu, Núcleo de Estudos de Gênero da Unicamp, bem como com a eficiência de Jadison de Freitas. Todo o meu investimento institucional de maturidade tem sido feito nessa instituição, pequena, acolhedora e um núcleo de grande reconhecimento nacional e internacional. Devo ao Pagu e também ao

Programa de Doutorado em Ciências Sociais (e nele, em especial, à Área de Estudos de Gênero) ter reaprendido a trabalhar com as Teorias de Família e de Gênero, em variadas abordagens das novas Teorias Feministas, inspirações que constituem o diálogo teórico que embasa várias das análises desta tese. Agradeço, em especial, à minha querida amiga e parceira intelectual Adriana Piscitelli que está presente em todo esse meu percurso, desde os primeiros passos na investigação sobre os erotismos contemporâneos. Devo a ela a ideia e a força inicial para estudar os *sex shops,* nos Estados Unidos. Nós duas fizemos vários empreendimentos que ajudaram a adensar minha investigação: organizamos um dossiê sobre corporalidades para o *Cadernos Pagu*; em conjunto com Sergio Carrara, montamos o seminário internacional *"Sexualidade e Saberes: convenções e fronteiras"* que deu origem a uma coletânea, onde apresento resultados de pesquisa e estivemos juntas na elaboração do projeto temático *"Gênero, corporalidades"*, que teve como coordenadora Mariza Corrêa. Minha professora de outros tempos, mestre para sempre, Mariza me ensinou quem eram os autores relevantes e os livros que inspiraram muitas das reflexões feitas aqui. Este temático foi uma experiência definitiva na circunscrição do objeto desta tese, sobretudo pelo que ela propiciou em termos de interlocução com, além da Mariza, Guita Grin Debert, Margareth Lopes, Heloísa Pontes e meus colegas de eixo, Adriana Piscitelli e Julio Assis Simões. Discuti várias hipóteses e resultados da minha pesquisa no temático com Leila Mezan, Maria Lygia Quartim Moraes, Heloísa Buarque de Almeida e Iara Beleli que, com o cuidado que lhe é peculiar, me ajudou a elaborar um texto consistente que, em seguida, deu base a uma das partes desta tese.

Agradeço ao Doutorado em Ciências Sociais a oportunidade de consolidar, sobretudo na Área de Estudos de Gênero, uma linha de pesquisa que justifica e consolida os temas que trato aqui. Coordenei esta área por

dois anos e o Doutorado por mais dois, contando com a presença e o apoio de Angela Araújo. Maria Rita Gandara foi de uma ajuda inestimável. Valeu a pena o investimento institucional, sobretudo pelo fato de ter garantido um espaço de formação de alunos e interlocução de melhor qualidade. Nossa área desenvolve, entre suas atividades regulares, um encontro anual de discussão dos trabalhos, em desenvolvimento, dos alunos. Mais do que mera responsabilidade docente, tais eventos suscitaram debates que ajudaram a colocar foco nesta tese. Agradeço também ao Departamento de Antropologia da Unicamp por ter me concedido a licença sabática para a realização do pós-doutorado em Berkeley.

Tenho feito parte, há alguns anos, de uma série de iniciativas promovidas por um grupo de pesquisadores em sexualidade e gênero e, nelas, tive a oportunidade de discutir parte considerável do material aqui apresentado. Com meus queridos colegas Julio Assis Simões, Sergio Carrara e Adriana Vianna co-coordenei um grupo de trabalho, na Anpocs, que está ativo e atuante, desde 2004. As discussões que temos feito por todos esses anos, além de proporcionar apoio aos jovens pesquisadores, alunos de programas de todo o Brasil, tem sido uma fonte de produção de comentários inteligentes que ajudaram a consolidar as análises dos capítulos 3 e 4 desta tese. As oportunidades de discussão em Congressos Internacionais e Nacionais foram inúmeras e valiosas. Entre as quais, além das propiciadas pela Anpocs, valeria mencionar as reuniões da Aba e agradecer, em especial, à Maria Luiza Heilborn e Michel Bozon a leitura do texto, que apresentei no grupo que coordenavam, em 2002, e que deu base ao capítulo 2; bem como, à Adriana Piscitelli e Glaucia Assis, as sugestões que fizeram ao *paper* que apresentei no grupo que coordenaram, em 2008, e que foram incorporadas no capítulo 1. Tive oportunidade de apresentar muitas das ideias desta tese em palestras e conferências internacionais. Dentre os comentaristas que trouxeram contribuições, destaco, de Lisboa, Teresa Joaquim, João de Pina

Cabral e Antonia Pedroso de Lima; de Buenos Aires, Monica Tarduci e Cristiana Schettini; de Nova Iorque, em um evento recente, organizado na Universidade de Columbia, Lilia Moritz Schwarcz, Claudio Lomnitz e James Green.

Durante todo o período, pude estabelecer parcerias muito frutíferas com pessoas de outras instituições. O Centro Latino Americano de Sexualidade e Direitos Humanos (Clam), ligado ao IMS/UERJ, acolheu projetos dos quais fiz parte com Sergio Carrara, amigo desde a graduação, na Unicamp, Jane Russo, Maria Luiza Heilborn, Anna Uziel e Fabíola Rohden. Agradeço, a eles, as várias oportunidades de trabalho e interlocução. Na Usp, tenho estabelecido contato constante com o Departamento de Antropologia e, em especial, além de Júlio Assis Simões – companheiro de projetos de pesquisa, de orientação e acompanhamento conjunto de alunos – com minhas queridas amigas, Fernanda Peixoto, Lilia Moritz Schwarcz, Heloísa Buarque de Almeida, Silvia Caiuby e Laura Moutinho. Devo um agradecimento também ao Núcleo de Estudos da Violência (Nev/Usp): Paulo Sergio Pinheiro, professor e guia, Nancy Cardia e, em especial, a um parceiro de discussões, em teorias arrojadas sobre violência, Sergio Adorno.

Agradeço a competência de Virginia Arêas na revisão deste texto.

No ponto em que me situo, na trajetória profissional, as ideias surgem e são depuradas em situações coletivas, a maioria delas, envolvendo alunos. Eu tenho o privilégio de orientar jovens pesquisadores que combinam doses certas de seriedade, em relação à formação, gosto pela realização de pesquisas empíricas e pela discussão animada. Agradeço a eles, as abordagens inteligentes, a coragem das pesquisas propostas e do modo como me ensinam a lidar com a diversidade: Paula Camboim, Marconi Tabosa de Andrade, Simone Frangella, Glaucia Assis, Aline Bonetti, Guillermo Aderaldo, Ana Paula Galdeano. Alguns deles, os que trabalham com temas afinados aos meus, devo agradecimentos especiais pelo apoio a esta tese:

Giovanna Feijão me acompanhou em parte considerável da pesquisa e, com maior desenvoltura do que eu, abriu contatos relevantes para a investigação; Regina Facchini, minha aluna desde o mestrado, é uma pesquisadora atinada e madura que, além de acompanhar e discutir partes da tese, me apoiou nas entrevistas com usuários de *sex toys* e na pesquisa nos clubes sadomasoquistas; Carol Parreiras, uma aluna antenada que acompanho desde a graduação e que, não só leu toda a tese, como conduziu algumas entrevistas e me ensinou o uso e sentido das novas tecnologias internáuticas. Além disso, ela me monitorou em disciplinas, o que tornou as discussões inegavelmente mais consistentes e deu um apoio especial no material para este concurso. Camilo Braz, meu orientando desde o mestrado, além de me apoiar em cursos, discutiu ideias da tese, trazendo contribuições importantes que foram incorporadas. Alessandra El Far, a quem tive o prazer de supervisionar o estágio de pós-doutoramento, adensou o meu conhecimento sobre a história das publicações pornográficas no Brasil. As minhas alunas mais novas – Silvia Aguião, Larissa Nadai, Fabiana Andrade e Ana Laura Lobato – discutiram com interesse todos os capítulos do texto. Além dos orientandos, outros alunos produziram suas dissertações e teses que formam parte considerável do repertório teórico e empírico do qual essa tese é caudatária. Entre eles, gostaria de destacar Isadora Lins França, Maria Elvira Diaz Benitez, Luiz Carlos Jeolás, Anna Paula Vencato e Marcela Beraldo. Isadora, além de tudo, ajudou, com generosidade, na formatação da tese. Posso dizer, sem o menor risco de exagero, que esse texto resulta de uma experiência interessante de, em variados momentos, ser guiada e instruída pelos alunos. Devo a todos eles muito mais do que imaginam.

Aprendi a delicadeza da relação entre aluno e professor com Ruth Corrêa Leite Cardoso. Com ela aprendi a fazer pesquisa, a suspeitar do senso comum, a gostar de teorias inovadoras. A memória que guardo dela ficará, para sempre, dentro de mim.

Guita Grin Debert acompanha o meu trabalho, desde o início do mestrado. São mais de trinta anos de amizade querida, de projetos conjuntos, todos bem sucedidos, e de uma convivência semanal maravilhosa em Barão Geraldo. Agradeço a ela todos esses anos de conselhos sábios.

Ao ler os agradecimentos das minhas outras teses há uma constância: em todos eles, um parágrafo assinala o quanto Heloísa Pontes foi uma figura imprescindível e não só pela leitura atenta e exigente do que escrevo e no interesse pelas ideias que elaboro. O nosso diálogo é diário e, além do trabalho, de hipóteses e de autores, todos os temas da vida têm nele lugar e expressão. Sua presença é marca definitiva em minha vida.

Francisco José Penteado Aranha, Esther Hamburger, Beatriz Cardoso, André Poppovic, Zita Carvalhosa, Sofia Carvalhosa, Fernanda Peixoto, Ana Novais e Marco Antonio Coelho, são amigos da vida toda que ainda se divertem com as pesquisas que eu invento. Devo a eles e também às tardes animadas da fazendinha, com Maribel Whately Neves, Helô Monteiro da Silva e Alê Primo, Stella Leopoldo e Silva, Tutu e Sergio Galvão Bueno, e Marcos Dias Soares comentários e informações boas para a pesquisa. Agradeço ao Sergio Miceli conselhos para esta Apresentação.

Tenho uma família participativa e acolhedora. Todo mundo opina, sugere e critica. Maria Helena e José Gregori, meus pais, apóiam mesmo quando não inteiramente convencidos. Ticha e Maria Stella são tonalidades distintas e complementares de uma fraternidade bem sucedida. Nilza e Nico me acolheram de modo integral. Os sobrinhos têm sido um apoio afetivo constante: Zig, Elisa e Naná, mas também, Juliana, minha companheira de almoços deliciosos, de Janaína, Luana, Bianca, Helena,Chico e da pequena Sofia, sobrinha-neta, alegria de uma avó, a Gigi, de quem lembro com amor.

Nina e Jorge representam fonte de afeto profundo. Tive o privilégio de acompanhar o crescimento deles e nossa convivência torna o cotidiano, além de divertido, uma experiência familiar inovadora e amorosa. Tom é desses

presentes que a gente recebe na vida e nem sabe se merece. Um filho que me ilumina.

Esta tese não teria sido feita sem o suporte, a interlocução inteligente e tenaz, a afinidade intelectual e o amor que recebo do Neno. Esta tese é dedicada a ele.

Capítulo 1

Limites da sexualidade: violência, gênero e erotismo

Nas últimas décadas, temos assistido à proliferação de contribuições de peso dos chamados estudos feministas no cenário das humanidades. A década de 60 marcou a história política do Ocidente e as mudanças promovidas tiveram a participação intensa dos vários movimentos libertários (entre os quais, o feminismo). Por sua vez, os anos 80 e 90 inauguraram novos paradigmas ou, mais precisamente, o questionamento de variadas teorias modernistas, a partir da problematização de categorias ou conceitos. Para entender a abrangência dessas mudanças seria necessária uma discussão consistente de modo a, de um lado, evitar as simplificações correntes – como aquela que reduz toda a variedade de posições teóricas a um modismo pós-moderno - e, de outro, proceder a um exame crítico sobre a rentabilidade e as limitações do desconstrutivismo[13].

Neste capítulo, pretendo avaliar em que medida as mudanças de paradigma afetaram os debates sobre violência e gênero, bem como apontar suas conexões e articulações com concepções sobre a sexualidade e, em particular, sobre o erotismo. Ao examinar a literatura feminista encontrei uma das convenções[14] que, a meu ver, ilustra bem as possibilidades e

---

[13] São inúmeras as referências bibliográficas para o acompanhamento do debate, em suas várias modalidades disciplinares (na arquitetura, na teoria literária, na filosofia, na antropologia), seja na direção das propostas seja na das ponderações críticas. Algumas das indicações importantes na discussão da problemática de gênero e no questionamento das antigas epistemes, encontram-se, entre outros, em Scott (1988); Nicholson et alli (1995); Lauretis (1987); Haraway (1991); Thorne (1993); Butler (1993); Butler and Scott (1992); Moore (1997). Para uma discussão acerca do impacto dessa literatura sobre os estudos no Brasil, ver: Buarque de Holanda (1994); Heilborn e Sorj (1999); Gregori (1999); Piscitelli (1997); Aguiar (1997).

[14] - Nesta tese, eu uso bastante o termo convenções. Além do significado presente no dicionário que o define como tudo aquilo que é tacitamente aceito por uso ou consentimento geral, também o sentido conceitualmente proposto por Roy Wagner é interessante aos propósitos dessa reflexão. Agradeço a Adriana Piscitelli por ter me alertado sobre esse autor. Em seu *Invention of Culture* (1981), ele assevera que a vida social é feita mediante a relação dialética (no sentido amplo e grego de tensão ou alternação entre termos que são contraditórios, porém, interdependentes) entre convenção e invenção. A convenção tem a ver com o ponto de vista coletivo, com a orientação da cultura, com o modo como as pessoas aprendem a experenciar, agir e comunicar; as convenções sofrem mudanças, e novas inflexões são inventadas, a partir de operações de diferenciação e particularização, no marco de contextos anti-convencionais.

paradoxos da conexão entre esses termos: o erotismo, olhado da perspectiva de gênero, constitui prazer e perigo (Vance, 1984). Perigo na medida em que é importante ter em mente aspectos como o estupro, o abuso e o espancamento, na medida em que são fenômenos relacionados ao exercício da sexualidade. Prazer porque há na busca de novas alternativas eróticas uma promessa de transgredir as restrições impostas à sexualidade quando tomada apenas como exercício de reprodução.

Proponho chamar essa zona tensa e relacional entre prazer e perigo de "limites da sexualidade". Tais limites indicam um processo social bastante complexo relativo à ampliação ou restrição de normatividades sexuais. Em particular, sobre a criação de âmbitos de maior tolerância e novas normas que vão sendo impostas, bem como de situações em que aquilo que é considerado abusivo passa a ser qualificado como normal[15]. A maior contribuição da antropologia tem sido a de apontar que essa fronteira é montada por hierarquias, considerando-se a multiplicidade de sociedades e de culturas, o que também se dá pela negociação de sentidos e significados. Estes resultam, por sua vez, na expansão, restrição ou deslocamento das práticas sexuais concebidas como aceitáveis, além daquelas que são tomadas como objeto de perseguição, discriminação, cuidados médicos ou de punição criminal.

A importância desses estudos sobre temas como violência e sexualidade é a de reunir uma vasta documentação e montar um repertório de práticas socioculturais que ajudam a contestar afirmações baseadas em

[15] Mary Douglas ensina em sua significativa obra *Pureza e Perigo* (1966) que, dentre os aspectos relevantes das operações rituais para o ordenamento social, está a elaboração de distinções entre limpeza/sujeira, contaminação/purificação. Nas fronteiras entre esses opostos, atuam práticas que consagram o significado normativo do que se define como puro e impuro, das proibições implicadas e, também – e não menos importante –, das ações marginais ou transgressivas, diante das quais, segundo a autora, podemos reconhecer a potencialidade (no sentido de poder e potência). Tais ações simbolizam tanto perigo quanto poder. Estudar as fronteiras entre normas de gênero e sexualidade (seus limites e suas transgressões) vem dessa inspiração em Mary Douglas.

categorias como essência ou natureza humana[16]. No caso da violência, esse material traz evidências de que os atos qualificados como tal obedecem a normas ou regras, fazem parte da cultura ou a eles correspondem determinadas funções sociais (isso quando consideramos determinadas formulações do funcionalismo clássico). Estudos sobre terrorismo na Irlanda do Norte (Feldman, 1991), sobre vítimas de movimentos nacionalistas, sobretudo mulheres na Índia (Das, 1990) ou entre sobreviventes de tortura no Sri Lanka (Daniel, 1994), trazem etnografias baseadas em uma nova antropologia do corpo que o associa às inscrições e signos de poder.

Vale considerar também as teorias feministas sobre violência - observada a partir da assimetria sexual e de gênero (Lauretis, 1997; Moore, 1994; Saffioti, 1999; Gregori, 1993, 2004; Gregori e Debert, 2008). Essas são contribuições relevantes que mostram como as ideias que temos sobre violência, gênero e sobre pessoa, estão relacionadas à concepção ocidental e moderna de natureza humana, que deve ser problematizada. De fato, essas pesquisas revelam a dificuldade de definir como violência os significados atribuídos, em muitas e diferentes sociedades, a certas práticas, mesmo aquelas em que a dor física é infligida.

O mesmo esforço de relativização está nos estudos que tratam da sexualidade, sobretudo aqueles que dialogam com as noções elaboradas por Michel Foucault (1976). Este autor forneceu instrumentos analíticos importantes para o tratamento da sexualidade, cujo atributo de natureza foi consolidado pelos saberes normativos, entre os quais os elaborados pela sexologia, que operam, ao lidar com os limites, com noções como doença, patologia, anomia, perversão etc. Ao imprimir a esses estudos uma ênfase

[16] No artigo que trata sobre violência, luto e política, Judith Butler (2004b) chama atenção para um aspecto que me parece particularmente relevante. Tendo em vista a violência global contemporânea, ela se indaga sobre o Humano – não porque acredite em uma condição humana universal- para apreender, por meio de ações sociais variadas, o que está contando como humano ou que vidas estão sendo contadas como vidas. Nessa medida, problematizar o sentido essencial e substantivo da natureza humana não indica um anti-humanismo, mas antes uma posição que visa decifrar de modo mais profundo as engrenagens culturais, sociais e políticas envolvidas na violência.

histórico-cultural, Foucault tomou a sexualidade como dispositivo, ou melhor, como "construção social" composta por uma economia de poder articulada à emergência de uma nova instância de verdade do sujeito, na modernidade. As abordagens antropológicas que seguiram essa perspectiva dão destaque ao conjunto de práticas, representações e atitudes, relacionadas à constituição dos sujeitos e, como tal, particular a uma cultura, a uma sociedade e em um período histórico singular. É importante assinalar que, além da trilha aberta por Foucault, as contribuições antropológicas sobre sexualidade têm estabelecido rica interlocução com as teorias feministas, outro campo relevante que desde a década de 70 contesta a relação, tomada como natural, entre sexo e reprodução (Vance, 1984; 1995; Heilborn e Sorj, 1999; Piscitelli, 2004).

Uma das formulações teóricas mais importantes dos estudos recentes foi sugerida primeiramente pela antropóloga Gayle Rubin (1975), ao afirmar que nos pressupostos que dão base ao pensamento clássico sobre a organização social da atividade sexual humana, está a noção de um sistema com dois gêneros dicotômicos (masculino/feminino), criados a partir do sexo biológico, e que regula, constrange e limita arranjos sexuais na base da heterossexualidade obrigatória. Os limites da sexualidade, portanto, são inteligíveis apenas se concebidos em contextos precisos. No que concerne às práticas ocidentais, suas normatividades e pensamento, é preciso considerar o peso jogado pela heterossexualidade, tomada como modelo compulsório.

No exame dos estudos recentes, realizados no Brasil sobre a interface entre violência e sexualidade, encontrei abordagens com acento em três diferentes aspectos: em primeiro lugar, os estudos que tratam dos limites da sexualidade, ao investigar práticas sexuais tomadas como abusivas, merecedoras de sanções e punição; outra vertente de pesquisas se dedica a acompanhar e discutir as ansiedades geradas pelas práticas sexuais no âmbito da moralidade, em particular ao debate criado em torno do que Vance e

Rubin (2003) qualificam como pânico sexual; e, finalmente, estudos que focalizam a articulação entre o prazer e o perigo, envolvidos na sexualidade ou que indagam sobre a importância da transgressão para o erotismo.

Os estudos antropológicos, que investigam os abusos sexuais e como eles são tratados pelas instituições sociais, são desenvolvidos em meio a um esforço mais amplo de apreender como os atos se transformam em autos, no âmbito da justiça (Corrêa, 1982; Aradaillon e Debert, 1987; Soares, 1999; Vargas, 2000). No caso dos homicídios em que as vítimas são mulheres, objeto dos primeiros estudos nessa direção, no Brasil, as motivações alegadas, bem como as circunstâncias descritas, circunscrevem o crime passional cometido em nome da honra, em que há clara pressuposição de perda de controle sobre a sexualidade feminina. Nesse sentido, mesmo não fazendo parte do leque de situações qualificadas como abuso sexual, assiste-se a toda uma fabulação de natureza judiciária, no tratamento de crimes cometidos contra mulheres, que expressa e reproduz prescrições relacionadas, não só à divisão sexual de papéis na família como a normas relacionadas ao comportamento sexual adequado, que variam ao considerarmos os marcadores de gênero. Em relação aos crimes sexuais, as pesquisas antropológicas mais recentes mostram que a frequente ausência de facticidade, em função da falta de testemunhos oculares, é compensada pelas descrições e, a montagem do "fato" por meio do recurso que focaliza a identidade dos envolvidos, quando seu comportamento é, então, classificado em termos estereotipados. Nesse caso, desloca-se da facticidade do crime para a facticidade das identidades e, em particular, para o bom ou mau comportamento da vítima (Vargas, 2000).

No debate que envolve temas como sexualidade, seus limites e direitos sexuais, assistimos atualmente ao deslocamento e, por vezes, a disputas de significados para qualificar práticas sexuais, anteriormente valorizadas de modo distinto. É o caso, por exemplo, de uma tolerância cada vez maior em

relação ao adultério, à masturbação, prostituição, pornografia e ao homoerotismo. Há agora uma condenação, com conotação legal, do assédio sexual, da pedofilia e do turismo sexual (Piscitelli, 2004; Vianna, 2004). Na negociação dessas alterações, a partir da ação do feminismo, dos movimentos gays e lésbicos, mas também dos movimentos de defesa de crianças e adolescentes, notamos a demanda de uma maior liberação da expressão e da escolha sexual ou, numa direção inteiramente distinta, a emergência de novas ansiedades relacionadas ao que se configura como *limites aceitáveis*, indicando uma espécie de pânico sexual.

No caso do feminismo, essas ansiedades derivam de uma tendência radical que concebe a liberação sexual como mera extensão dos privilégios masculinos. Essa linha criou a retórica antipornografia, baseada em uma análise rígida sobre as assimetrias de poder. Catherine Mackinnon (1980), uma das suas principais teóricas, afirma que as relações sexuais são inteiramente estruturadas pela subordinação, de tal maneira que os atos de dominação sexual constituem o significado social do "homem" e, a condição de submissão, o significado social da "mulher". Outras tendências feministas, gays e lésbicas, criticam essa concepção determinista, bem como lutam contra restrições ao comportamento sexual das mulheres. Tais vertentes são ligadas ao movimento de liberação sexual dos anos sessenta e têm produzido estudos e práticas inovadoras, relativos ao prazer e às escolhas sexuais. Para Rubin (1984), a inter-relação sexualidade-gênero não pode ser tomada pelo prisma da causalidade, nem ser fixada como necessária em todos os casos. Neste sentido, ela adota uma posição de aliança com as minorias sexuais e elabora as bases de um novo repertório de conhecimentos sobre sexualidades não circunscritas ao casamento heterossexual. Conhecer e defender as minorias sexuais (aquelas que adotam as práticas menos valorizadas ou até proibidas) corresponde à tentativa de expandir as fronteiras do que é aceito pela legitimação social de que o prazer não apenas

libera, como emancipa. Uma das interpretações sobre essa luta pela ampliação dos limites da sexualidade está ancorada na consolidação de valores hedonistas, nas sociedades de mercado globalizadas (Giddens, 1993). Outras, como as apresentadas por Rubin (1984) e Butler (1997), apostam menos no poder do individualismo contemporâneo e mais na capacidade de transgressão que essas práticas sexuais não sancionadas têm na contestação de normas de sexualidade e gênero e na criação de novas identidades coletivas.

Violência e gênero: por uma perspectiva relacional

Sem a pretensão de oferecer alternativas concretas, mas com o intuito de sofisticar o alcance analítico das ideias envolvidas no âmbito dos limites da sexualidade, proponho o exercício estratégico de pensar a distinção entre crime e violência. Crime implica a tipificação de abusos, a definição das circunstâncias envolvidas nos conflitos e a resolução, destes, em âmbito jurídico. Violência, termo aberto aos contenciosos teóricos e às disputas de significado, implica o reconhecimento social (não apenas legal) de que certos atos constituem abuso, o que exige decifrar dinâmicas conflitivas que, menos do que compostas por comportamentos tomados individualmente, supõem processos interativos atravessados por posições desiguais de poder, entre os envolvidos. Existe uma dimensão relacional e capilar do que as violências evocam. Segundo Foucault, tais violências estão longe de serem resolvidas na esfera jurídica, pois tal instância, ainda que com o objetivo de uma justiça para todos, cria, produz e reproduz desigualdades. Com tal ponderação, não se está supondo que a Justiça e seu escopo legal e institucional não forneçam instrumentos importantes que organizam e definem padrões de ressarcimento e alguma resolução. Trata-se de uma arena de disputas, politicamente relevante.

Estou chamando atenção para o fato de que a igualdade, perante a lei, não só não foi alcançada por nenhuma nação como a própria definição de igualdade e de acesso à justiça constitui processo aberto às disputas e poderes diferenciais, entre os atores sociais[17]. Foucault (1976) também sugeriu que os dispositivos que conformam os regimes de poder, em sociedades como a nossa, se organizam de modo a ocultar suas engrenagens e seu modo de se "entranhar" no corpo social. A ideia de uma justiça igualitária baseada em princípios ou valores universais oculta, na verdade, as desigualdades que a Justiça produz, aquilo (e aqueles) que ela exclui ou ainda os que nem considera. Seria fantasioso imaginar que exista uma esfera na sociedade, mesmo com as melhores intenções ou excelência de procedimentos, que possa atuar com pretensões de neutralidade. Contudo, tal fantasia aparece como quimera, como algo que deveria ser alcançado, corrigindo seus desacertos. O efeito de tal quimera é a dificuldade de apreender ou mesmo decifrar os mecanismos que tornam as relações de violência complexas e intrincadas.

Examinar as articulações entre violência e gênero permite avançar a análise sobre as dinâmicas que configuram as posições, negociações e abusos de poder nas relações sociais, constituindo um campo vigoroso para desafiar as dificuldades sugeridas. Ao discorrer criticamente a respeito da literatura especializada sobre tal temática, no Brasil, na década de 80, eu chamei atenção para o fato de que tais estudos, ao explicar as relações em que ocorriam as violências, tendenciosamente podiam alimentar ou mesmo reproduzir a trama assimétrica que as constituía (Gregori, 1993). A crítica foi elaborada no sentido de alertar para o efeito "vitimizador" de uma série de convenções explicativas e descritivas presentes no tratamento político e acadêmico da violência contra a mulher, em que eram ressaltadas situações,

[17] Para uma abordagem convincente sobre o tratamento desigual pela justiça em São Paulo a partir de critérios de cor/raça, consultar Adorno (1995).

nas quais as mulheres eram vítimas diretas. Outras manifestações de violência (contra crianças, entre mulheres, ou contra os parceiros) eram vistas como atos de resistência, reação e reprodução de padrões de comportamento instituídos de fora. Tais atos eram vistos como resultados de uma atitude internalizada, pelas mulheres, de regras reiteradas pelos costumes e pela tradição. Nesse sentido, tratava-se de um tipo de argumentação em que a mulher aparecia como um ser passivo, vitimado por uma situação já determinada por uma estrutura de dominação dada [18].

Outra concepção privilegiada, nos referidos estudos, sublinhava o modo como a violência ocorria. Seria uma manifestação de homens contra mulheres, sem a interpretação de que as hierarquias sociais que incidem sobre as relações de violência, se confrontem com o jogo existente entre os atributos de masculinidade e de feminilidade, além dos diferentes conteúdos que podem estar associados a cada um desses termos.

De fato, colava-se o sexo ao gênero, construindo pares de oposição rígidos. Entre os polos – mulher e homem – existem contraste e conflito. A partilha e o convívio entre eles eram concebidos e explicados a partir da ideia de um sistema ideológico, qualificado de machismo, e, nesse caso, de uma noção de ideologia como falseamento.

Em *Cenas e Queixas* (Gregori, 1993), eu pretendi salientar a fragilidade desta visão que enfatiza a problemática apenas a partir de convenções explicativas que reafirmam, em vez de questionar, o dualismo entre vítima e algoz; ou ainda de reduzir as representações das mulheres na

[18] As relações violentas eram descritas por esse material como uma relação típica, tomando como base os dados majoritários do perfil dos agentes e suas relações – não era feita, pois, uma análise das variações de natureza socioeconômica, étnica, etária, tampouco distinções de ciclo vital da família, número de filhos etc. Além disso, a construção narrativa dessa relação típica compunha-se por meio dos seguintes aspectos: todos os gestos de abuso descritos iam do desrespeito à humilhação e eram necessariamente seguidos pelo espancamento até conduzir ao assassinato. Esses gestos eram apresentados em ordem crescente, numa espécie de evolução dos acontecimentos e eventos que levam até a morte. Os homens são os que agem; as mulheres sentem – e sentem, reafirmando uma espécie de passividade emocional recoberta pelo medo, vergonha e sentimento de culpa.

dicotomia tradicional/moderno. Tais dicotomias não servem como instrumento analítico porque supõem uma coerência a cada termo da oposição, inexistente na dinâmica que constitui as representações e as relações sociais.

Tal perspectiva crítica está em consonância com o debate de algumas teóricas do feminismo contemporâneo que questionam a concepção monolítica sobre a violência e que se interrogam sobre as articulações entre gênero e violência. O que verdadeiramente está em foco, na bibliografia mais recente, é o tratamento dado ao conceito de violência, tentando superar uma "neutralidade" difusa no que concerne ao problema da diferença entre os sexos[19]. As autoras estão precisamente contra qualquer retórica que não tome a violência como algo "*en-gendered*" (ou seja, perpassado pela assimetria sexual e de gênero[20]).

A conceituação de gênero que me parece a mais rentável, na interface com a violência, foi proposta por Judith Butler (2004a) em seus últimos livros, nos quais ela formula suas ideias em termos foucaultianos: as

---

[19] Em 1983, Linda Gordon e Wini Breins chamaram atenção para essa tendência na bibliografia sobre violência contra a mulher no artigo "The New Scholarship on Family Violence". Henrietta Moore - no artigo "The problem of Explaining Violence in the Social Sciences" (1994) - constrói sua abordagem sobre a violência, partindo de uma concepção discutida pela psicologia, a partir da qual o que leva um indivíduo a assumir uma posição identitária está relacionado ao grau de investimento acionado. Esse grau de investimento é concebido num processo em que o indivíduo confronta seus compromissos emocionais e seus interesses. A violência ocorre em função da inabilidade de se sustentar uma posição identitária de gênero, que resulta em crise, real ou imaginária, da autoimagem e/ou da imagem pública que se tem. Pode ser efeito, também, das contradições nascidas da exposição à multiplicidade de tais posições. Muitos casos de violência são resultantes da inabilidade de se controlar o comportamento sexual do outro - esse comportamento ameaça as autoimagens e avaliações sociais sobre alguém. O problema desse tipo de argumento está na dificuldade de se discernir o momento que as frustrações em relação à autoimagem - que são certamente numerosas na dinâmica biográfica de cada indivíduo - se constitui, levando a atos de violência. Outra fragilidade na argumentação da autora é o fato dela estar focalizada, em demasia, nas dinâmicas individuais e não - como acredito - em relações estabelecidas por indivíduos, não sendo indivíduos posicionados do mesmo modo, inclusive. Tratam-se de relações que, no mais das vezes, envolvem uma assimetria de poder.

[20] É imensa a discussão e a polêmica sobre as intrincadas relações entre sexo e gênero e suas implicações conceituais. Gênero foi conceituado como "identidade de gênero", por Robert Stoler, ainda na década de 70, definido como a armadura cultural (variável e "desessencializada") que incide sobre as diferenças de sexo; na década de 80, a polaridade entre sexo - como algo relativo ao corpo no seu sentido biológico - e gênero - como a força atuante e criativa da cultura - passou a ser posta em questão. Tanto Teresa di Lauretis, como Moore, compartilham as idéias críticas que foram desenvolvidas desde a década de 80, de modo que, quando se referem ao conceito de gênero, ele já vem pressupondo uma relação não polar com o conceito de sexo. Para um devido esclarecimento dessa discussão, consultar Joan Scott (1988); Judith Butler (1990); Heiborn e Sorj (1999);Gregori (1999); Piscitelli (1997).

regulações de gênero são organizadas em um aparato de poder, por intermédio do qual a produção e normatização do masculino e do feminino tomam lugar a partir de variadas formas como, por exemplo, hormônios e cromossomos[21].

Normas não são o mesmo que regras ou leis. Elas operam nas práticas sociais e, ainda que possam ser delas separadas por razões analíticas, não podem ser apreendidas abstratamente, isto é, fora de seus contextos concretos. Elas podem ou não ser explícitas. Segundo a autora, as normas permanecem frequentemente implícitas nas práticas sociais, difíceis de serem discernidas ou decifradas. Podem ser observadas com maior clareza na dramaticidade dos efeitos que produzem. Gênero, nesse sentido, é um aparato construído[22] nas práticas sociais que materializam os corpos e que instituem constrangimentos, estando longe de ser algo que conduz a uma estabilidade definitiva. Tal aparato, neste mesmo sentido, deve ser visto como um conjunto de dispositivos que criam desigualdades de poder, mas também é, simultaneamente, uma estrutura aberta às transformações. Como bem assinala Butler, gênero é uma prática de improvisação em um cenário de constrangimentos. Além disso, não há risco nessa formulação às tentações modernas que conduzem ao substantivismo e aos essencialismos: ninguém faz o gênero sozinho, ele implica uma relação, uma socialidade[23].

Esta vertente de estudos sobre a violência não focaliza a questão apenas na pré-figuração dos comportamentos individuais. Ela discute, problematizando, a expansão do conceito de violência na tendência que perpassa os estudos pós-estruturalistas que focalizam os aspectos

---

[21] Importante esclarecer que tais normatizações do masculino e do feminino correspondem a um conjunto de arranjos a partir dos quais a matéria prima biológica do sexo humano e da procriação é modelada pela intervenção humana.

[22] "Aparato feito" no sentido formulado pela própria Butler: gênero é para ela um conjunto de atos performatizados - como uma estilização repetida – no corpo. Trata-se de um fazer constante que, se implica regulações, não se fixa no tempo, sendo sujeito a deslocamentos e mudanças. Para maiores esclarecimentos, consultar Butler (1990).

[23] Como bem pondera Butler (2004a), o aparato de gênero não age sobre um indivíduo tomado como sujeito pré-existente, mas age e forma tal sujeito (p.42).

constituintes das práticas sociais, influenciados por Foucault. Porém, essas novas teorias criticam o modo generalista com que este filósofo trata as assimetrias e desigualdades de poder, relativas às diferenças sexuais. Segundo Butler (2004a), Foucault trata o gênero como apenas uma das diversas normas de uma operação mais ampla de regulação do poder. Segundo a autora, o aparato regulatório que governa o gênero é específico, por criar um regime "disciplinar" do próprio gênero. Tal ponderação, contudo, não deve conduzir o raciocínio à armadilha de construir uma fronteira que isola o gênero de outros marcadores de diferença (como classe, raça, etnia, idade etc.) que também são eixos de desigualdade social. Interessa analisar, inclusive, as intrincadas operações regulatórias por intermédio de um procedimento metodológico que visa estabelecer interseccionalidades entre os diversos eixos e marcas[24].

Uma das autoras que também discorre sobre violência e gênero, em posição crítica à de Foucault, é Teresa de Lauretis (1997)[25]. Em particular, ela discute a concepção foucaultiana de violência (e, sobretudo, a relação com o poder disciplinar e com as tecnologias da sexualidade) e assinala que o pensador francês conceituou a violência sem considerar os recortes assimétricos que configuram uma relação de força, em que um dos polos é posicionado em desigualdade. É necessário deixar claro que o que importa, no caso, é a desigualdade que incide na relação entre o feminino e o masculino, pois as representações e práticas posicionam gêneros em "suportes empíricos" variados. Isso significa que, no limite, os homens também podem ser violados, sendo seus corpos tratados como femininos. Portanto, não é suficiente tratar o problema da violência como se fosse algo

---

[24] Para uma teorização consistente sobre a relação entre gênero, classe e raça na perspectiva da interseccionalidade, consultar Avtar Brah (1996). Uma boa abordagem sobre essa teoria da intersecionalidade e como ela é rentável para a análise de fenômenos relacionados à sexualidade, consultar Piscitelli (2008).

[25] Outra autora é Elisabeth Brofen no *Over Her Dead Body: Death, Feminity and Aesthetic* (Manchester: Manchester University Press, 1992).

relativo ao casal, desviando o olhar das relações de poder imiscuídas entre os envolvidos. Ela tem razão ao afirmar que Foucault peca por uma análise circular que resulta numa posição política neutralizadora. A autora toma como base as ideias apresentadas no livro *História da Sexualidade I- A Vontade de Saber* (Foucault, 1976) e, em particular, ao seu argumento sobre o poder do Estado de configurar a nossa vida amorosa. Ao partir da noção de que a sexualidade é produzida discursivamente (institucionalmente) pelo poder e de que o poder é produzido institucionalmente (discursivamente) pelas tecnologias envolvidas na sexualidade, Foucault não abre espaço para a atuação e para a formulação concreta de um contradiscurso ou de uma contraposição. E, para ilustrar o efeito paradoxal dessa noção geral, ela lembra o posicionamento de Foucault, a propósito do estupro: no sentido de neutralizar o poder do Estado sobre a sexualidade, seria melhor, segundo o autor, tratar tal delito como um ato de agressão e não como um ato de violência sexual. A abordagem proposta por Lauretis vai na direção contrária, indicando a relevância de se tratar o conceito a partir da noção de tecnologia de gênero, ou mais precisamente, de apreensão das técnicas e estratégias pelas quais o gênero é construído e nas quais a violência é "*en-gendered*".

Neste conjunto de proposições, algumas são referenciais para dar complexidade às conexões entre o conceito de violência e o de gênero, na medida em que elas sugerem que a identidade daqueles que fazem parte das relações de violência é criada em meio a um movimento de espelhamento e contrastes, mas que nele não se esgota. Não existe categoria genérica ou essencial que imponha aprioristicamente o traçado ou o perfil dessa identidade. (Gregori, 1993). E, como bem pondera Lauretis, é preciso acentuar a noção de que a dinâmica dessas relações é recortada pela desigualdade, por uma assimetria que, inclusive, leva à violência.

Para pensar os paradoxos que revestem as relações violentas - e em uma abordagem que não abandona as dinâmicas concretas e experienciais de que elas são revestidas -, prefiro adotar a perspectiva que acredita na coexistência de vários núcleos de significado que se sobrepõem, se misturam e conflitam entre si. Na situação das relações familiares, por exemplo, cruzam-se concepções sobre sexualidade, educação, convivência e sobre a dignidade de cada um. Cruzam-se também posições definidas por outros marcadores ou categorias de diferenciação que implicam variadas posições de poder: posições geracionais ou etárias, marcadores raciais e também os relativos à classe e à ascensão social. Exercer uma posição é agir em função de várias dessas concepções, posições e marcadores, combinando-os mesmo quando são conflitivos. Desse modo, importa salientar que ao tratar de posições de gênero é preciso considerar que certamente existem padrões, legitimados socialmente, importantes na definição de identidades e condutas. Contudo, é preciso ter em mente que eles devem ser vistos como construções, imagens, referências compostas e adotadas de modo bastante complexo, pouco linear e nada fixo. A implicação imediata desse tipo de procedimento é o de trabalhar o que se chama hoje de violência de gênero, na perspectiva relacional.

Pensar em termos relacionais implica também, e finalmente, em tentar não reificar ou estabelecer como determinação as assimetrias baseadas nos marcadores de gênero. De fato, atualmente torna-se cada vez mais relevante tentar problematizar o que tem sido qualificado como violência de gênero. Não que marcadores de gênero, como categorias de diferenciação que vão compondo mapas hierárquicos, bem como constituindo posições de desigualdade, não sejam fundamentais para pensar e atuar contra dissimetrias e relações de poder e de força. Mas convém indagar se esses marcadores não deveriam estar articulados a outros marcadores também fundamentais, como os de classe, os de raça e os de escolha, além dos de orientação sexual.

Principalmente porque, ao observar de perto os *scripts* que compõem as relações sociais, tais marcadores vão sendo compostos, à primeira vista, de modo bem pouco evidente. Desta complexidade deriva uma constatação que inegavelmente traz dificuldades para a ação política, sobretudo aquelas tão sequiosas de explicações, sempre atentas a prováveis inimigos essenciais e permanentes. Mulheres, negros, índios, homossexuais, transexuais, transgêneros (bem como os que querem praticar transgressões às normatividades sexuais, mas não querem portar identidades) vivem em meio a relações. É a constatação de que suas identidades vão sendo criadas em um processo *inesgotável* de espelhamentos e contrastes. Não existe uma categoria genérica que imponha o traçado ou o perfil fixo da identidade. A identidade - um recurso estratégico e importante em termos políticos - se perfaz na trajetória, nas relações sociais, consideradas em suas particularidades. E essa afirmação não é apenas relevante em termos teóricos. Cabe indagar se do ponto de vista político não é relevante suspeitar das categorias prévias e tomadas como dadas.

Trata-se, a meu ver, de garantir o reconhecimento público (e privado) de que vivemos em meio a uma arena de disputas, na qual são variados os objetos e as posições de poder dos sujeitos. Se a própria relação polarizada entre objeto e sujeito deve ser problematizada – discussão a que não me deterei aqui –, o meu intento, quanto a este tópico, foi mapear as posições teóricas do debate contemporâneo que apontam na direção de pensar novos âmbitos e instrumentos de poder, em termos inovadores. Falta ainda tratar da possibilidade de articular, à perspectiva relacional de violência, as questões envolvidas no erotismo. É importante enfatizar que, também neste caso, a reflexão não deve sugerir que se pense em essências ou que se pressuponha uma natureza humana. A abordagem interessante me parece ser aquela que aposta em deslindar e analisar as experiências sociais que reafirmam as

normas de gênero e de sexualidade, bem como aquelas que as ressignificam ou ainda que as transgridem.

Erotismo: êxtase e transgressão

A articulação entre prazer erótico e transgressão está na base da definição de erotismo de Georges Bataille (1987[1957]), para quem o êxtase sexual emana "*da dissolução dessas formas da vida social, regular, que fundam a ordem descontínua das individualidades definidas que nós somos*" (1987:17). Tal presunção pode culminar em exercícios metafóricos ou literais da violação - no sentido mesmo de agressão - de corpos. Ainda hoje essa noção está difusa e, como mostram os estudos etnográficos, passa a ser estratégica para pensar muitas práticas, objetos e performances no erotismo contemporâneo, que aproximam o prazer da dor e investem em relacionamentos sadomasoquistas. Autor exemplar para entender aspectos ainda presentes e que demandam estudos no repertório da pornografia contemporânea, Bataille propõe o nexo entre violência e êxtase erótico. Contudo, sua teoria ainda preserva e até consagra o dualismo e a polarização entre atitude masculina/ativa e atitude feminina/passiva, cujos efeitos sobre a problemática de gênero ainda estão por ser examinados.

Sigamos com cautela o desenrolar das ideias de Bataille. Já na primeira frase do livro, ele anuncia: "*Do erotismo é possível dizer que ele é a aprovação da vida até na morte*" (Bataille, 1987:11). No entender de Susan Sontag, o tema principal deste autor não é o sexo, mas: "*É para as gratificações da morte, sucedendo e ultrapassando as de Eros, que toda busca verdadeiramente obscena se dirige*" (Sontag, 1987:64). Em vez de um significado puramente negativo ou aniquilador, o sentido da morte é empregado em suas especulações para evocar o limite de dissolução das identidades sociais, bem como das matérias corpóreas. A morte visa

transformação e uma espécie de comunhão de seres no cosmos por meio, sobretudo, da transgressão daquilo que possa remeter à vida regular[26].

Para ele, existem três formas de erotismo: o dos corpos, o dos corações e o sagrado. Para além de suas diferenças e inflexões singulares, o que está em questão em todas elas é "*substituir o isolamento do ser, a sua descontinuidade, por um sentimento de continuidade profunda*" (Bataille, 1987:15).

No caso do erotismo dos corpos, sua escrita especulativa emprega termos fisiológicos e estabelece uma espécie de analogia entre os movimentos de encontro e fusão entre óvulo e espermatozóides e o intercurso sexual entre um homem e uma mulher. As imagens biológicas parecem servir para expressar essa busca que impõe movimentos de ruptura que preparam os seres para o prazer e, sobretudo, para o êxtase[27]. Três ações são decisivas dentre tais movimentos: o desnudamento, a obscenidade e a violação. O desnudamento é relevante no que leva ao despudor: a transgressão de tudo aquilo que constitui o estado normal dos parceiros, ou, em seus termos, o estado fechado ou estado de existência descontínua. A nudez anuncia e é emblema de um processo de despossamento, fundamental para o sentido do erotismo - levar a um estado em que os envolvidos não sejam mais seres descontínuos, mas que estejam unidos numa fusão na qual eles deixam de ser parceiros, "*Uma fusão onde se misturam dois seres que ao final chegam juntos ao mesmo ponto de dissolução*" (Bataille, 1987:17). A obscenidade (xingamentos, vulgaridades) expressa o canal secreto a partir do qual os corpos se abrem – uma desordem que perturba a "*posse de si*",

---

[26] - Dentre os variados ensaios e estudos sobre Bataille, usei como referência: Barthes (1979);Carter (1978); Sontag (1987); Gallop (1981) e, no Brasil, Moraes (2002; 2003).

[27] - Eliane Robert Moraes (2002) chama atenção para o fato de que, nos anos 30, a palavra êxtase ganhou particular significado entre intelectuais e artistas do círculo dos surrealistas, interessados em imaginar todas as transfigurações possíveis do corpo humano ou da forma humana de modo a recusar quaisquer tentativas de fixá-los como algo estável ou consistente. O êxtase implicava o sentido de ampliar a consciência, bem como pensar as metamorfoses resultantes da combinação entre prazer e dor. Como se sabe, Georges Bataille circulava na esfera dos surrealistas.

entendida por ele como a individualidade durável e afirmada. A violação (tanto a penetração, quanto as agressões) completa as rupturas: ao acentuar o confronto, ela prepara a formação de um novo tipo de enlace no qual as diferenças entre ambos os corpos convergirão para estimular o prazer - há a passagem de um estado de divergência para um de convergência.

Bataille (1987) afirma, e esse aspecto não é meramente formal, que no movimento de dissolução dos seres, a parte masculina realiza um papel ativo e, a parte feminina, um papel passivo. Aliás, segundo sua descrição, a parte feminina seria a primeira a ser dissolvida enquanto ser constituído, sendo seguida pela parte masculina num movimento conjunto de fusão[28]. As mulheres são, no seu entender, objetos privilegiados do desejo em função justamente de sua passividade, entendida como uma espécie de "isca" que atrai a agressividade do homem. Inegavelmente, é preciso considerar que estamos diante de digressões puramente especulativas e que o propósito, antes de configurar intenção normativa, expressa o exercício de colocar em questão máximas morais para precisamente apontar a fragilidade de noções como a auto-determinação do sujeito e o racionalismo que o define e consagra. O interesse pela transgressão é, no meu modo de entender, o lado contestatório e atual da teoria de Bataille.

Porém, parece fundamental submeter algumas de suas noções a um escrutínio crítico[29], pois ainda que admitamos que o autor está preso ao seu tempo, trata-se aqui de ampliar o horizonte de discussão sobre os efeitos do erotismo, sem cair nas armadilhas normativas de gênero e sexualidade. Em primeiro lugar, mesmo reconhecendo que as reflexões de Bataille não

---

[28] - Interessante notar que ele utiliza bastante a expressão "parte masculina ou feminina", o que indicaria, em tese, uma sensibilidade atinada ao problema de gênero. Contudo, esse não parece ser o caso: as atribuições de gênero são intercambiadas, sem nuance, às noções de homem e mulher sem representar qualquer problema para o autor.

[29] - Emprego essa expressão no sentido elaborado por Butler que propõe apreender e subverter os limites das categorias – aqueles significados e sentidos que são incluídos e suas ressignificações, bem como expor tais ideias aos esforços já empreendidos seja de tradução, seja de críticas.

possam ser reduzidas a um fácil determinismo biológico, as analogias empregadas, por ele, entre as imagens fisiológicas da reprodução sexuada e as identidades de homens e mulheres, sugerem o aprisionamento de suas especulações (e até imaginações) ao modelo que toma a diferença sexual em termos do dimorfismo sexual, cujos efeitos são hoje bastante conhecidos sobre o controle da sexualidade feminina, sobre a definição de patologias sexuais associadas à homossexualidade e, mais abrangentemente, como justificativa para a submissão das mulheres.

Segundo Thomaz Laqueur (1990, 1997) tal modelo, vindo do desenvolvimento de pesquisas sobre anatomia e biologia, desde o séc. XVIII, implicou a reconstituição radical da sexualidade feminina – e, mais genericamente, humana[30]. Até aquele momento, o corpo feminino era concebido como derivado do masculino, existindo entre eles diferença de hierarquia e de grau. O dimorfismo sexual significou a incorporação do princípio de que os corpos masculino e feminino são diferentes, incomensuráveis e que essa diferença, além de oposta, é complementar e necessária para as exigências não só da reprodução sexual, como da formação de nossa identidade psíquica e de nossos desejos. Um dos aspectos remarcados por Laqueur (1990, 1997) é que houve uma interessante simultaneidade histórica entre a elaboração do modelo dimofôrmico para as diferenças sexuais e a consagração política do liberalismo. De fato, como lembra o autor, a resistência às demandas das mulheres em função do universalismo prometido pelas revoluções humanistas foi acompanhada pelo desenvolvimento de uma "antropologia física" bastante elaborada. Em vista dos postulados liberais de que os corpos não são destituídos de sexo, mas indiferenciados em relação à capacidade de vontade e de razão, como derivar

---

30 - É nesse período, por exemplo, que a ciência médica deixa de considerar o orgasmo feminino como relevante para a procriação e quando se começa a esboçar toda uma concepção que particulariza os órgãos femininos, deixando de lado o "modelo unívoco do sexo" que tomava a genitália feminina como idêntica à do homem, só que invertida e interna.

a real dominação dos homens sobre as mulheres? O dilema foi sendo resolvido ao longo do tempo com a elaboração e consolidação de teorias – em campos disciplinares diversos – que estabeleciam os limites da igualdade apoiados em diferenciações biológicas.

Nesse sentido, a contaminação do modelo do dimorfismo sexual sobre a imaginação de Bataille traz efeitos que não são desprezíveis, sobretudo, para pensar quais normatividades a sua teoria sobre o erotismo visava transgredir e quais foram mantidas intactas. O ponto para que chamo atenção, mas também Piscitelli (2008a), é que há nas ideias desse autor um essencialismo baseado, sobretudo, no uso e abuso de referências relativas às normas binárias de gênero, bem como uma disposição claramente heteronormativa, como bem salienta Braz (2010).

As teóricas feministas pós-estruturalistas que tratam das interfaces entre gênero e sexualidade não mencionam Bataille, o que me parece particularmente intrigante. A única exceção é Jane Gallop (1981) que, ao apresentar uma interessante releitura dos textos de Sade, sugere uma revisão das interpretações feitas por Roland Barthes e por Georges Bataille. Para ela, Barthes (1979) confina a análise sobre Sade com um princípio de delicadeza, estruturalista em seu método e abrangência, não conseguindo admitir a violência que há nesses escritos. E violência no sentido de ruptura com uma ordem racional ou lógica. Já a leitura de Bataille - em sua opinião -, não oferece resistência à violência. Contudo, toda a interpretação passará por uma concepção que enfatiza a dissolução de laços sociais e a soberania absoluta do sujeito, no tocante ao desejo. Gallop discorda. Vê nos escritos de Sade um sem número de referências a alianças entre libertinos, como na *Sociedade de Amigos do Crime.* Bataille, tomado como o mais óbvio descendente de Sade, apresenta, segundo essa crítica, uma leitura perpassada pela fantasia de soberania. E essa fantasia, me parece, também estar presente na análise que ele faz sobre o erotismo. Tal fantasia supõe que o sujeito

desejante busque o êxtase na negação das posições sociais, na negação da fala (o silêncio seria a condição especial do libertino), numa fusão em que as diferenças entre parceiros sejam super enfatizadas para, em seguida, serem dissolvidas, como que negadas.

O êxtase, como estado em que o ser experimenta estar "fora de si", é uma ideia que, antes de indicar uma posição de soberania ou de transcendência, implica um laço relacional ou, mais precisamente, segundo Butler (2004), a noção instigante de "constituir-se", bem como "perder-se", em face do outro. A incompletude do ser se mostra com bastante nitidez, segundo ela, em experiências concernentes à agonia (ou à melancolia, mediante perdas) e naquelas que envolvem desejo. Nesses casos, ninguém permanece intacto, o que traz como consequência, em seus próprios termos:

> "*As a mode of relation, neither gender nor sexuality is precisely a possession, but, rather, is a mode of being dispossessed, a way of being for another or by virtue of another*" (Butler, 2004a:24)

Essa ideia é vigorosa para pensar a rentabilidade das trangressões no marco do erotismo: não se trata apenas de postular que o sujeito não é composto por fronteiras estáveis – e nessa medida, relacional -, mas de pensar o movimento dinâmico entre normas, escolhas e mudanças. Ao defender a abordagem relacional, eu concordo com Butler de que o propósito não reside em contestar a evidência das normas ou ainda de tornar obsoleta uma noção como autonomia. Significa apenas não aceitar as normas como destino inescapável, como uma natureza, e autonomia como auto-determinação. Pensar sobre gênero e sexualidade – a partir de experiências e referências eróticas – torna inescapável tratar das normas, âmbito que nos constitui sem que possamos inteiramente escolher, mas que paradoxalmente nos fornece o recurso e repertório para as escolhas que temos e fazemos.

Além disso, ao lidar com a sexualidade nas suas expressões eróticas, estamos diante de experiências que mobilizam fantasias e fantasmas:

situações, referências, imagens, fragmentos de memória e sensações que, mesmo sendo gestados em torno e no campo das normatividades, apontam para além delas. As fantasias não são o oposto da realidade. Elas nos interessam porque, segundo Butler, nos colocam diante dos limites da realidade ou daquilo que implica o seu "exterior constitutivo": "*The critical promise of fantasy, when and where it exists, is to challenge the contigent limits of what will and will not be called reality*" (Butler, 2004a:29). Assim, as fantasias são relevantes para a reflexão antropológica, e não apenas para as ciências do espírito ou da mente, porque expõem a contingência das normas de sexualidade e gênero. Esse esforço é relevante para pensar, de um lado, a realidade, ou, em outros termos, para indagar sobre as normas que são definidas socialmente como constituindo o real; de outro lado, a contingência abre para uma investigação sobre as mudanças, até mesmo para a superação de certas desigualdades implicadas em marcadores de diferença, como gênero e sexualidade. Estes, antes de poderem ser considerados estáveis ou definitivos, são termos abertos à imaginação e à contestação.

Capítulo 2

Entre o prazer e o perigo: o erotismo politicamente correto

Esse capítulo trata de pornografia. Em particular, ele examina algumas das suas interfaces com o feminismo. Se de início essas foram práticas sociais, tomadas como expressões antagônicas, sobretudo em cenários culturais atravessados pelo puritanismo, hoje assistimos à criação de um erotismo politicamente correto, protagonizado por atores ligados à defesa das minorias sexuais. A discussão que se segue, além de situar o debate que envolve a emergência dessa nova face do erotismo, indica suas implicações mais imediatas: de um lado, o deslocamento do sentido de clandestinidade do erotismo para um significado cada vez mais associado ao cuidado saudável do corpo e para o fortalecimento do *self*; de outro, uma espécie de *ressemantização* do sentido de violência em práticas sadomasoquistas[31].

É sugestivo tomar de empréstimo, como um ponto de partida, a definição de pornografia aceita e difundida entre os *experts* dedicados à caracterização desses materiais: expressões escritas ou visuais que apresentam, sob forma realista, o comportamento genital ou sexual com a intenção deliberada de violar tabus morais e sociais[32]. Ainda que o senso comum estabeleça uma distinção entre erotismo e pornografia, emprego os dois termos indistintamente, seguindo a orientação dos estudiosos da tradição de escritos e imagens eróticas desde o Renascimento[33].

Nos usos correntes, erotismo se relaciona à literatura libertina do século XVIII, em especial aos escritos do Marquês de Sade, e sugere uma série de reflexões no âmbito da filosofia e das artes sobre as tensões entre a

---

[31] As alternativas eróticas que contemporaneamente ressemantizam a violência e que são concernentes a um campo identificado empiricamente como sadomasoquista serão analisadas no capítulo 5 desta tese.

[32] Esta definição é de Peter Wagner em *Eros Revived: Erotica of the Enlightenment in England and America* (London: Secker&Warburg, 1988).

[33] Para maiores informações, consultar Lynn Hunt *The Invention of Pornography – Obscenity and the Origins of Modernity, 1500-1800* (New York: Zone Books, 1993).

liberdade e a convenção. É feita uma associação entre erotismo e os exercícios do espírito que tendem a qualificá-lo, nos coloquialismos da vida cotidiana, como algo que transgride o que é sancionado sexualmente, mas a partir de formas "distintas", "profundas", abertas ao pensamento erudito e à imaginação artística. Pornografia seria a contraparte empobrecida ou degradada, ou melhor, ela diria respeito aos materiais (imagens, escritos, objetos) produzidos no âmbito do mercado, visando lucro imediato, envoltos numa aura de vulgaridade e de desrespeito a direitos. O erotismo corresponderia às indagações eruditas e, a pornografia, ao mundo mercantilizado e massificado.

Essa polarização entre o erudito/sofisticado e o massificado/vulgar tem sido corroborada em ensaios sobre o erotismo. Octavio Paz, em seus escritos da década de 90, chega a afirmar que "*nunca se imaginou que o comércio suplantaria a filosofia libertina e que o prazer se transformaria em um parafuso da indústria*" (Paz, 2001:143). O momento atual, segundo ele, marca uma passagem da pornografia como atividade artesanal e transgressora para um mecanismo de publicidade que "*fez da liberdade sexual a máscara da escravidão dos corpos*" (Paz, 2001:144). Outros estudiosos e literatos, sobretudo a partir dos anos 70 do século passado, apresentam a mesma desconfiança ou ambivalência, cuja ênfase recai não tanto sobre os aspectos perniciosos ou imorais, mas sobre essa vinculação entre pornografia e mercado. Ângela Carter (1978) afirma que a pornografia não é inimiga das mulheres, porém manifesta clara preocupação pelo encapsulamento cada vez mais significativo desses materiais pelo comércio, retirando o potencial explosivo de toda a sexualidade. Susan Sontag (1967), dez anos antes e com particular atenção às formas literárias e artísticas do que brilhantemente chama de imaginação pornográfica, também expressa certo desconforto com a ampliação do mercado do consumo erótico.

No meu estudo, sigo a vertente inaugurada por Lynn Hunt (1993) que, na introdução de uma competente coletânea de artigos historiográficos sobre a invenção da pornografia, alerta que o despontar desse tipo de representação e prática está firmemente associado ao nascimento da imprensa, ou seja, às possibilidades de reprodução gráfica que, no caso desses materiais, implicava ser barata e clandestina. O fato de não estar posta a serviço das engrenagens de comércio mais públicas, não retira o aspecto mercadológico e barato dessas transações[34]. Paula Findlen (1993) assinala que esse sentido da pornografia como transgressão a convenções morais sancionadas está presente em obras de autores, como na de Pietro Aretino, desde o século XVI, e condensa o sentido moderno desse tipo de representação[35]. No marco da cultura renascentista foi criado um mercado para o obsceno, no qual Aretino, mas também Vignali com *La Cazzaria* (1525-1526), produziram obras proibidas, fazendo uso das gráficas emergentes com vistas a uma audiência masculina. As imagens veiculadas já circulavam desde o século XV. Os temas empregados não foram propriamente inovadores, ao contrário de sua difusão e veiculação em meio à cultura impressa. Importante remarcar que os tipos e tematizações desse material impresso, desde o século XVI ao XVIII, expressavam crítica à ordem estabelecida. Tratava-se de uma tradição literária que, mesmo levando em conta a variedade de inspirações e estilos, avizinhava-se da sátira política. As regulações ou censura a esses materiais,

[34] Os vários textos desse livro indicam que a expressão via literária ou visual de modalidades variadas de intercurso sexual tem cronologia e geografia próprias. O termo pornografia – e sua difusão – é caudatário do século XIX, ainda que se tenha que considerar que algumas noções ou ideias datem de séculos anteriores, em particular desde o séc. XVI na Itália e, em seguida, a partir do séc. XVIII na França e na Inglaterra.

[35] Segundo Lynn Hunt, o acompanhamento da tradição pornográfica, sobretudo nos séculos XVII e XVIII, revela aspectos fundos da consolidação da cultura moderna. Desde os sonetos do Ragionamenti de Aretino (1534-36), passando pela L'Ecole des filles (1655), até os escritos do Marquês de Sade do século XVIII, colocam em relevo o confronto entre o livre pensamento e a noção de heresia, tal como apropriam aspectos da filosofia natural e da ciência, e questionam a política absolutista.

bem como a perseguição legal de muitos de seus autores, tinham como foco as restrições de natureza religiosa ou política.

Nos finais do séc. XVIII e início do XIX, a pornografia passa a representar ameaça à decência, perdendo parte de sua conotação política e se consolidando como negócio. Ainda que com uma configuração clandestina, um mercado se organiza em torno de publicações, inclusive em países como o Brasil. Alessandra El Far (2004), ao investigar a literatura popular depois de 1870, encontrou um universo de livros chamados de "romances para homens" nas listas de lançamentos de obras, em jornais. A maioria das publicações era pornográfica, vindo inicialmente de Portugal com traduções dos sucessos franceses e despontando, aos poucos, títulos de autores nacionais[36].

A crescente visibilidade do mercado em torno dessas imagens e escritos implica algo que Susan Sontag já assinalava, no final dos anos 60, ao dizer que um dos aspectos valiosos desses materiais residia em sua capacidade de expressar os sinais e as disposições de uma época. Esses indícios, contudo, não devem ser lidos literalmente na medida em que a "*pornografia é um teatro de tipos e não de indivíduos*" (Sontag, 1987:56). Tipos satíricos, elaborados a partir de convenções extraídas do repertório social. Em Sade, a autora encontra o uso mais representativo dessa escritura: nele, o princípio de insaciabilidade é explorado ao limite. Tal princípio é base de uma imaginação que tende a tornar cada pessoa intercambiável com outra e todas as pessoas intercambiáveis com coisas. O permanente jogo e

[36] A autora chama atenção que a produção nacional dessa literatura pornográfica foi fortemente influenciada pelo naturalismo (El Far, 2004:193). Além disso, parte dessas publicações também abraçava o estilo satírico em relação ao poder da Igreja e da monarquia. Ao analisar mais detidamente a literatura pornográfica que passa a ser publicada nos inícios do séc. XX, El Far nota mudanças. Se as obras do século XIX apresentavam aventuras elaboradas no estilo da crítica social e do humor, próprio do congênere europeu, a que desponta no final do século e início do seguinte, apresenta diálogos com as teorias cientificistas do período que assinalavam aspectos biológicos no comportamento sexual, articulando sexo, classe e raça. Importante a informação dada pela autora de que nos primeiros romances para homens não havia personagens não-brancos; já no segundo momento, a mulata e a crioula eram as figuras principais de alguns deles. Nesse caso, elas eram retratadas por sua decadência endêmica que justificava suas ações imorais. (El Far, 2007).

permutabilidade entre tipos acabam por produzir um efeito que expõe o lado contingente das marcas sociais de diferença.

A palavra obscena, ao exagerar o contraste entre o rude e o elegante, a classe baixa e a classe alta, o masculino e o feminino, lida com a transgressão social nos termos de uma hiperrealidade – a realidade é apresentada em formas quase grotescas (Frappier-Mazzur, 1993). Ainda que não se possa apostar no poder transformador desses escritos e imagens e afirmar que os pornógrafos tenham sido feministas, os retratos das mulheres – mesmo que desenhados por homens e para a satisfação masculina – sempre valorizaram a atividade sexual feminina, certamente muito mais do que os textos médicos.

Parafraseando Simone de Beauvoir, a propósito de Sade, não devemos queimar materiais pornográficos. Antes de ameaçarem, eles expõem e registram tensões, ressignificações e fissuras das normatividades de gênero e de sexualidade. Em particular, são expressões e práticas que produzem efeitos sobre o campo em que essas marcas habitam, bem como sobre o universo político que tenta traduzir marcas em direitos.

A relevância da pornografia para a política esteve em destaque em um debate acalorado nos Estados Unidos entre, de um lado, feministas que organizaram o movimento antipornografia e, de outro lado, feministas que se posicionaram como "antipuritanas", abrindo novos campos de reflexão sobre minorias sexuais. Examinar a literatura que dá base a esse debate interessa, sobretudo, pela articulação proposta pelos interlocutores de cada uma das vertentes do embate entre violência e erotismo e cujas implicações são, no mínimo, intrigantes.

Prazer e perigo

O final dos anos setenta representa um momento particularmente significativo na história do ativismo feminista americano, cujos efeitos resultaram uma reconfiguração do campo teórico[37]. Em meio à ameaça da retomada da moralidade tradicional por intervenção da *New Right*[38], apareceram no cenário político feminista grupos com posições antagônicas. Em 1976 foi criado o *Women Against Violence in Pornography and Media*, em 1979 o *Women Against Pornography* e, em 1978, nasceu o *Samois* (primeiro grupo lésbico sadomasoquista). Interessante notar que a reação ao moralismo de "direita" fez emergir, paradoxalmente, de um lado, um moralismo feminista antissexo protagonizado pelo movimento contra a pornografia – não menos normatizador do que a retórica que caracterizava a *New Right*. De outro lado, houve contraposição dentro da comunidade lésbica, na tentativa de legitimar apostas e alternativas sexuais como o sadomasoquismo, desafiando a máxima de que jogos de dominação x submissão apenas constituem as relações heterossexuais.

Os grupos antipornografia - que fazem parte do que os estudiosos do campo denominam como feminismo radical (Fergunson, 1984) – eram compostos por mulheres identificadas com uma parcela da comunidade feminista, que não apenas rejeitava o sexo heterossexual por uma questão de escolha sexual, mas como consequência de uma leitura particularmente determinística sobre a dinâmica de poder das relações heterossexuais.

---

[37] Importante enfatizar que se é possível situarmos a emergência do movimento antipornografia dentre as fileiras feministas americanas, ele não esteve restrito aos Estados Unidos. Beatrice Hanssen no seu livro *Critique of Violence* (2000), ao discutir a relevância do debate entre feministas pró ou contra pornografia, mostra a sua difusão principalmente na Alemanha e na Áustria.

[38] *New Right* foi um movimento organizado por políticos republicanos e lideranças religiosas, a partir de uma agenda que priorizava questões sexuais. Dentre as demandas, medidas e tentativas de alteração de leis que foram propostas, tiveram destaque a criminalização do aborto, a restrição de direitos aos homossexuais, medidas variadas para que as mulheres deixassem de atuar na esfera pública, dedicando-se ao lar e à prole etc.

Catharine Mackinnon[39], a autora considerada um dos avatares do feminismo radical, elaborou as bases teóricas da argumentação a favor da intervenção legislativa, contra a livre circulação da pornografia, que resultou mais concretamente na elaboração, em conjunto com Andréa Dworkin, de uma lei antipornografia[40]. Toda a discussão proposta por Mackinnon consiste em negar que a pornografia seja apenas uma representação, cuja força estaria restrita, no sentido usual de palavras ou imagens, a difamar ou ofender. Para ela, esses são materiais elaborados performaticamente como atos com poder e, em particular, como forma de subordinação das mulheres pela construção de sua imagem como objeto sexual[41]. Assim, segundo tal linha de raciocínio, a pornografia tem poder normativo inquestionável, privando a mulher de uma identidade legítima. Como se nota, nessa teoria – que pode ser tranquilamente chamada de teoria da objetificação - há uma noção de que o "engate", entre a imagem e a experiência, é literal. É um modo de ver que restringe o espaço dos sentidos alternativos, bem como nega que sejam materiais perpassados por ironia, transgressão ou paródia.

Além disso, o determinismo rígido que apoia essa teoria gera, segundo Judith Butler (1997), duas implicações: em primeiro lugar, ao partir do pressuposto de que toda relação de poder é uma relação de dominação. Toda relação de gênero, portanto, só poderia ser interpretada por esse crivo, implicando também na justaposição da sexualidade ao gênero – definido a

---

[39] Dentre os seus textos mais comentados: "Feminism, Marxism, Method, and the State: na Agenda for Theory" (*Signs* 7, n.3, Spring 1980) e *Only Words* (Cambridge: Harvard University Press, 1993).

[40] Trata-se de uma emenda proposta em Minneapolis, em 1983, que gerou polêmica e visibilidade,não chegando, entretanto, a ser aprovada e homologada. Nessa emenda, Dworkin e Mackinnon tentam deslocar o foco da interpretação sobre a pornografia, como expressão (e, enquanto tal, garantida em função da primeira emenda sobre a liberdade de expressão), para a pornografia como ato, que fere a igualdade de direitos (relativa, pois, à 14ª. Emenda) como ação que promove a discriminação e a submissão.

[41] Judith Butler critica a leitura que Mackinnon faz de J.L.Austin sobre os enunciados performáticos, em especial, no acento equivocado de tomar os atos da fala ou a fala, gerando atos, a partir de uma concepção soberana de poder: como ação eficaz, unilateral e geradora. (Butler 1997:74). A noção de performatividade, presente na teoria de Butler, vem também da leitura de Austin (1970, 1998), com ênfase, porém, nos aspectos vulneráveis e contingentes em que a reiteração dos enunciados implica. Assim, se para sua teoria é relevante a ideia de que o dizer é fazer, o feito resulta de uma prática não prevista, não planejada e não controlada.

partir de posições rígidas e simplificadas do poder -, associando-o, sem maior exame, ao "homem" e à "mulher". O feminismo radical hasteou sua bandeira contra o que chamava de "instituições heterossexuais", como a pornografia, tomando-a como um exemplar da violência e do perigo contra as mulheres. Além da pornografia, o movimento radical definiu outros alvos: o sadomasoquismo, a prostituição, a pedofilia, a promiscuidade sexual. Importante assinalar a aliança desse movimento aos grupos feministas que atuavam contra a violência, causando impacto considerável na arena política e teórica do feminismo.

No início da década de oitenta, dada a imensa visibilidade pública do feminismo radical, vozes saídas do campo feminista, mas também da comunidade lésbica, ensaiaram o contra-ataque. Nelas, avistamos toda a discussão travada pelas vertentes críticas ao essencialismo que caracterizava o discurso sobre a opressão, desde a década de setenta. Uma Conferência realizada no Bernard College em Nova York, em 1982, deu início a essas novas perspectivas, reunindo feministas heterossexuais e lésbicas que apoiavam e tomavam como objeto de reflexão as alternativas sexuais que defendem o prazer dos parceiros; incluindo as práticas que estavam sob alvo das feministas radicais. Os resultados da Conferência foram publicados por Carol Vance no livro *Pleasure and Danger* (1984). Esse livro representa um marco importante no campo, pois ele problematiza e recusa a associação da sexualidade aos modelos coercitivos de dominação, bem como a articulação desses modelos a posições estáticas de gênero, em um mapa totalizante da subordinação patriarcal. Vindo da tradição feminista em favor da liberdade sexual – que reuniu, além do ativismo, *scholars* de várias origens disciplinares – Carol Vance criou aquela convenção sobre o erotismo, mencionada no capítulo anterior, que organiza parte considerável das atuações e reflexões do feminismo contemporâneo, assim como também ajudou a consolidar um novo campo de pensamento na crítica cultural – as

Queer Theories[42]. Tal convenção sugere a ideia de que a liberdade sexual da mulher constitui prazer e perigo, o que acabou por ampliar a discussão sobre a problemática do prazer. Porém, há ainda, em contrapartida, uma tendência a dissociar o prazer do perigo, tomando-os como resultados, em separado, sem examinar os nexos que estão articulando os dois termos assinalados. Essas novas perspectivas criaram, ao evitar cair no determinismo rígido e simplificador do feminismo radical, uma armadilha, quando não um ardil: uma ênfase quanto à concepção de prazer, cujo significado não foi inteiramente problematizado em termos sociais e históricos, resultando em uma aposta de que ele traz em si uma força liberadora, desde que submetido ao consentimento entre parceiros. No sentido de esclarecer essas artimanhas no desenvolvimento da discussão feminista, voltemos ao debate.

Gayle Rubin (1984) afirma, em artigo que consta da coletânea de Carol Vance, que a relação entre o sexo e o feminismo sempre foi complexa pelo fato da sexualidade ser o nexo da relação entre gêneros e muito da opressão nascer, ser medida e se constituir a partir dela. Dessa complexidade, derivam as duas tendências já assinaladas: uma que concebe a liberação sexual como mera extensão dos privilégios masculinos - essa linha criou toda a retórica antipornográfica[43]. Outra tendência é a de crítica às restrições do comportamento sexual das mulheres, ligada a todo o movimento de liberação sexual dos anos sessenta. Essa linha criou e tem produzido estudos e práticas inovadoras relativas ao prazer e às escolhas sexuais. A relevância do artigo "Thinking Sex" de Rubin (1984), segundo

---

[42] *Queer Theories* constitui campo vasto de estudiosos formados na tradição dos *Gays and Lesbics Studies*. Alguns comentadores costumam, inclusive, associar ou nomear indiferenciadamente os dois "campos". Tratam-se de estudiosos que não só são gays e lésbicas, como tomam como objeto de investigação os aspectos da vida social relacionados a essa escolha ou identidade. Um ótimo artigo a situar esses estudos e estudiosos, em relação ao feminismo, foi escrito por Judith Butler: "Against Proper Objects" (Elizabeth Weed e Naomi Shor (eds.) *Feminism Meets Queer Theory*. Bloomington, Indianápolis: Indiana Univ. Press, 1997). Também é excelente o dossiê *Sexualidades Disparatadas* organizado por Julio Assis Simões e Richard Miscolci para o *Cadernos Pagu* n.28 (2007).

[43] Fazendo uma blague, Rubin chama essa vertente de "*demon sexology*" e sugere que ela representa o que o movimento tem produzido de mais retrógrado, do lado de cá do Vaticano.

Judith Butler, se deve ao fato dela ali ter salientado que o feminismo não é o único discurso - ou o mais apropriado - a tratar das relações de poder formadas e reguladas pela sexualidade[44]. Esse "feminismo" criticado por Rubin é aquele constituído pelas teorias de Catharine Mackinnon em que há a noção de que a modelação, a direção e a expressão da sexualidade organizam a sociedade em dois sexos, mulher e homem. Para Rubin, as relações sexuais não podem ser reduzidas às posições de gênero. A inter-relação sexualidade-gênero não pode ser tomada pelo prisma da causalidade, nem ser fixada como necessária em todos os casos. Nesse sentido, ela passa a adotar uma posição de aliança com as minorias sexuais e propõe uma nova conceituação. Nela, a autora apresenta elementos descritivos e teóricos para pensar a sexualidade e elabora a noção de que os atos, práticas e escolhas sexuais, nas sociedades ocidentais modernas, se realizam no interior de um sistema hierárquico de valorização sexual ("*sexual value system*"); no qual a sexualidade considerada normal é a que se exercita em meio às relações heterossexuais, firmadas em matrimônio, visando à reprodução. A este padrão seguem outras situações escalonadas na hierarquia valorativa, em posição decrescente: casais heterossexuais, monogâmicos, não casados; solteiros com vida sexual ativa; casais estáveis de gays e lésbicas; gays solteiros, sem vida promíscua; gays solteiros, com vida promíscua; fetichistas; S/M (sadomasoquistas); posições não masculinas ou femininas (travestis, drag-queens etc.); sexo pago; sexo intergeracional (em particular, o que se dá entre adultos e menores de idade). Estes últimos comportamentos estão na base do sistema, condenados a uma desvalorização sistemática, quando não são – como no caso da pedofilia - objeto de punição judiciária.

Interessante notar que Rubin, no artigo citado, associa as diferentes práticas do seu sistema ao que chama de minorias sexuais. A autora faz uso a

[44] Esse tipo de formulação foi depois seguido por Drucilla Cornell, bell hooks, Ann MacClintock, além de Carol Vance – estudiosas que enfatizam, em contextos pós-coloniais e de Terceiro Mundo, que o gênero não é mais central do que raça ou classe para os propósitos da análise sobre práticas sexuais.

um procedimento analítico que já associa a escolha sexual à constituição de identidades coletivas, seja pela capacidade de segmentação- tão característica da sociedade americana-, seja pelo esforço da autora de dar legitimidade política aos praticantes do sexo socialmente não valorizado. O fato é que, a partir desse marco, um novo campo de teorias se abre no cenário, trazendo novas e intrigantes contribuições. Intrigantes porque, ao examinar mais detidamente a produção sobre o tema da sexualidade, na década de 90 – principalmente nos Estados Unidos -, salta aos olhos a quantidade de estudos relativos às práticas sadomasoquistas, fetichistas etc., entre pessoas do mesmo sexo.

Mesmo que Gayle Rubin tenha tentado deslocar a proeminência do feminismo como voz exclusiva, ao tratar da sexualidade, e de deixar sugerido que é preciso garantir a flexibilidade de olhares para dar conta de um conjunto mais diverso de minorias sexuais, é de notar a visibilidade e a notoriedade que os escritos gays e lésbicos ganharam nas últimas duas décadas. Há o reconhecimento, na bibliografia, de que tais estudos não apenas colocaram a público um tratamento mais sistemático das realidades empíricas, vividas por populações homossexuais, como trazem contribuições teóricas para pensar os efeitos mais fundos do modelo heterossexual. Particularmente, chamo atenção para a discussão no campo feminista sobre sexualidades heterodoxas, com clara tendência a enfatizar os fenômenos e práticas, relativos ao campo do lesbianismo. De fato, boa parte dos escritos críticos e do debate teórico apresenta essas duas vertentes: a primeira delas trata a questão do desejo, na linha da teoria da objetificação do corpo feminino - vertente que tem, como exemplo, as campanhas contra a pornografia; a segunda vertente critica a demonização da sexualidade, pressuposta pela teoria da objetificação, situando e circunscrevendo, porém, toda a discussão, ao tomar como ponto de partida e como ponto de chegada, o desejo feminino presente em relações mulher/mulher. Tais discussões são

feitas, em especial, sobre as limitações da teoria freudiana no que concerne ao desejo feminino.

Evidentemente, não é possível desconsiderar o peso que a Teoria da Sexualidade freudiana no tocante a essa questão. Parte substantiva do que se toma, como pressuposto, ao falar em desejo, está nela configurada. As críticas feministas mais contundentes têm sido desferidas, sobretudo, em relação às seguintes noções presentes ou implícitas na obra de Freud:

- A noção de que a mulher (no sentido simbólico da feminilidade) ocupa uma posição complementar, em relação à posição ocupada pelo homem (também no sentido simbólico da masculinidade). Os feminismos contemporâneos estão tentando dar saliência a um sentido phallus-cêntrico que perpassa toda a obra[45];
- A noção de que a maior fonte de satisfação sexual é, no fundo, compensatória. De fato, a teoria psicanalítica vem de uma tradição (iniciada por Platão) que define o desejo no interior de uma ontologia da falta, algo que se busca sem nunca conquistar. O desejo ocorre em meio a um processo que supõe uma necessária incompletude - ou melhor, um movimento que visa a eterna substituição de um objeto por outro. Para Freud, desejo é o movimento de substituição que cria uma série de objetos equivalentes, de modo a compensar uma falta primordial. No sentido de repor uma satisfação originária, suposta na díade mãe/filho, o desejo vai sempre criando substituições de objetos em relação ao objeto primal, perdido e proibido.

Esse modelo do desejo, segundo Elizabeth Grosz (1995), além de pressupor uma incompletude necessária, foi sendo codificado a partir de uma polarização dos sexos. Os dois sexos são concebidos (biológica, sexual, social e psiquicamente) como complementares. Outro problema: o desejo

[45] Importante notar que a crítica assinalada não tem como alvo propriamente Freud, mas Lacan. É de notar a influência da leitura de Lacan, sobre Freud, nas discussões críticas de várias feministas norte-americanas. Ver, em especial, Gayle Rubin (1975), Judith Butler (1990, 2002), Teresa di Lauretis (1994) e Elizabeth Grozs (1995).

feminino propriamente dito foi tratado com menor vigor pela teoria. Para Freud, o desejo é inerentemente masculino. O feminino é resultante da castração "*insofar as the women occupies the feminine position, she can only take up the place of the object of desire and never that of the subject of desire; and insofar as she takes up the position of the subject of desire, the subject who desires, she must renounce any position as feminine*" (Grosz 1995:178). O desejo feminino, de mulheres por mulheres, tem explicação frágil na teoria freudiana, sendo tratado como modo *"dissexualizado"* em uma relação mal resolvida mãe/filha. Parte considerável das pensadoras feministas se recusa a aceitar que tal desejo só é ativo quando resultante do complexo de masculinidade.

Ainda que essa leitura deva sofrer exame mais acurado - possível apenas a partir de um estudo mais sistemático da teoria da sexualidade em Freud -, é interessante notar de que há, na bibliografia feminista mais recente, uma clara tendência a enfatizar os fenômenos e práticas, relativos ao campo das relações eróticas entre pessoas do mesmo sexo. Em suma, há uma clara delimitação do debate a esse conjunto de relações humanas que estão sendo vistas, em tese, como perpassadas pela equidade. Como se, para pensar sobre alternativas e perversões sexuais, só fosse possível sobre uma base de relações que pressuponha uma simetria. Como, por se tratarem de pessoas do mesmo sexo, o consentimento já estivesse garantido de antemão e, a violência e o perigo, transpostos para a arena dos prazeres.

Esta é uma hipótese que construí, a partir não apenas da leitura do material bibliográfico sobre o tema, mas também resultando de pesquisa empírica, junto a *sex shops* de São Francisco e Berkeley. Parece haver uma espécie de duplicação entre essa tendência, presente nos desenvolvimentos teóricos do feminismo – principalmente o das vertentes "pro-sex" ou "anti-objetificação" – e, a abertura de um campo alternativo no mercado para o sexo. Nele, verifiquei toda uma série de tentativas que questionam o

mercado convencional do sexo e uma promessa de um erotismo politicamente correto, cujo sentido seria o de transgredir as restrições ao livre exercício da sexualidade. Se práticas sexuais qualificadas como violentas (S/M e alguns fetichismos) são condenadas, nas relações heterossexuais, nos *sex shops* para gays (lojas nas redondezas da Castro Street) e na *Good Vibrations* (loja criada em 1977), elas ganham lugar, visibilidade, aceitação e acessórios.

Sex Shops

A pesquisa exploratória, realizada em alguns *sex-shops* de São Francisco e Berkeley, representou oportunidade excepcional para a verificação, senão para o desenvolvimento de novas hipóteses relativas ao exame da bibliografia recente. São Francisco é uma cidade que tem ganhado visibilidade internacional, desde a década de 70, como lugar de maior tolerância para o exercício de escolhas sexuais alternativas. Não só uma porcentagem expressiva dos movimentos libertários teve ali uma de suas mais expoentes expressões, como parte considerável do pensamento crítico toma os casos empíricos, oriundos da comunidade gay/lésbica dali, como exemplares para a discussão.

Dentre as várias configurações possíveis de pesquisa, a escolha desse campo empírico se deu pela potencialidade que ele apresenta em permitir comparações. Salta aos olhos do especialista, nesses temas, o fato de encontrarmos nessa cidade experiências relativas a práticas eróticas alternativas.

Sex shops, locais de acesso comercial aos materiais eróticos, existem em boa parte dos centros urbanos contemporâneos. A grande maioria visa o público heterossexual, comercializando livros, vídeos, acessórios variados (vibradores, roupas íntima, óleos, bonecos infláveis), concernentes a um

modelo do desejo que pressupõe o exercício de fantasias sexuais, violando - brincando ou mesmo transgredindo - todo um conjunto de práticas e símbolos relativos à experiência sexual socialmente não condenável (heterossexual e visando a reprodução). Parte-se da noção de que, em um comércio dessa natureza, seja adequado encontrar materiais que acentuem - nas cores, nos formatos, nos objetos - certas violações ao instituído. Esse conjunto de elementos simbólicos é variável histórica, social e geograficamente. Contudo, encontramos no mercado pornográfico um universo restrito de signos, muitos dos quais convencionados em relação a um estilo particular. Melhor dizendo: o comércio de objetos e acessórios sexuais corresponde a um estilo formado por convenções que, ainda que possam sofrer variações, nada têm de muito criativas. Muito couro preto, ligas de meia vermelhas, rendas artificiais, dildos[46] de tamanhos variados - com certa ênfase no tamanho avantajado -, imagens de corpos femininos com predominância do tipo ariano e loiro (preferencialmente, um loiro artificial) e seios firmes e enormes. Os corpos masculinos são dotados, predominantemente, de músculos, com particular ênfase a órgãos sexuais imensos. Nos vídeos, há destaque nas combinações ou arranjos sexuais fora do comum, porém também condizentes com traços simbólicos que visam, no limite, salientar certos aspectos, observáveis nas relações de gênero: corpos femininos (ou feminizados quando o suporte corporal é o do homem) são adornados para configurar o lócus da penetração; corpos masculinos (e não há correspondência ou alternativa para a masculinização dos corpos de mulheres) são adornados para configurar o lócus do corpo que penetra. O exercício da sexualidade entre corpos do mesmo sexo tem preponderância

[46] Objeto desenhado para ser inserido na vagina ou no ânus e que apresenta forma fálica. Eles não vibram como os vibradores (peças do mesmo tipo e seguindo os mesmos modelos, mas que têm baterias de modo a vibrarem quando acionados. Existem vibradores que não seguem uma formatação mais fálica - voltarei a esse ponto, a seguir). Os dildos, segundo material escrito encontrado nas lojas, são encontrados desde o paleolítico, passando pelos desenhos nos vasos da Grécia Antiga e mencionados nas comédias gregas clássicas. Uma análise mais detida sobre tais bens eróticos está feita no capítulo 4.

entre mulheres e seu sentido ainda corresponde a uma mesma lógica: torna-se prática aceita e estimulante de um desejo *voyer* masculino.

Para além de uma simplificação de natureza militante, algumas feministas qualificam esses *sex shops* e esses conteúdos e práticas como fazendo parte de um "*modelo hidráulico*" do desejo, ou melhor, o desejo como algo concebido numa relação corporal *input/output* (Gallop, 1988). No que concerne à discussão que interessa no momento, esse modelo tem como pressuposto a noção de que a pornografia implica a contestação de modos habituais e sancionados de sexualidade e, o mais importante: um modelo no qual a diferença sexual está baseada na incomensurabilidade e complementaridade entre, de um lado, o corpo que deseja e, de outro, o corpo que vai se constituindo como objeto do desejo. Resta enfatizar que o primeiro está configurado, guardadas variações e arranjos simbólicos diversificados – dentro de um conjunto de sinais que demarcam simbolicamente o masculino; e o corpo que se posiciona como objeto do desejo por um conjunto de sinais que demarcam simbolicamente o feminino.

Os *sex shops* pesquisados em São Francisco e Berkeley representam casos excepcionais e em crítica contrastante às lojas de aparatos sexuais comuns do mercado. Os estabelecimentos gays, não apenas visam um público não heterossexual, como apresentam produtos que enfatizam toda uma padronização ou uma configuração entre corpos e novas alternativas de desejo entre homens. O *sex shop Good Vibrations* também busca outros públicos, ainda que tenha uma proposta menos sectária. Há nele toda uma retórica e um conjunto de produtos que busca oferecer alternativas para casais heterossexuais, gays e lésbicas.

A primeira consideração importante sobre esses *sex shops* é, pois, a construção de um mercado alternativo. Todos os produtos e o conjunto de acessórios buscam constituir diferenças em relação ao padrão: um esforço de diferenciação que acabou por criar um mercado segmentado que contempla

outras escolhas sexuais. Há, nesse sentido, um claro diálogo entre convenções. Se os *sex shops* comuns do mercado enfatizam, nos corpos femininos, seios e cabelos loiros, nos gays e no *Good Vibrations* não encontramos esse tipo de referente.

Boas Vibrações

Valencia é uma das ruas perpendiculares à Castro Street, mais conhecida pelos círculos locais como a rua das lésbicas. Seguindo a segmentação corrente, neste "pedaço" do Mission District, distribuem-se lojas e espaços de afirmação da cultura gay feminina e feminista. Além de estabelecimentos para tatuar e colocar *piercings* e de um prédio onde estão reunidas sedes de várias organizações em defesa dos direitos da mulher e de homossexuais, está a *Good Vibrations*. *Sex-shop* criado em 1977 por Joani Blank, uma especialista em saúde pública sintonizada com o feminismo e interessada em expandir o universo de informações e alternativas de escolha sexual para um público mais diversificado (além de lésbicas e gays, a loja visa também o público heterossexual)[47]. A loja foi organizada a partir de gestão democrática, na qual as empregadas definiam seu salário, bem como no investimento considerável em pesquisa e criação de produtos atinados ao prazer feminino. No início dos anos 90, Blank iniciou o processo de venda, de modo a transformar o negócio em uma cooperativa. Naquela década, ainda, novas lojas foram abertas em Berkeley, São Francisco e Massachusetts. Em setembro de 2007, ela foi vendida para uma grande companhia de Cleveland (GVA-TWN) de modo a solucionar problemas

[47] Joani Blank nasceu em Boston no final dos anos 30, estudou saúde pública e foi atuar na India e Ásia por um ano. Quando voltou aos EUA, ela trabalhou muitos anos em planejamento familiar e, na Califórnia, orientava mulheres pré-orgásmicas. Nos anos 70, mais precisamente em 77, ela investiu U$ 4 mil para abertura de uma loja de 200 mt2 na Mission District. Ali nascia a *Good Vibrations*.

financeiros, resultantes da competição enfrentada pelas vendas de produtos eróticos na internet, sobretudo com a Amazon.com e Drugstore.com.

Mais do que um entreposto de produtos sexuais, a idealizadora do *Good Vibrations* considerava estar dando curso a uma missão. Ela partiu da premissa de que há mais prazer sexual disponível do que experiências concretas e, em função disso, passou a oferecer acesso a materiais que ajudavam a expandir as experiências, melhorar o nível de informação sobre sexo, combater o medo, a ignorância, os preconceitos e a insegurança. Para aqueles que consideravam que esse tipo de negócio não correspondia à agenda feminista, ela replicou: "*We believe that honest communication about sex is a pre requisite to equal rights both in and out of the bedroom*" (Good Vibrations 1994:1). A filosofia que orienta a loja é a de que os principais produtos à venda, os *sex toys*, são revolucionários: "*The idea that pleasure for pleasure's sake is sufficient motivation for sexual activity, and that no means of experiencing sexual pleasure is morally, aesthetically or romantically superior to another, is the subversive philosophy behind the enjoyment of sex toys*." (Good Vibrations 1994:2). Eles não foram concebidos com a perspectiva de ajudar ou solucionar problemas sexuais. Foram criados para divertir, por isso são chamados de *toys*. Além disso, eles são acessíveis ao consumidor médio e são apresentados com informação cuidadosa para o consumidor.

Um *sex shop* politicamente correto, eis a melhor definição para o *Good Vibrations*. De certo modo, como já foi salientado, há uma tentativa clara de diferenciar esse tipo de negócio no interior do mercado sexual. Mais do que visar lucro, pretende-se legitimar escolhas diversificadas de exercício sexual, tentando não alimentar estereótipos ou reforçar práticas que incorram em objetificação. Há, me parece, todo um cuidado em domesticar e neutralizar o sentido de violação que está envolvido no significado corrente de erotismo. No lugar da violação, esse tipo de loja introduz, através do seu

aparato de produtos e manuais, uma nova concepção que salienta o sentido de ginástica e de fortalecimento do *self*. Há um esforço claro de integração e não de subversão. Vejamos.

Primeiro impacto: pelo lado de fora, a loja está pintada com cores pastéis. Ainda que não se veja o interior - as portas e janelas são de vidro jateado - nada no exterior a diferencia de outras lojas circunvizinhas que vendem móveis, roupas e livros. Ao atravessarmos a porta, a primeira impressão se confirma: o espaço interno é claro e *clean*. As janelas trazem uma iluminação direta que é ainda mais reluzente em função das paredes amarelas. Prateleiras de madeira - e uma madeira bem clara - dividem o interior da loja em setores. Em todas as visitas, encontrei a loja repleta de gente: casais heterossexuais e homossexuais, muitos jovens, alguns com tatuagens e de roupa preta, outros bem discretos. Todo mundo de cara aberta e feliz, manipulando algum aparelhinho, cheirando algum incenso, vela ou bálsamo, folheando livros. O cheiro completa o cenário - um leve aroma de sândalo e alfazema tranquiliza, conforta.

Pelo fato do *Good Vibrations* incluir a presença de mulheres, ainda que vise um público alternativo, reconhece-se que o feminino possa ser considerado, antes de tudo, matéria simbólica a ser valorizada. Porém, de modo particular: indo contra tudo aquilo que conota o padrão do mercado mais abrangente. A exposição de corpos de mulheres enfatiza aquilo que contraria qualquer artificialismo. *Posters* pendurados em todas as paredes mostram mulheres mais velhas e a idade, antes de ser degradante, é cuidadosamente apresentada como algo natural; os corpos não são magros ou gordos, tampouco eles são torneados por plásticas ou ginástica. As axilas e as pernas não são depiladas. As rugas, as pelancas e os pelos não são escondidos. Antes, eles fazem parte de corpos que querem ser *sexys*.

Notei a incorporação de uma estética claramente hippie, mas articulada a certos significantes que salientam a sensualidade e a

sexualidade. Ali a tendência é a de tentar associar sensualidade a um corpo não artificial, dando a impressão de que se quer legitimar uma nova concepção de sensualidade, em uma versão "politicamente correta". Nada avilta ou limita: os jogos eróticos podem ser operados em uma lógica que, longe de "objetificar" o feminino, busca o conforto, a mulher comum, uma espécie de democratização das escolhas, ou melhor, da ideia de que o erotismo é possível e desejável para todos.

Dildos

Chama atenção a organização dos elementos. Do lado esquerdo da loja, está disposta, na parede, uma infinidade de dildos de cores e tamanhos variados (lilás, azul claro, rosinha, vermelho cintilante), com formatos para gostos diversos - uns mais grossos, outros de menor dimensão -, texturas que variam entre o látex e o silicone, alguns com a forma idêntica a do pênis, incluindo saco escrotal, outros lisos. Uns duros, outros moles. Logo acima deles, estão expostas cintas para que os dildos possam ser vestidos. Todos são coloridos, alguns feitos de tecido, outros de couro. Seguindo essa mesma parede, vão sendo apresentados outros materiais: há o lugar para os objetos ligados às práticas S/M - chicotinhos de couro ou de plástico de cores variadas, roupas de couro ou látex pretas, argolas e algemas. Há ainda o lugar dos óleos e bálsamos e lubrificantes e mais algumas prateleiras para os vídeos.

Vibrador Hitachi Magic Wand

No centro da loja, as estantes vão ajudando a organizar a disposição dos produtos. Nelas encontramos os livros classificados por tipo: ficção erótica, manuais para práticas diversas (masturbação, sexo anal, sexo oral), técnicas de massagem, fotografia e livros diversos sobre como fazer sexo de modo seguro, incluindo livretos que explicam as vantagens e desvantagens dos óleos e lubrificantes. Impressiona a variedade e a sofisticação da informação fornecida. Chama particular atenção a quantidade de manuais. Há como que uma tentativa explícita de ensinar técnicas de exercício sexual, com ilustrações e descrições pormenorizadas sobre os movimentos corporais. Não existem muitas diferenças entre esses manuais e todos os seus dispositivos de apresentação das várias técnicas e os manuais de ginástica. Fontes de uma mesma tradição. A implicação mais imediata: nesses manuais há a concepção do corpo moldável pelas técnicas e dicas para o seu adequado desempenho só que, diferente dos de ginástica, neles existe a incorporação de técnicas para fruição sexual. O início de todos os manuais - sejam eles sobre as práticas S/M ou para masturbação e uso dos *sex toys* - apresenta um texto, em que há a preocupação de tornar legítima a prática em questão. O intento é o de retirar o caráter de perversão dos exercícios, descaracterizar qualquer sentido patológico atribuível aos agentes envolvidos e convidar os leitores a experimentarem essas formas de sexualidade. Todos eles enfatizam como essa expansão das fronteiras eróticas reforça a autoestima das pessoas, libertando-as de preconceitos e estimulando a imaginação.

Outra prateleira expõe os vibradores. Os formatos são variados, oscilando entre os fálicos (como os dildos) e uns imensos, com formatos parecidos com microfones ou *mixers* (aquele eletrodoméstico que mistura bebidas). Um deles parece uma furadeira elétrica, só que no lugar da broca está acoplada uma bola de textura confortável. A aproximação visual com eletrodomésticos parece exacerbar a noção de que se pretende tornar os exercícios sexuais prática rotineira e normal. Como se os seus *designers* estivessem sugerindo aos consumidores que deixem de lado as tarefas domésticas para investirem no próprio prazer. Ironia ou *boutade*, essa estética que sugere uma continuidade, com aquilo que caracteriza as tarefas femininas do lar, dá o que pensar. O que se assemelha ao microfone também é interessante. Como se a ausência da fala e da voz das mulheres, no cenário público, estivesse sendo elaborada criticamente, a partir de uma metáfora irônica, para salientar a ênfase em uma nova subjetividade, caracterizada pela busca do prazer, da autoestima, do divertimento.

Vibrador Hitachi Magic Wand

Peças vistosas - dildos e vibradores. Ali dispostos perdem todo e qualquer caráter de violação. Intriga o fato de serem os elementos mais presentes, tanto no sentido quantitativo como no qualitativo - dada a exuberância de suas formas. Não é exagerado afirmar que eles são os *sex toys* preponderantes. O que me faz pensar que nessa nova configuração do erotismo existe uma ênfase na "genitalidade". Uma parte do corpo - os genitais – parece ser o objeto por excelência dessas sexualidades que se descortinam.

A fragmentação do corpo, em partes, tem sido tema de inúmeros estudos. Na maioria das análises, tal fenômeno corresponde à crescente objetificação do corpo como resultante da cultura de consumo e das práticas médicas (Czordas 1994). Há também toda a vertente de estudos no interior das teorias feministas[48] que dá maior complexidade, a meu ver, às interpretações que denunciam a objetificação. Trata-se de autoras que contestam os binarismos mente/corpo, natureza/cultura e qualquer tipo de abordagem que resulta em essencializar ou substancializar. O corpo passa a ser considerado corporalidade, algo que adquire capacidade de ação ou *agency*. Essas teorias estão sendo elaboradas por autoras que buscam entender o corpo vivido, como é representado e usado em situações culturais particulares. "*Para elas, o corpo não é nem bruto, nem passivo, mas está entrelaçado a sistemas de significado, significação e representação e é constitutivo deles. Por um lado, é um corpo significante e significado; por outro, é um objeto de sistemas de coerção social, inscrição legal e trocas sexuais e econômicas*" (Grozs 2000:75). Desconstruir a polaridade mente/corpo, uma das bases dessa teoria da corporalidade, implica tomar a materialidade do corpo para além das inscrições definidas pelas leis e pelos termos da física. Pressupõe, portanto, tomar a materialidade como uma continuidade da matéria orgânica e, em seguida, não associar a corporalidade apenas a um sexo, como na nossa tradição cultural, em que o corpo está associado à mulher, liberando os homens para os afazeres da mente; recusar modelos singulares e pensar a corporalidade, no interior de um campo plural de alternativas, misturando sexo, classe, raça, idade numa plêiade de possibilidades de exercício e de representação. Enfim, trata-se de uma perspectiva que visa, ao evitar análises biologizantes ou essencialistas, ver o

[48] Elizabeth Grozs (2000) em competente balanço teórico sobre o corpo, na tradição filosófica e no feminismo, identifica três grupos de autoras: o feminismo igualitário; as teóricas que advogam o construcionismo social; e as que pensam a partir da diferença sexual. Esta última vertente é constituída por Luce Irigaray, Helene Cixious, Gayatri Spivak, Jane Gallop, Judith Butler, Monique Wittig, entre outras. A vertente de pensadoras, a que estou me referindo, condiz com essa última classificação.

corpo como lugar ativo (não passivo e, portanto, produto e gerador) de inscrições e produções ou constituições sociais, políticas, culturais e geográficas (Grozs 2000).

Seguindo essas teorias, a ênfase na genitalidade - que me chama atenção nas alternativas simbólicas desse "erotismo politicamente correto" - deve ser interpretada de modo pouco linear. De um lado, há visivelmente uma neutralização daquelas inscrições que posicionam as corporalidades segundo sexo, raça, idade etc. Não se trata apenas de um procedimento que apaga ou põe entre parêntesis as posições sociais ocupadas pelos sujeitos que portam os genitais. Antes, trata-se de uma espécie de apagamento das inscrições de uma corporalidade, em que o próprio desejo ou prazer possa ser elaborado a partir de outras superfícies ou articulado a outras partes do corpo ou dos corpos envolvidos. De certo modo, focalizar, nos genitais, as possibilidades de fruição tende a obliterar a diferença (pelo menos as marcações sociais mais explícitas, como sexo, idade, raça). De outro lado, é preciso considerar que, a exemplo da diversidade dos dildos e dos vibradores, essa nova erótica está permitindo pensar outra qualidade de diferenças, expandindo ou mesmo explodindo a relação entre um tipo de corpo (com um sexo, uma cor, uma idade etc.) e sua correspondente preferência de exercício sexual. Este é o lado para o qual essas alternativas criam novos horizontes para a reflexão teórica: não há correspondência entre a posição do sujeito em termos sociológicos, de gênero, racial e um tipo modelar de comportamento ou preferência sexual. O campo se alarga, ainda que a preço de uma fragmentação. Antes: a própria fragmentação é empregada como algo positivo, como uma ressignificação que visa a expansão dos prazeres possíveis e a implosão de modelos ou da modelagem convencional do comportamento sexual.

Nesse sentido, podemos interpretar o interesse e uso dos *sex toys* como uma tendência a construir alternativas para os experimentos sexuais e

corporais, colados ao binarismo corpo da mulher/corpo do homem, ou ainda, aquelas possibilidades que os articulam a determinadas posições sociais, étnicas, raciais ou etárias. Tais alternativas sugerem lidar ou brincar com as diferenças, mas não obliterá-las. Dito em termos mais claros: as diferenças não são apagadas, suas variáveis e marcadores são combinados de modo a permitir a dissociação entre prática sexual, identidade de gênero, corpos sexuados e até a noção de materialidade corpórea. Contudo, existem casos em que as diferenças parecem estar sendo obliteradas e que são exemplares para desenvolver a minha reflexão. Esse caso foi flagrado em pesquisa de campo nos Estados Unidos, mas já pode ser observado no Brasil, sobretudo entre homossexuais, em festas de carnaval. A análise e situações apresentadas a seguir tomam como suporte empírico os "*clones*", um segmento da cultura gay americana. Tratam-se de homens idênticos, no final dos anos 70 até o início dos anos 80, que desafiaram uma série de postulados da militância engajada. Eles desenvolveram o que Levine (1998) chamou de uma subcultura homossexual marcada pelo gênero, a partir da exacerbação da masculinidade. Reproduzo, a seguir, parte dessa descrição de modo a tentar extrair do exemplo elementos para pensar as implicações da obliteração da diferença.

Os *Clones*

A Castro Street é repleta de bares, *clubs*, lojas, cinemas. Bandeiras com as cores do arco-íris estão hasteadas por todos os cantos. Gente na rua, muito movimento: em parte turistas, nessa espécie de vitrine gay da cidade; outra parte é composta por moradores, consumidores, *voyers* e simpatizantes.

Ao entrar nas lojas gays masculinas dos arredores, eu notei não apenas a ausência de corpos de mulheres, mas certa semelhança com as lojas comuns do mercado erótico: são espaços construídos com a intenção estética

de simbolizar violações. Usando recursos como janela encoberta ou escadas privativas, são lugares em que se tem a nítida sensação de entrar em algo proibido. Além disso, muitas são as estratégias decorativas e de disposição dos acessórios que ajudam a corroborar uma representação do sexo que viola o instituído: paredes e carpetes roxos, bonecos infláveis expostos com roupas de couro, chicotes, pulseiras com pinos e uma ênfase impressionante na apresentação dos genitais masculinos. Na verdade, há uma recorrência de produtos: vibradores, dildos de todos os tipos, todos enormes, cremes e líquidos lubrificantes, cintos, pulseiras de couro preto e vídeos.

Em uma das lojas, dessas que vendem cartões e pôsteres, observei uma variedade de fotos com nus. Nada a espantar, a paisagem local está repleta desses sinais. Em algumas dessas imagens, vejo cenas que expõem dois homens do mesmo tamanho, da mesma cor, o mesmo tipo físico e estatura. Um par de iguais. Há todo um esforço em apagar diferenças entre os dois, de tal modo que o casal passa a ser par, dupla, duplo. Pareceu ser a tentativa simbólica mais vigorosa da cena do Narciso no lago, diante da própria imagem.

Começo a me dar conta que essa imagem dos iguais não está apenas fixada na cena do pôster da loja. Na rua, vejo loiros com loiros, bigodudos com bigodudos. A semelhança é extraordinária e, ainda que exista diversidade entre os conjuntos - variação dos tipos replicados -, o que me intrigou foi o fenômeno da duplicação.

Na pesquisa que fiz sobre o assunto, em periódicos, sobre a cultura gay americana, aparecem referências, desde meados da década de setenta, ao que os autores nomeiam como *clones*. Tratado como um estilo de vida da comunidade gay, os autores o localizam em Nova York e, em artigos mais recentes, em São Francisco. Entre as várias descrições sobre os gays em saunas, casas de banho ou em paradas, os *clones* são vistos com considerável desconfiança pelos especialistas e militantes (Holleran, 1992; Bekeman

1992, Herdt, 1990)[49]. O estudo de maior fôlego sobre eles resultou de uma tese de doutorado, em sociologia, de Martin Levine, defendida ainda em 1984, mas só publicada postumamente e, 15 anos depois, como *Gay Macho – the Life and Death of Homosexual Clone*. Esse livro analisa o modo de vida de *clones* com quem o autor conviveu, entre 1977 e 1984, no West Village em New York. *Clone* é, para o autor, uma expressão êmica empregada com sentido crítico e, simultaneamente, celebratório. A masculinidade evocada é caricatural, porém hipervalorizada: na sua descrição, a maioria dos rapazes (entre 18 e 45 anos) era branca, com rostos bonitos e corpos torneados por musculação. Eles vestiam roupas justas (jeans e camisetas brancas), usavam pequenos bigodes ou cavanhaques. Eram participantes ativos do mercado de consumo, aficionados pela *Disco Music*, e frequentadores assíduos de saunas, *clubs* e boites. Para Levine, essa hipermasculinidade é um desafio ao estigma que tomava o gay como um homem falho. Além disso, são experiências que articulam aspectos que simbolicamente configuram a masculinidade sancionada com a homossexualidade, provocando rupturas na associação entre sexo, gênero e orientação sexual[50]. Levine acompanhou o auge da visibilidade pública dos *clones* até o seu desaparecimento, com o advento da epidemia da Aids em meados dos anos 80. Segundo o autor, a morte dos *clones* foi resultante de um processo que combinou variados fatores: muitos *clones* figuram entre o rol das primeiras vítimas da doença; os estabelecimentos públicos em que a subcultura floresceu foram considerados perigosos para o contágio e fechados por determinação das autoridades ou por decisão da própria comunidade. Levine também chama atenção para o desaparecimento do

[49] Andrew Holleran "Steam, soap, and sex" *The Advocate*, 10/1992; Roger Bakeman "The gay man's Bar Mitzvah: the emerging gay cultural system" *Lambda Book Report* V.3, N.3, 30/4/1992; Gilbert Herdt *Gay Culture in América: Essays from the Field* . New York:Beacon Press, 1991.

[50] Para entender com maior detalhe a profundidade das rupturas promovidas pelas experiências hipermasculinas homoeróticas, aconselho a leitura da tese de doutorado de Camilo Braz (2010).

caráter radical dos *clones* com a absorção do estilo que criaram pelo *mainstream* que configurou a cultura jovem gay pós anos 90.

As críticas aos *clones* salientam, com vigor, o aspecto narcisista e hedonista que perpassa a prática. Sem dúvida, essa é a primeira impressão ao avistarmos os *clones*. Sobretudo, se lembrarmos da análise feita por Richard Sennett, ainda em 1974, quando ele chama a atenção para a valorização da intimidade nas relações sociais no último século. O declínio do homem público e a invasão de aspectos do domínio privado sobre o público têm efeitos sobre variados aspectos da vida social e, no que se refere às relações amorosas, gera, segundo o autor, uma significativa intolerância em situações nais quais ocorre ausência de afinidades. Essas relações vão sendo desfeitas na medida em que os envolvidos se deparam com diferenças e conflitos. Nesse sentido, o laço que une os casais é menos de natureza social e cada vez mais um elo identificado com fatores relacionados à troca de emoções e sentimentos. Nas palavras do autor: "*Na esfera da sexualidade, o narcisismo afasta o amor físico de qualquer compromisso, pessoal ou social. O simples fato de um compromisso por parte de uma pessoa parece, para ele ou ela, limitar as oportunidades de experiências 'suficientes' para saber quem ele ou ela é e encontrar a pessoa certa para complementar quem ele ou ela é*" (Sennett 1988:22). Independente de um exame mais refinado sobre o conceito de narcisismo que está sendo aí empregado – o que não caberia nesse texto -, vale a consideração de que os *clones* parecem ser uma ilustração radical dessa busca da satisfação do eu que não visa a mediação pelo outro. Nesse tipo de parceria, o jogo amoroso parece indicar a eliminação de qualquer referente que implique o enfrentamento da diferença seja ela estabelecida em termos de gênero, seja em termos de outras variáveis como cor da pele, estatura anatômica, etnia, estilo pessoal ou ainda gosto ao vestir. Parece também condenada a noção de que diferenças

estimulam a busca de uma complementaridade entre parceiros, tão enfatizada em determinadas concepções sobre o amor romântico.

Mesmo sendo interessante prosseguir em abordagens sobre as implicações narcísicas desse estilo de vida da comunidade gay, falta, a meu ver, uma análise que pense mais a fundo em que medida os *clones*, enquanto um fenômeno social, podem ser interpretados seja no interior da cultura americana, seja à luz de algumas das teorias que estão hoje no debate sobre gênero.

Em primeiro lugar, os *clones* nascem na sociedade americana. Sociedade em que os direitos individuais são relevantes e, em alguma medida, propulsores da legitimação social de escolhas particulares, gerando processos ininterruptos de segmentação. Não é à toa que um fenômeno como esse já tenha encontrado, assim que apareceu, um nome e um lugar definido como subcultura ou como um estilo de vida. A comunidade gay ali está repleta de "tipos" diferentes e eles vão ganhando lugar no cenário cultural, político e mesmo no mercado de bens sexuais.

Trata-se também de uma sociedade em que há uma valorização peculiar do que Hillel Schwartz (1996) chama de "*a cultura da cópia*". Para esse autor, em relação ao passado, à memória ou ao bem cultural, a cópia – seja ela a reprodução de um modelo erudito, a cópia xerografada ou ainda duplicação na propaganda - coloca questões sobre o ideal da autenticidade e a reprodução do real. Questões que não são propriamente novas. O problema da reprodução de imagens é tema de parte considerável da análise da cultura no século XX. Mas, mesmo não sendo um debate novo, algo de peculiar ocorre em parte da cultura americana e valeria indicar para entendermos melhor o sentido dos *clones*. Humberto Eco, em ensaio brilhante – "Travels in Hiperreality"(1983)- , pode ser um valioso guia. Nele, o autor sugere que imagens como a do *Superman*, recursos como a holografia, museus como o da *Fundação J. Paul Getty*, hotéis como o *Maddona Inn* e castelos como o

Hearst Castle, indicam um imaginário em que o que está sendo reproduzido é obsessivamente perpassado por um ideal realista. Para adquirir credibilidade, todas as reproduções devem incorporar o ícone, algo que pareça ser perfeitamente igual ao original, algo como a cópia "real" da coisa que está sendo representada. Nos termos do autor: "*The sign aims to be the thing, to abolish the distinction of the reference, the mechanism of replacement. Not the image of the thing, but its plaster cast. Its double, in other words*" (Eco 1983:7). Nas formas de apresentação dos museus sobre obras renascentistas e em tantos outros exemplos existe a noção de que o passado deva ser preservado e celebrado como uma cópia autêntica ou, como diria o autor, como que havendo uma espécie de filosofia da imortalidade sob forma de duplicação, como um modo de reencarnação. Nesse sentido, para conotar o real, a coisa deve ser vista como real.

Em determinadas situações, a referida duplicação excede o sentido do original, criando "*castings*" pretensamente mais reais do que aquilo que representam. Sua análise sobre o *Getty Museum* é definitiva neste ponto. Lá, o trabalho de um homem e de seus colaboradores tenta reconstruir a credibilidade de um passado, segundo regras de objetividade que estão longe de pertencerem à cultura que está sendo apresentada. A implicação mais importante dessa análise é a de que há um ponto em que a obsessão, por reconstituir, nubla a relação entre o real e o falso: "*The 'completely real' becames identified with the 'completely fake'. Absolute unreality is offered as real presence.*"(idem).

Os *clones* - em certa medida e guardadas as devidas proporções - parecem indicar mecanismos que estão associados a essa tendência à hiper-realidade. De fato, não se trata apenas de um jogo entre parceiros para parecerem semelhantes. Por mais que na imagem dos duplos sintamos o esforço deles para criar, com a convivência, um estilo igual de modo a posicioná-los como idênticos, o que mais chama atenção é o resultado: não

são homens parceiros no amor e no estilo de vida, havendo, de modo distinto, a preocupação em parecerem duplos, *clones*. *Clones* que não são *clones*, de fato, havendo certa correspondência do parecer real com o absolutamente falso. Não é à toa, pois, que esse fenômeno tenha aparecido no interior dessa cultura que tem, para com a cópia, esse sentido hiper-real.

Outras interpretações podem ser tentadas. Os *clones* nos sugerem pensar certos aspectos que estão subjacentes nas teorias sobre gênero. O relacionamento entre idênticos desafia o sentido do dimorfismo sexual[51], sobretudo o princípio da incomensurabilidade e da busca pela complementaridade, no modo de concebermos a diferença entre os corpos masculinos e femininos. Essa noção está difundida por todo o corpo social, indo além das questões meramente anatômicas. Está presente, inclusive, em boa parte dos escritos feministas até a década de oitenta.

Em certo sentido, esses homens iguais, como *clones*, rompem qualquer noção de complementaridade e de reunião de opostos. Aí reside a novidade do fenômeno, ainda que não esteja necessariamente presente na consciência dos agentes envolvidos. O exemplo ilustra, com a radicalidade que o caracteriza, uma alternativa simbólica para o casal que não só é constituído por parceiros do mesmo sexo, como por um duplo que extrapola ao limite os conceitos de simetria e de igualdade. Os idênticos, nesse sentido, não brincam apenas com o real e o falso, o autêntico e a cópia, mas com o próprio sentido que atribuímos ao diferente e à alteridade nas relações amorosas e na sexualidade. Ao substituírem o casal pelo "um", os *clones* desafiam a reflexão sobre sexo e gênero que causam efeitos políticos, sobretudo, na defesa da relação igualitária entre parceiros diferentes.

[51] Modelo de diferenciação sexual baseado na incorporação do princípio de que os corpos do homem e o da mulher são incomensuravelmente distintos. Como já foi desenvolvido no capítulo anterior, tal modelo passou a ser empregado desde o final do séc. XVIII com os desenvolvimentos das ciências biológicas, mas com implicações importantes sobre o modo como as relações de gênero passaram a ser geridas. Para maiores esclarecimentos, consultar Thomaz Laqueur (1990).

Os *clones* não são politicamente corretos. Emergentes em cenário pré-Aids e no marco de uma "obsessão pela cultura do corpo" provocaram reações na comunidade gay, ilustrativas do desconforto que variadas vertentes de defesa das minorias sexuais têm, diante de práticas que lidam com conteúdos tomados como objetificantes. Considerados "alienados" – acusados da adoção acrítica de um comportamento de consumo e massificador, os *clones* aparecem na bibliografia como se já não existissem. Alega-se que a maioria deles faleceu, mas a morte evocada é sobretudo simbólica. Os *clones* incomodaram os militantes dos anos 80 e 90, não só pela atenção que destinam ao corpo, forma que cultuam a partir de uma masculinização estética, mas pelo fato de parodiarem as noções de diferença e de igualdade ou, mais precisamente, o modo de articulá-las na luta política pela legitimação da diversidade sexual.

Em contrapartida, o *Good Vibrations* é exemplar como caso bem sucedido. Loja criada no marco das *sex wars* entre feministas radicais e as libertárias, ela conseguiu fazer dinheiro e produzir efeitos positivos sobre o campo da defesa de direitos sexuais, ampliando, de modo muito rico, as possibilidades de pensar novas alternativas eróticas. Ali foi elaborada uma versão politicamente correta do erotismo, intrigante o suficiente para examinarmos alguns de seus efeitos paradoxais.

Ao tentar um exercício de pensar o que se ganha e o que se perde com essa expressão "politicamente correta", é possível reconhecer uma ampliação positiva do escopo de escolhas sexuais. É inegável que hoje as pessoas têm acesso a uma maior diversidade de experiências sexuais sozinhas, acompanhadas e junto a pessoas do mesmo sexo ou não, bem como podem realizar experimentos sexuais com *sex toys*, cujos efeitos sobre as fronteiras materiais corpóreas são bastante interessantes, como veremos adiante. Nesse processo, algumas das normatividades de gênero e sexualidade perderam

preponderância, em especial as relacionadas ao controle da sexualidade feminina.

Tal diversificação de possibilidades sofreu, nessas duas últimas décadas, uma ampliação de fronteiras nacionais e também sociais: das experiências gays e lésbicas circunscritas a um campo político nos Estados Unidos, as novas modalidades de técnicas, produtos e acessórios migraram para outros países, sobretudo por meio das dinâmicas de mercado. No caso do Brasil – e esse será o objeto do capítulo seguinte -, os resultados de minhas investigações indicam uma feminização da pornografia, sobretudo na sua vertente de lojas, que é extremamente relevante como mudança, especialmente se lembrarmos que a pornografia foi um gênero de expressões criado por homens e para desfrute masculino.

Contudo, trata-se de uma ampliação que traz implícito um preço: o do deslocamento do sentido da pornografia que perde sua conotação de obscenidade e adquire um sentido de saúde e de fortalecimento do eu. De fato, noto uma substituição de significados. O "obsceno", caro às expressões eróticas que se desenham em materiais, desde o século XVI, está perdendo lugar para a noção da prática sexual como técnica corporal ou, mais precisamente, ginástica que visa a autoestima individual. Linda Williams (2004), ao estudar com seus alunos a pornografia no cinema, vídeo e fotografia sugere que o termo *ob/scene* seja trocado por *on/scene* dada a imensa visibilidade pública dessas expressões na contemporaneidade. Essa sugestão é interessante, sobretudo, por assinalar a tensão entre o que passa a ser exposto na arena pública, rompendo normatizações e, o que vai sendo constituído como comportamento normal. A minha hipótese é a de que foi a aproximação da sacanagem com o cuidado saudável do corpo e da mente que tornou possível a expansão de fronteiras, seja em cenários transnacionais, seja em direção das mulheres, consumidoras preferenciais e alvo predileto das engrenagens do mercado. Por se tratar de um processo dinâmico e de

mudanças com resultados inesperados, vale acompanhar nas páginas que se seguem as re-significações, os usos e as implicações do erotismo politicamente correto, no Brasil e, mais especificamente, em uma cidade como São Paulo.

Capítulo 3

Mercado erótico e feminilidades: os novos sex shops de São Paulo

Um estudo que foi pioneiro, no Brasil, por articular modalidades de erotismo e suas expressões transgressivas, foi o de Nestor Perlongher sobre a prostituição viril[52]. *O Negócio do Michê* (1987) apresenta uma etnografia brilhante e rica que aponta experiências sociais envolvidas em uma dinâmica complexa entre as normas de gênero, de sexualidade e suas contestações, no âmbito do mercado. É no universo das transações sexuais que prazer e prescrição se articulam e se retroalimentam, expressando o que Perlongher chama de "*fugas desejantes*", bem como, e simultaneamente, uma diversidade de dispositivos instaurados para controlar ou neutralizar os perigos das fugas[53].

Vários estudiosos, em nosso país, seguem hoje essa influência e se dedicam a estudar as novas formas de sexualidade, tentando decifrar as convenções eróticas e, a partir delas, questões como a diferença e a transgressão[54]. Hoje não podemos estudar apenas aqueles universos institucionais de produção dos saberes próprios à consolidação da "sociedade burguesa" dos séculos XVIII e XIX, como foi inicialmente realizado por Foucault: clínicas, prisões, processos judiciais. Torna-se estratégico

---

[52] Outro estudo que trabalhou aspectos sobre o mercado sexual em uma perspectiva antropológica foi desenvolvido por Maria Dulce Gaspar (1985), sobre garotas de programa no Rio de Janeiro.

[53] Fugas desejantes seriam os efeitos transgressivos às normatividades sexuais, em experiências guiadas pelo desejo, a partir de um processo de produção de intensidades libidinais, provocadas pela operação de tensores. Para o autor, os tensores são de atribuição de valor e de distribuição no código categorial que, no que se refere ao negócio do michê, seriam basicamente três: gênero, classe, idade e um oculto, raça. A competente resenha publicada por Simões (2008) sobre a reedição recente do *Negócio do Michê* chama atenção para o pioneirismo e a importância atual das análises empreendidas por Perlongher. O conceito de zonas de deriva de David Matza, é interessante pelo distanciamento crítico que proporciona às teorias funcionalistas sobre o desvio, e foi articulado pelo autor à ideia de deriva, proposta por Deleuze e Guattari (1972), ampliando as possibilidades de reflexão sobre os deslocamentos de identidades sociais e de convenções sancionadas.

[54] Adriana Piscitelli, Julio Assis Simões e eu temos desenvolvido pesquisas nessa direção, a partir do projeto temático Fapesp, coordenado por Mariza Corrêa, intitulado *Gênero e Corporalidades* (em vigor entre 2005 e 2009). Além dos resultados já acumulados por tais investigações, é importante mencionar as contribuições valiosas de Isadora França (2006) e Camilo Brás (2008; 2010).

investigar as práticas que envolvem os erotismos, em meio a um universo que parece absolutamente central no mundo contemporâneo: o mercado. Além da constatação empírica de que para as novas alternativas eróticas esse universo é significativo, parto do pressuposto de que ele constitui atualmente uma figura das mais paradoxais. Nesse cenário, reúnem-se experiências que alternam, de modo intrincado, esforços de normatização e também de ressignificação e mudança de convenções sobre sexualidade e gênero. Tal complexidade não pode ser tratada, me parece, a partir de uma abordagem vulgarizada do marxismo que apenas denuncia e, de forma maniqueísta, as desventuras alienantes e instrumentalistas do mercado.

O propósito desse capítulo é aprofundar a discussão sobre o mercado erótico (produção, comercialização e consumo de bens eróticos), e pensar, de um lado, suas conexões mais gerais com o mercado – ou seja, com uma lógica, cuja operação implica a produção de diferenças a partir da oferta de produtos. A descrição etnográfica, nesse sentido, visa definir melhor certos conceitos, pensar sobre o lugar que diferença e transgressão ocupam em segmentos desse mercado e de como esse lugar incide na produção de corpos, além de, mais precisamente, refletir sobre a relação entre corpos e pessoas.

Interessa refinar, assim, os instrumentos analíticos referentes à operação de mercado e remarcar as noções já assinaladas por Peter Fry (2002), ao tratar dos produtos de beleza para a população negra, bem como a maior participação de modelos negros na publicidade brasileira. O autor analisa o modo como os produtos entram no mercado, indo contra as perspectivas que tomam os consumidores como vítimas passivas ou, ainda, aquelas que assinalam que os fabricantes seriam meros realizadores dos sonhos ou desejos dos consumidores. Essa produção é organizada para explorar todas as possíveis diferenciações sociais por meio de uma motivada diferenciação de bens. Fry, portanto, ao lidar com os novos segmentos de mercado para os

negros, toma cuidado para não presumir que estejamos diante de algo que apenas possa ser visto como resultante de uma demanda da classe média negra. De fato, o autor compreende tal processo como constituinte da formação dessa classe média.

A indicação acima é valiosa para evitar tratar a emergência de *sex shops* como mero reflexo de novas configurações nas relações de gênero ou de novos padrões para as práticas sexuais. Trata-se, antes, de um processo de direções variadas que implica, de um lado, a articulação entre sacanagem, autoestima, ginástica e prazer, perdendo, assim, seu sentido clandestino anterior. Por outro lado, regula certa constituição de etiquetas, para os praticantes, a partir de convenções de gênero e de sexualidade.

A pesquisa realizada, em São Paulo, mostra uma clara expansão do que parecia estar vinculado apenas a um dos segmentos do mercado erótico norte-americano, criando faces e recortes novos e intrigantes. Nele, eu notei efeitos do *erotismo politicamente correto*: a criação, que não data mais do que uma década, de *sex shops* em bairros de classe média alta, tendo como público-alvo de consumo mulheres com mais de trinta anos, heterossexuais e casadas que não frequentavam esse tipo de estabelecimento. Os dados apontam para uma interessante "feminização" desse mercado, tanto se considerarmos a comercialização quanto o consumo. Importante mencionar que estamos diante de um fenômeno em que há uma segmentação do mercado por gênero, combinada ou articulada a uma segmentação por classe, por idade e por região da cidade. Tal segmentação apresenta a seguinte configuração: quanto mais baixa é a estratificação social do público para quem a loja é organizada – e, na maioria dos casos, ela se localiza na região do centro antigo da cidade -, maior é o segmento masculino, com índices expressivos de homens mais jovens ou bem mais velhos (é alta a incidência de senhores aposentados ou desempregados, *motoboys* e *office-boys*). Quanto mais alta a classe social do público visado, pela loja, maior é o segmento

feminino, seja do ponto de vista das proprietárias dessas lojas, como das vendedoras, e das consumidoras[55].

Na direção inversa das visões que tendem a tomar o mercado ora como mero reflexo de demandas sociais ora como força manipuladora diante da qual o consumidor é passivo, temos esse nicho de *sex shops*, caso exemplar de um processo, certamente mais denso, de constituição de novas práticas e posições diante da sexualidade. Salta aos olhos que por intermédio do fenômeno caracterizado por uma espécie de retroalimentação entre demanda e oportunidades, as normatividades sexuais que regulam o controle da sexualidade feminina estão sendo modificadas. Inegavelmente, estamos assistindo a uma valorização dos bens eróticos e por iniciativa de mulheres (como produtoras, comerciantes e consumidoras). É importante não desconsiderar o fato de que se tratam, na maioria, de mulheres heterossexuais, com bom poder aquisitivo e não tão jovens.

Como se sabe, o mercado de consumo, sobretudo a partir dos anos 50, foi consolidado por e para mulheres. Sharon Zukin (2005) assinala que é preciso ter em mente o papel produtivo das mulheres no consumo de massas, não apenas como consumidoras, mas como estilistas, gerentes, publicitárias e especialistas em marketing. De fato, elas constituem o segmento de consumo mais significativo do mercado em geral, para o qual ele é organizado e diante do qual a demanda é "construída". Nesse sentido, não é de estranhar a introdução de novas modalidades de produtos em campos ainda pouco explorados. A questão intrigante nesse caso não reside no fato do comércio

[55] E, nesse caso, mulheres ou muito jovens, vindas em grupo, ou com idade superior a 25 anos, com maior poder aquisitivo. Este último constitui o nicho de mercado que foi criado recentemente, cujas lojas se concentram em bairros de classe média e média alta, cuja grande maioria de proprietárias é de mulheres. Também é relevante destacar que nas lojas investigadas há uma presença significativa de moças como vendedoras e, em todas as lojas que foram objeto de pesquisa de campo, encontramos uma maioria de consumidoras. Para a pesquisa de campo foram escolhidas lojas de diferentes tipos, observando várias características: tamanho da loja, localização, tempo de existência, tipo de clientela (aspectos socioeconômicos, etários, de gênero e de orientação sexual).

tentar abrir negócios no ramo erótico, mas o que explica o sucesso significativo e a visibilidade que ele tem alcançado.

O que é um sex shop, em São Paulo?

No tempo em que a pesquisa de campo foi feita, entre 2004 e o início de 2007, minha equipe e eu acompanhamos a conformação do mercado erótico em São Paulo, a partir de três nichos: um mais antigo (que, segundo nossas fontes, existe desde os anos 70), localizado na região central; um outro, criado a partir de meados dos anos 90, com lojas espalhadas por diferentes bairros de classe média do município de São Paulo - ao norte (Santana e Jaçanã) e nordeste (Belém, Tatuapé, Vila Carrão, chegando até Guaianazes); e o terceiro, que ganhou visibilidade na passagem do século, está localizado nos Jardins, se estendendo para a zona sul (principalmente, Moema e Vila Olympia). Situados no tempo e no espaço, segundo o mesmo padrão que acompanha os deslocamentos da centralidade do município, cada um desses nichos apresenta singularidades em relação ao tipo de empreendedor envolvido, os produtos em destaque e a clientela que frequenta o estabelecimento. Tais peculiaridades expressam – e esse é o material que interessa analisar - diferenças marcadas por gênero, por escolha sexual, por idade, por poder aquisitivo (raça e cor aparecem de modo sempre indireto e no viés).

Nos levantamentos feitos, nós contabilizamos 50 lojas no município e na Grande São Paulo e 34 lojas virtuais[56].

[56] Mesmo não sendo uma tarefa fácil ou não obtendo, como resultado, dados inteiramente confiáveis (pela provável invisibilidade fiscal de alguns estabelecimentos), chegamos a esse número pelo *Guia Sexy de São Paulo* (2004), por meio de pesquisa em sites de lojas, bem como de pesquisa empírica em campo, sobretudo via dicas fornecidas por informantes. No mapa, assinalamos 44 lojas no município, mas havia, naquele momento, mais seis, espalhadas pelos municípios da Grande São Paulo (Santo André, São Bernardo e Osasco). Como se verá a seguir, os dados divulgados pela ABEME são bem mais expressivos.

A localização das lojas pelo município e as datas aproximadas de suas criações acompanham o processo de mudança da nucleação do centro metropolitano. Os *sex shops* mais antigos e de conformação popular estão concentrados no centrão e expressam, de certo modo, o esgotamento urbanístico do Centro como local de empresas e bancos, seja a partir da degradação dos prédios antigos e ausência de espaço para construção de novos, seja pela falta de segurança sentida pelos empreendedores dada a presença pública da população de rua, dos trabalhadores informais e desempregados, dos camelôs etc.

Desde os anos 60, a expansão significativa dos escritórios na Av. Paulista criou uma situação também de esgotamento, não pela degradação, mas pela super valorização dos terrenos e imóveis: 75% dos terrenos da Paulista foram ocupados, nos anos 70 e na década seguinte, levando os preços foram às alturas. Os Jardins, área de ocupação mista e contígua à Paulista, sempre concentraram o comércio de elite para os estabelecimentos que investem em endereço com visibilidade. Esse é justamente o caso do nicho dos *sex shops* que atendem o público feminino de alta classe média e foi entre a Rua Oscar Freire e Al. Lorena que as primeiras lojas eróticas de elite divulgaram seus produtos e alternativas de consumo.

Nos anos 90, a criação dos *sex shops* na zona sul da cidade (sobretudo no Itaim, em Moema e Vila Olympia) acompanha de perto a expansão da centralidade rumo ao "vetor sudoeste", fenômeno estudado por Frúgoli e que representa "*a clara noção de uma nova centralidade com base em mecanismos de mercado e suas práticas e conceitos derivados – flexibilidade, atendimento ao cliente, prestação de serviços*" (Frúgoli, 2000:181). O surgimento do "Centro Berrini", em meados dos anos 80, como local específico de edifícios empresariais - que demandavam espaço e luxo funcional, sem precisar de endereço com visibilidade, como no caso dos conjuntos comerciais da Paulista - é exemplar desse deslocamento de

centralidade. O interessante é que tal nucleação não permanece fixa no espaço e no tempo. O autor chama atenção para a rapidez atual dos ciclos de ocupação e obsolescência das regiões centralizadas, dinâmica que explica a atual mobilidade da Berrini para os grandes terrenos da Marginal Pinheiros. Em seu estudo publicado em 1995, Frúgoli alerta que ocorre "*uma pulverização metropolitana da centralidade tradicional, que foi gradativamente deixando de ser a principal referência na cidade, com o surgimento espalhado de inúmeros centros, entre eles os novos 'centros especializados', funcionais, que demandam uma ocupação organizada*" (Frúgoli, 1995:81-82). Assim, nada garante que o local estratégico para abertura dos *sex shops* e a cartografia apresentada acima, não se modifiquem e em pouco tempo.

Começo a descrição pelo centro, mas antes, vale indicar que as informações sobre o quadro econômico que recobre as atividades das lojas, relativas a número de vendas, preço de compra dos produtos, por intermédio de importador e dinheiro que circula pelo negócio, são bem pouco confiáveis. Existe uma associação – Associação Brasileira do Mercado Erótico e Sensual (ABEME) – criada em meados dos anos 90 (alguns sites indicam 1995, outros 1997) por um publicitário, Evaldo Shiroma, que também é proprietário da JL Promoção de Eventos. Tanto a ABEME como este escritório de eventos, organizam o acontecimento mais importante do setor: as *Erótica Fairs*, feiras anuais que acontecem desde 1995, reunindo os principais lojistas, importadores e produtores, não só de São Paulo como de todo o país. Em nossas investigações, notamos que a totalidade dos dados expostos em reportagens e indicados pelos agentes do mercado, foram fornecidos pela ABEME. Contudo, essa associação não tem site na Internet, apresenta um telefone de contato que não atende, impedindo nosso acesso ao material de pesquisa para embasar os números divulgados. E os números são expressivos: o mercado em nosso país movimenta R$ 800 milhões por ano,

apresenta uma taxa anual de crescimento de 10% a 15%, existindo, atualmente, 700 sex shops e 50 fábricas de produção de acessórios (desde lingeries, fantasias até vibradores). Segundo os dados divulgados, São Paulo é o lugar de maior sucesso do empreendimento, perfazendo uma circulação de R$ 250 milhões/ano, com 150 sex shops que faturam R$ 50 milhões por ano.

Não é segredo que parte considerável de lojas opera sem muito rigor com o fisco e corre solta a reclamação em diferentes ramos de que, se todas as regras fossem seguidas e as taxas pagas, os negócios seriam economicamente inviáveis. Não é, pois, de estranhar encontrarmos no domínio do mercado erótico uma imprecisão até, à primeira vista, calculada: quanto mais vultosos os números, maiores as chances de novos empreendedores. E é isso mesmo que se nota ao pesquisar o campo. Todas as pessoas entrevistadas que abriram o negócio, sobretudo no terceiro nicho (o mais rico), alegam ter sido estimuladas por dados de pesquisa fornecidos pela ABEME.

Mesmo sem instrumentos adequados para apurar com maior rigor, a investigação qualitativa trouxe indícios que contestam a grandiloquência desses números e sugerem alguns parâmetros para desconfiar deles. No período da pesquisa, a maior fonte de importação e de franquias de lojas do município, em seguida do estado e, por fim, do país, era a empresa Ponto G. Criada em 1995, suas lojas têm um *lay out* próprio que é adotado por toda a rede de franquias e vendia produtos, até 2003, importados por uma distribuidora do mesmo proprietário[57]. O Ponto G tornou-se uma espécie de marco no universo dos lojistas do ramo: eles foram os primeiros a importar, em maior quantidade, uma variedade de estimuladores, dildos e vibradores,

[57] Para se ter uma noção, em 2000, a rede de franquias tinha aberto 25 lojas no país e divulgava, por meio da ABEME, o recurso necessário para abertura de uma loja: R$ 90 mil para um espaço de aproximadamente 60mt2, todo montado e com estoque inicial. Eles prometiam um faturamento mensal de R$ 30 mil. Conseguimos informações de gerentes da franquia, inclusive seus nomes, mas nos foi vetado o nome do proprietário.

bem como ensinaram os comerciantes a vender esses novos produtos no mercado, apontando e tomando como alvo o público feminino. Em 2004, contudo, vários entrevistados sugeriram que já não compravam seus produtos por intermédio da importadora e assistimos o fechamento de algumas de suas franquias. Em 2007, a Associação Brasileira de Franchising (ABF) excluiu a rede Ponto G de seus quadros filiados, depois que a comissão ética entendeu que o franqueador não cumpriu com suas obrigações.

Antes de ser um panorama seguro e de estável crescimento, a pesquisa revelou um esforço bastante significativo dos lojistas para manter seu negócio, por vezes tendo que adicionar estratégias para garantir, via mídia, uma visibilidade crescente, porém vicária em termos econômicos.

No centrão

Um morador de São Paulo ou um visitante familiarizado com a cidade conhece a Amaral Gurgel, rua sombreada em todo o seu trajeto por um teto-viaduto apelidado de Minhocão. Ele sabe, também, que ela demarca a fronteira (mais socioespacial do que definida pelas normas urbanísticas) entre o "centrão", centro histórico e antigo núcleo financeiro, e o início dos bairros de classe média e média-alta, em particular, Santa Cecília e Higienópolis.

Imagine-se debaixo desse viaduto, nas proximidades de uma das entradas do metrô, andando rápido entre uma borracharia, um bar e, logo em frente, um pequeno hotel usado para transações sexuais (antes de prostitutas, mais recentemente de travestis). No lado da rua contíguo ao centro, uma loja sem vitrine, mas com placa, indica o negócio: "loja de conveniência erótica", como remarca uma das duas vendedoras grudadas no balcão, folheando uma revista e sem querer muita prosa. A porta de vidro transparente não esconde

o que a loja vende e, ao passar por ela, prateleiras dividem o espaço aberto daqueles 100mt2.

Toda a parte central é ocupada pelas prateleiras com vídeos e DVDs eróticos – produtos dispostos segundo certa classificação (produções nacionais separadas das importadas) e, o mais importante, uma organização que tenta reunir as séries por tipos de práticas: sexo heterossexual, sexo entre homens, sexo "bizarro" (categoria êmica que reúne filmes diferentes com cenas variadas de zoofilia, outras com sinais de sadomasoquismo e ainda sexo entre anões e entre gente muito gorda)[58]. Ao primeiro olhar, as imagens se sobrepõem numa espécie de *melt-in-pot* de corpos e carnes. Contudo, a ordem é bem marcada: nas prateleiras mais próximas da porta e mais visíveis, as fotos mostram cenas de sexo entre homens musculosos e muitas mulheres, loiras oxigenadas com peitos grandes (principalmente quando os filmes são importados) ou morenas de coxas roliças (no caso, das produções brasileiras). Dentre a filmografia nacional (e a empresa de maior destaque é *Brasileirinhas*[59]) há quantidade considerável de filmes que sugerem a "preferência nacional" pelo traseiro (como na série que reúne mais de oito filmes com o título geral de *Anus Dourados*[60]), bem como alguns títulos que mostram uma influência das cenas e narrativas de algumas das historietas de Carlos Zéfiro: "Primas safadas", "As vizinhas quentes"[61]. Seguindo adiante,

---

[58] Para uma análise etnográfica detalhada e rica sobre a produção de filmes pornôs, no Brasil, sugiro a leitura da tese de doutoramento de Díaz-Benitez (2009) que, inclusive, trata das produções na cidade de São Paulo, dando destaque a como são selecionados os atores, a organização e execução dos filmes e todas as convenções de gênero e sexualidade que decorrem desses processos de criação. Ela investigou o lado *mainstream* do mercado que contempla, em sua maioria, as práticas pornográficas heterossexuais, gays e travestis e que incorpora fetiches considerados mais "leves", ou seja, não classificados como "bizarros" (como o sexo com pessoas obesas, idosas, grávidas ou a zoofilia). Para uma bela análise sobre o que o mercado toma como bizarro, sugiro a leitura de Jorge Leite (2009).

[59] A empresa produz filmes pornográficos que são hoje os mais expressivos e visíveis da produção nacional. Seus filmes mais conhecidos trazem atores de destaque no cenário público, como Alexandre Frota e a ex-chacrete Rita Cadillac. Para maiores informações e análise, consultar Díaz-Benítez (2009).

[60] A referência irônica desse título é a série produzida e veiculada pela Rede Globo nos anos 80, *Anos Dourados*, que retratava as experiências amorosas dos jovens dos anos 50, no Rio de Janeiro.

[61] Agradeço a Heloísa Pontes ter me chamado atenção para a semelhança entre alguns aspectos que conformam os enredos e personagens descritos e o material pornográfico produzido e veiculado nos famosos *Catecismos*. Carlos Zéfiro é o pseudônimo do funcionário público Alcides Aguiar Caminha (1921-

os títulos dos DVDs e as imagens vão descortinando cenas mais proibidas: primeiro, o sexo entre homens e, em seguida, nas estantes mais baixas e distantes ao olhar do leigo, sexo com algemas, correntes e chicotes, depois o coito com bichos (há uma certa predileção pelos cachorros), estrategicamente misturados ao sexo em que um dos parceiros é anão ou obeso.

A referência ao trabalho de Carlos Zéfiro, nesse caso, não é banal. Ele é tomado como o exemplar mais significativo de uma vertente popular e, hoje, tradicional da pornografia nacional. Seus *Catecismos* trazem elementos que indicam a relevância simbólica de certos traços que configuram não tanto o que caracterizaria a singularidade brasileira, como quer Roberto da Matta (1983), mas certamente uma vertente do erotismo que se desenvolveu aqui, dos anos 50 aos 70 do século passado, e que habitou a mente e práticas de uma geração de homens. Se hoje é possível dizer que estamos diante de uma multiplicidade de formas e propostas de erotismos, é inegável que os traços de Zéfiro ainda têm lugar. Os *sex shops* do Centrão revelam aspectos que dialogam de perto com tais referentes. Da Matta, ao apresentar a sua teoria da sacanagem a partir do material de Zéfiro, chama atenção para as características da ação e dos personagens que ainda fazem sentido, pelo que pude presenciar em campo. Há um traço claro de gradação no enredo das histórias: um primeiro momento, em que a mulher – por sua beleza e curvas – atrai o homem que, logo em seguida, inicia a "cantada". Logo que seduz a mulher, nas variadas narrativas, começa o que Da Matta chama de ritual de desnudamento, quando o olhar é decisivo e tem como mira o corpo feminino, em um movimento sequencial padronizado, da parte de cima para a parte de baixo e, depois, para o corpo masculino. Na gradação das ações, o objetivo

---

1992) que desenhou e publicou em preto e branco e ¼ folha de ofício mais de 500 pequenas narrativas. Carioca e boêmio, ele foi também compositor de sambas para a escola Mangueira em parceria com, entre outros, Nelson Cavaquinho. O anonimato de Carlos Zéfiro foi mantido até 1991 quando a revista *Playboy* revelou nome e biografia de Caminha. Zéfiro, Deus grego do vento. Na lenda de Psiquê, ele é mencionado como um mensageiro de Eros (Sergio Augusto, 1983).

aparente é o de alcançar os genitais. Porém, como destaca o autor, a sodomia é elemento constante, sendo sempre a mulher o alvo da prática. Segundo ele, esse ato deve ser visto não como uma ruptura ao modelo genital, mas como uma ação complementar ao coito vaginal. Não existem referências à homossexualidade nos quadrinhos de Zéfiro e os personagens são delineados a partir de sinais bem demarcados: os homens são ativos, ricos, controlados, experientes e todos bem dotados; as mulheres são pobres, confusas, passivas. Elas são figuradas, inclusive, em uma imagem dupla: inexperientes na posição de esposas moralistas ou retratadas como prostitutas e depravadas. Porém, com o correr das práticas sexuais essa caracterização rígida e polar dos personagens cede lugar ao comando das ações pelas mulheres, o que parece ter sido desabrochado por uma força interna. Todos esses elementos me parecem estar em total sintonia com os salientados por Bataille em sua teoria do erotismo dos corpos e que foi devidamente examinado no capítulo 1. Tanto lá como cá, o que está sendo assinalado pelos autores, antes de constituir a essência do erotismo ou a particularidade de um erotismo à brasileira, é um modelo perpassado por noções como o dimorfismo sexual, cujos efeitos implicam reforçar abordagens essencialistas e heteronormativas.

As convenções sexuais, de gênero, de idade e de preferências por "fetiches" são empregadas na loja de conveniência do Centrão de modo também rígido, tentando tornar ainda mais pleno o sentido do termo "sexo explícito". Fortes são também os modelos de próteses, consolos e vibradores (os termos são "nativos") dispostos em ganchos nas paredes laterais. Para vê-los, é preciso passar por entre as prateleiras dos vídeos e, para expressar a primeira sensação visual que tive, pareciam pedaços de carne morta: com a forma peniana (inclusive, glande e veias em relevo), eles são vermelhos, azuis ou verdes de coloração opaca e escura. Além do aspecto doente e levemente gangrenado, eles são embalados em um saco de acetato

transparente, fechado com um papelão plastificado sem qualquer compromisso com o *design* gráfico. Uma das vendedoras nos informou que esses produtos são da "indústria nacional".

Tempos depois, descobrimos que eram produzidos por uma empresa pequena de tipo familiar, com atuação no mercado há mais de vinte anos. O dono e sua esposa são proprietários de duas lojas (uma na Av. Ipiranga e outra no bairro da Penha), e da pequena fábrica dos consolos[62]. Existe uma diversidade considerável de pequenos empreendedores na confecção de lingeries e fantasias, a maioria deles envolvendo costureiras em produção doméstica. Dada a facilidade de acesso à importação de dildos, vibradores e estimuladores norte-americanos e suas cópias chinesas, a produção nacional de *sex toys* é limitada e de qualidade baixa, segundo depoimentos de diferentes lojistas[63]. O perfil desses empreendedores, pelo que os dados permitiram apurar, caracteriza o negócio como de tipo familiar, envolvendo outros parentes, além de marido e mulher; no caso dos produtores de dildos, os sobrinhos (um deles já se estabeleceu no mercado, vendendo *lingeries*). A família não está preocupada com pesquisas de mercado, orientações de *marketing*, tampouco com a tendência – que será exposta a seguir, a respeito de outros nichos do mercado – de veicular os produtos e serviços pela mídia. Outra característica desse tipo de empreendimento é a baixa preocupação com a modernização tecnológica, empregando apenas o plástico duro, o látex e não o silicone ou, mais recentemente, o *cyberskin*.

---

[62] O nome da empresa está ocultado de modo a preservar a privacidade dos envolvidos que, mesmo com a nossa insistência, não aceitaram fazer parte da pesquisa.

[63] Segundo informação da **ABEME**, 75% dos *sex toys* são importados, principalmente dos EUA e da China, e seus preços variam de R$ 70 a R$ 800, sendo os norte-americanos os mais caros. Existe variação de preços entre produtos idênticos, a depender da localização da loja na cidade: os que custam mais caro são vendidos nas lojas dos Jardins. Encontrei produtos nacionais apenas nas lojas do Centro e em algumas de bairro, como a loja pesquisada na Vila Carrão. Mas, mesmo ali, o produto não é aconselhado pela vendedora – que os considera mal feitos e até perigosos (existe o risco de quebrarem em meio à operação).

Além dos poucos lingeries à venda e de uma pequena variedade de fantasias (roupas de vinil), essa loja tem cabines de "*peep show*" [64] onde os consumidores podem assistir aos vídeos, com privacidade. Boa parte das *sex shops* do centro, com exceção das pequenas lojas de galeria (como as da Rua 24 de maio), fornecem esse tipo de serviço que é raramente oferecido pelas lojas dos outros nichos. Nesse *sex shop* da Amaral Gurgel, os clientes das cabines são homens com mais de 40 anos ou jovens de até 25 anos: aposentados ou desempregados e os motoboys, sobretudo durante o dia. Em outro *sex shop* que também oferece o serviço das cabines – um bem próximo à Av. Paulista – a frequência é diferente e apresenta certa variação se considerarmos o período diurno ou noturno. De dia, homens engravatados e jovens entram na loja para o uso das cabines, sobretudo no horário do almoço. A partir das 18 horas e durante a noite, a clientela continua masculina, porém com predominância de gays que, inclusive, usam juntos (em casais ou em grupos) as cabines. Ali, e nesses horários, o lugar deixa de ser apenas um estabelecimento de comércio e passa a ser também universo de sociabilidade e, provavelmente, local que participa do circuito GLS da cidade.

Longe de serem politicamente corretas, as lojas eróticas do Centrão representam um tipo de empreendimento com aspectos semelhantes ao modo como a pornografia sempre circulou: um negócio para o desfrute masculino, com clara e direta conotação sexual. As poucas mulheres nessas lojas são vendedoras e as compradoras, na maioria, profissionais do sexo que atuam nas redondezas. A presença de pesquisadores é tão estranha naquele cenário que quando minha aluna entrou em uma loja pequena de uma das galerias da

[64] *Peep* na língua inglesa apresenta, como um dos seus sentidos, espiar, espreitar. Esse é o caso: cabines para assistir cenas de sexo explícito. No caso das cabines das lojas investigadas, os filmes são escolhidos pelos usuários a partir de canais e com duração aproximada de sete minutos. Para cada sessão, o usuário compra uma ficha que custa R$1,50. Existe variação considerável dentre os canais de filmes, considerando todas as lojas. De qualquer modo, todas as lojas com cabines fornecem mais de 20 canais e existe uma divisão entre canais de sexo homossexual, sexo heterossexual e uma variação bem menor de sadomasoquismo e sexo com travestis.

Rua 24 de Maio, depois de ter se apresentado e dito que estava ali em observação de pesquisa, viveu a seguinte situação:

> "Vendedor: *Vocês inventam cada desculpinha!*
> Pesquisadora: *Vocês?*
> Vendedor: *Vocês putas, vem aqui só encher o meu saco!*
> Pesquisadora: *Infelizmente, eu não sou puta, sou pesquisadora mesmo!*
> Vendedor: *Aqui só vem puta ou desocupada. Eu não dou entrevista, não falo, não deixo tirar fotografia, nem usar o nome da loja. E não tenho cartão. E se você não for comprar nada, não demore muito! Pode espantar os clientes!* "(notas do diário de campo, janeiro de 2005)

Do ponto de vista das convenções do mercado erótico, o que a situação ilustra se relaciona a uma modalidade de pornografia em que a fronteira entre a transgressão e o sancionado é claramente demarcada e já traz inscrita a marca de gênero: mulher ali atrapalha o negócio. Interessante notar que se essa concepção foi predominante até há pouco tempo, hoje ela carrega o sinal de classe baixa. Essas lojas são organizadas por empreendedores de estratos mais baixos de classe média e para um público popular.

Os sex shops de bairro

Até fazer a pesquisa não imaginava encontrar lojas de produtos eróticos em bairros como Santana, Tatuapé, Penha ou Jaçanã. Bairros de ocupação antiga e compostos, sobretudo antes de 1980, por segmentos de classe média baixa e por imigrantes, hoje são regiões com projetos imobiliários rentáveis e caros, que oferecem serviços e núcleos de comércio à população de alto poder aquisitivo. Encontramos no Tatuapé e em Santana, por exemplo, *sex shops* que ilustram bastante bem esse cenário de mudanças no quadro social e urbano, representando um perfil distinto das lojas do

Centrão: com a preocupação de atingir consumidores das classes médias altas, oferecem produtos para casais (cosméticos eróticos, dados e cartas para as brincadeiras sexuais[65]). Os demais estabelecimentos, nos outros bairros mencionados, possuem um perfil ligeiramente diferente. Tratam-se de lojas cujos proprietários também fabricam produtos: lingeries (Brás), consolos e cosméticos (Penha) e acessórios sadomasoquistas (Juaguaré).

Do ponto de vista empresarial, as lojas de bairro constituem caso distinto se comparadas às do centro. No Centrão, a maioria dos *sex shops* tem vendedores e proprietários homens, sendo os lojistas membros das classes médias baixas. Nas de bairro, encontramos lojistas de estratos médios e a participação mais efetiva de mulheres, seja como vendedoras, seja como proprietárias. Esse é o caso da dona da loja do Tatuapé, cuja história parece exemplar do quadro sociológico dos empreendedores eróticos de bairro. Lívia veio do interior do Rio Grande do Sul para trabalhar como secretária. Travou amizade com uma moça, em um salão de beleza, que trabalhava em um *sex shop* no centro[66], indicando para ela esse novo emprego. Trabalhou como vendedora nessa loja por quatro anos. A loja fechou e ela foi contratada por uma proprietária de outra *sex shop* em Moema[67]. Ganhou a confiança da dona, foi promovida à gerente e, depois de três anos de economias guardadas, Lívia virou lojista: comprou o estoque de produtos e o ponto da loja do Tatuapé. Seu empreendimento tem uma marca singular: diferente do padrão estabelecido pelo antigo proprietário, Lívia demitiu o

[65] Cosméticos eróticos são lubrificantes e cremes aromatizados, os dados e as cartas de baralho trazem desenhos com posições para jogos sexuais.

[66] A loja foi fechada em 2001 e era da propriedade de um alemão que voltou ao seu país depois de anos no Brasil, período em que vendia produtos e ensinamentos práticos de sadomasoquismo. A loja ficava na Rua Barão de Limeira: no andar de baixo vendia-se acessórios como roupas de látex e vinil, algemas, arreios, chicotinhos, dildos e vibradores; no andar de cima, vídeos eróticos variados e, em uma sala à parte, a amiga de Lívia recebia clientes para atendimento sadomasoquista.

[67] Essa loja foi aberta em 1995 e é conhecida pelo setor por ter se especializado na venda e aluguel de vídeos e agora DVDs. Ela também oferece o serviço de cabines. A proprietária já não atua no mercado, tendo passado o ponto para um terceiro. A loja é bem grande e apresenta as características das boutiques eróticas: uma decoração clara e bonita, bom relacionamento com a mídia e demais lojistas da região. Tem como objetivo atingir o público consumidor feminino e, com exceção dos clientes que procuram as cabines, o consumidor mais assíduo da loja são mesmo as mulheres.

vendedor homem, contratou uma moça (ensinando-lhe a atender os clientes com atenção e explicações detalhadas sobre os produtos), redecorou o ambiente interno e diversificou as estantes com acessórios importados. Trata-se de um caso a revelar que a sua experiência no setor se fez de modo gradual. Partiu do conhecimento adquirido no centro até atingir a posição de gerência em loja para clientela de classe média alta e, acumulado algum capital, ela comprou o ponto no bairro de classe média, difundindo nesse novo ambiente os padrões do comércio erótico de elite.

A tendência mais recente das lojas de bairro tem sido a de abrir o negócio erótico para atingir um público familiar e feminino. Como notamos em campo, nem sempre a meta é alcançada a contento. Nessas lojas de bairro, os homens ainda são os consumidores mais numerosos, mas quando pedem explicações ou sugestões nas compras, se referem às esposas ou namoradas. As mulheres, mesmo em menor contingente, compram mais e produtos mais caros (estimuladores, além dos cremes, *lingeries* e fantasias)[68]. Uma das estratégias para alcançar esse segmento é, segundo os vendedores e o material de divulgação utilizado por eles, a de oferecer um serviço diferenciado: atendimento personalizado e entregas em domicílio. O risco de exposição dos clientes é maior em regiões residenciais e onde as relações face-a-face são marcantes, de modo que garantir a discrição não constitui empenho de *marketing*. Gostaria de chamar atenção menos para essas estratégias e mais para o fato de já notarmos, nos bairros, um nicho de empreendimentos eróticos, visando casais. Há um esforço de "não chocar" presente na retórica das pessoas que trabalham nessas lojas e, sobretudo, no modo como apresentam os produtos, a disposição dos mesmos no espaço e,

[68] Nas sete lojas que foram investigadas com maior detalhe, nos bairros mencionados, a presença de mulheres consumidoras *in loco* era diminuta, com exceção do *sex shop* do Tatuapé (que talvez tenha um público feminino mais expressivo, em função de se localizar ao lado de uma estação de metrô e de uma faculdade) e o do Brás, especializado em *lingeries* femininas.

principalmente, as explicações fornecidas para o uso. Uma pornografia para os casais e para a família? Vejamos.

O *design* interno das lojas apresenta um mesmo padrão de distribuição: da entrada, tem-se acesso visual às fantasias e *lingeries*; ao passar para uma nova sala, depara-se com os cosméticos (gel, lubrificantes e cremes para estimular) e com as brincadeiras (dadinhos, cartas de baralho); e, finalmente, avistam-se os *toys* (consolos, estimuladores, bombas de extensão peniana etc.). Essa organização, mais comum do que se imagina, à primeira vista, dá o que pensar. Existe nela a gradação, ritmo da ação erótica assinalado por Da Matta (1983): o espaço da loja mostra, aos poucos e num calculado jogo de esconde/expõe, produtos considerados picantes, porém menos chocantes, e aqueles que sugerem desejos menos convencionais.

A retórica dos vendedores assinala a estratégia de evitar que o consumidor potencial fique constrangido com os objetos à venda. É interessante salientar a noção de que *lingeries* e fantasias sejam produtos mais palatáveis ao gosto moral dos clientes. Nas hierarquias dessas pornografias, vestir o corpo para o sexo e produzir uma *performance* que evoca posições sociais seriam, nesse sentido, práticas menos chocantes (leia-se mais normais) do que os *toys* de estimulação. Ou ainda: a estimulação visual – adornar o corpo para – situa-se nesse mapa de modo menos transgressor do que a estimulação direta do corpo, sendo o objeto que pode chocar mais, justamente, aquele cuja materialidade física afasta, em tese e apenas em tese, a relação entre dois corpos humanos. Examinemos com calma essa hipótese.

Os produtos expostos nas vitrines e que colorem os ambientes internos são fantasias femininas variadas (enfermeira, colegial, tiazinha, dançarina de ventre, empregada, entre outras) e lingeries, também femininas e provocativas. Conforme a observação feita por vendedores em lojas: enquanto as mulheres procuram e compram fantasias de “tigreza” e

bombeira, os homens compram para elas fantasias de colegial e empregada doméstica. Ainda que o tecido empregado varie de qualidade, há uma constância das cores fortes (vermelho e roxo), da transparência dos panos, couros, plásticos brilhantes e plumagens. As fantasias, as calcinhas e *soutiens* sugerem uma sensualidade cujas convenções parecem sublinhar dois sentidos: o de ser "vulgar" e o de ser para o corpo "feminizado" [69]. Não são oferecidas fantasias masculinas e são raras as cuecas – estas aparecem nas lojas para o público homossexual masculino. Esse fato não elimina a possibilidade de que homens comprem *lingeries* femininos, inclusive, para uso próprio [70].

O relevante no caso parece ser que as inscrições de gênero são coladas a uma modalidade de sensualidade que enfatiza o "vulgar". A materialidade corporal associada a um sexo pouco importa, mas não o sentido de vestir, feminizando e tornando obsceno. Chama atenção também essa correlação entre a transparência dos tecidos, como o *voile* ou a renda, contraposta à impermeabilidade do couro ou do plástico: o jogo de entrever e sentir o calor das partes íntimas ou o de vedá-las, interditando-as ao olhar, mas também ao toque. Na pornografia, a escolha dos materiais e o modo como são empregados aludem contrastes, através de sinais exagerados. Mais do que tornarem explícitos são jogos de mostrar, de esconder, de deixar entrever ou de interditar. Tanto o modo como os produtos são dispostos no espaço da loja como o uso desses materiais apresentam o movimento análogo ao do *striptease* que "*desenvolve no tempo os termos de um código que é o do enigma: promete-se, desde o início, a descoberta de um segredo, depois essa*

---

[69] "Feminizado", no caso, implica que o corpo vai ser dotado desse sentido, não importando se é o corpo da mulher ou do homem.

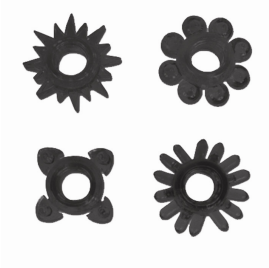
[70] Esse tem sido um caso repetido por vendedoras de lojas diferentes: homens heterossexuais procuram calcinhas e *soutiens* de tamanho "GG" e alguns deles, em seguida à compra, vestem os acessórios no vestiário da loja. Para uma análise rica sobre o caso de *crossdressers* na cidade de São Paulo, consultar Vencato (2009).

revelação é retardada ("suspensa") e, finalmente, simultaneamente realizada e retirada." (Barthes, 1979:154).

Os marcadores de gênero, no caso das fantasias, combinam feminilidade a atividades profissionais que evocam assimetrias sociais ligadas à subalternidade ou ao controle: posições de cuidado (enfermeira e empregada doméstica), de conotação do que hoje se chamam de pedofilia (colegial), as que sugerem sensualidade animal ("tigreza" ou coelhinha) e as de domínio (bombeira, militar, polícia). O corpo feminizado é o corpo vestido para depois ser despido e não são oferecidas nem demandadas fantasias para vestir o parceiro que se relaciona com a figura performada. As convenções em destaque nas fantasias remarcam as posições de cuidado ou de controle, mas com o sentido da paródia. A ironia perpassa os produtos, a sua materialidade e formas. As fantasias não são uniformes: são feitas para jogar, iludir, aproximar e afastar os sentidos evocados pelo referente. Assim, a saia curta e rendada da enfermeira, deixando aparecer a calcinha vermelha e o mini jaleco com decote profundo com a enorme cruz (também vermelha) indicam o jogo de cuidar e, sensualmente, castigar.

Se *lingeries* e fantasias são, do ponto de vista dos lojistas de bairro, os produtos mais palatáveis aos olhos dos consumidores "de família", os anéis penianos são os *toys* que menos ameaçam o público masculino. Esses objetos são os primeiros a serem vistos quando adentramos o espaço destinado aos estimuladores, dildos e vibradores. Tratam-se de pequenos anéis de borracha siliconada para ser vestidos no pênis, tendo como efeito mantê-lo endurecido. Além disso, a peça traz acoplado um vibrador miúdo para estimular o clitóris. A concepção desse *toy* é a de que a estimulação venha acompanhada da penetração vaginal com a presença do pênis. O que significa: esse é um brinquedo para ser usado por um casal formado por um homem e por uma mulher. O suporte corporal masculino é, nesse caso, imprescindível, o que já não ocorre de modo necessário quando se trata dos

dildos ou outros estimuladores, inclusive os de forma fálica. Ao nos determos sobre o sentido destes anéis (mas também no das capas penianas), fica evidente a sua função complementar ao pênis, que no caso, não é subtraído nem passível de substituição.



Anéis penianos

A heteronormatividade é bem valorizada nas lojas de bairro, sobretudo a noção de que é possível abrir negócios eróticos em regiões onde vivem famílias, desde que o que o produto de venda tente – ao menos em parte – preservar o divertimento para o casal.

As boutiques eróticas

A marca feminina sobre o mercado erótico é significativamente acentuada no segmento mais rico: nas lojas dos jardins, mas também na parte abastada da zona sul, como Moema e Vila Olympia. O primeiro *sex shop* com tais características foi aberto em meados de 1990 e se localiza em Moema, mas foi apenas a partir de dezembro de 2003 que esse nicho adquiriu visibilidade com o lançamento da *Club Chocolate*. Filial de uma loja aberta em 2000, no Rio de Janeiro, ela foi inspirada na *Collete* de Paris – grande difusora de lojas que misturam produtos de design, moda e gastronomia. A *Club Chocolate* traz projeto arquitetônico[71] arrojado de três

[71] Os proprietários da *Club Chocolate* são Cláudio Maurício e a Riopele, uma empresa têxtil portuguesa. O projeto arquitetônico é de autoria de Isay Weinfeld, arquiteto premiado internacionalmente e especializado em projetos de lojas e restaurantes.

andares abertos e, no último, uma porta de correr inteiramente espelhada separa um espaço fechado de 25 metros quadrados chamado *Clube das Meninas*. A placa na porta indica que é proibida a entrada de animais, crianças e homens e, dentro, as paredes cor-de-rosa expõem *lingeries* sensuais e "*chics*"[72]. As algemas com peles estilizadas de onça, chicotes customizados e alguns acessórios ficam guardados em gavetas e são mostrados apenas quando as consumidoras solicitam.

Em maio de 2004 foi inaugurada a *Maison Z,* em um dos sobrados mais cobiçados e de aluguel elevado da Al. Lorena. Essa loja é propriedade de duas mulheres jovens, ricas e bem relacionadas[73] que resolveram investir no ramo erótico, depois de assistirem em Londres a uma palestra de Anita Roddick, a famosa criadora e dona da marca inglesa de cosméticos atinados com a preservação do meio ambiente: *The Body Shop*. Nessa palestra, souberam que as filhas de Anita, Justine e Samantha, eram as donas de um *sex shop* de luxo em Londres, a *Coco de Mer*, que busca atingir o público feminino rico com acessórios eróticos caros[74]. Inspiradas pela ideia de que é possível associar certos produtos eróticos a noções de elegância e de sofisticação, as donas da *Maison Z* ajudaram a consolidar esse novo nicho

---

[72] A maioria dos *lingeries* vendida na *Club Chocolate* tem marca internacional como Dior ou Dolce Gabana e, especialmente, da Madame V, uma marca brasileira que exporta 95% de sua produção. Interessante que o site dos *lingeries* feitos no Brasil e de empresa cuja proprietária é brasileira está em inglês e a frase de chamada é "Seductive Lingerie from Brazil". A média de preços das calcinhas está acima de R$ 70,00.

[73] Patrízia Curi e Izabel Collor são as organizadoras e sócias majoritárias do empreendimento, mas contam com sócios capitalistas, cujos nomes não quiseram revelar. Patrízia e Izabel são formadas em Publicidade. Antes de abrir esse negócio, Patrízia trabalhou na Daslu (a loja multimarcas de luxo mais conhecida de São Paulo e, recentemente, envolvida em escândalos fiscais) que costuma contratar, como funcionárias, moças de famílias ricas e conhecidas da cidade; Izabel trabalhava na parte de promoções e *merchandizing* da Nestlé. Segundo a gerente da loja que nos concedeu entrevista, as duas são *socialites*: moças de famílias de elite que convivem em um mesmo círculo social.

[74] Anita Roddick montou sua primeira loja de cosméticos artesanais em 1976 e, em poucos anos, transformou o pequeno negócio de Brighton, no sul da Inglaterra, em uma das lojas mais conhecidas da Europa. Preocupada com o meio ambiente e ligada ao Greenpeace, Anita foi patrocinadora de campanhas variadas em parceria com Dalai Lama. Em 1998, ela lançou uma campanha para aumentar a autoestima de mulheres que acompanham, inegavelmente, o empreendimento erótico das filhas. Todos os produtos da loja são desenhados de modo a estimular o prazer de mulheres, mas de mulheres consideravelmente abonadas: lá são vendidos produtos caros, os mais baratos custam em torno de sessenta libras e feitos a partir de *design* sofisticado e com matérias nobres: *Jimmyjane Gold* é um vibrador feito em ouro (custa aproximadamente duzentos e cinquenta libras) e o *Leloyva vibrator* é feito artesanalmente em estanho (custa mais de setecentas libras).

que tem, como principal característica, o investimento para atingir o segmento de consumidoras de luxo. Uma das estratégias que formularam foi a de tentar diferenciar a noção corrente de *sex shop* para a de *erotic shop* ou boutique erótica. É o que pudemos observar na entrevista realizada por ocasião da coleta de dados:

> Pesquisadora: O que significa diferenciar o *erotic shop* do *sex shop*?
> Gerente: Significa que *sex shop* já é uma coisa cravada na cabeça das pessoas, a gente sabe o que é *sex shop,* no Brasil: é *underground* mesmo, é "submundão": é escuro, tem uma mulher que vai estar lá e vai te falar, como se fosse uma impressora, o que é um vibrador, ou não vai te explicar e vai te olhar feio, vai te estranhar. Aquelas coisas, aquelas embalagens sujas, aquilo ali que você não vai entender nunca. Coisa que você olha e fala: Gente! É um mundo muito longe do teu, sempre muito longe do teu. Acho, na verdade, que é o que atrai, principalmente o mercado masculino, por ser uma fantasia, uma coisa longe da sua realidade. Quanto mais longe da sua realidade, melhor para algumas pessoas. Então, algumas até gostam de *sex shop* pra poder entrar na fantasia. Mas é diferente de *erotic shop*. Eu acredito que *erotic shop* seja uma coisa... é ... não mais didática, mas mais... claro, mais *chic*, né?, mais limpa, (mais) quase uma clínica... não uma clínica é horrível. Mas assim...é muito mais limpa mesmo, imagina uma coisa: agora a loja está no oitavo andar, quer dizer, é totalmente o contrário do *underground*, né? Quando a gente estava na casa da Lorena tinham dois andares e a *erotic shop* ficava no segundo andar. Você entra num mundo desconhecido, mas que você vai se familiarizar. Quando eu atendo um cliente, eu quero que ele se familiarize, que ele realmente perceba e acredite que aquilo ali pode fazer diferença, que aquilo não é uma brincadeira, mas aquilo é realmente saudável. Porque tem muita gente que, não é que tem problemas, mas não sabe até onde o prazer pode chegar. (trecho de entrevista feita com Sonia, gerente da *Maison Z*, agosto de 2006)

Esse depoimento ilustra as implicações sociais das boutiques eróticas sobre as normatividades de gênero e sexualidade: ao segmento feminino com pretensões de elite se vende produtos em um ambiente, cujas referências e sinais pretendem afastar um conteúdo sexual caracterizado como sujo. A sujeira, no caso, é inteiramente erotizada, ainda que o termo erótico seja o

sinal de distinção desses estabelecimentos em relação aos demais *sex shop*s. O sujo atrai os homens, o limpo – o que remete ao leve cheiro de lavanda que exala dos espaços da loja – pretende tornar familiares os produtos que são vendidos a partir de uma retórica que intenciona, além do consumo, ensinar a tornar o prazer algo saudável. Essas ideias constituem o cerne do erotismo politicamente correto analisado no capítulo anterior. Contudo, diferente deste, a proposta das boutiques eróticas supõe uma fissura de gênero: erotismo com transgressão é masculino; erotismo com sofisticação, luxo e saúde, é feminino[75].

De fato, a *Maison Z* – bem como o Clube das Meninas, a *Doc Dog Fetish*[76], a *Revelateurs*, a *Love Place*[77] – atendem a um público 80% feminino, 15% de casais e 5% de homens, comprando produtos para namoradas, esposas ou amantes[78]. A loja funcionou durante um ano na Al Lorena, tendo depois se transferido para um apartamento de 50 metros quadrados no oitavo andar de um prédio da Al Casa Branca, rua próxima do endereço anterior. Esse fato não é sem importância: o sobrado da Lorena era um endereço de visibilidade, mas com um custo considerável incompatível, em termos econômicos, com as vendas concretamente efetuadas. Depois de um ano, mudaram para o apartamento mais barato, mas ainda nas imediações e o negócio passou a girar em torno das vendas por internet. O padrão parece ser esse: o primeiro passo é o de divulgar a marca e tornar público o

---

[75] Essa noção que associa *sex shop* a algo obscuro também faz parte da retórica e do conceito de outras lojas que foram investigadas por nós de modo prolongado, como a Love Place.

[76] Doc Dog Fetish era uma *erotic shop,* aberta no final de 2005 e fechada em 2008, ligada à loja Doc Dog, uma multimarcas de roupas modernas para jovens de classe média alta.

[77] A Revelateurs foi aberta em 1995, sendo o primeiro *sex shop* para o mercado feminino de elite. Até hoje, ela funciona em Moema. Trata-se de uma loja grande que vende produtos importados. A Love Place é de propriedade de uma moça japonesa, Denise Sato, formada em Turismo. Essa loja, aberta em 2001, fica ao lado do Shopping Center Ibirapuera e atende majoritariamente a um público feminino de classe média alta.

[78] Esse dado foi fornecido pela então gerente da *Maison Z,* a partir de levantamento feito pela loja nos primeiros seis meses de seu funcionamento. Desse modo, o dado se refere à coleta feita no ano de 2004. Esses números não são muito distintos daqueles que aparecem nas publicações das lojas, nos sites e divulgações da ABEME. Trata-se de informações que não podemos checar com sistematicidade. Porém, o dado combina com nossa impressão qualitativa, em pesquisa de campo, sobre a alta incidência de mulheres, como consumidoras, nas lojas investigadas.

empreendimento e seus produtos e, depois de ter o negócio mais conhecido, realizar o lucro com as vendas "sem exposição". As lojistas argumentam que a mudança acompanha a demanda da clientela: de modo a evitar o constrangimento das consumidoras, elas realizam a venda com entrega a domicílio, bem como organizam palestras e cursos sobre sexualidade e autoestima.

A descrição que se segue é a do sobrado de dois andares, local onde foi feita a pesquisa de campo e que apresenta as peculiaridades deste nicho. Seguindo o mesmo sentido de gradação presente nos *sex shops* de bairro ou mesmo das estantes de DVDs, das lojas do Centrão, o segmento "*chic*" também apresenta os produtos como numa encenação de *strip tease*: os objetos vão sendo desnudados com vagar. De modo a evitar a associação com o *underground*, essa loja investiu na organização e exposição dos produtos a partir do eixo baixo e alto: primeiro e segundo andares. No primeiro andar, perto da entrada, um armário com joias e bijuterias e uma mesa com produtos variados (*nécessaire* estampado com imagens eróticas, caixas cobertas por fotografias de nus, quadrinhos, sabonetinhos em formato de bumbum ou seios). Ao lado dessa mesa, um "pequeno cenário" era composto por um sofá vermelho e prateleiras com sabonetes, cremes para massagem e sais de banho. Nesse espaço também eram expostos *lingeries* e roupas. Aliás, para ser mais precisa, a maioria desses *lingeries* era de um tipo que pode ser usado como roupa.

O segundo andar era dividido em três ambientes: espaço de *lingeries*, "biblioteca" e "*erotic shop"*. Nesse andar, as lingeries eram para ser usadas exclusivamente como roupas de baixo – nas suas versões para o dia a dia ou mais sensuais e sedutoras. Encontramos conjuntos de calcinhas, *bodies*, *soutiens*, pijamas coloridos (brancos, rosas, amarelinhos); modelos imitando *pin-ups* ou biquínis; lingeries pretos, alguns com cores mais fortes

(vermelhas e laranjas); calcinhas com amarrações diferentes, *robies du chambre* com transparências, rendas, paetês, plumas. A biblioteca consistia em um sofá, uma mesa com alguns livros, e uma estante com TV/DVD e filmes. Os livros, nacionais e importados, versam sobre comportamento: *Como sair de uma saia justa, Conhecendo melhor os homens* e o livro da série *Sex and the City*. Os DVDs são eróticos (todos importados) e a coleção completa das temporadas de *Sex and the City*[79].

Vibradores *Rabbit*

A primeira prateleira do espaço dedicado ao "*erotic shop*" apresentava variados estimuladores femininos (ovos vibratórios ou bolas de pompoar[80]), kits femininos com óleos e gels (lubrificantes que esquentam ou que esfriam, muitos com diferentes sabores como baunilha, menta ou morango). Ao lado dessa prateleira, um armário com alguns acessórios, como capas penianas, algemas, brincos para mamilos e poucas fantasias (bailarina e colegial). Ao fundo, finalmente, a prateleira com vibradores (*rabbits* de diferentes cores e tamanhos), estimuladores em forma de calcinha (*butterfly*), além de produtos

[79] *Sex and the City* foi uma série produzida pela HBO, canal a cabo norte-americano, que estreou em 1998. Essa série foi baseada em um livro escrito por Candance Bushnell, a partir de sua coluna homônima no *The New York Observer,* na década de 90. A série apresenta as aventuras e desventuras amorosas e sexuais de quatro mulheres solteiras, profissionais e da classe média alta nova iorquina. A referência dessa série é apresentada de modo explícito pelas boutiques eróticas paulistanas: não só as séries são vendidas, como também os produtos fazem alusões às personagens e ao gosto de consumo dessas personagens. O espaço da *Maison Z* dedicado aos *sex toys* tem o nome de Samantha Jones – a personagem mais sexualizada das quatro e que presenteou suas amigas com *rabbits* em um dos episódios mais famosos da série. *Rabbits* são estimuladores vibratórios com forma fálica e com movimentos giratórios.

[80] Bolas de pompoar, também conhecidas como bolas tailandesas, são usadas no pompoarismo, antiga técnica oriental, derivada do tantra, que visa o prazer sexual através da contração e relaxamento dos músculos circunvaginais.

para sexo anal – *plugs* com ou sem vibradores[81]. Todos os produtos dessa parte da loja, com exceção de alguns gels, são importados. Segundo a dona da loja, os produtos brasileiros são de péssima qualidade.

Plugs

Em nossas sessões de observação, nessa boutique erótica, assistimos as vendedoras atendendo clientes. Havia uma recorrência nas falas: elas assinalavam que já experimentaram tudo e todos os produtos eram muito bons: "*Esse gel é ótimo, eu já usei e realmente tive orgasmos mais prolongados com ele*". Algumas explicações apresentavam um tom médico, mas sempre baseadas na vivência pessoal: "*esse lubrificante dilata os vasos e dá mais prazer*", "*o plug relaxa a musculatura e facilita a penetração anal*", "*para o homem a sensação de frio é melhor, já para as mulheres é o calor que aumenta o prazer*." Além disso, elas davam um jeito de associar, ao discurso, a ideia de que as mulheres modernas e ousadas devem usar esses produtos e lutar pelo seu prazer: "*Esse estimulador eu indico para casais que gostam de ousar, de tentar coisas novas*", "*Você é quem deve mostrar para ele as novidades, mostrar como se usa, mostrar que isso vai aumentar o*

[81] *Butterfly* é um vibrador clitoriano com forma de borboleta que, com o apoio de elásticos, pode ser vestido como se fosse uma calcinha. Os *plugs* anais são formas cônicas (largas na base e sendo afinadas na ponta) feitas de silicone ou látex. Para uma caracterização e análise dos dildos e vibradores, ver capítulo 4.

prazer dos dois.", "*Você também pode usar esse estimulador sozinha, quando você estiver no seu momento de prazer*"[82].

Interessante remarcar dois aspetos: diferente das lojas de bairro, as boutiques eróticas não investem tanto em fantasias, apenas nos *lingeries*; contudo, como nelas, há também uma tentativa de produzir o que chamam de "familiaridade" em relação aos produtos e ao prazer saudável que podem provocar. Saúde e uma espécie de educação para o prazer são os elementos que caracterizam o erotismo das boutiques de classe alta. A seguir, apresento duas cenas que ilustram como esse padrão tem se difundido para outras práticas.

Cena 1: A mulher diamante

Domingo, 8:30hs da manhã. Sala de conferências de um flat dos jardins em São Paulo. Eu e minha aluna ganhamos de cortesia uma participação no curso "Mulher Diamante" oferecido por Nelma Penteado. Na antessala estavam expostos lingeries, cosméticos e acessórios de sex shops para venda. Na sala, encontramos sentadas aproximadamente 50 mulheres: a maioria de classe média, profissões variadas com empregos em relações públicas, dentistas, secretárias, muitas com pequenos negócios. Grande parte delas na faixa dos 30 anos ou mais.

A espera e o silêncio constrangedor foram cortados com um som estridente e a apresentação de Nelma Penteado – *"Ela já deu palestras para mais de 1 milhão de mulheres. Ela foi a primeira mulher a falar de erotismo para mulheres casadas. Ela é a melhor palestrante do mundo..."* Ela irrompe o cenário, toda de branco e strass, gritando: *"Bom dia!!!"* Todas respondem: *"Bom dia!"* Ela: *"Esse bom dia está muito chocho! Quero ouvir*

[82] O mesmo cuidado em explicar o produto, acentuando a vivência pessoal, a saúde e o ensinamento, esteve presente nas situações de pesquisa na Love Place, na Picante Sex Shop (loja de bairro do Tatuapé, cuja dona tinha trabalhado durante anos na Sex Appeal de Moema).

um bom dia com muita energia. Bom dia!" Todas respondem: *"Bom dia!"* Ela: *"Agora sim."* Ela sobe no palco e dá início à palestra.

Para começar, e como era muito cedo,... ela colocou uma música da Xuxa e nos convidou para dançar e, em seguida, pediu que virássemos para a esquerda e fizéssemos massagem na companheira do lado para ela acordar. Enquanto isso, ela gritava "palavras de ordem" para serem repetidas por todas. A maioria das frases devia ser dita para a amiga do lado: *"Acorda." "Xô preguiça" "Xô mau humor"...* A massagem terminou com um abraço de trenzinho coletivo. Então, ela pediu para todas fecharmos os olhos, pois iríamos agradecer a Deus por conseguirmos nos levantar todos os dias.

Depois da breve prece, ela afirmou que o curso é uma troca, que para que ele aconteça é necessário que todas estejam abertas, senão ela e todas nós apenas estaremos perdendo nosso tempo. E ela não deixou os filhos em casa para perder tempo. Ela disse que podia ver no rosto e nos olhos *("Os olhos são a porta da alma")* o que cada uma estava pensando. *"Algumas estavam totalmente abertas, algumas ainda tímidas, e algumas pensando – O que essa mulher pode me ensinar? Eu que tenho mestrado, doutorado, MBA. Eu que sei tudo. Eu sei que eu não tenho MBA, mestrado etc., mas eu já falei para mais de 1 milhão de mulheres. E mudei a vida de delas, por isso alguma coisa boa eu posso passar. Por isso, eu peço para essas pessoas que deixem de preconceito e aproveitem de verdade o curso."* Minha aluna e eu nos entreolhamos, senti que a bronca era para mim. Em parte devia ser mesmo, tamanho o meu espanto e desconforto de estar naquele auditório lotado e tendo que interagir, dançar, agradecer a Deus... engoli em seco, pensando nos *"ossos do ofício*" e fiquei com uma cara de *"paisagem*", esperando pelos ensinamentos.

A palestra inicial girava em torno da autoestima. *"Por exemplo, se quando você estivesse chegando aqui no flat você encontrasse uma pedra de rua no chão, você a pegaria?"* Todas: *"Não". "Mas, se você tivesse*

encontrado um diamante? Você pegaria, traria para cá, ficaria olhando ele a cada intervalo, cuidaria dele, mostraria para todo mundo, poliria ele sempre, não é verdade? Então, se você for uma pedra de rua, se sentir como uma pedra de rua, se tratar como uma pedra de rua, os outros te verão e te tratarão como uma pedra de rua. Os homens apenas vão te usar e jogar fora. Não vão te tratar como você merece! Mas, se você for um diamante, todos vão te tratar como um diamante. E, além disso, um diamante, mesmo quando é quebrado, estilhaçado, nunca perde seu valor. Seja um diamante! Quem é mulher-diamante levanta a mão. Diga para sua amiga: Você é um diamante". Todas: *"Você é um diamante"*. E ela: *"Diga para sua amiga: Não deixe nunca mais ninguém te tratar como pedra de rua"*.

E continua: *"Estamos aqui conversando sobre autoestima, cuidar do jardim, não deixar ninguém destruí-lo. Mas algumas de vocês devem estar pensando... e a sacanagem? Eu vim aqui para aprender a sacanagem. Eu queria esclarecer que essa primeira parte do curso é para você aprender a cuidar de todas as árvores do seu jardim. Mas na parte da tarde e da noite, nós focaremos mais no erotismo. Eu, daqui a pouco, já darei algumas dicas de sacanagem. Só queria antes dizer que a sacanagem que eu ensino é a sacanagem do bem, não a sacanagem do mal. A sacanagem que deve ser usada para o bem, para melhorar seu casamento, para você ser mais feliz. Pois o mundo já está cheio de sacanagem do mal"*.

Enfim, as dicas: *"Vou dar duas dicas rápidas que você pode fazer. A primeira: quando ele estiver tomando banho de manhã para ir trabalhar, você pega a cueca que ele vai usar e cobre de beijos de batom. Quando ele reparar, vai ficar surpreso e você diz que é para ele sentir seus beijinhos o dia inteiro. Na parte da tarde, você liga para ele e diz: Quando você chegar em casa, eu vou beijar seu corpo todo. Ele com certeza não vai tirar você da cabeça e vai chegar em casa todo animado. O resto da noite só depende de vocês! A segunda dica também é fácil de fazer e precisa apenas de um*

banheiro. Todo mundo tem banheiro em casa? Uma toalha. Todo mundo tem toalha em casa? E um sorvete de massa. Isso é fácil de arrumar, certo? Você liga o chuveiro para que o banheiro se encha de vapor. Pega a toalha coloca no chão do banheiro. Lógico que fora do box para não molhar, pois é em cima dela que vocês vão fazer amor.(risos) Você chama ele, pede para ele tirar toda a roupa e esperar deitado na toalha. Você então tira sua roupa, vai pegar o sorvete na geladeira. Lembre-se de deixar o sorvete já preparado na geladeira, não vai querer ir na padaria comprar e deixar o coitado no chão do banheiro esperando... (mais risos). *Você entra com o sorvete na mão e diz assim: Você tem que tomar esse sorvete sem derramar uma gota, porque onde cair uma gota você vai ter que chupar e esfregar o sorvete em várias partes do seu corpo. Depois, fala: eu também não posso deixar cair nem uma gota, pois onde cair eu terei que chupar. E passa o sorvete no corpo dele. Você vai ver, vai ser uma chupação só, uma loucura."*

Cena 2: Sexo vende?

Fundação Getúlio Vargas. 1º. Fórum *"Marketing Erótico e Ética",* cujo tema versava sobre o erotismo como propulsor de consumo. O evento era voltado para profissionais do Marketing, Propaganda, consultores e outros interessados. A maioria dos palestrantes era da área de marketing. O primeiro palestrante foi um professor da GV – coordenador da área de marketing – Marcos Cobra. Ele lançou um livro chamado Sexo e Marketing (que estava à venda no evento) e sua palestra foi sobre o livro. Ele dá início à sua fala com uma pergunta: *"Sexo vende?"*. E comenta: *"Claro que vende. Nós estamos no Brasil que é um país, segundo dados de uma pesquisa, que faz mais sexo em todo o mundo. E como já nos disse Gilberto Freyre, nossa*

sexualidade vem da negra da senzala. O sexo faz parte da cultura nacional (...) *Apesar disso, eu gostaria de ressaltar que esse assunto ainda é um tabu. Mesmo dentro de um centro de pesquisa de ponta como a GV. Eu tive muita dificuldade para começar uma discussão sobre esse assunto, aqui e, mais ainda, para conseguir fazer esse fórum. Muitas pessoas foram contra, falaram que era um absurdo tratar desse assunto. Outras diziam que esse assunto não era relevante. Mas estamos aqui com o auditório cheio, meu livro muito bem aceito e quebrando essas barreiras 'moralistas'."*

E continua: *"Em nossa época as bases do marketing são: a satisfação de necessidades para a realização de desejos dos consumidores sejam eles explícitos ou ocultos. A emoção é a chave; a necessidade de investimentos em tecnologia e conhecimento como forma de sobrevivência e crescimento, pois o conhecimento tem prazo de validade a cada dia menor. É preciso investir em pesquisa; os produtos devem se tornar objetos de desejo; a cabeça dos consumidores está lotada de informações desnecessárias. O apelo ao sexo é utilizado para conquistar a atenção do consumidor". O que significa, em seus próprios termos: "o objetivo do marketing é transformar desejo em consumo. Os consumidores são movidos por emoções, por isso o aumento dos apelos eróticos. Os produtos devem mexer com o lado lúdico e pudico do consumidor".*

Passou, então, a falar de erotismo e sexualidade: *"o amor romântico é uma construção social baseada na atração sexual. A atração sexual seria o real sentimento, a emoção que move o ser humano. Dessa forma, como fica o marketing erótico? O marketing elegeu a mulher como o objeto de beleza. A sociedade de consumo tem a mulher como seu símbolo. Basta olharmos os anúncios publicitários para ver a sexualidade implícita, ou mesmo explícita".* Assim, *"o marketing deve associar o consumo prazeroso com a figura da mulher. Deve-se transformar o produto em 'prazer', 'magia' e*

'sedução'. Quanto mais atrativo e sedutor for o produto, mais ele induz o consumidor à compra. O produto se torna objeto de desejo. O marketing se torna arte de realizar desejos explícitos e ocultos, por meio de produtos ou serviços atraentes e emocionantes, apresentados com efeitos extraordinários e de maneira fascinante". E conclui com uma narrativa em itens: *"O sexo na sociedade de consumo está presente na vida de qualquer pessoa; O consumidor procura o sexo como afirmação social, pessoal e afetiva. O poder econômico é representado pela posse de símbolos sexuais representados por marcas e categorias de produtos".*

Cenas exemplares: ilustram de modo contundente que, ao lado da abertura de lojas, está ocorrendo um investimento significativo em criar novas etiquetas sexuais para mulheres heterossexuais e, simultaneamente, elaborar parâmetros mercadológicos que estimulem a divulgação desse conjunto *standard* de etiquetas, de modo a estimular o consumo. Interessante notar os cenários: um flat nos jardins; a Fundação Getúlio Vargas. O elemento de classe parece evidente: trata-se da formação dessa etiqueta comportamental de modo a atingir, de início, as mulheres das classes médias altas, na condição de consumidoras e, também, de profissionais de *marketing*.

Da primeira cena, valeria algumas informações adicionais: Nelma Penteado é pioneira em palestras sobre sexualidade para empresas e já ministrou inúmeros cursos, bem como prestou consultoria para vários dos *sex shops* investigados. Sua trajetória pessoal intriga: proveniente da classe média baixa e de pouco estudo, ela iniciou essas atividades de orientação para mulheres em um salão de beleza. É casada com um português que é seu agente e responsável pela sua imagem e agenda. Publicou alguns livros (em um deles o prefácio foi escrito por Maílson da Nóbrega) e, em todos eles, está em evidência essa espécie de nova etiqueta sexual para mulheres. Uma

etiqueta, uma "*sacanagem do bem*", que articula o estímulo a autoestima, temer e agradecer a Deus e cuidar do casamento. A dinâmica do curso combina certas modalidades de programa de auditório, de cultos evangélicos, de salão de beleza e também, e especialmente, de casas noturnas de *striptease*. Ali se aprende a andar com sensualidade, a empostar a voz, a olhar com altivez. Aprende-se também uma série de jogos sensuais e a manejar com destreza a busca do prazer e o controle sobre o desejo do parceiro.

Tal etiqueta sexual para as "novas" mulheres parece inteiramente atinada e congruente com as demandas e aspirações das consumidoras. Diversas usuárias dos bens eróticos com o perfil social de classe média alta, em relacionamentos heterossexuais e com mais de 35 anos afirmam que esse mercado abriu a possibilidade de "*apimentar*" suas relações. Elas não acham que estão, com seus novos "*acessórios*" e brinquedinhos, propriamente contestando a matriz heterossexual que organiza hegemonicamente as práticas sexuais[83]. Antes, elas tomam para si – levando em conta uma retórica de justificativa – a responsabilidade de manter seus relacionamentos diante da imensa competitividade de mulheres no mercado matrimonial – fato que não devemos desprezar, segundo dados demográficos, especialmente para a faixa etária, em questão. Se esta é a retórica que sustenta os seus novos atos de consumo, é inegável que não esgota todos os seus efeitos. Depois desse tipo de comentário, as usuárias frequentemente falam com eloquência e por tempo considerável sobre os novos prazeres e poderes envolvidos. O acento das falas incide sobre uma espécie de associação entre a valorização da autoestima (produzir prazer para si mesma), tornar seus corpos saudáveis no sentido de corpos que "*gozam*" e aumentar os espaços de convivência e de diversão entre mulheres em novos

[83] Para uma caracterização teórica sobre a matriz heterossexual, consultar Judith Butler (1990).

universos de homossocialidade[84]. Vale destacar uma implicação relevante sobre tal feminização: ainda que essa ampliação do escopo das normatividades sexuais esteja sendo mobilizada, em torno da saúde e da autoestima, assistimos à desestabilização das fronteiras que separam as mulheres "*direitas*" das "*outras*" (amantes e prostitutas, particularmente). Aliás, a própria associação com saúde mental e corporal permite essa desestabilização. Por meio da comparação com a imagem do que representa a prostituta brasileira em cenário transnacional (e, em particular, aquilo que foi observado na Espanha) – a de que a brasileira, diferente das outras latino-americanas ou das mulheres do leste europeu, é valorizada por ser "*carinhosa, doce e dócil*" (Piscitelli, 2005) – parece que essas fronteiras estão mesmo sendo nubladas: mulheres de classe média, heterossexuais, gostando de parecer ser "*putas*", enquanto prostitutas parecem querer ser algo semelhante a "*Amélias*".

Da segunda cena, chama atenção que uma das faculdades de administração de empresas de maior destaque, no país, ofereça uma atividade para formação de *marketing*, criando uma retórica que retira o erotismo da dimensão mais popular ou clandestina do mercado e elabora as bases para que ele alcance um patamar de maior status. Há na argumentação um componente que fala de perto ao público brasileiro, afinal, como sinaliza Marcos Cobra, a sensualidade (da mulher negra) está na base de nossas tradições. Invocar Gilberto Freyre autoriza que o tema possa ser objeto de discussão, na faculdade (pois, lhe confere marca acadêmica) e, simultaneamente, opera com aquilo que o senso comum toma como essencial de nossa cultura nacional. Assim, o "*sexo vende*". E se "*o objetivo*

[84] Além das lojas, fiz pesquisa de campo em atividades em que essa homossocialidade é estimulada: cursos de *striptease* e massagem sensual e encontros para venda de produtos entre amigas em casas particulares (essa última modalidade é a versão para produtos eróticos dos encontros de venda de produtos, cosméticos ou *tapewares* nas residências de donas de casas). Para uma análise mais detalhada sobre tais modalidades de serviço e suas implicações sociológicas no caso do mercado para o prazer londrino, consultar Storr (2003).

do marketing é transformar desejo em consumo", nada mais justificável do que verter para o consumo aquilo que constitui uma espécie de desejo nacional, a sacanagem.

Essas cenas ilustram uma novidade no mercado erótico: no seu campo mais elitizado, assiste-se à criação de um segmento claramente feminino. As boutiques eróticas descortinam cenários em que o público-alvo é formado por mulheres. As práticas, imagens e produtos assinalam um sentido de feminilidade que, antes de constituir o lugar passivo do desejo masculino, reforça a posição de atividade: as mulheres passam a ocupar uma espécie de protagonismo e são responsabilizadas não apenas pelo seu bem estar, como também pela manutenção de seus casamentos. O efeito notável dessa nova modalidade de erotismo é o de trazer inflexões sobre os padrões da conjugalidade heterossexual: ela pretende substituir, com todos os ensinamentos, técnicas e aparatos à disposição no mercado, a discrição ou aparente indiferença sexual da esposa pela figura de uma companheira que, além de bem resolvida financeira e pessoalmente, tem iniciativa e criatividade, eróticas.

Parte considerável do conteúdo das palestras, no fórum de *marketing,* relaciona mercado e desejo. Para entender as consequências dessas novas concepções, sugiro a leitura do livro organizado por Appadurai (1986) que propõe uma nova interpretação sobre a circulação de mercadorias, na vida social, com foco nas coisas que são trocadas e não apenas, como tem sido tradição em várias modalidades da antropologia social e econômica, nas formas ou funções da troca. Para o autor, mercadorias são objetos que têm valor econômico. Sua definição tem uma conotação exploratória e, para tal, ele se inspira em Georg Simmel (*Filosofia do Dinheiro* de 1907), mais propriamente na sua noção de que o valor não é dado pela propriedade inerente dos objetos, mas pelo julgamento que os sujeitos fazem deles.

Julgamentos são baseados em subjetividades que, por princípio, implicam em provisoriedade. Simmel sugere que os objetos não são de difícil aquisição por serem valiosos, mas são valiosos por resistirem ao nosso desejo de possuí-los. Objetos econômicos supõem, para ele, aquilo que se localiza entre o puro desejo e a satisfação imediata, na distância entre o objeto e a pessoa que o deseja, distância que pode ser superada. E ela é superada pela troca econômica, a partir da qual o valor dos objetos é determinado reciprocamente, ou seja, numa dinâmica em que o desejo por um objeto é consumado pelo sacrifício de outro objeto, que é foco do desejo de outrem. Os vários artigos do livro de Appadurai desenvolvem *insights* sobre os modos como desejo, demanda, sacrifício e poder, interagem para criar o valor econômico em situações sociais específicas. Eles interessam pela proposta analítica de investigar as trajetórias sociais dos objetos, ou melhor, a sua vida social, buscando apreender como os significados vão sendo inscritos nas coisas, a partir de suas formas e de usos.

Na análise dessas trajetórias, é preciso evitar a oposição polar (consagrada por vertentes da antropologia) entre sociedades da "*dádiva*" e sociedades da "*mercadoria*". A troca de dádivas tem sido apresentada em muitas visões (Sahlins, Taussig, Dumont)[85], em oposição à troca de mercadorias, terminando por incorrer em reificação: a dádiva sendo associada à reciprocidade e à sociabilidade; e a mercadoria, como engrenagem orientada pelos interesses, pelo cálculo e pelo lucro. A dádiva ligaria coisas a pessoas e a mercadoria "objetificaria" as pessoas na medida em que é tomada como uma espécie de *drive*, aparentemente isento de constrangimentos morais, entrelaçando as coisas pelo dinheiro. Indo contra

[85] Os livros a que Appadurai se refere são: Marshal Sahlins - *Stone Age Economics* (New York: Aldine, 1972); Michel Taussig - *The Devil and Commodity Fetishism in South América* (Chapel Hill: University of North Carolina, 1980; Louis Dumont - *On Value – Radcliffe-Brown Lecture* (London: Oxford University Press, 1980).

essa interpretação, o autor propõe pensar sobre o que há de comum entre a troca de dádivas e a troca de mercadorias.

A ideia de trabalhar no registro das trajetórias dos objetos é bastante rica para a análise de meu material de pesquisa. Isso porque evita oposições simplistas e permite acompanhar, em uma perspectiva processual, as rotas de comercialização de bens eróticos, bem como as de consumo. Pelo que notei, a formação desse novo segmento do mercado erótico seguiu de perto algumas tendências norte-americanas por intermédio da importação dos *toys* sintonizados com conteúdos politicamente corretos, e para um público que inclui mulheres de classe média. Muitas de nossas informantes, sobretudo vendedoras e donas das lojas para a classe média alta, quando discorrem sobre suas concepções eróticas mencionam o seriado *Sex in the City*, em exibição na TV a cabo. De fato, o período de maior intensidade na criação das lojas investigadas é concomitante ao sucesso desse seriado. Além dele, as lojistas brasileiras indicam programas de TV, como o da Monique Evans, na TV Gazeta, e matérias de revistas (citam, em particular, a revista feminina *Criativa*), como veículos de apoio à divulgação de seus produtos. Nós presenciamos, em campo, uma considerável atividade das lojas junto à mídia: assistimos lojistas sendo entrevistados, empréstimos de acessórios e lingeries para programas televisivos e matérias de periódicos variados. Trata-se, nesse sentido, de uma trajetória de comercialização fortemente articulada à divulgação midiática e difundindo uma imagem que, desde logo, associa os produtos às mulheres independentes financeiramente, ativas e livres.

Ao longo desses anos de investigação nas lojas, observei uma estreita vinculação da venda com atividades variadas de natureza mais pedagógica. Um dos *sex shops* que acompanhamos oferecia cursos de *striptease* e de sensualidade, em seu estabelecimento e, nos demais, a referência mais comum era feita às palestras e *workshops* de Nelma Penteado. Sem nenhuma

exceção, tanto lojistas como vendedoras enfatizaram em suas entrevistas um aspecto que merece atenção: elas associam a atividade comercial a uma espécie de apoio psicológico e de ensinamentos diversos para que as mulheres conquistem maior prazer sexual o que, segundo elas, ajudaria a preservar seus relacionamentos amorosos. O acompanhamento detalhado dessas trajetórias tem permitido apreender a constituição de um mercado erótico feminino com recorte de classe definido e que não se limita à venda e à compra, mas a todo um conjunto de estratégias de divulgação e de lições práticas. Um mercado cujas pretensões pedagógicas vão muito além de, meramente, configurar uma operação livre de constrangimentos morais ou culturais que visaria interesse e cálculos de lucro.

Do ponto de vista das trajetórias do consumo, considero sugestivo o artigo de Alfred Gell[86] que trata das complexidades culturais nelas envolvidas e os dilemas do desejo, tomando como material de análise uma comunidade da Índia Central. O consumo para os Muria está fortemente ligado a questões de natureza coletiva que enfatizam o igualitarismo econômico e uma sociabilidade adensada. Nas últimas décadas, a localidade passa por mudanças econômicas significativas de modo a constituir um nicho enriquecido de comerciantes. O interessante no caso, segundo o autor, é a regulação coletiva do consumo como parte de uma espécie de estratégia dos mais ricos para conter a potencialidade da diferenciação. Nesse caso, assiste-se a uma regulação social do desejo por bens. Na análise de duas famílias que enriqueceram, eles apresentam um comportamento de consumo altamente parcimonioso: acumulam riqueza sem gastá-la. No caso, os atos que dão visibilidade ao consumo não são do tipo da comensalidade pública, como o *potlatch*. Com a sensibilidade fortemente constrangida pelas pressões sociais, os ricos são obrigados a consumir como se fossem pobres e,

[86] O artigo em questão está na coletânea de I Appadurai (op cit) e traz como título: "*Newcomers to the world of goods: consumption among Muria Gonds*".

como resultado, ficam ainda mais ricos. O que significa que, paradoxalmente, as normas igualitárias têm tido como resultado o aumento da desigualdade. Esse exemplo etnográfico intriga justamente por apontar dilemas postos pela interação de diferentes perspectivas para o consumo diante de fenômenos ligados à globalização[87]. Para Gell, o interessante é mostrar que aquilo que distingue a troca do consumo não é que o último tenha uma dimensão psicológica que falta ao primeiro, mas que ele envolve a incorporação do item que se consome na identidade pessoal do consumidor: "*I think of consumption as the appropiation of objects as part of one's personalia – food eaten at a feast, cloathes worn, houses lived in*"(Gell, 1986:112). E, nessa direção, ele propõe que concebamos o consumo como parte do processo que inclui a produção e a troca e que não seja visto como seu último termo.

O consumo é uma das fases do ciclo, no qual os bens passam a se ligar aos referentes pessoais, quando eles deixam de ser "bens neutros" (que poderiam ser propriedade de qualquer um e identificados a qualquer um) e ganham atributos de certas personalidades individuais, insígnias de identidade e significantes de relações interpessoais específicas.

Essa perspectiva é vigorosa para analisar o consumo de *sex toys* e a relação complexa que eles passam a ter com os seus usuários. Nas lojas pesquisadas, sobretudo as de maior poder aquisitivo, os vibradores e dildos são chamados de "*acessórios*" pelas mulheres e, segundo depoimentos, não devem ser vistos como "*consolos*", designação que alude à suposta solidão das viúvas. Os "*acessórios*", ao contrário, devem ser vistos como parte da

[87] O autor chama atenção para o consumo como ato simbólico em uma chave analítica um pouco diversa da que foi desenvolvida pela antropologia estrutural funcionalista que dava foco exclusivo a formas coletivas de consumo. Gell está fazendo referência direta ao estudo de Mary Douglas e Baron Isherwood "*The World of Goods"* (New York: Basic Books, 1981), em que os autores analisam rituais de consumo que mediam a vida social. Os rituais de comensalidade são os atos analisados pelos estudos nessa vertente e, talvez, por essa razão tenha sido tão divulgada a equação de que, nas sociedades "igualitárias", o consumo esteja associado à distribuição de bens.

diversão que "*apimenta*" as práticas. Vejamos o trecho de entrevista com uma lojista do Rio de Janeiro:

> "Eu não uso a palavra dildo, eu chamo acessório. Prótese ou acessório. O distribuidor tem mania de chamar de prótese:"*ah, prótese faz assim ou assado*". Eu acho que prótese pega meio pesado, porque fica parecendo que você não tem o real, e que você usa uma prótese. Fica parecendo um problema médico. Então, eu falo acessório porque eu acho mais legal. Porque é justamente assim: quando as pessoas começaram a entrar nessa loja, na época existia uma pesquisa mesmo, comprovada, de que 80% dos maiores de 21 anos nunca tinham entrado num *sex shop*. E eu percebi isso aqui. (...) E tinha muito essa coisa da pessoa entrar "ah, é aqui que tem consolo?". Eu sempre coloquei: "*não, consolo não, a gente vende acessório e...porque você pode usar com a parceira...",* porque consolo passa a ideia de que a pessoa vai usar sozinha, é viúva, ou então é separada, não tem ninguém. Entendeu? É consolo por isso! É um acessório pra você estimular, melhorar o relacionamento com a parceira. Não é pra você ficar sozinho. Nada vai ficar no lugar do seu parceiro. E quando as mulheres vêm, algumas vêm e falam assim "*ah, eu queria comprar, mas não sei se eu vou espantar ele, com isso*", e eu digo: "*já conversou com ele, de comprar uma prótese, de comprar um acessório? Não? Então, conversa primeiro*". Porque muitos assessórios como o de cyberskin é mais próximo do real. Você pega um acessório, um vibro rígido, aquele tradicional, duro. Realmente, aquilo parece um consolo, é uma coisa bem...né? Já o...o...realístico, ele não. Porque ele é real. A mulherada toda não pode ver um realístico que logo compra. E esse com o cyberskin que tem textura de pele, então realmente...quem pega num cyberskin, não adianta, quer levar na hora! Por outro lado, é por isso que eu falo "*conversou com o parceiro?*", quando chega em casa com o realístico, choca o parceiro. Porque ele começa a achar que o dele é menor, que não está funcionando. Então, é por isso que eu falo que tem que colocar da seguinte forma: "*olha, é um acessório pra gente brincar, é uma coisa a mais. Não é porque eu estou insatisfeita*". E hoje em dia o que faz mais sucesso é o acessório que vem com estimulação de clitóris, porque os homens não se chocam tanto, porque sabem que tem uma estimulação de clitóris, tem uma coisa a mais do que o original. Tem todos esses com esses nomes.. é *rabbit*, é borboleta, é *dolphin*, é golfinho... É brinquedo, tem uma essa coisa fabulosa que você brinca com brinquedo de adulto."

Os atos de nomeação, nesse caso, indicam fortemente que se trata de uma operação em que o objeto passa a "*vivificar*" uma relação entre pessoas e com variadas possibilidades. Do ponto de vista dessa informante, que fala do lugar de lojista, o acessório – e não a prótese ou ainda o consolo – traz alternativas que vão contra o sentido de tomar o objeto como algo que venha meramente a repor uma falta. O acessório não demarca uma relação entre o objeto e a pessoa de tipo metafórica: muitos depoimentos enfatizam o uso não como substituição, aliás, deve-se, segundo ela, evitar que os parceiros se sintam ameaçados com as comparações. Trata-se de "*um algo a mais*" que apresenta, inclusive, uma conotação mais metonímica e com sentido polimorfo: serve para estimulação, serve de brincadeira, serve no jogo entre os corpos, mas não como mero veículo ou instrumento a expressar as relações entre os corpos das pessoas e a materialidade do objeto. Minha hipótese é a de que as "*carinhas*", as formas de bicho, os nomes associados sugerem uma espécie de "*pessoalização*" desses objetos. Os acessórios, nesse sentido, podem ser vistos como objetos que fazem parte das relações interpessoais em exercício. E mais: relações entre três corpos ou entre três pessoas[88].

Outro aspecto que chama a atenção na fala da informante – e que foi também enfatizado em outras situações de campo e nas entrevistas – diz respeito aos limites ou, mais propriamente, à expansão das fronteiras materiais do corpo. O consumo cada vez mais acentuado dos acessórios chamados de "*realísticos*" (aqueles que são fabricados com cyberskin) sugere, por um lado, que o corpo, na sua dimensão material, está aberto às experiências promovidas pelo *toy,* seja como extensão do próprio organismo, seja como organismo em separado; por outro lado, essas experiências só são possíveis na medida em que tentam transformar a materialidade física do

[88] O próximo capítulo vai tratar com detalhe das variadas implicações dos usos desses objetos.

objeto em "*carnalidade*". Seria redutor afirmar que o acessório "*realístico*" é um substituto do pênis. Considero, antes, que ele deve ser visto como uma expressão carnal de múltiplas direções e cujo sentido só pode ser decifrado em contextos de uso particulares.

O mercado erótico permite vislumbrar os modos dinâmicos de que se revestem as relações entre corpos e pessoas e até sobre os limites materiais do corpo como algo em separado àquilo que designa pessoas. Não que as fronteiras estejam sendo inteiramente esfumaçadas, mas é inegável que há uma circulação dos sentidos atribuídos seja às coisas, seja às pessoas, que transitam das pessoas para as coisas e vice-versa.

Nesse sentido, os "*acessórios*" abrem questões que interessam teoricamente: de um lado, eles enfatizam a sexualidade genital, obliterando momentaneamente as posições de gênero, as circunstâncias sociológicas e a orientação sexual, como salientei no capítulo anterior. Por outro lado, esses marcadores sociais da diferença voltam a operar, ainda que combinações surpreendentes estejam sendo feitas. No limite, esses objetos permitem indagar e pensar sobre a genitalidade e sua articulação com fenômenos como a fragmentação do corpo e, especialmente, com a dissociação entre gênero, sexo, materialidade corporal e orientação sexual. No caso da materialidade corpórea, é pertinente a indagação se as pessoas fazem ou não sexo com "*acessórios*", questão que será devidamente analisada a seguir, mediante os diferentes depoimentos de pessoas que usam *toys*.

Para finalizar o capítulo, resta assinalar que o meu material de pesquisa tem indicado com clareza que, no Brasil, o conteúdo do *erotismo politicamente correto* sofre um processo de ressignificação bastante intrigante. Aqui, ainda que tenha aumentado significativamente a oferta de *sex toys,* como vimos com o mapeamento dos circuitos de produção nacionais de dildos e vibradores, não verifico a mesma ênfase na

genitalidade, se compararmos ao universo investigado em São Francisco. No Brasil, l*ingeries* e fantasias são os produtos mais visíveis, sobretudo nos nichos de bairro e nos de elite. Esses itens de consumo não aparecem nos *sex shops* investigados nos Estados Unidos. Lá, encontrei roupas e acessórios relacionados exclusivamente ao sadomosoquismo. Aqui, os marcadores de gênero parecem mais relevantes, em especial a noção de que o corpo "feminizado" é o que tem que ser vestido para depois ser despido. Além disso, tais vestimentas conotam posições de assimetria, jogando ora com o controle, ora com a submissão. Assim, no contexto investigado, o erotismo comercial perde parte do sentido politicamente correto do correlato norte-americano.

Este aspecto não deve conduzir à conclusão rápida de que ele expressa um quadro nacional de maior assimetria e desigualdade, em termos de gênero. Não esqueçamos que os marcadores de feminilidade e sensualidade que estão sendo comercializados podem ser usados – e, efetivamente estão, segundo dados etnográficos - não apenas por mulheres, como por homens, servindo para usos individuais, coletivos e de orientação não exclusivamente heterossexual. Tem aumentado significativamente a procura de dildos acoplados em cintas, por casais heterossexuais, segundo vendedoras de várias lojas: casais heterossexuais cujos maridos ou namorados querem ser penetrados pelas mulheres. Este exemplo ilustra como as alternativas contemporâneas estão dissociando categorias de gênero, sexo e orientação sexual, sem que possamos nos deixar seduzir por conclusões fáceis.

Eles podem estar sendo empregados, inclusive, para assinalar um sentido de obscenidade. Noto a persistência de um modelo de erotismo que combina alguns elementos do politicamente correto (sobretudo para o segmento feminino mais abastado que valoriza a autoestima e o corpo saudável) com a transgressão. No caso, menos do que denunciar machismos,

o interessante está em apreender a lógica que articula os sinais sociais, de gênero, etários e raciais, na configuração desse campo, como eles estão sendo combinados e o que eles excluem[89].

As combinações presentes no mercado paulistano indicam uma interessante intersecção entre gênero, classe (ou estratificação de classe média) e região da cidade: os polos mais populares são os mais masculinos e os de elite são quase inteiramente femininos. Tais intersecções não são evidentes apenas pela presença de empreendedores, vendedores e consumidores mais ricos ou mais pobres, homens ou mulheres. Existe, sobretudo, uma série de elementos – estratégias de *marketing*, projetos arquitetônicos e *design* gráfico – associados aos objetos em venda que compõem uma cultura material bastante rica para a análise antropológica. Cada nicho cria uma espécie de compêndio para o erotismo, segundo os eixos perto/longe (de casa ou da fantasia), baixo/alto, sujo/limpo, popular/sofisticado. Espaços escuros, distantes de "casa", no centro decadente, e frequentados por homens, evocam a ideia de "*conveniência erótica*" ou de que o desfrute sexual imediato e barato é que está associada à noção de transgressão. Afastar o sujo ou dotar a pornografia de sofisticação, exige espaços claros, cheirosos e caros, frequentados por mulheres. Nesse caso, o erotismo perde a potência obscena e ganha o sentido de prazer saudável. Além disso, chama atenção a alusão reiterada ao verbo familiarizar: familiarizar-se com os acessórios significa aproximá-los de uma realidade conhecida ou torná-los normais, objetivo visado por muitas das táticas empregadas, no mercado erótico, em seu segmento mais rico e feminino.

[89] É importante para a análise sobre o campo simbólico do erotismo considerar, sobretudo, os significantes que são excluídos. Para um detalhamento sobre a relevância teórica e metodológica desse procedimento, consultar Butler (1990).

Ainda que a interpretação baseada no contraste entre os polos seja válida e consistente, ela não apaga as nuances tampouco as possibilidades de contaminação de um polo no outro: as boutiques eróticas não são clínicas e as lojas de conveniência erótica do centrão não são masmorras sadianas. Sem o investimento na vulgaridade, as boutiques seriam apenas lojas de *lingerie*. Também no caso das lojas do centro, a ausência de moralismo, que envolve o desfrute sexual e o associa a um tabu, faria a loja perder seu sentido de existir. Nesse mercado erótico operam referências ao que é permitido e ao que é proibido, em termos sexuais, jogando com os sentidos evocados ora em uma direção, ora em outra. Difícil e analiticamente irrelevante avaliar se um segmento desse mercado é mais transgressor que outro ou se a obscenidade foi abstraída de uma de suas versões. O que importa é olhar para essa rica cultura material e prática de forma a decifrar suas tensões, fissuras e, sobretudo, o movimento dialógico de suas convenções.

Capítulo 4
Usos

Nesse capítulo apresento algumas reflexões, a partir dos depoimentos de usuários de acessórios eróticos[90]. A discussão gira em torno das articulações entre pessoas, corpos e objetos e seus efeitos sobre as normas de gênero e de sexualidade. As relações implicadas nos usos e nas práticas desses objetos sugerem, em particular, experiências de deslocamento entre sexo e gênero, corpo e matéria, sujeito e objeto, presença e virtualidade, sobretudo, se levarmos em conta a relevância contemporânea da internet como cenário erótico[91].

Ao conversar com as pessoas sobre suas vidas sexuais, não encontrei explicações ou regularidades. Reuni um material que não se presta à localização de recorrências que possam ser tomadas como representativas de comportamentos "normais", "saudáveis" ou "desviantes", tampouco de carreiras sexuais masculinas ou femininas, heterossexuais ou homossexuais. Antes, analiso um conjunto rico de narrativas que indicam mudanças ou inflexões nas dinâmicas que operam os dispositivos da sexualidade. Como assinala Michel Foucault (1976), tais dispositivos – que mobilizam variadas

[90] Como já mencionei na Introdução, tais depoimentos foram coletados a partir de entrevistas, em profundidade, realizadas com 16 pessoas que compõem três redes de investigação: a primeira delas foi construída a partir da pesquisa de campo, junto aos diferentes sex shops investigados, e resultou em quatro entrevistas com mulheres heterossexuais, de classe média e média alta, entre 40 e 50 anos; a segunda rede foi formada na pesquisa de doutorado de minha aluna Regina Facchini e contou com entrevistas de dois homens heterossexuais, de classe média, entre 30 e 50 anos, um homem e duas mulheres bissexuais, de classe média, entre 20 e 40 anos e mais um homem homossexual, de classe média, entre 20 e 30 anos; a terceira e última rede foi formada a partir dos contatos de pesquisa de outra aluna, Carolina Parreiras: duas mulheres bissexuais entre 20 e 30 anos, de classe média, duas mulheres homossexuais entre 20 e 30 anos, também de classe média e dois rapazes homossexuais, também entre 20 e 30 anos e de classe média. Em anexo, há uma caracterização detalhada dos entrevistados e das redes que fazem parte. Importante salientar que tive o cuidado de conseguir entrevistas que pudessem estabelecer um leque comparativo mais amplo: mulheres, homens, diferentes orientações sexuais e faixas etárias compondo um quadro comparativo entre pessoas jovens e mais maduras (o escopo, no caso, ficou entre 20 e 50 anos) de diferentes extratos de classe média. A ampliação, nesse caso, não visou estabelecer correlações entre comportamentos e marcadores sociais de diferença. Antes de serem representativas, essas entrevistas (ricas em sua diversidade) fornecem material eminentemente qualitativo e exemplar para os propósitos analíticos elencados.

[91] A discussão que tomo como referência analítica sobre os efeitos da internet sobre experiências que envolvem gênero e sexualidade é desenvolvida por Carolina Parreiras (2008).

estratégias desde o século XVIII – instauraram a ideia moderna que temos de "sexo", essa espécie de unidade fictícia que agrupa elementos anatômicos, funções biológicas, condutas, sensações e prazeres. Judith Butler (1990) chama essa unidade fictícia de matriz da heterossexualidade compulsória, cuja operação faz combinar, segundo um movimento de homologia, o corpo sexuado (do homem e da mulher com seus respectivos genitais), o conjunto de atributos de gênero (que conforma masculinidades e feminilidades) e o comportamento ou a orientação sexual (que indica heterossexualidade ou homossexualidade). Conceitualmente, é fundamental a noção de que os processos em que tais homologias são realizadas são apagados, de modo a se acreditar que a matriz heterossexual define os padrões de normalidade da sexualidade porque constitui a natureza. Assim, seria antinatural, por exemplo, ser um homem e não dispor de um corpo com genitais de homem, ou ser homem e não comportar-se a partir de parâmetros masculinos ou, ainda, ser homem e praticar sexo com outros homens. A matriz heterossexual naturaliza uma espécie de composto que é simultaneamente sexual e de gênero, corpóreo e comportamental e de modo dimorfômico, ou seja, a partir de uma relação que define a diferença em termos de incomensurabilidade e de uma complementaridade necessária entre homem e mulher, masculino e feminino, pênis e vagina.

As pessoas entrevistadas e todas, em maior ou menor intensidade, sozinhas ou acompanhadas por outras pessoas e pelos objetos, praticam sexo, deslocando os termos que compõem essa matriz. Mesmo dentre aqueles que classificaríamos como heterossexuais, é possível perceber afastamento das normas. É o caso de um dos entrevistados que se autodefine como "*heterossexual devasso*". Ele tem mais de 40 anos, nasceu em São Paulo, em família de classe média baixa, fez algumas faculdades e hoje trabalha na área de publicidade. Ele descreveu sua trajetória pessoal que, mesmo

apresentando um roteiro aparentemente convencional como homem heterossexual da sua geração[92], envolve práticas como *swing*, *shibari*[93], já tendo comprado e usado dildo. O acesso às noções concretas, aos materiais e procedimentos a adotar, bem como o contato com outros praticantes, se deu por meio da internet. Em particular, ele menciona a relevância do Orkut[94] não apenas para a troca de informações, como para se conectar a rede de *swing* e do BDSM. Através de uma reflexão bastante sofisticada, ele afirma que, ao frequentar os clubs com namoradas ou amigas, "*descobriu o amor na suruba*", tendo que aprender a lidar com elementos que, segundo ele, caracterizam os relacionamentos de casais, sobretudo, heterossexuais: a posse e o ciúme. Se o deslocamento daquilo que caracteriza a matriz heterossexual parece ainda não estar evidente (afinal, "*suruba*" pode apenas confirmar masculinidades), um comentário seu, em momento posterior da entrevista, chamou minha atenção. Quando indagado sobre suas práticas sexuais e o que mais o agrada e mais o desagrada, ele disse: "*eu já fiz de tudo: eu já tive relação com homem...*" Interessante notar que o "tudo", nessa frase, indica transpor o limite daquilo que qualifica a heterossexualidade, sobretudo, a masculina. No caso da heterossexualidade feminina, relacionar-se sexualmente com outra mulher não constitui, propriamente e aos olhos contemporâneos, total afastamento das normas. Para o entrevistado, em

---

[92] Segundo o que nos conta em sua entrevista, sua vida sexual começou com informações trocadas com colegas de escola, na época em que beijava meninas da sua idade, quando aprendeu a se masturbar. Sua primeira transa sexual ocorreu com uma prostituta: a experiência foi, em seus próprios termos, "*automática, quase mecânica*", resultando em sentimentos de insegurança que, no entanto, mobilizaram nele a ideia de que "*o sexo é o lubrificante da engrenagem do mundo*" (caso 5, p.6)

[93] *Swing* é uma prática sexual que envolve mais de um casal, realizada em clubs destinados para esse fim ou na residência dos interessados e também em motéis. *Bondage* é um estilo japonês de amarração sexual, a partir de cordas (algodão ou juta), com nós. Maria Elvira Díaz-Benitez (2009) apresenta leitura competente sobre orgia, contemplando as imagens filmadas na produção pornô brasileira. *Shibari* significa, em japonês, amarrar e descreve o uso artístico na amarração de pacotes e objetos. A *bondage* sexual, feita a partir do *shibari*, implica essa arte de amarração do corpo, empregando nós. No Wikipédia, em sua versão norte-americana, há a associação histórica do *bondage* com punição e tortura. Ito Seiu, no início do século XX, pesquisou tais práticas e tornou-se a referência no bondage e shibari, eróticos. Foi apenas a partir dos anos 90 que o Ocidente passou a adotar técnicas de amarração e contenção de sentidos de estilo bondage e shibari para o universo S/M.

[94] Orkut é um sistema que permite a formação de comunidades virtuais, dinamicamente interativas. Para maior detalhamento ver Parreiras (2008).

questão, as práticas com homens não se deram em relações homoafetivas e, nas vezes em que ocorreu, foi em decorrência, segundo ele, do desejo pelas mulheres. Seja a experiência sexual entre homens, seja o uso de *toys* (ser penetrado pelo dildo, controlado pela mulher) o que está sendo aí dissociada é a conexão entre prática e identidade.

Semelhante tipo de deslocamento, eu encontrei na maioria das pessoas entrevistadas, inclusive no depoimento de mulheres que praticam sexo com outras mulheres, mantendo, sem problemas, sua identidade heterossexual ou, ainda, daquelas que, recusando rótulos identitários, transitam sexualmente entre pessoas do mesmo sexo, com homens e com objetos.

Esse capítulo irá discutir questões envolvidas nas relações entre pessoas com os *sex toys*, tentando dar ênfase à própria noção de uso: as práticas concretas e localizadas que mobilizam todo um repertório de convenções de gênero e sexualidade. Usos que importam analiticamente por indicarem que as experiências sexuais se dão de modo mais polimorfo, entre adultos, do que se admite socialmente. Freud em seu *Três Ensaios da Sexualidade* (1905) lançou a ideia de que a sexualidade é polimorfa e perversa, na infância. É fundamental considerar que, diferentemente do que se alega em determinados círculos críticos à psicanálise, essa noção veio a romper com o significado de perversão adotado em alguns âmbitos médico-legais do século XIX, que a concebia como desvio às normas ou propriamente como patologia. Freud tomava a perversão, expressa na polimorfia da sexualidade infantil, como constitutiva da normalidade[95]. Na maturidade, a tendência seria de represamento desse polimorfismo perverso,

[95] Freud afirmou nos *Três Ensaios sobre a Sexualidade* (1905) que a perversão seria o negativo da neurose. Essa afirmação implica que a neurose é uma forma de recalque das fantasias perversas e que a perversão seria expressão direta das pulsões parciais gestadas na infância, driblando os recalques. Alguns autores indicam que foi apenas a partir de 1905 que Freud elaborou a noção – que aparece de modo explícito em "Bate-se numa criança" (1919) - que as perversões podem ser tomadas como formações defensivas, em particular, como forma de lidar com a angústia da castração (Rudge, 2004).

em direção à organização das pulsões, a serviço da função reprodutora e com a finalidade de atingir um objeto sexual. Assim sendo, mesmo que admitamos que Freud criou as bases de contestação à sexologia de seu tempo, ao ressaltar a plasticidade da sexualidade humana e de que não há uma sexualidade natural (as escolhas sexuais são produções de desejo formadas na infância e também resultantes da vida adulta), ele supunha um processo de crescente organização das pulsões, no qual as zonas erógenas passariam a subordinar-se ao genital, bem como a libido (autoerótica) se dirigeiria para um objeto cada vez mais definido. Os relatos e histórias desta pesquisa são enunciados por pessoas adultas que experimentam seus corpos, criando zonas de prazer além das fronteiras genitais, não permitindo afirmar que os objetos, investidos libidinalmente, sejam inteiramente definidos ou estáveis.

Não se trata aqui de contestar os pressupostos da teoria da sexualidade, em Freud, tarefa que exigiria exame de uma literatura vasta e sofisticada e interlocução com outro campo disciplinar. Esse esforço seria inegavelmente importante, muito embora distante do foco e dos objetivos dessa investigação. O propósito é o de problematizar, a partir do material levantado, a suposta ideia de que os processos para alcançar a maturidade direcionam e organizam desejos e prazeres, afastando polimorfismos. Questionar o alcance de tal noção é relevante, sobretudo porque ela não se limita ao campo da sexologia ou da psicanálise, mas está difusa e ainda é bastante significativa na manutenção das normas vigentes de gênero e sexualidade. É, pois, para os efeitos sociais desses deslocamentos entre sexo e gênero, prática e identidade, corpo e matéria que interessa a perspectiva antropológica, seja para entender as experiências sexuais dos usuários de *sex toys*, seja para apontar as limitações de determinadas categorias que sustentam a heteronormatividade.

Roteiros sexuais?

A ideia de trabalhar no registro das carreiras afetivo-sexuais tem sido adotada com certa frequência nos estudos socioantropológicos sobre comportamento sexual. Isso porque elas permitem acompanhar em uma perspectiva processual as condutas e escolhas sexuais, a partir das relações sociais envolvidas. Para falar em termos de carreiras sexuais e afetivas, bem como empregar esse instrumental metodológico na coleta de dados é preciso situar e discutir – ainda que brevemente - a teoria de roteiro sexual, formulada por W. Simon e J. Gagnon, na passagem dos anos 60 e 70 do século XX. As noções que dão base a tal teoria foram elaboradas em meio a uma abordagem de estudos concretos sobre sexualidade, em que os autores contestaram as perspectivas que pensavam a conduta sexual como meramente caudatária da natureza ou da formação individual, em termos psicossexuais. As condutas sexuais foram concebidas por eles, segundo os termos precisos de Júlio Assis Simões (2009) como "*realizações sociais ordinárias resultantes de negociações diante das definições sociais e que se cristalizam em escolhas e práticas na vida cotidiana*". Nesse sentido, é preciso reconhecer a importância e o pioneirismo de Simon e Gagnon, ao anteciparem posições teoricometodológicas do "*construcionismo social*" e , também, das vertentes pós-estruturalistas contemporâneas que fortaleceram o exame de questões que envolvem as experiências eróticas e sexuais.

Os autores propuseram alternativas às noções correntes sobre sexo, recusando tomar a sexualidade como "*função exemplar*", seja enquanto fenômeno universal, seja como imperativo biológico. Para eles, "*a vida sexual se assemelha a toda a vida social: é uma atividade provocada pelas circunstâncias sociais e culturais e uma atividade que difere de uma era histórica para outra ou de uma cultura para a outra*" (Simon e Gagnon,

1973). Essa ideia mais geral implica que mesmo se tomarmos o mais elementar ato (que associamos como "*fisiológico*") do intercurso sexual, como a penetração do pênis ereto na vagina, tal ato expressa diferenças de significado e sentido, dependendo do cenário sociocultural. Assim, os sociólogos alertam para o exame localizado, contextual e preciso, de todos os fenômenos que envolvem tais atos, inclusive aqueles que são classificados na ordem da excitação ou do clímax sexual. Ao tratarem o ato sexual como ato social, outra contribuição relevante dessa teoria é que ela supõe uma ligação entre a conduta sexual e a conduta de gênero.

Vindos da tradição de estudos da chamada Escola de Chicago e, em particular, das vertentes do interacionismo simbólico, Gagnon e Simon formularam a teoria dos roteiros sexuais a partir da definição de que a conduta sexual envolve um "*esquema cognitivo organizado*" – ao que eles denominam de roteiro –, que é invocado pelas pessoas para que reconheçam quando uma situação vivida é ou não sexual. Tal reconhecimento opera, segundo os autores, a partir da articulação entre três níveis da experiência – o nível intrapsíquico, o nível interpessoal e um terceiro que é o panorama cultural. Como a combinação de tais níveis não é fixa ou dada, "*os roteiros estão implicados na aprendizagem do significado dos estados internos, na organização de sequências de atos especificamente sexuais, na decodificação das situações novas, no estabelecimento de limites para as respostas sexuais e na vinculação de sentidos provenientes de aspectos não-sexuais da vida à experiência especificamente sexual*" (Gagnon e Simon, 1973:17 citado e traduzido Gagnon, 2006: 219).

Ainda que tais ideias forneçam pistas valiosas para o desenvolvimento de estudos sobre as trajetórias afetivas e sexuais vividas pelas pessoas (dado o detalhamento consistente dos instrumentais de coleta), o esforço de ponderação crítica é bem vindo, sobretudo diante dos debates atuais que problematizam noções como o desempenho de papéis, a socialização e a

distinção sistêmica entre um interno psíquico e um externo social. A expressão "roteiro" parte da noção de que as pessoas aprendem a decifrar situações como "*especificamente sexuais*" e a se portar diante delas. Trata-se de uma proposição interessante, sobretudo por contestar que sexo constitua ato decorrente de uma necessidade física. Contudo, por estar ainda presa a uma tradição funcional-culturalista, essa teoria se preocupa em, mesmo criticando quaisquer determinações de causalidades, distinguir níveis como o intrapsíquico, o interpessoal e o panorama cultural, sem considerar que essa divisão é tributária de um conjunto de concepções e práticas, situado historicamente e que, no que tange ao sexo, corresponde à consolidação de dispositivos singulares de saber-poder (Foucault, 1976).

Além da incômoda abstração das assimetrias de poder, já implicadas nos tais "*esquemas cognitivos*", os roteiros sexuais supõem uma noção de aprendizagem ou de socialização segundo a qual as pessoas adquirem, em faixas de tempo estabelecidas a partir de certa linearidade, habilidades para condutas condizentes com o desempenho de papéis ou mesmo em relação às experiências sexuais. Essa "*linearidade*" está longe de caracterizar a trajetória dos entrevistados dessa pesquisa. As narrativas apontam para experiências em que o sexo oral, em alguns casos, pode anteceder o primeiro beijo. Faz sentido falar em virgindade para mulheres que fazem sexo com mulheres, mesmo quando nunca se relacionaram intimamente com homens? Antes de serem dúvidas que apenas interessariam aos sexólogos, os casos, cenas e usos, expostos nesse material, desafiam as certezas e colocam interessantes indagações.

É preciso admitir a relevância do conceito de roteiro sexual e empregar muitos dos seus ensinamentos metodológicos. Um deles, por exemplo, deriva da ideia, lançada por Gagnon (2006), de que o roteiro sexual fornece material para pensar as "*convenções mutuamente compartilhadas*". É importante assinalar que o que ele entende por compartilhado não diz

respeito apenas às atitudes ou condutas sancionadas. Quando trata das "*representações de sexo explícito*" ou, como diria o autor, da pornografia, ele afirma se tratar de materiais que podem operar em certos cenários e na história de cada pessoa como algo que fornece instruções culturais. Maria Luiza Heilborn (1999), em vez de falar em termos de carreiras sexuais-afetivas, usa a noção de trajetória biográfica, o que significa, nas palavras da autora: "*O privilegiamento das circunstâncias e datas funciona como um catalizador de reminiscências que promove a rememoração da trajetória de vida nesse âmbito* (...) *A sucessão de experiências, as datas e circunstâncias em que ocorrem, os intervalos entre elas e seus desdobramentos* – em suma o desenrolar dos eventos – *traduzem-se em roteiros sexuais, delineados sobre um pano de fundo onde se combinam as diferentes marcas sociais que delimitam o campo de possibilidades dos indivíduos: origem e classe social, história familiar, etapa do ciclo da vida em que se encontram, as relações de gênero estatuídas no universo em que habitam*" (Heilborn, 1999: 41). Roteiros que servem para rememorar e pensar, mas que revelam mais descontinuidades e dissociações do que o previsto.

A solução para o dilema metodológico de usar ou não o roteiro sexual está em empregá-lo para nos desfazermos dele, ou melhor, para contestar a sua linearidade pressuposta. Daí a utilidade e relevância do conceito de trajetória biográfica sexual e afetiva, de modo a permitir compreender de maneira processual e contingente como as pessoas colocam em prática aquilo que assimilam das normas e convenções sociais e, assim, produzem e modificam as percepções que têm de si mesmas, podendo, por vezes, se abrir para novas experiências.

O primeiro aspecto a examinar, nessas trajetórias, é como as pessoas articulam suas experiências afetivas à forma como se autodefinem, em termos de orientação sexual. Como já mencionei, alguns se identificam com

as orientações correntes, ainda que a correspondência entre certas práticas e determinada identidade não seja automática, estável ou garantida. Outros apresentam, como no caso a seguir, considerável desconforto com as definições.

A entrevistada é uma jovem universitária de 19 anos que estuda enfermagem e mora em São Paulo, em uma casa que divide com outras moças. Ela nasceu em uma cidade do interior de Minas Gerais, filha única de um casal, casado há mais de vinte anos: o pai é engenheiro agrônomo e a mãe, professora de primeiro grau. Vejamos como ela se posiciona:

> "P – *Você diria, se fosse se classificar...?*
>
> R – *Nada.*
>
> P – *Então, eu posso presumir que você já tenha experimentado meninas também?*
>
> R – *Já.*
>
> P – *Muitas, uma, mais de uma?*
>
> R – *Não, poucas.*
>
> P – *E foi só uma "ficada" ou mais de uma noite?*
>
> R – *Não, com uma menina eu tive um relacionamento. Foi curtinho, quase um ano. Com a outra menina foi só umas "ficadas".*
>
> (...)
>
> P – *Vocês assumiram esse relacionamento? Vocês estavam namorando? Seu pai conheceu ou sua mãe?*
>
> R – *Sim, eu não contei pra todo mundo, mas eu quis assumir para as pessoas que eu não tinha como esconder: pai, mãe, amigos mais chegados...*
>
> (...)
>
> P – *E o que seu pai e sua mãe disseram?*
>
> R – *Com meu pai foi tranquilo. A minha mãe é muito católica. Ela falava que isso não era certo, que não era coisa de Deus, essas coisas que a gente ouve. Ela perguntava onde errou, queria que eu conversasse com uma psicóloga...*

P – *E você foi para a psicóloga?*

R– *Fui, porque a minha mãe quis, não por vontade própria.*

P – *E você fez terapia por muito tempo? Te ajudou em alguma coisa?*

R – *Existia uma confusão, até que me ajudou. Mas, eu acho que com o tempo eu teria resolvido isso sozinha.*

P – *Que confusão?*

R – *Eu tinha uma vontade de decidir se eu gostava só de meninas ou se eu gostava só de meninos. Mas eu não conseguia me decidir porque, na verdade, eu gostava dos dois. Eu tinha na minha cabeça que eu precisava me decidir por algum dos dois lados.*

P – *Você tinha que se dar um nome?*

R – *É, eu tinha na minha cabeça que eu precisava me dar um nome. Mas agora eu desisti disso, eu gosto de meninas e de meninos.*" (caso 10)

Com 14 anos, ela deu seu primeiro beijo em um namorado. "*Ficou*" com outros meninos e, com 18 anos, teve seu primeiro contato heterossexual, com o seu atual namorado. Contudo, antes de se relacionar sexualmente com homens, teve esse namoro de um ano com uma menina.

"P - *Você disse que a sua primeira vez com um homem foi aos 18 anos. E com menina?*

R – *Com a menina foi antes.*

P – *Então só pra situar: o primeiro contato sexual com alguém foi com uma menina e não com um cara?*

R – *Isso, foi com uma menina.*

P – *E rolou penetração?*

R – *Sim, rolou.*

P – *Com o dedo, foi como?*

R– *Primeiro foi com o dedo e aí a gente começou a introduzir outras coisas, a gente usou...*

P- *O rompimento do hímen foi com a menina?*

R– *Não, o rompimento mesmo foi com o menino.*"
(caso 10)

Qual experiência definiria a perda da virgindade? A entrevistada oscila: quando indagada sobre o primeiro contato sexual, ela se referiu ao que viveu com o menino, aos 18 anos, contudo já tinha tido relacionamentos íntimos, inclusive penetração, com a namorada, com quem ficou por um ano. Mesmo não querendo decidir por um dos lados e recusando uma orientação exclusiva, ela – aliás, como parte considerável da sociedade, começando pelas leis – associa virgindade à presença do hímen. Não estamos, neste caso, diante de uma ambivalência. As convenções e normas sexuais estabelecem, com rigor, a vinculação entre perder o hímen e a penetração pelo pênis. Porém, nem sempre é linear ou óbvia a associação entre certos eventos considerados significativos, no roteiro, e as experiências corporais e concretas vividas pelas pessoas. O problema se agrava com a ausência de referenciais alternativos que permitam nomear e reconhecer possibilidades mais flexíveis, gerando uma confusão que é vivida com significativa dificuldade. Na trajetória dessa entrevistada, apenas recentemente suas opções foram qualificadas como escolhas legítimas.

Outro caso interessante merece vir à tona. Aqui, menos do que a orientação sexual, trata-se da definição quanto à posição que a pessoa ocupa na cena sadomasoquista. Nela, o entrevistado, homem de 36 anos, violinista profissional e solteiro, define-se como *switcher*[96]. Nascido no interior de São Paulo, seu pai morreu quando ainda era bebê. Sua mãe é professora de inglês, casou novamente e ele tem uma irmã já adulta. Diz nunca ter se relacionado sexualmente com homens e que teve namoros duradouros. Deu seu primeiro beijo na primeira namorada e também foi com ela que transou

[96] *Switcher* é uma expressão comum na cena S/M e se refere à pessoa que gosta de transitar entre a posição de dominação e a de submissão. Para maiores esclarecimentos, consultar Facchini (2008).

pela primeira vez. Ele afirma que, até poucos anos atrás, não tinha intimidades sexuais com quem não estivesse namorando. Seu roteiro sexual poderia ser visto como convencional. Mas, alega que sempre, desde o início da vida sexual, teve fantasias:

> "P – *Desde a minha descoberta da sexualidade, as fantasias SM estão junto. Já vieram, vieram de dentro, assim.*
>
> P – *E eram fantasias de que tipo?*
>
> R – *De dominação. O lado de submissão era existente, eu acredito, mas era misturado. O que eu pendia mais era para o lado da dominação. E foram possíveis dentro desses relacionamentos comuns... eu nunca mudei de padrão... os meus critérios sempre foram namorada... e o que pudesse fazer dentro disso. Nunca busquei o extra* (...) *uma fantasia forte mental* (..) *eu ia propondo, aos poucos, alguma prática: 'Posso te amarrar?' Só o fato de dar uma ordem... certas práticas comuns do sexo já têm um caráter de dominação, ou então era eu que colocava assim e já me bastava. Bastava encaixar na fantasia e a fantasia faz o resto, né?*
>
> P – *Depois é que a submissão fez sentido pra você?*
>
> R – *Eu sempre me masturbei e a masturbação tinha SM também. Eu ficava sozinho em casa e fazia alguma coisa – hoje tem um nome, como 'auto-dom' ou coisa assim. Fazia alguma coisa comigo mesmo. Nesses momentos, eu era o que? Eu era um dominador, fazendo em mim, ou era um submisso, recebendo? Era uma coisa meio híbrida! Por isso, eu me classifico switcher. Desde o começo, as coisas caminharam juntas*." (caso 6)

Na trajetória desse entrevistado, como podemos notar, existe uma articulação entre fantasias e práticas sadomasoquistas e uma vivência sexual e afetiva em conformidade às convenções sociais. Esse tipo de articulação, aparentemente paradoxal, não deixa de ser comum: as normas de gênero e sexualidade nunca deixaram de conviver com transgressões, sobretudo,

vividas em clandestinidade. O que acho intrigante nesse caso, não é tanto esse aspecto, mas a própria escolha em ser *switcher* e a descrição que a acompanha. A situação é híbrida e, como na frase enunciada por ele, não culmina em desfecho estável. Ser dominador ou submisso depende inteiramente de sua fantasia particular.

Essa ênfase na perspectiva daquele que fantasia as cenas eróticas é relevante para pensar outros casos e experiências. Uma das entrevistadas, usuária de *toys*, mencionou, por exemplo, que gosta de olhar o objeto entrando e saindo do seu corpo. Essa predileção segue de perto uma indicação sugerida por Hart (1998) de que, no coito homo ou heterossexual, dependendo do ponto de vista, é o pênis masculino ou o dildo que "desparece" e "reaparece" no corpo. De modo que, as noções corriqueiras sobre a falta do pênis e a imagem da castração, devem ser, pelo menos, relativizadas. Para aquele ou aquela que o recebe e o observa não é a ausência de uma parte do corpo que conta na fantasia, mas imaginar e ver essa parte aparecendo e desaparecendo de seu corpo.

A dissociação entre prática e identidade, em um exercício quase permantente de polimorfismo sexual, está presente no relato de outra entrevistada. De fato, este caso é paradigmático para contestar as armadilhas de alguns implícitos presentes na noção de roteiros sexuais. A entrevista foi excelente, tamanha a eloquência dessa mulher de 41 anos, psicóloga e ativista de variadas causas relacionadas à sexualidade[97]. Nascida no bairro de Interlagos, na capital paulista, de pai mineiro, torneiro-mecânico, e de mãe cearense, gerente de finanças, ela fez curso de teatro, de circo e podia

[97] A entrevistada tem vasta experiência militante. Começou atuando em projetos comunitários, junto às CEBs (comunidades eclesiais de base), trabalhou com travestis e prostitutas da zona sul da cidade (em programas de redução de danos), trabalhou em projetos de combate às DST/Aids. Teve vínculos com o grupo com o *Instituto Cultural Barong*, organismo não-governamental, criado em 1995, e que conta com uma equipe multidisciplinar (agentes de saúde, psicólogos, médicos sanitaristas, sexólogos etc.).

namorar em casa. A educação sexual recebida na escola pública e na faculdade, segundo ela, foi muito teórica. A referência mais importante, além do pai e da mãe (que tinham livros sobre sexualidade na biblioteca da casa), veio da experiência com o grupo de mulheres *É de Lei* onde "*falava livremente sobre o corpo, o erotismo nesse corpo, o erotismo com o outro e os apetrechos todos que se usa nesse erotismo*" (caso 8).

Sua trajetória é riquíssima. Ela está no quarto casamento: o primeiro foi com uma mulher e durou 10 anos, o segundo foi com um homem homossexual soro-positivo e durou 4 anos, o terceiro com um heterossexual "*que ela chama de coisa*" (por ser uma pessoa com quem não tem afinidades) e com quem ficou casada 2 anos e está, há um ano, com um rapaz português e heterossexual. Desde criança, teve namoradinhas e namoradinhos, mas foi apenas a partir dos 17 anos, que teve contato sexual com homossexuais, ao ingressar no curso de teatro. Dessa experiência e do convívio com pessoas GLBT (o termo é empregado por ela) resultou a participação no grupo de mulheres *É de Lei*, onde ampliou seu conhecimento sobre sexualidade: "*ali, acho que encontrei a minha galera*".

> "*Eu fui muito apaixonada pela minha primeira mulher, loucamente apaixonada e aí foi que a gente começou a transar. E era muito diferente, transar com menino é muito diferente de transar com menina. Eu lembro que as pessoas perguntavam: 'o que é mais gostoso, transar com menino ou com menina?'. Os dois. 'Mas, o que é melhor?' Não sei, acho que os dois. 'Você não sente falta?' Falta do quê? Quando você está com um, está com um, quando está com outro, está com outro, não existe essa coisa de déficit, não rola isso, porque é muito diferente!*" (caso 8)

Seu relato impressiona tanto pela diversidade de elementos como pelo ritmo da narrativa e os termos empregados. Ela conta que, na infância, já beijava a irmã e uma amiguinha e que, no final da adolescência, se

apaixonou por um namorado com quem, ainda virgem e com medo de engravidar, praticou sexo anal. Aliás, a prática durou quase um ano, sem que mencione qualquer episódio de dor ou desconforto, ainda antes de perder o hímen. Ao perdê-lo, afirma ter tido uma ejaculação feminina. É praticante de *fist fucking* e aprendeu a fazer sexo "*plastificada*", no relacionamento com o marido soro-positivo. Além de todas essas experiências, ela relata o tempo longo que fez sexo pela internet com o atual marido português e com um dildo, que a acompanhou por 12 anos.

Sua entrevista traz a eloquência narrativa das histórias de Juliette, famosa libertina de vários livros do Marques de Sade [98]. Cada episódio em que ela está presente constitui uma aventura com um personagem marcante da corte, um juiz, uma condessa, um barão ou um bispo. Certamente, no caso de Sade, a diversidade está relacionada às convenções do erotismo literário, do século XVIII, e a importância da paródia política nelas. Angela Carter (1978) afirma que Juliette é uma personagem que jamais perdeu atualidade: é possível tecer analogias entre ela e as mulheres que lutaram pela liberação sexual dos anos 60, guerrilheiras trangressoras e também eloquentes. Não estranha, nesse sentido, a possibilidade de um paralelo. A entrevistada é, até pela experiência militante, uma libertária. Mas seu ativismo não se expressa apenas na forma prática da política. Além de sua história ser paradigmática como contraexemplo a qualquer linearidade, na correspondência entre eventos, com algo que poderia ser chamado de formação ou amadurecimento sexual, sua trajetória é uma aventura narrada. Parece ter cumprido uma espécie de compêndio: do pretenso polimorfismo perverso infantil, ela migra para o sexo anal, o sexo com mulheres, com homens, homossexuais e heterossexuais, sexo presencial e virtual, com gente e com objetos.

[98] As referências a Juliette são inúmeras, nas obras de Marques de Sade. Destaco, em particular, os livros *Justine, ou os infortúnios da virtude* (1968) e *Histoire de Juliette* (1987).

Sua disposição para o sexo é permanente. Mas, essa qualidade ou natureza incansável é também um ritmo discursivo que a aproxima de Juliette e, também paradoxalmente, de uma vendedora de *sex shop* que, numa tarde de pesquisa de campo, descrevia com riqueza de detalhes as sensações que teve com cada objeto disposto nas prateleiras[99]. Na literatura libertina, na política libertária ou em um episódio, no mercado, é possível testemunhar uma intensidade e uma diversidade de composições que contrasta com o teor monossilábico, tímido e, por vezes, apenas evocativo que noto em outras entrevistas. Falar sobre o sexo constrange, ainda mais se o convite sugere discorrer sobre predileções e fantasias que envolvem ou articulam a imaginação às convenções normativas, ao corpo e suas sensações e fluidos. As entrevistas são todas recortadas por risos. As conversas têm algumas esquisitices que são, inegavelmente, engraçadas. Mas, há uma variedade de risos: *rictus* nervosos, em alguns casos, e risos de relaxamento, em outros. Nessas diferentes expressões, vale notar que o riso parece preencher algo inefável em termos da narrativa. É precisamente essa qualidade inefável ao tratar sobre os aspectos concretos do sexo que é contrastante com a discursividade quase "*guerrilheira*" da entrevistada. Sua loquacidade, contudo, mais do que uma liberdade sem normas ou uma marca de estilo individual interessa, na medida em que tanto a semântica quanto a sintaxe do discurso revelam convenções.

As aventuras de Juliette expressam, em alguma medida, aspectos indiossincráticos da passagem do iluminismo aristocrático para o republicano. O estilo pessoal para a venda constitui, inegavelmente, uma estratégia de marketing, no caso da vendedora de *sexshop*. As convenções reveladas pela narrativa da entrevistada têm a ver, ao que parece, com aquilo que já pode ser tomado como temas e prescrições politizadas. Mas não só.

[99] Esse episódio foi narrado no capítulo 3.

Ela, além de ativista, é uma consumidora do mercado erótico, uma usuária da internet, alguém que gosta de bens eróticos. Sua fala expressa convenções que estão sendo criadas ou mantidas no marco da vida urbana e contemporânea, exposta ao repertório sociocultural que a constitui. Expressa o peso acentuado que a fruição sexual passou a ter: sua legitimidade e visibilidade, os termos e os temas que são mobilizados em torno dela.

A sensação com que se fica é a de que, no mundo atual, o que não é mais possível é a ausência de interesse pelo sexo. Interesse que suprime as fronteiras de sexo, de gênero, de idade (com exceção das crianças), de nacionalidade, de classe, e também do que se pode aferir como alguns limites corporais – o que, em tese, produz dor pode legitimamente ser sentido como prazeroso. Sabemos que o sexo foi uma invenção criada pelos dispositivos da sexualidade e, nos termos de Foucault (1976), suas expressões normativas foram sendo gestadas em meio às instituições e práticas de saber-poder, desde o século XVIII. Assistimos atualmente um conjunto de prescrições que, antes de serem modos de controle ou produções de perversões, demandam a atividade, a criatividade e a diversificação. Inclusive, todo o esforço de Foucault em tentar persuadir sobre a natureza produtiva dos dispositivos que, em vez de calar e reprimir, incitavam, parece estar inteiramente em operação. Além disso, é preciso reconhecer que tais prescrições são difundidas em variados âmbitos, havendo, entretanto, um protagonismo significativo do mercado. Ele passou a fornecer o acesso aos elementos que permitem a diversificação de práticas sexuais, para um contingente maior de agentes. Não estou apenas me referindo aos bens e objetos produzidos e comercializados, mas aos serviços sexuais, aos ambientes de encontro, presenciais e virtuais. Nesse sentido, a narrativa exuberante da entrevistada revela um estilo singular – que tem a ver com sua

trajetória pessoal -, mas inteiramente tecido em meio aos fios que tramam os repertórios de que dispomos.

Outra dimensão que se sobressai, em seu testemunho, tem a ver com um aspecto da vida contemporânea que tem cada vez chamado maior atenção: sua narrativa indica um foco de atuações, reflexões e demandas que constitui uma espécie de corporalidade erótica, e não propriamente questões de identidade ou de direitos, a decidir por esta ou aquela orientação sexual. Não é um corpo minimamente estabilizado pelas convenções que definem feminilidade, masculinidade ou aquelas que instituem as zonas de prazer ou sobre as quais incidem tabus. Tratam-se de processos práticos de articulação entre corpos e erotismos. O que foi outrora definido como perversão, passa a estimular e fornecer mapas libidinais e a indicar alternativas variadas e não previstas. Assim, o que é constrangimento, num determinado momento, passa a constituir o índice que proporciona prazer em outro e assim suscessivamente. E para pensar mais adensadamente sobre essas corporalidades eróticas, vale examinar como esses corpos são tocados, não apenas por outros corpos, como também por objetos.

Bens eróticos ou agentes eróticos?

Em 2000, a filósofa espanhola Beatriz Preciado publicou, na França, o seu manifesto contrassexual e afirmou se tratar de um texto sobre os sexos de plástico e sobre a plasticidade dos sexos: uma reflexão provocativa, na qual o dildo[100] ocupa o lugar estratégico de tecnologia de resistência ou,

[100] Além das experiências sociais, relacionadas ao dildo, são também consideradas por ela como estratégicas as relações contratuais sadomasoquistas e a erotização do ânus. Desde sua filiação à análise da heterossexualidade, como regime político de Monique Wittig, à conceituação dos dispositivos da

como nos seus próprios termos, de formas de "*contradisciplina*" sexual. Ela sugere que é hora de aprendermos com o dildo, este "*objeto móvil, que es posible desplazar, desatar y separar del cuerpo, caracterizado por la reversibilidad em el uso, y amenaza constantemente la estabilidad de las oposiciones dentro/fuera, pasivo/activo, órgano natural/máquina, penetrar/cagar, oferecer/tomar*" (Preciado, 2002:70).

Em anexo instrutivo do livro, Preciado informa que objetos feitos em madeira ou couro, imitando o membro viril e untados com azeite de oliva aparecem em indícios escritos relativos a jogos sexuais que datam do séc. III D.C., na cidade de Mileto, conhecida pela fabricação e exportação de *Olisbos* (nome desses objetos empregados, pelas mulheres, na masturbação). O termo dildo aparece em inglês a partir do século XVI e deriva do italiano *diletto*, que quer dizer prazer ou gozo. Aliás, *to dildo* no inglês clássico significa acariciar sexualmente uma mulher. Ela menciona também outros sentidos da palavra: estúpido ou idiota e a associação etimológica, no castelhano, com *dilección*, o que significa vontade honesta e amor. Assim, mais do que um objeto funcional, a autora quer chamar atenção para aquilo que o dildo passa a evocar ou sugerir: algo que se refere ao prazer feminino, que se aproxima – sem ser – ao membro viril masculino, trazendo ainda referências à estupidez e ao laço amoroso.

Independente da investigação da origem da palavra ou de seus usos mais remotos, o tratamento deste objeto, pela autora, instiga a imaginação. Segundo ela, por meio do dildo e de seu uso, é possível antever a desestabilização das distinções entre o imitado e o autêntico, entre a referência e o referente, entre natureza e artifício e, entre os órgãos sexuais e

---

sexualidade modernos ,formulada por Michel Foucault e, à política *cyber* de Donna Haraway, Preciado entende que estas são práticas contrassexuais, na medida em que expressam derivas radicais em relação ao sistema sexo/gênero.

as práticas sexuais. Trata-se de pensar a relação entre corpos e objetos sexuais, lançando mão de uma noção indicada por Gayle Rubin (2003), de que os variados fetichismos são inteligíveis no momento em que situamos suas histórias, rotas espaciais e materiais. Antes de se constituírem como perversões marginais, em relação às normatividades sexuais e de gênero, tais práticas estão imersas nos processos da produção moderna do corpo e de sua conexão com os objetos manufaturados.

> "*Não vejo como se possa falar de fetichismo, ou sadomasoquismo, sem pensar sobre a produção da borracha, nas técnicas e acessórios usados para o manejo de cavalos, no brilho dos calçados militares, na história das meias de seda, no caráter frio e oficial dos instrumentos médicos ou no fascínio das motocicletas e a liberdade enganosa de sair da cidade para pegar a estrada. A propósito, como podemos pensar sobre o fetichismo sem considerar o impacto das cidades, de certas ruas e parques, de zonas de prostituição e de 'diversão barata', ou da sedução das lojas de departamentos, com suas pilhas de mercadorias desejáveis e glamurosas?*" (Rubin com Butler, 2003:179)

Tal articulação entre a produção de objetos em meio a processo social e as normas sexuais e de gênero está na base, por exemplo, da criação do vibrador, de sua incorporação pelo mercado consumidor, bem como aos usos que transgridem as funções originalmente planejadas. Sua origem está associada à histeria.

Elaine Showalter (1987) chama atenção, ao estudar as articulações paradoxais entre mulheres e modalidades de doença dos nervos, em cenário britânico, que embora a histeria tenha sido considerada, por séculos, uma doença feminina (a palavra histeria é derivada do grego *hysteron*, útero), ela assumiu centralidade no discurso médico e nas definições de feminilidade e, mais propriamente, de sexualidade feminina entre 1870 e a primeira Grande

Guerra Mundial. Nesse período, a psiquiatria, em geral, e as vertentes inflenciadas pelo evolucionismo darwinista em particular[101], associavam explicitamente a neurastenia, a anorexia nervosa e a histeria aos perigos resultantes das ambições geradas pela ampliação de oportunidades abertas às mulheres, sobretudo na educação e no mercado de trabalho[102]. Muitas batalhas foram travadas entre autoridades médicas e as feministas (entre elas, algumas médicas como Mary P. Jacobi e Elizabeth G. Anderson), em função precisamente da estreita vinculação entre a histeria e a figura da "Nova Mulher" novecentista: ilustrada e sufragista.

Em meados do século XIX, Robert B. Carter publica um estudo clássico, associando a histeria à frustração ou a desordens de natureza sexual e, a partir daí, foram criadas técnicas variadas para o tratamento. De um lado, procedimentos de rememoração pela hipnose, como a técnica desenvolvida por Jean-Martin Charcot (1825-1893), quem, segundo Freud, legitimou de fato a histeria como uma doença. Diferente das visões pregressas, ele observou atentamente que os sintomas histéricos são produzidos não por danos físicos, mas por emoções que as pacientes não conseguiam controlar. Freud estudou com ele por um ano, mas já tinha conhecimento de um procedimento empregado por Breuer, em sua paciente mais famosa, Bertha Pappenheim (mais conhecida como Anna O.): o *talking cure*. Levou ao conhecimento de Charcot tal técnica, porém este se mostrou

---

[101] A autora menciona o psiquiatra darwinista T. Clifford Allbutt e seu artigo "Nervous Diseases and Modern Life" (1895) e assinala a compatibilidade das noções de tal vertente com as teorizações sobre a diferença sexual, como as elaboradas pelos sociobiólogos P. K. Geddes e J.A. Thompson no *The Evolution of Sex* (1889). Nesse livro, os autores elaboram a abordagem sobre tal diferenciação, baseada no metabolismo celular: as células masculinas seriam catabólicas, ativas e energéticas; enquanto as femininas seriam anabólicas e constituídas para conservar energia, de modo passivo. As doenças nervosas seriam resultantes de um estímulo social não condizente com a estrutura celular feminina, passiva, plácida e altruísta (Showalter, 1987:121/2).

[102] Embora a psiquiatria darwinista associasse com maior vigor a histeria a ocorrências fisiológicas decorrentes da puberdade, médicos como Horatio Bryan Donkin, que escreveu o verbete sobre a doença para o *Dictionary of Psychological Medicine* (1982), embora socialista e próximo dos círculos feministas, também preferiu o argumento biológico de que a desordem era resultante de uma insatisfação sexual (Showalter, 1987:131).

indiferente[103]. De fato, a hipnose foi um episódio no tratamento desse caso, sendo Bertha a primeira pessoa em quem se empregou os preceitos da análise psicanalítica. Freud teve também um caso paradigmático de paciente histérica, Dora (cujo nome verdadeiro era Ida Bauer) e, por meio da análise, penetrou os mistérios sexuais que resultavam em seus sintomas[104].

De outro lado, foi elaborado, segundo Showalter, todo um sistema de curas que incluía tônicos, banhos (duchas e banhos de imersão) e, em alguns casos, empregava-se choques elétricos de modo a estimular nervos e músculos. Foi nesse contexto e, mais precisamente em 1869, que o médico norte-americano George Taylor inventou um massageador vibratório, movido a vapor, com a finalidade de tratar "distúrbios" femininos relacionados a este mal – ansiedade, insônia, irritabilidade. Na década seguinte, um médico inglês, Joseph Mortimer Granville criou um aparelho de modelo mais portátil e movido à bateria[105]. Data de 1899, a publicação da primeira propaganda nos Estados Unidos desses instrumentos elétricos para

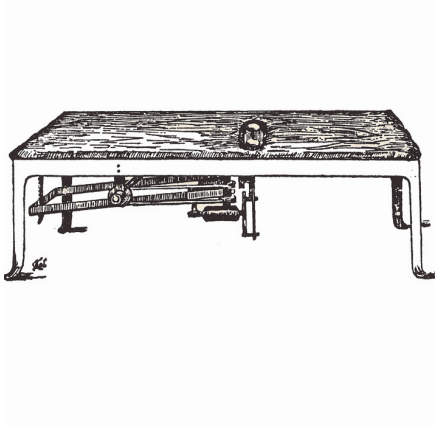
---

[103] Agradeço a Marilucia Melo Meireles ter lido com atenção e corrigido as referências sobre Freud e histeria. O editor James Strachey, conhecido pela edição e tradução de 23 volumes que compõem a *Standard Edition of the Collected Psychological Works of Sigmund Freud,* em seu "Algumas notas introdutórias sobre os Estudos" informa que Breuer atendeu esse caso entre 1880 e junho de 1882 e o relatou para Freud em novembro deste ano. Breuer tratou Bertha a partir de uma combinação de métodos: medicamentos, hipnose/sugestão e o *talking cure*, este último proposto, inclusive, pela paciente.

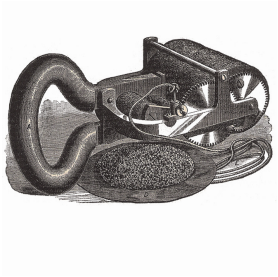
[104] No "Fragmento da análise de um caso de Histeria"(1972[1901]) Freud descreve o caso clínico focado em dois sonhos, no qual desenvolve questões relacionadas aos sintomas histéricos de Dora e, a partir deles, propõe considerações sobre a base "*orgânica de toda a sexualidade*", segundo informação nas Notas de James Strachey.

[105] São variadas as referências sobre a criação do vibrador, como o catálogo *The New Good Vibrations Guide to Sex* (Good Vibrations, 1997) ou guias como *Sex Toy,* elaborado por Em and Lo (2006). Rachel P.Maines (1999) talvez seja a referência mais confiável. Seu livro *The Technology of Orgasm: Hysteria, the Vibrator, and Women´s Sexual Satisfaction* apresenta algumas das informações que trago no texto e é bastante citada, seja nos estudos especializados (como de Preciado), seja nos dados de enciclopédia (como no caso da Wikipedia, the free encyclopedia). A informação sobre o invento de George Taylor, eu extraí do site *eroticpoint.com.br*. Maines localiza a primeira referência aos vibradores nos anos 80 do século XIX e menciona os médicos Clinton Melendres e Kelsey Stinner. Além deles, Preciado (2002) indica outro médico que utilizava vibradores como instrumento terapêutico da histeria: John Butler.

usos médicos, em catálogos como *Home Needlwork Journal* e, no ano seguinte, nos catálogos da *Sears* [106].



Mesa vibratória criada por George Henry Taylor em 1869



Máquina vibratória criada por John Butler em 1888

Primeiro vibrador portátil

[106] Em 1907, foi patenteada nos EUA a primeira capa peniana (desenvolvida por Louis Hawley); 1927 foi o ano de lançamento do gel KY, introduzido inicialmente por médicos para facilitar os exames ginecológicos (o uso do KY como lubrificante sexual será difundido apenas a partir da década de 80). Na década de 40, foi criado o primeiro modelo de boneca inflável, dizem que por cientistas, durante a segunda guerra, de modo a regular o apetite sexual dos combatentes e evitar a proliferação de doenças venéreas. Todos esses dados foram extraídos do site *eroticpoint.com.br*.

Raquel Maines (1999) assinala que a intervenção tecnológica na sexualidade foi não apenas uma constante na modernidade, como essa criação aponta para aspectos importantes das noções forjadas sobre o prazer sexual. O tratamento da histeria com o uso das vibrações (no início, controlado exclusivamente pelos médicos) foi acompanhado pela criação de instrumentos para evitar a masturbação com as mãos[107]. Ainda que inúmeros males já tivessem sido atribuídos à masturbação, foi apenas a partir do século XVIII que ela se torna doença. Thomas Laqueur (2003), ao tratar da história cultural do sexo solitário localiza, em 1712, com a publicação do tratado inglês anônimo *Onania: the Heinous Sin of Self Pollution, and all its Frightful Consequences, in Both Sexes Considered,* a mudança do sentido da masturbação, como pecado, para os significados seculares de doença e decadência. Essa nova inflexão só foi possível no cenário cultural ambientado no Iluminismo e, a partir das preocupações com a formação individual, de modo a evitar "choose the wrong kind of solitude, the wrong kind of pleasure, the wrong kind of imagination, the wrong kind of engagement with inner selves" (Laqueur, 2003:22). Um século mais tarde, registrados como cintos de castidade, muitos desses aparatos foram mecanizados e eletrificados com a comercialização das baterias.

Paradoxal e interessante essa convivência entre a repressão à masturbação e as técnicas de cura da histeria por intermédio de objetos que servirão de modelo prostético para os acessórios eróticos contemporâneos. Como salienta Preciado, o vibrador e o tratamento da histeria, no século XIX, destacaram um modelo de corpo no qual a paciente que se mostrava indiferente ao coito heterossexual era descrita como carente de energia

[107] O médico sexologista Vern Bullough (1987) identificou vinte instrumentos diferentes para prevenir a masturbação entre 1856 e 1917.

sexual, energia suplementada pela máquina. Foi elaborada também a noção de que o orgasmo opera no espaço de intersecção de duas lógicas opostas: doença (masturbação) e cura (histeria), veneno e remédio. Aliás, a tensão entre o uso de vibradores, como remédio e como veneno, permaneceu viva, tal o receio dos médicos de que com o uso descontrolado desses apetrechos a cura da histeria poderia resultar em vaginismo ou lesbianismo (Maines, 1999).

O controle médico dos vibradores foi predominante até os anos 20 do século passado, quando o mercado norte-americano passou a divulgar produtos semelhantes, como presentes que os maridos poderiam comprar para suas esposas[108]. Tal divulgação, no entanto, teve curta duração. A veiculação da imagem desses acessórios em material pornográfico custou seu desaparecimento do ambiente de consumo, sobretudo de catálogos de compra e dos magazines. Foi apenas depois da invenção da pílula anticoncepcional, nos anos 60, e toda a liberação sexual resultante dos movimentos juvenis e feministas, que os vibradores ressurgiram, introduzidos no mercado como artigos sexuais. Alguns dos modelos que foram desenhados a partir da forma do dildo tiveram origem nos *sex shops,* criados por feministas na década de 70, como o *Good Vibrations*[109]. Preciado (2002) associa os desenhos contemporâneos do dildo vibrador às influências do movimento feminista e afirma que ele vai além da imitação do pênis: trata-se antes de uma prótese complexa da mão lésbica. As baterias trouxeram de volta, segundo a autora, a mão que masturba que tinha sido retirada por meio de tecnologias da repressão ao onanismo e estimulam a

[108] Em 1921, foram divulgados na *Heart´s Magazine* vibradores portáteis como presentes de maridos para suas esposas (ver site *eroticpoint.com.br*). Também é importante destacar que o uso de técnicas de cura da histeria foi se tornando crescentemente obsoleto no correr do século XX.

[109] Em and Lo (2006) afirmam que Joani Blank, a feminista que criou a *Good Vibrations*, quando trabalhava com mulheres pré-orgásmicas costumava indicar um vibrador importado do Japão, o Hitachi Magic Wand. Atribui-se a esse vibrador e seus resultados para o prazer das mulheres a fonte de inspiração para a criação da loja e do empreendimento. Como foi notado no capítulo 2, o *Good Vibrations* criou vários toys, sendo, o *butterfly*, seu invento de maior impacto.

produção do orgasmo longe do contexto terapêutico e fora da relação heterossexual.

Tal articulação entre dildos e feminismo, contudo, está longe de ser tão bem sucedida. De fato, o uso desses acessórios, cuja forma parece mimetizar o pênis e o perigo simbólico do falo, ainda gera significativo contencioso. Lynda Hart (1998), ao comentar as *sex wars*, dos anos 80, indica variantes do feminismo radical que consideram que esses objetos, assim como as práticas sadomasoquistas, são imitações das relações heterossexistas, resultantes da dominação patriarcal[110]. Muitas dessas críticas apresentam uma enorme confluência com aquelas teorias que supõem que a relação entre dildo e pênis seja de substituição. Do ponto de vista dos estudos, Preciado afirma que, em vez de ser tratado como objeto sexual, as poucas reflexões a respeito do uso de dildos, por mulheres ,estão aprisionadas a problemas teóricos relativos à "**inveja do pênis**" ou "*falo feminino*"[111]. Para além da discussão sobre os significantes fálicos, essa autora propõe apreender as práticas associadas e usos desses objetos. Mais do que uma posição estratégica entre o falo e o pênis, "*el dildo es la verdad de la heterosexualidad como parodia*" (Preciado 2002:68). Sua existência concreta e material parodia as distinções binárias que articulam o sistema heteronormativo (como as oposições pretensamente estáveis entre masculino/feminino e ativo/passivo), e mostra que tais normas são contingentes e arbitrárias.

---

[110] Algumas feministas chegaram, inclusive, a afirmar que o sexo entre mulheres com o dildo não é verdadeiramente lésbico (Hart, 1998 e ver também Preciado, 2002).

[111] Um estudo interessante e que, segundo Preciado, constitui exceção a essa tendência é o de Judith Halberstam *Female Masculinity* (Durham: Duke University Press, 1994). Entre as autoras criticadas por ela está Teresa de Lauretis (1994), figura relevante do campo das teorias feministas. Ela estaria presa, segundo a filósofa espanhola, a essa tendência, sobretudo, pelo fato de seus comentários sobre os dildos em *Practice of Love* estarem apenas situados em meio às críticas ao heterocentrismo de Lacan. De Lauretis só vê o potencial crítico dos dildos em vista da pretensão do pênis em fazer-se passar por falo. Preciado também critica Judith Butler (e faz referência ao *Bodies That Matter*), alegando que a questão do dildo estaria oculta na problemática mais ampla do "*falo lésbico*".

Lynda Hart (1998), ao pensar sobre os dildos e sobre próteses, chama atenção para uma dupla dimensão que me parece relevante acrescentar. De um lado, o uso desses objetos suplementa, expande ou amplia a natureza limitada da carne humana. De outro lado, essa operação implica remodelar o corpo, moldá-lo segundo novas configurações (movimentos, texturas e até temperatura). Nesse sentido, eles sugerem inscrição, articulação e interpelação. Para essa autora, os dildos expandem a capacidade de agência humana, mas a questão se é a tecnologia que faz isso, na ausência de uma outra agência humana, ou não, depende inteiramente da posição daquele que a usa e a sua localização na fantasia e nas cenas.

Alfred Gell em estudo que trata sobre antropologia da arte traz contribuições para adensar essa reflexão[112]. Em particular, ele apresenta uma perspectiva analítica que fornece maior complexidade às relações entre objetos e pessoas, sobretudo, sua indicação em introduzir nessas relações a noção de agência social. Ele utiliza tal conceito no domínio de problemas postos pela antropologia, sem se confundir com as discussões sobre esse termo levadas a cabo pela filosofia e seus contenciosos teóricos. O que significa que a agência é atribuível àquelas pessoas - e coisas – que são vistas como iniciando sequências causais de um tipo particular, ou seja, eventos causados por atos da mente ou do desejo ou da intenção, mais do que à concatenação de eventos físicos. A ideia de agência é culturalmente construída por um procedimento do pensamento que estabelece nexos causais: quando algo ocorre é suposto como causado por uma pessoa-agente ou por uma coisa-agente, como no caso em que as pessoas atribuem intenções e consciência aos objetos, como carros ou imagens de deuses. De fato, pondera o autor, costumamos atribuir mente e intenções aos animais e aos objetos materiais, mas eles são sempre, em um sentido residual, mentes

[112] O livro de referência é *Art and Agency – An Athropological Theory* (Oxford: Oxford University Press, 1998), publicado um pouco depois da morte de Alfred Gell.

humanas na medida em que nós temos acesso apenas às mentes humanas e, mais precisamente, às nossas próprias mentes. E as nossas mentes são inevitavelmente mentes sociais, bem como a ação não pode ser conceituada a não ser em termos sociais. Assim, a agência que se associa aos objetos é inerentemente social, não se trata de agentes auto-suficientes "but only "secondary" agents in conjunction with certain specific (human) associates"(Gell, 1998:17).

Importante mencionar que, para ele, onde quer que ocorra a agência humana ela se realiza no mundo material. A principal implicação de tal argumento é que as "coisas" nas suas propriedades causais como coisas são tão essenciais à operação da agência como os estados da mente, que, no entanto, consideramos normalmente como o "motor" inicial de uma sequência causal. Romper a primazia do racionalismo é o objetivo do autor, mas, como ele mesmo salienta, é preciso evitar incorrermos em qualquer forma de mistificação da cultura material. Seu propósito é o de mostrar como a agência social opera "*via the proliferation of fragments of 'primary' intentional agents in their 'secondary' artefactual forms*" (Gell, 1998:21). Ele estabelece essa distinção entre agentes primários (seres intencionais) e agentes secundários (artefatos). É por meio dos referidos agentes secundários que os agentes primários distribuem sua agência no marco causal, constituindo, assim, a agência efetiva. Falar em agentes secundários não resulta eliminar deles a sua capacidade de ação, nem tomá-los agentes, apenas como uma força de expressão. Significa considerar que, a origem e a manifestação da agência, tomam lugar em um meio que consiste, em grande parte, de artefatos. Os agentes, nesse sentido, não usam simplesmente os artefatos, podendo, inclusive, ocupar o lugar dos artefatos na sua conexão com os outros seres.

De modo a ilustrar a rentabilidade das considerações sobre a análise de casos concretos, o autor lança mão de dois exemplos que podem ser bastante adequados para pensar sobre a relação entre os usuários e os acessórios eróticos. O primeiro exemplo traz à cena uma menina e sua boneca. Ela ama sua boneca e a considera sua melhor amiga: ela traz um nome, é vestida com roupas para ocasiões particulares e a menina conversa com ela todo o tempo. Tal situação significa que a menina, em uma situação limite, como a de ter que salvar a boneca ou o seu irmão, num bote salva-vidas, escolheria a boneca? Não. A menina estabelece a diferença, mas esse fato não desfaz o sentido atribuído, por ela, ao tomar a boneca como um ser social ou até membro da família. Mesmo considerando que a boneca não é um agente autossuficiente como um ser humano e o fato da menina saber disso, a boneca é tomada como uma emanação ou uma manifestação da agência, primeiramente da própria criança, mas não só: como afirma o autor, ela expressa um espelho, ou veículo, um canal de agência ou até mesmo uma fonte dessas experiências potentes de "*copresença*".

O segundo exemplo: se a boneca ainda guarda alguma relação de semelhança figurativa com seres humanos, que se pense em relações entre pessoas e carros. O autor não está, nesse caso, pensando no carro como uma propriedade ou como meio de transporte, pois tais sentidos não são, em si, *locus* de agência. A situação evocada é a de quando o carro é tomado como algo investido de agência social. Como quando o vendedor em uma concessionária confronta seu cliente potencial e aspectos de sua fisionomia e aparência (dentes bons, cabelo bem penteado, índices corporais de sucesso nos negócios) com um carro particular, uma Mercedes Benz último tipo, preta etc. O carro, no caso, não apenas reflete a personalidade do seu dono potencial, mas é possível dizer que o carro passa a portar uma personalidade. No seu testemunho pessoal, o autor diz que tem um Toyota por quem ele diz estimar com amor objetivo. Na sua família, o Toyota tem um nome (Toyolly

ou simplesmente Olly) e acha que seu carro tem muita consideração por ele: só quebra em situações não muito inconvenientes. Racionalmente, ele admite que tal sentimento parece bizarro, mas não o é se levarmos em conta que muitos donos de carros sentem algo semelhante e que, sobretudo, esse tipo de laço faz parte de um *modus vivendi,* em operação, no mundo das tecnologias.

O interessante nesses exemplos tão familiares e da nossa vida cotidiana tem a ver com duas ordens de questão. Em primeiro lugar, trata-se de pensar sobre as implicações de tomar coisas como agentes sociais. Não cabe atribuir consciência à essência dos objetos. Estamos, desde sempre, diante de situações, contextual e socialmente delimitadas, em que é possível presumir que se sinta que as coisas são pessoas, não só pelo afeto investido, mas pelos tipos de relação que emanam dessa interação. Os objetos podem configurar, em cenas particulares, o ativo na relação, bem como, neste *setting*, o ser humano seria o passivo. Há uma intercambialidade possível, uma transitividade a ser considerada. E esse é o aspecto a remarcar na segunda ordem de problemas, para a qual eu gostaria de chamar atenção: quando estabelecemos uma fronteira rígida entre a autodeterminação das pessoas e a materialidade inerte das coisas, perdemos de vista que pessoas e objetos são igualmente constituídos por agência social, por uma atividade e uma mobilidade de lugares de ação entre eles.

Os toys ou acessórios podem ser analisados nessa perspectiva. Nada a estranhar, portanto, que eles sejam agentes relacionados com as mulheres, entre as mulheres, com os homens e entre homens e mulheres. Resta, contudo, desenvolver ainda sobre quais os efeitos, dessas relações, quando pensamos em cenários que estão mobilizando práticas eróticas. De forma a não estranharmos perguntar se os acessórios têm gênero e em quais situações, se eles estão ou não implicados em relações de tipo homo ou heterossexual, e se seria descabido afirmar que eles também podem ser

tomados como agentes eróticos – do mesmo modo que as pessoas envolvidas – e não somente bens eróticos.

Sex toys: acessório, James, Jack, brinquedinho, consolo

Os depoimentos sobre os usos de *toys* permitem vislumbrar que a relação com os objetos implica experiências marcadas pelo trânsito ou circulação da agência entre os elementos envolvidos. Em diferentes cenas descritas, a atividade ou passividade sexual pode estar investida na pessoa ou no objeto. A partir das narrativas, nota-se que há mecanismos de personalização que são postos em operação quando, por exemplo, se atribui um nome próprio a um objeto. E existem outros tipos de circulação da agência quando consideramos o modo como os entrevistados se referem a ele: muitos empregam a palavra "*brinquedo"*, outros chamam de "*acessório*", para outros tantos ainda faz sentido usar o termo "*consolo*", enquanto "*toy"* é a expressão mais amplamente utilizada. As diferentes designações, os nomes atribuídos e, ainda, como as pessoas escolhem os objetos e suas predileções por forma, tamanho, matéria-prima (se é feito de látex ou silicone ou ainda *cyberskin*) e cor, sugerem um rico material para extrair implicações.

O esforço mais relevante aqui é o de tentar qualificar melhor e, a partir de casos localizados, as diferentes operações relacionais entre pessoas e objetos. Há a relação de **substituição** quando o objeto é escolhido e usado de maneira próxima ao referente [113]. Quando o uso é estabelecido de modo a ampliar a natureza limitada da carne humana (Hart, 1998), em situações em que avistamos certa distância entre o objeto e o referente, chamo de uso do *toy* como **prótese**. O emprego desta palavra, antes de carregar sentido

[113] O referente, no caso, pode ser o pênis e a vagina como partes corporais ou, ainda, aquilo que está investido de um sentido que provoca e satisfaz o desejo: o falo ou o fetiche (por exemplo, por pés e sapatos), considerando que o referente pode ser também uma pessoa.

médico ou mesmo êmico, se associa às interessantes sugestões feitas por Preciado (2002) e Hart (1998) sobre tomar os dildos como objetos agrupados como próteses.

Em todas essas operações noto o peso da **paródia**: evocação satírica ou irônica seja sobre masculinidade ou feminilidade, seja a diferentes orientações sexuais ou às variadas manifestações de corporalidade.

As pessoas entrevistadas usam muitos objetos: dildos com a forma fálica, com a forma de *bullets* ovalados, vibradores com forma de dildo, *rabbits* ou *butterflys*, alguns preferem os *plugs* e todos usam óleos e gels que lubrificam (alguns esquentam outros esfriam), vestem *lingeries* transparentes com rendas e cores fortes, enquanto os simpatizam com as liturgias sadomasoquistas usam algemas, chicotes e cordas (para o Shibari). Todos esses apetrechos são, em seu conjunto, designados como "*brinquedos*", como "*acessórios*" ou como "*toys"*. Mesmo a calcinha provocante, a corda ou a algema são qualificadas deste modo, o que significa que também são consideradas como bens eróticos.

"*Acessório*" é uma designação bastante difundida na rede que compõe os *sex shops* do nicho de alta classe média, cuja característica marcante, como mencionado no capítulo anterior, é ser organizado, gerenciado por e para mulheres. As entrevistadas provenientes dessa rede alternam entre as designações de "*toy"* e acessórios e tal fato me parece revelar a estreita vinculação do uso desses bens, em tal contexto particular do mercado. Tratam-se de pessoas cujo consumo é de alto luxo e não restrito às lojas brasileira, o que justifica a denominação *sex toy*, tornando clara a referência às alternativas abertas para as mulheres independentes da classe média urbana norte-americana ou europeia. Não empregam a palavra consolo – pois, como também já foi indicado – o uso do *toy* ou do acessório não sugere uma falta ou uma carência. O *toy* é o brinquedo "*falado em inglês*", algo para divertir, um elemento a mais. Acessório é também a palavra empregada

pelos agentes de mercado e pelos consumidores para outros produtos como cintos, sapatos, bolsas, bijouterias. Há nessa designação, portanto, uma operação que avizinha ou similariza os produtos que adornam as vestimentas e o bem erótico. Chamar de *toy* ou acessório afasta, inclusive, possíveis mal entendidos em relação a algo que possa ser confundido com vulgaridade. Longe de reduzir as experiências transgressoras de muitos dos usos e práticas sexuais, das entrevistadas que empregam tais palavras, quero assinalar que o modo de designação exprime certas fronteiras de *status*, bem como aquelas atinadas às normas de gênero e sexualidade. Até para expandir as opções e experimentações sexuais, é preciso ter certa etiqueta para não assustar, radicalizar ou confundir.

Brinquedo erótico é expressão recorrente nas entrevistas, mais frequente do que *toy* ou acessório e, mesmo estando hoje bastante difundida, parece ter sido introduzida em meio às ações de prevenção às DST/Aids para ensinar e estimular o uso de camisinhas, pela ação das oficinas promovidas por organizações não-governamentais e entidades políticas e de saúde, desde meados dos anos 80. Uma de nossas entrevistadas faz parte dessa rede e, mais do que a mera informação da história de uso da palavra, ela afirma que o sentido de brinquedo está associado a ser:

> "(...) *uma coisa de criança. Um lance que criança me ensinou que é muito parecido com brincadeira erótica. A gente pergunta: isso aqui é uma espada? A gente é tão besta, adulto é tão imbecil... Aí a criança responde: é uma espada na hora que eu quero que seja uma espada, senão vira uma vara de condão ou uma arma na hora que eu quero. Então, brinquedo erótico e cena erótica é uma coisa meio igual à criança de transformar aquilo ao seu bel prazer naquele momento*" (caso 8).

A associação parece sugerir, portanto, que os bens eróticos podem ser investidos de múltiplas faces, o que reforça sua qualidade transitiva: mais do que uma palavra que as crianças empregam – brinquedo – o que importa é

remarcar a operação infantil de fazer uso de objetos que podem ser transformados, conforme a imaginação e o desejo. Em certo sentido, chamar os objetos de tal modo aproxima a prática sexual dos adultos dos polimorfismos infantis. Mas, antes de expressarem uma imaturidade, me parece que são recursos que indicam a natureza contingente e dinâmica das experiências sexuais que estão sendo tentadas. Indica também operações em que a atividade ou passividade podem circular entre o brinquedo e a pessoa. Uma menção comumente feita, nos relatos, e que implica esses trânsitos, é quando, por exemplo, se usa o diminuitivo para designá-los, como "*brinquedinho*" ou "*gosto daqueles coloridinhos*". A referência lúdica está sempre presente, embora, nesses casos, ela parece evocar a infantilização do objeto para o desfrute da pessoa. A pessoa aí seria o ativo e a infantilização seria um modo de tornar o objeto passivo.

Uma operação inversa seria a de investir o objeto de uma espécie de pessoalização como nos casos em que há atribuição de nomes próprios aos dildos, como James ou Jack, e as referências a momentos ou cenas de uso em que, mesmo controlando o *toy* com as mãos, a pessoa cria uma cena em que recebe passivamente do objeto a ação que lhe proporciona prazer. Três entrevistados, dois homens (o caso 14 e caso 11, autodeclarados gays) e uma mulher (caso 9, bissexual assumida), disseram dar esses nomes aos seus brinquedos. Interessante remarcar que os nomes foram dados a objetos que imitam o pênis e a referência ao nome James apareceu em dois casos. Vejamos:

> "P – *Você já deu um nome pra algum brinquedo?*
> R – *Eu não sou de comprar e dar um nome. Mas, às vezes, brincando com o parceiro acaba surgindo e daí eu adoto. Mas, não é um mesmo nome que eu uso com todos os parceiros. É um nome que só usamos entre a gente. Então, o mesmo objeto pode ter mais de um nome.*
> P – *Então, nunca rolou de...*

R – (risos) *Não, nunca rolou de ter alguma coisa com dois nomes diferentes com a mesma pessoa. Geralmente, eu estou saindo muito com fulano, com ele tem um nome. Eu termino com ele, arranjo outro e daí surge outro nome.*
P – *E como você escolhe esses nomes?*
R – *Ah! É coisa que surge. Numa brincadeira.. o último foi... a gente deu o nome de James pro meu consolo. A gente tava brincando e o cara falou: 'E aí? Vou chamar o reforço ...'* (risos) *E aí saiu um James não sei porque e ficou. Até hoje, com ele eu uso o mesmo nome.*
P – *E com os outros brinquedos, além do consolo, eles têm nomes?*
R - *Hummmm...(?), acho que não. Acho que com ele é diferente porque reproduz um órgão. E, talvez, porque é até comum os homens darem nome ao seu próprio órgão ... porque também... 'Vou lá pegar o pau?!' ou 'vou lá pegar o consolo?!' Acho que o nome facilita de ficar uma coisa mais íntima. E nome pra coisa tipo bolinha anal? Chamar de 'cebolinha'? Meio esquisito! Acho que é mais para o consolo, vibrador.. coisas que são mais comuns mesmo. Não sei se eu daria um nome pra uma algema...*" (caso 9)

O mesmo nome foi atribuído pelo caso 14 que, quando indagado sobre se comprava os brinquedos que dizia usar, disse:

"*Comprar, comprar mesmo, eu comprei uma vez um consolo. Eu fui num sex shop comprar filme pornô e eu achei aquele consolo tão parecido com o real, até na consistência, aí comprei e dei o nome dele de James. E já, dentro do casamento, uma vez ou outra eu me masturbei usando o James.*
P – *Mas tinha uma coisa de usar junto com o parceiro ou era um uso seu?*
R – *Não, era um uso meu. Eu usei pra mim. E deixava guardadinho, com o parceiro eu não usei.*
P – *E o que te chamou atenção era a aparência realística?*
R – *E a consistência.*
P – *O material era...?*
R – *Acho que era látex mesmo, mas muito parecido e achei: 'nossa, é igualzinho a um pau duro!', aí eu comprei.*
P – *E você gostou da aparência realística..*

R – *Gostei e usei algumas vezes, 'ah! Vou usar pra ver como é com o James!'*
P – *E por que o nome James?*
R – *Não sei, falei 'vou dar um nome'. É feio falar consolo e tal, aí dei o nome pra ele. Tinha 18 cm o James. Depois, eu emprestei pra uma amiga e ela nunca mais me devolveu. Ela foi usar com o namorado e deve estar com ele até hoje. E eu não quis mais o James de volta.*" (caso14)

James é um nome comumente associado a um *chofeur* ou mordomo. Este parece ser o sentido da escolha do nome, ainda que não explicitado pela entrevistada, no primeiro trecho apresentado. O namorado chama um reforço e o James aparece. A situação sugere, portanto, a presença de um terceiro elemento, entre os parceiros: um que, com ironia, implica uma associação com um empregado. Há, de fato, uma prática entre homens de nomear o seu órgão, mas os nomes normalmente são em português, como Bráulio, nome já de domínio público. Na situação descrita, parece haver uma cuidadosa operação de convidar um terceiro personagem para compor a cena erótica e nela ele ocupará um outro lugar, realizando função distinta da do namorado: ele está vindo em auxílio e ocupa uma posição de apoio. Percebe-se que o uso paródico do nome acaba, de certo modo, por proteger as habilidades viris do namorado.

Já o James, do segundo trecho, é convidado para as práticas solitárias do entrevistado, parecendo expressar outro tipo de desejo. A escolha do nome, na situação descrita, também pode estar ligada ao personagem de folhetim: o motorista. Mas, não seria, então, um personagem auxiliar ou secundário. Chama atenção, na cena descrita, a associação do nome a algo que pareceria ser "*tão real*". Vale assinalar que o consolo com aparência realística, como sugerido no capítulo anterior, mais do que real é "*hiperreal*". Há nele uma tentativa inegável de aproximar o objeto do pênis: a semelhança é cuidadosamente buscada em razão dos relevos de

enervações, a forma da glande e a cor da pele. O modelo, no entanto, supera o real, ganhando uma forma idealizada: o que evoca a pele "*branca*", por exemplo, traz um roseado que só encontramos em recém-nascidos e, os de pele "negra", são mais pretos que o ébano; além disso, os tamanhos podem ser variados, contudo, exuberantes. São vendidos com diferentes texturas e, na situação descrita pelo entrevistado, a escolha foi pela rigidez do látex. O tamanho acentua, ainda mais, o sentido da operação: no caso, a escolha indica uma clara tentativa de atribuir virilidade ao objeto. O James que inclusive pode ser emprestado para uma amiga, pode também não interessá-lo mais. Há nessa relação, com o objeto do caso 14, uma clara paródia à masculinidade viril, à importância que ela tem, nas fantasias gays contemporâneas (Braz, 2010) e, o jogo de colocá-la à sua disposição: ver como é experimentar o James e, depois, não querê-lo de volta.

A transitividade ou trânsito entre ativo e passivo não esgota todas as possibilidades para pensar as interações entre as pessoas e os objetos. Em alguns casos, a relação parece ser de substituição: situações narradas em que o dildo é o substituto presencial do namorado que mora em outro país, fazendo sexo via internet. Ou ainda, a cena em que a jovem sente que se masculiniza ao vestir o pênis, como ela mesma se refere, para penetrar a namorada. Neste último caso, a entrevistada é declaradamente lésbica e nunca se relacionou sexualmente com um homem. É bastante reservada e até monossilábica ao se referir aos objetos – usa um dildo e o veste com uma cinta, depois de muita negociação e tentativas da namorada. A relação de substituição aí se estabelece entre dildo, pênis e sua conotação direta com a masculinidade. Essa articulação incomoda a entrevistada, a ponto de alegar ter sentido prazer apenas tardiamente.

Em outras situações e para outras pessoas, mesmo diante de operações de tipo substituição, há maior eloquência e divertimento. No caso 8, a mulher bissexual, cuja trajetória sexual já foi anteriormente tratada,

discorreu na entrevista sobre o ciúme que teve de seu brinquedo na relação com uma companheira e do uso combinado que fez dele com seu atual marido, no sexo via internet, durante o ano em que ele vivia fora do Brasil. Ela conta que ganhou um dildo, que chama de "pinto", de um amigo, em meados dos anos 90. Nesse momento, era casada com uma mulher e foi sua primeira tentativa de usar o brinquedo acompanhada:

> "*Usei esse pinto com Maria. Não foi legal. Não gostei. Fiquei com ciúme do pinto.*
> P – *Como assim? Conta.*
> R – *O pinto era meu, caralho!* (risos)
> P – *Ela usou seu brinquedo, foi disso que você ficou com ciúme?*
> R – *É.*
> P – *A ideia era que ele era um brinquedo seu pra você brincar?*
> R – *É. Acho que por isso que joguei ele fora. Eu não queria compartilhar ele com ninguém. Imagina meu atual marido pegar o meu pinto! Nem que fosse pra enfiar em mim. Não queria.*
> (...)
> P – *E como ele era?*
> R – *Enorme. Enorme mesmo, um bem grandão. Grosso, só que muito claro, e com veia. Um saco enorme! Mas bem flexível, bem flexível!*
> (...)
> P – *Ao longo do tempo, foram 12 anos com o mesmo ... de 1996 a 2008. Você jogou ele fora quando?*
> R – *Joguei ele fora agora, quando meu marido chegou.*
> P – *12 anos com o mesmo brinquedo...*
> R – *Nunca tinha pensado nisso!* (risos) *Nunca tinha feito essa conta!*
> P – *Foi seu companheiro de mais tempo!*
> R – (risos e bate palmas). *Esse foi o meu maior casamento!"*

Mais adiante na entrevista, ela associa claramente o seu brinquedo ao atual marido:

> "*Foi lindo...*

P – *Mas por que?*
R– *Porque aquilo me dava a fantasia de que era o pinto do meu marido.*
P– *E tinha essa coisa, antes, de você personalizar o pinto? Esse é o pinto de fulano, essa fantasia?*
R – *Não nunca, foi só com ele...*"
(caso 8)

No exemplo anterior, a substituição evoca um outro ser, a ponto de não querer partilhá-lo seja com uma companheira, seja com o atual marido – a convivência dele com o objeto foi virtual. Ela estabelece uma ligação direta dildo e pênis, inclusive ao alegar que sua fantasia estabelecia uma semelhança entre os dotes do brinquedo e os do marido. Nesse caso, mas também no anterior, é feita uma operação metafórica entre o objeto e um referente, sendo esse o órgão sexual ou o sexo da pessoa e ainda o gênero que ela porta. É importante remarcar que estamos diante de usos que sugerem uma substituição, mas ela, diferente da interpretação tentada pelo feminismo radical, não me parece imitar ou reproduzir o modelo falocêntrico. A substituição é feita, mantendo presente uma tensão entre a semelhança e o simulacro. Simulacro é uma cópia que se exibe como uma reprodução imperfeita ou, como nos termos de Deleuze (1988) [114], uma imagem que ainda produz um efeito de semelhança, importante para revelar o deslocamento que a simulação pretende. Lynda Hart retira uma implicação valiosa sobre esse deslocamento, ao se referir ao uso de dildo por lésbicas. Para ela, menos do que uma alienação heteronormativa, tal uso instiga uma crise de representação, justamente pelo retorno do pênis na imaginação:

[114] - Deleuze ao pensar sobre Diferença e Repetição, visita as distinções estabelecidas por Platão entre original e imagem (modelo e cópia, ídolo e ícone) e, a partir de um desenvolvimento mais profundo, a distinção entre duas espécies de imagem: os ícones - as boas imagens, as que se assemelham do interior com o original - e os simulacros - as más imagens, os fantasmas, "o falso pretendente sempre disfarçado e deslocado" (Deleuze, 1988:211). Para o autor "o simulacro (ou fantasma) não é simplesmente uma cópia de cópia, uma semelhança infinitamente diminuída, um ícone degradado (...) o simulacro é precisamente uma imagem demoníaca, destituída de semelhança; ou melhor, contrariamente ao ícone, ele colocou a semelhança no exterior e vive de diferença. Se ele produz um efeito exterior de semelhança é como ilusão e não como princípio interno." (id:212).

> "*Lesbians who regard their strap-ons as the 'real-thing' have instigated a representional crises by producing an imaginary in which the fetichistic/hallucinatory 'return' of the penis onto a woman's body goes beyond the transferable or plastic property of the phallus to other body parts by depicting a phallus that has no reference to the 'real' of the penis. The lesbian dick is the phallus as floating signifier that has no ground on which to rest. It neither returns to the male body, originates from it, nor refers to it. Lesbian dicks are the ultimate simulacra. They occupy the ontological status of the model, appropriate the privilege, and refuse to acknowledge an origin outside their own self-reflexivity.*"(Hart, 1998: 123)

Além da substituição, o uso pode indicar que o objeto seja tomado como uma prótese, no sentido sugerido por Hart (1998) e Preciado (2002), suplementando as limitações da carne. Algumas pessoas entrevistadas explicitaram não gostar de imitações dos genitais.

> "P – *Esse brinquedo que você usa, tem cor?*
> R – *É azul brilhante.*
> P – Você escolheu pela cor?
> R – *Escolhi pela cor, ele é brilhante!*
> P– *Você acha que tem alguma associação? As cores aparecem muito nos seus brinquedos. Você acha que é um jeito de personalizar? Você dá nome?*
> R – *Tem um nomezinho sim. O que é só meu tem um nome, o que era nosso – meu e da minha namorada – não tinha nome.* (...) *eu acho que tem essa personalização. Eu preferi escolher um mais colorido, mais bonito e de uma cor que pra mim faz diferença. Eu gosto de azul e peguei o brilhante por que achei mais feliz. Eu gosto que ele vibre, ele fica se mexendo ali sozinho, é divertido.*"
> (caso 10)

A escolha das cores, nesses usos protéticos, resulta em um esforço de criação que vai além das associações dildo/genitais. A plasticidade dos objetos, nessas situações, é invocada com vigor: cores brilhantes que sugerem "*felicidade*" ou a vibração que faz com que eles se movam

sozinhos, parecendo ser outros seres. Há também o caso das pessoas que escolhem os *plugs*, objetos com uma forma cônica e que foram inventados para o uso anal, como nesse caso a seguir, de uma jovem que se relaciona com meninos e meninas e gosta bastante de *toys*:

> "P – *Você diz que gosta dos plugs, você compra aqueles mais duros?*
> R – *Os mais durinhos, mas tem os mais molinhos e tem a diferença de tamanho. Eu normalmente compro o mais coloridinhos, acho mais bonitinho.*
> P – *Me fala dessas preferências, porque o plug foi uma coisa criada, pelo menos do ponto de vista do mercado, para o segmento gay masculino. E essa é a sua escolha, o que você mais curte...*
> R – *É o que eu gosto mais.* (...) *e o que eu mais gosto é do laranjinha.*
> P – *E porque você gosta mais dele, é por causa da cor ou da forma ou dos dois?*
> R – *Não sei, acho que pela cor e pela forma. Ele tem uma basezinha, meio quadrada, retangular, na verdade e aí ele vem, não é muito grosso e vai afinando e acaba ficando meio assim uma árvorezinha de natal, um pinheirinho...*" (caso 7)

O uso a partir de uma relação protética sugere que o objeto venha a suplementar ou expandir a associação figurativa entre dildo/genitais. Formas, cores convidam a outras possibilidades de fantasia. Chama atenção essa articulação entre o *toy*, o *plug* descrito a partir de uma narrativa que emprega eloquentemente os diminuitivos e o pinheiro de natal. À primeira vista, poder-se-ia interpretar o caso como expressão que revela alguém ainda enlaçada à fase anal. Antes, me parece ser um caso de deslocamento paródico: a referência infantil, o gosto pelo anal e com um objeto que não imita o pênis, têm o sentido aí de arremedo, um divertimento produzido a partir de convenções patologizantes.

Como tenho insistido, os usos, em variadas cenas descritas pelos entrevistados, parodiam aspectos que compõem as normas de gênero, de

sexualidade e também as que implicam uma fronteira rígida entre sujeito e objeto ou pessoas e coisas. As paródias são realizadas como imitações burlescas, como no caso do entrevistado que classifica seus acessórios para as práticas sadomasoquistas, inflexionando em gênero: o chicote é masculino e, de preferência, rústico; a algema é feminina, pois brilha e pode ser tomada como um adorno (caso 14). A ausência de nuance e essa explicitação do senso comum sugerem, menos do que falta de sofisticação, um arremedo. Outro entrevistado traz mais um exemplo do uso dos objetos a partir da paródia: ele conta que escolheu para si uma "*pica vermelha*" em homenagem ao socialismo e, em particular, ao Partido dos Trabalhadores (caso 5). Interessa lembrar que as paródias que articulam sexo a política têm longa tradição, basta ilustrar com as obras de Sade e toda a sátira política que a envolve.

O alcance teórico do uso de objetos em forma de paródia é o de indicar uma operação entre o referente e o simbolizado que não é de semelhança, mas de deslocamento. Não se trata de mimese, mas de mímica, como sugerido por Homi Bhabha (1994) a respeito da "*colonial mimicry*". A mímica – ou paródia – é um modo de expor as normas à ambivalência. O exagero e o burlesco abrem para o ridículo e para a crítica. Se não para crítica, ao menos sugerem que as precrições normativas podem servir para outros usos. São precisamente esses deslocamentos que interessa reter na análise das narrativas dos usuários de *sex toys*: usos que sugerem como as prescrições de gênero podem servir para, em vez de reproduzir as assimetrias que alimentam a desigualdade, gerar formas de prazer.

Capítulo 5
S/M

Nesse capítulo retomo o problema de onde parti: entender as articulações entre gênero, violência e erotismo. Longe de solucionar o enigma, as variadas experiências eróticas contemporâneas mostram – seja nas modalidades de um mercado cada vez mais transnacional, seja nos usos que as pessoas fazem de objetos, técnicas e fantasias – que as prescrições de gênero e sexualidade estão sujeitas a deslocamentos e ressignificações. Trata-se, inegavelmente, de uma dinâmica viva que supõe a criação ou invenção de novas normatividades, bem como idiomas diversificados para velhas e persistentes restrições. Prazer e perigo permanecem combinados nos erotismos, expressando assimetrias de poder relacionadas não apenas ao gênero, mas à idade, à raça, etnia ou nacionalidade e, também, aquelas que dizem respeito à posição de classe. Hierarquias permanecem marcadas pelos mesmos eixos que produzem a desigualdade social, econômica e política. Contudo, tais marcas de diferença são também empregadas de modo a tensionar o que é sancionado, provocar um arremedo, parodiar. O efeito mais significativo de muitas das experiências que tratei, ao longo desta tese, foi o fato delas submeterem as inscrições normativas à ambivalência. Inscrições fálicas são tornadas *sex toys*, ampliando o escopo de experimentações sociais e corporais.

Diante de novos limites da sexualidade, porém, restam algumas questões: e quando os *toys* são chicotes, floggers, palmatórias e cordas? E quando a relação entre passivo e ativo se dá entre pessoas que escolhem posições em um jogo de dominação e humilhação? Qual lugar simbólico ocupa o mestre e seu submisso (ou escravo) numa sociedade que reconhece os direitos sexuais?

As práticas sadomasoquistas, sobretudo as que se desenvolvem em meio ao mercado erótico contemporâneo, interessam particularmente ao desenvolvimento dessas reflexões. Âmbito estratégico para a investigação antropológica, as variadas expressões S/M[115] introduziram uma retórica, técnicas e rituais sobre o lado "*seguro, saudável e consensual*" de práticas eróticas que lidam com risco. Mesmo não sendo possível definir genericamente o significado de cada um desses termos, dada a diversidade de modalidades S/M, elas apresentam as tensões entre prazer/dor, domínio/sujeição, fantasia/realidade, expondo suas articulações contingentes.

No início de minha pesquisa com os *sex shops*, ainda nos Estados Unidos, eu encontrei, nos catálogos e manuais sobre direitos sexuais e técnicas eróticas, o material sobre S/M. Ignorante e intrigada, a minha curiosidade foi atiçada ao notar que a ênfase dada a essas práticas era:

> *"In fact, S/M has nothing to do with coercion, either sexual or non sexual. The common denomination in all S/M play is not a violent exchange of pain but a consensual exchange of power" (Good Vibrations 1994:210)*

Tal definição contesta as noções de senso-comum sobre sadomasoquismo, inclusive a conceituação presente no dicionário, que define a prática como uma perversão de ordem sexual ou, ainda, como algo que descreve uma dinâmica entre pessoas envolvidas em comportamento coercitivo ou abusivo (*Novo Dicionário Aurélio*, edição revista e ampliada, 1986). O contradiscurso fornecido acentua, ao contrário, que S/M é um exercício erótico de poder e não um abuso físico ou emocional. Suas

---

[115] S/M ou simplesmente SM é a sigla, inventada por Dr. Kinsey e seus assistentes, nos anos 40, em meio às sessões de discussão sobre suas pesquisas e que designa práticas, no campo do erotismo contemporâneo, associadas ao sadomasoquismo. Ainda que seja uma expressão êmica e já de domínio público (o mercado erótico a emprega há décadas), é preciso considerar a pluralidade de experiências, concepções e imagens associadas. Todas elas, contudo, reúnem aspectos condizentes com percepções que articulam prazer e perigo, risco, segurança e consensualidade. Uso a sigla como uma espécie de "*englobante*" provisório e evocativo que condiz com práticas, cujas convenções dialogam também com um campo mais vasto de tradições eróticas, vindas da literatura libertina e pornográfica. Para informações mais precisas sobre Dr. Kinsey e suas descobertas sobre sadomasoquismo, consultar Steward (2004).

expressões mais antigas podem ser encontradas desde o séc. XVIII, na Europa, mas ganham a conotação de minorias sexuais, a partir dos anos 70 do séc. XX, nos Estados Unidos: nesse período, passam a ter visibilidade, no cenário político, grupos S/M gays e lésbicos [116], paradoxalmente, criados no mesmo momento em que apareceram alguns grupos feministas contrários à pornografia e ao sadomasoquismo (como o *Women Against Pornography*). Os estudos a respeito indicam não ser possível entender a retórica desses grupos S/M e suas propostas práticas, sem levar em conta os contenciosos políticos com os conservadores e com os radicais: de um lado, com o movimento em torno da *New Righ*[117], de outro, em relação de contraposição ao Feminismo Radical[118].

Simultaneamente, é necessário considerar a influência que muitas práticas S/M sofreram (tanto nas modalidades heterossexuais, como nas gays e lésbicas) do que a bibliografia chama de *Leather Culture*. Associada por alguns à volta de veteranos de guerra da Coreia e, por outros, aos jovens rebeldes e aparentemente sem causa, dos anos 50 (tão bem representados por Marlon Brando em O Selvagem[119]), a Leather Folk começou reunindo gente que gostava de andar de motocicleta, vestida com jaquetas e calças de couro e que se encontrava em poucos bares espalhados pelos Estados Unidos. Ao que indica alguns de seus representantes, o que era uma expressão localizada organizou um movimento de maior destaque, passando a integrar

---

[116] As primeiras organizações explicitamente S/M foram criadas nos anos 70: os grupos heterossexuais *The Eulenspiegel Society* foi criado em 1971 em Nova Iorque, o *Society of Janus* em São Francisco em 1974 e o *Samois* – grupo S/M lésbico – foi fundado em 1978 (Rubin, 2004).

[117] Para maiores explicações sobre Feminismo Radical e *New Right*, consultar o capítulo 2.

[118] Vale considerar a bibliografia sobre lesbianismo e, em particular, as análises e abordagens críticas em relação ao sadomasoquismo. Bom exemplar nessa direção é a coletânea editada por Robin R. Linde et alli *Against Sadomasochism – A Radical Feminist Analysis* (Palo Alto: Frog In the Well, 1982).

[119] Com o título original *The Wild One,* este filme considerado um clássico, apareceu nas telas em 1953, dirigido por Lásló Benedek. Marlon Brando vive o papel de Johny Strabler, um rapaz líder de uma *gang* de motociclistas que enfrenta as adversidades e incompreensões do mundo adulto (sobretudo das autoridades policiais) e conflitos com grupos rivais, vestido com sua jaqueta de couro e boné. O filme foi baseado no conto de Frank Rooney "The Cyclist´s Raid", publicado em 1951 na revista *Harper*. O estilo *Leather* primorosamente performado por Brando e que expressava o inconformismo e a rebeldia juvenis influenciou James Dean, Elvis Presley e toda uma geração de jovens nos Estados Unidos e no mundo.

interessados em variadas modalidades de "*radical sex*", a partir dos anos dos anos 70 [120].

Além disso, muito do que é praticado, nas experiências S/M, apresenta um diálogo crítico e, em forma de paródia, tendo como referências Freud e, mais precisamente, Richard Von Kraft-Ebing - sexólogo a cunhar, no final do século XIX, o sadismo e o masoquismo como psicopatologias [121]-.

Desde os anos 70, alguns grupos organizados de S/M escolheram adotar outras expressões: jogos de dominação/submissão, sensualidade e "*mutualidade*", mágica sexual, sexo radical ou jogo de poder e confiança. Esses grupos têm o cuidado de, em suas palestras e *workshops*, divulgar a necessidade das práticas S/M se darem em meio a um contexto de segurança, devendo ser estruturado a partir da negociação e comunicação entre as pessoas envolvidas: "*you can´t dominate your partner unless he or she allows you to take control, and you can´t submit to your partner unless he or she accepts control*" (Good Vibrations 1994:211).

---

[120] Guy Baldwin, um psicoterapeuta norte-americano, além de ser adepto do que designa como SM/Leather/Fetish erotic play desde jovem e de atender gente engajada nessas práticas, escreveu a coluna Ties That Bind, por toda a década de 80, na publicação *Drummer* (importante publicação *Leather*, cujo aparecimento remete aos anos 70). Suas principais colunas foram publicadas em livro, no qual o autor conta que uma das fortes influências simbólicas foi a série de histórias em quadrinhos de *Tom of Finland* que circulou desde os anos 50, ganhando maior divulgação a partir dos anos 70 (Baldwin, 1993). O conteúdo erótico é acentuado nesses desenhos, evocando o que mais tarde foi definido como *radical sex: fist fucking*, S/M heterossexual, gay e lésbico. Baldwin informa também que parte considerável das lideranças *gays* e lésbicas participou dos movimentos *Leather*. Há mesmo uma aproximação significativa entre cultura *Leather* e S/M (em suas diferentes expressões). As afinidades entre essas diferentes modalidades de práticas gays e lésbicas estão analisadas com requinte por Gayle Rubin (1993, 2004) e inteligentemente sintetizadas por Braz (2010), de modo a pensar seus efeitos sobre homossexualidades masculinas e de como as convenções *Leather* viajaram dos Estados Unidos para outros países. Sua pesquisa contemplou experiências de "*sexo duro*", entre homens, em São Paulo e em Madrid.

[121] Kraft-Ebing publicou seu *Psichopathia Sexualis,* em 1886, quando definiu o sadismo como psicopatia, mais precisamente, como uma manifestação aberrante do desejo inato de humilhar, machucar, ferir ou ainda de destruir os outros, de modo a produzir prazer sexual para si mesmo. Trata-se de uma patologia que tem origem na degenerescência das raças, mas que mobiliza ou desloca algo que é inato ao homem "*normal*": o instinto de agressividade é próprio daquilo que organiza o comportamento sexual masculino. O impulso de agressividade, nesse sentido, constitui naturalmente o comportamento sexual masculino, assim como a passividade e o recato constituem o comportamento sexual feminino. Esse tipo de patologia, portanto, só pode proliferar entre homens, enquanto o masoquismo seria uma patologia mais comum entre as mulheres. Freud concordava com a tese de que o impulso agressivo é evidente no indivíduo normal masculino. Para ele, a diferença entre agressividade e sadismo é de grau, não de tipo. A psicanálise se constituiu rompendo uma série de noções provenientes da sexologia, criada por Kraft-Ebing. Contudo, as diferenças esbarram em noções mais gerais que ocuparam o cenário das humanidades do século XIX, como mostra a reflexão arguta de Luis Fernando Dias Duarte (2004) sobre os pontos de confluência entre Freud e Kraft-Ebing, no tocante ao tratamento da sexualidade.

No início do novo século, após intenso e longo combate à epidemia da Aids e em contexto de mercado, essas práticas encontram lugar, bastante sintonizadas com alguns aspectos do que chamei de erotismo politicamente correto. Nos catálogos e folders a que tive acesso no *Good Vibrations,* há o esforço de tornar o sadomasoquismo uma alternativa erótica aceitável, a partir de uma retórica que salienta o jogo consensual entre parceiros que brincam com conteúdos e exercícios, ligados às posições de dominação e de submissão. Os chicotes coloridos e as cenas nos vídeos reforçam essa tendência. Tudo parece estar sendo cuidadosamente montado para encenar uma situação que teatraliza a humilhação. A dor não faz parte dessa encenação, assim como o subjugo real ou concreto. E essa simulação vai sendo montada, no texto, a partir da explicitação de algumas fantasias sexuais: de um lado, o desejo de ser dominado e subjugado por sequestradores, estupradores, às vezes por "*aliens*"; de outro, aquele que posiciona o sujeito no controle de uma relação com uma espécie de escravo amoroso.

No limite, os textos dos manuais tentam legitimar o S/M, empregando o argumento de que o jogo de poder é central na nossa imaginação erótica. A noção que está por trás de tal afirmação é a de que o sexo entre duas pessoas raramente ocorre em meio a um patamar igualitário ou de satisfação mútua, em um orgasmo simultâneo. É mais frequente que cada parceiro reveze no controle das sensações do outro. Sem dúvida, importa assinalar que esse tipo de sugestão incorre em uma espécie de naturalização do erotismo. Como se ele fosse desencarnado de todo um mapeamento simbólico, cuidadosamente tecido em meio a processos históricos e culturais.

É interessante notar também que os manuais S/M ou o capítulo sobre essa prática no manual do *Good Vibrations* apresentam, em contraste com os relativos a outras práticas, afirmações mais categóricas e toda uma caracterização detalhada sobre como definir quem está no controle e quem

está submetido. Além disso, enfatizam a todo instante o fato de ser essa uma das expressões do sexo seguro: assim como os *sex toys*, os jogos S/M não implicam o intercurso genital; e os manuais aconselham as pessoas a não ingerirem álcool ou drogas quando o praticam. Há um conjunto de normas que o potencial S/M deve seguir: identificar seus desejos e fantasias; encontrar o parceiro; negociar a cena; procurar o local adequado para encená-la; escolher a posição e os personagens; e cuidar da saúde e da segurança.

Minha primeira hipótese, sobretudo diante dessa vertente mercadológica, foi a de que o pragmatismo que recobre os "*S/M plays*" seria resultante justamente da premência de torná-lo politicamente correto, afastando-o da violência. Indaguei, inclusive, se todo o cuidado com a segurança, saúde e consensualidade não seria decorrente de um esforço de neutralização ou apagamento das desigualdades de gênero que marcam a violência. De fato, os produtos relacionados ao S/M nas lojas são cuidadosos a esse respeito. Contudo, foi preciso conhecer melhor as práticas e os praticantes, bem como as referências simbólicas que estão sendo mobilizadas, de modo a reconhecer que o S/M não se reduz a uma vertente tão politicamente correta e que suas variadas manifestações trazem elementos para, inclusive, contrastar com a violência[122], sobretudo quando a consideramos marcada por gênero.

Pesquisas etnográficas começam a ser feitas no Brasil, acompanhando a difusão e visibilidade das práticas sadomasoquistas, na última década. Regina Facchini (2008), ao analisar a sexualidade de mulheres na cidade de São Paulo, apresenta uma rica investigação sobre uma rede de adeptas ao BDSM (bondage, disciplina, dominação, submissão, sadismo, masoquismo)

[122] Gostaria de agradecer a duas pessoas que me estimularam a dar complexidade às minhas hipóteses iniciais. Regina Facchini discordou do primeiro tratamento que dispensei ao tema (Gregori, 2003) e com generosidade e paciência está me guiando pela cena BDSM em São Paulo. Devo também a Mariza Corrêa o agradecimento de ter me indicado, há anos atrás, a leitura do livro *The Imperial Leather* de Anne McClintock (1995) e *Between the Body and the Flesh – Performing Sadomasochism* de Lynda Hart (1998).

[123]. A rede pesquisada por ela é formada por pessoas da classe média paulistana que criaram, no início dos anos 90, o SoMos, uma comunidade de adeptos S/M, responsáveis pelas primeiras reuniões no país e ainda hoje atuante. Naquele período, as pessoas interessadas nessas práticas se encontravam no clube Valhala - que fechou - e hoje se encontram no clube Dominna, criado há oito anos [124]. Seu estudo aborda experiências observadas e narradas e decifra a formação e os contornos de uma comunidade (ou confraria), a partir das intrincadas relações entre as práticas e escolhas eróticas referentes ao BDSM e aquelas que são vividas no cotidiano, fora do clube e distante da internet, qualificadas por seus informantes como "*mundo baunilha*". Dessas relações de contraste e oposição, saltam intrigantes considerações sobre normas de gênero e sexualidade[125]. Bruno Zilli (2007) estudou, a partir de sites brasileiros da internet, o discurso de legitimação do BDSM. Ele mostra como a linguagem e conclusões psiquiátricas, do séc. XIX, a respeito das fronteiras entre os comportamentos patológicos e os de natureza moral ecoam nas reivindicações de direitos às identidades BDSM. O advento da internet, inclusive, é um fator decisivo na difusão dessa forma

[123] Facchini emprega tal sigla, a partir de designação dos sujeitos de sua pesquisa e como forma de salientar a diversificação de práticas, para além daquelas inscritas nas liturgias e rituais SM. Bondage, por exemplo, é uma atividade de privação de movimentos ou sentidos. O importante a remarcar aqui, segundo a autora, é que se trata de um campo complexo que reúne diferentes concepções de liturgia, de dominação profissional, da relação entre o intercurso sexual e o BDSM e distinções relativas aos temas caros nesse universo como a consensualidade e o risco compartilhado.

[124] Dentre as atividades realizadas no clube, ela destaca: debates, discussões e workshops sobre as práticas sadomasoquistas, algumas encenações de FemDom (dominação feminina), podolatria, bondage e as *play parties* (momentos mais íntimos da comunidade e que se realizam em espaço separado) com as encenações de humilhação, domínio, *spanking* entre Dom/Dommes, Rainhas, Mestres/Mistress e seu(as) escravo/as, submisso/as.

[125] Regina Facchini mostra que no meio BDSM que investigou os marcadores de diferença relacionados ao sexo, gênero e orientação sexual são mobilizados de modo bastante flexível, sem que sejam demarcadores de segmentação entre comunidades S/M, como no caso das experiências norte-americanas. Além disso, segundo seus termos, "a descontinuidade entre desejos, práticas e identidades relacionados à 'orientação sexual' convive, em intrincados esquemas classificatórios, com distinções entre 'sexo biológico' e expressões ou 'identidades de gênero', mas sobretudo com classificações que remetem a desejos e práticas BDSM ou fetichistas (...), ainda que haja coincidência entre desejos e práticas, ela não necessariamente leva a identidades que substantivem condutas em personagens, conduzindo-nos a considerar, o BDSM, como *prática* ou mesmo *arte erótica* que, embora tome parte na produção de subjetividades, não são transpostas, de modo substantivado, como algo que possa descrever os sujeitos" (Facchini, 2008:214).

de erotismo em nosso país, sobretudo nas interações entre adeptos e a criação de suas comunidades [126].

Chama atenção o fato de que, no Brasil, tais práticas ganharam visibilidade recentemente, com a expansão do mercado na direção dos produtos e bens eróticos. Tal aspecto delimita, entre nós, um universo singular de relações sociais, bem como de referências, imagens e práticas, se comparado à diversidade de expressões S/M, nos EUA, visíveis desde os anos 70 do século passado. É preciso lembrar que as variadas alternativas sadomasoquistas, em cenário norte-americano, tiveram destaque e participaram ativamente nos contenciosos políticos de diferentes posições feministas, do movimento lésbico e do movimento gay. No Brasil, como salienta Facchini, os adeptos, a discussão e o debate "*BDSM não está inserido na agenda política dos 'direitos sexuais', também não está no campo de interesses do movimento feminista*"(Facchini, 2008:196). Aqui, o S/M é uma das expressões das novas faces do erotismo, particularmente daquelas alternativas que estão se desenvolvendo e se difundindo no marco do que tenho chamado de erotismo politicamente correto (Gregori, 2003).

Impressões de campo

Nos bares, clubes ou festas para praticantes S/M, o espaço é organizado segundo certas convenções partilhadas. Mesmo levando em conta as particularidades, é possível encontrar em São Francisco, em Madrid

[126] No Brasil, até a década de 90, o acesso a informações sobre as técnicas, objetos e as possibilidades de encontrar pessoas interessada, nessas práticas era bastante reduzido: na cidade de São Paulo havia um *sex shop,* no centro, que oferecia produtos e serviços SM, segundo informação que me foi fornecida por uma informante, atualmente proprietária de loja e vendedora nos anos 80. Os interessados ainda poderiam estabelecer contatos através de anúncios classificados em jornais ou revistas eróticas (Facchini, 2008), seguindo o mesmo padrão dos entusiastas S/M dos anos 50 até os anos 70, em cenário norte-americano (Rubin, 2004).

[127] ou em São Paulo lugares com um mesmo cuidado na disposição de elementos que sugerem a influência dos cenários inventados por Marques de Sade ou por Sacher-Masoch, além dos elementos vindos da tradição *Leather* e S/M, dos finais do século passado. Em todos os sinais contaminados por essa simbologia, há uma distinção entre um ambiente dito "*social*" e uma série de espaços, em separado, repletos de equipamentos variados para as práticas.

Gayle Rubin (2004) conta como o *The Catacombs*, clube aberto em 1975, em São Francisco – famoso, inicialmente, pelas festas para gays masculinos praticantes de *fist-fucking* [128] e depois ampliadas para os S/M, tanto heterossexuais, bissexuais, como lésbicas – foi consolidando um conjunto de convenções espaciais para garantir "*fit, comfort, rhythm and grease*" (2004:127)[129], ou seja, um ambiente intensamente sexual e, simultaneamente, aconchegante e confiável. As imagens que constam da descrição, bem como os comentários detalhados de Rubin registram, a meu ver, dois aspectos: de um lado, o esforço por criar um espaço moldado para garantir o exercício de certas modalidades sexuais, com equipamentos - em sua maioria, fabricados artesanalmente -, e assegurar o conforto. O chão do *Catacombs*, por exemplo, era de madeira corrida e a calefação permitia a nudez. Trata-se de um tipo de cuidado que indica uma concepção de sexo

---

[127] As referências relacionadas ao que se chama de "*sexo duro*", no segmento gay de mercado de Madrid,foram analisadas por Camilo Brás (2010) e apresentadas, em sua tese de doutorado. Seu estudo mostra uma série de confluências entre as cenas S/M, a tradição *Leather* e a linhagem de alternativas gays que enfatizam a masculinidade. Tais confluências criam convenções que viajam pelo tempo e pelo mundo. Ele apresentou o exercício dessas convenções, em Madrid e São Paulo, sendo interessante perceber que, mesmo em estabelecimentos que não são de frequência exclusiva do segmento gay, tais referentes são operantes. Para conhecer melhor as práticas em Madrid, consultar Brás.

[128] *Fist-fucking* é a prática de penetração anal ou vaginal com o punho. Para melhor caracterização e contextualização, consultar Rubin (2004); Mark Thompson (2004); Braz (2010).

[129] *The Catacombs* foi , em realidade, um espaço arquitetado e decorado por Steve McEachern, que o criou para o seu amante, no porão de sua casa Vitoriana. Em 1981, Steve morreu de enfarto, sem deixar testamento. Sua família desmantelou totalmente o lugar. Foram feitas duas tentativas de reabertura do clube, em outros locais de São Francisco. Na terceira delas, por iniciativa do companheiro de Steve, o *Catacombs III* abriu suas portas, tendo recuperado parte significativa do conceito e dos equipamentos originais. Em 1984, em meio aos impactos gerados pela Aids (sejam as mortes prematuras ou o pânico coletivo ocasionado por elas), o *Catacombs* encerrou suas atividades.

radical, cujo foco põe em evidência certas modalidades de dor, até elas, estudadas e convencionadas. Foram sendo pesquisadas técnicas e testados objetos, de modo a expandir as potencialidades materiais e sensoriais do que o corpo pode permitir, em termos de prazer. Por outro lado, o *Catacombs* sugere outro elemento intrigante: Steve McEachern criou esse espaço como um presente de aniversário para seu amante, Fred. Antes de reforçar apenas o ajuste espacial e tecnológico para práticas sexuais anônimas e pontuais, esse espaço de festas foi um presente amoroso, assinalando uma relação consentida. Assim, mesmo considerando que ali seria possível desfrutar, segundo o desejo do cliente, um encontro meramente sexual, havia um elemento de tensão a sugerir um laço romântico.

Quando meus alunos me levaram para nossas expedições de campo, eu notei que essas convenções viajaram no espaço e no tempo. Algumas são bastante vigorosas, outras sofreram atualizações. O "*fetish club*", chamado Libens [130], foi aberto em maio de 2008 (e fechado em março de 2009) por um casal de praticantes S/M, Mister Y e sua esposa e submissa, marYa [131]. Ele ficava em Santana e a vista exterior da entrada sugeria um imóvel residencial adaptado. A frente era estreita, sem placa chamativa na fachada. O clube Dominna, no bairro do Tatuapé, também fica em uma casa alugada, sem placas de identificação. Independente de eventual intenção em manter a discrição, são estabelecimentos do mercado que, a exemplo das catacumbas, no porão de São Francisco, trazem a conotação implícita de ser um espaço para iniciados ou simpatizantes[132].

---

[130] Libens foi criado e aberto como um *fetish club*, segundo designação própria.

[131] Mister Y tem aproximadamente 30 anos, é um moço bem claro e forte. marYa – e seu codinome é grafado exatamente assim: a posição de submissa implica um nome em minúsculo e o Y se liga ao nome de seu mestre. Ela também está na mesma faixa etária, é branca com o cabelo loiro (artificial) e, ligeiramente, gorda. Pelo que pudemos apurar, eles fazem parte de um segmento de classe média e viviam, naquele momento, dos rendimentos do clube.

[132] Facchini afirma, a partir de entrevistas realizadas com praticantes BDSM, que a exposição pública é cautelosa, de modo a evitar a equação entre erótico e exótico estabelecida, no mais das vezes, pela mídia.

Importa assinalar que o Libens era um estabelecimento criado e administrado por um casal. O Dominna é atualmente uma sociedade de amigas, mas uma das donas era casada com um sócio e mantinha com outra das proprietárias uma relação S/M[133]. Conheci em campo uma variedade significativa de gente com compromisso amoroso. Além disso, muitas das práticas de que tive conhecimento e que assisti, em São Paulo, se deram em meio a comemorações, reforçando laços de amizade e amor.

A fachada do Libens era toda de vidro escuro, com uma porta entreaberta. Essa ausência de sinais externos, contudo, rompia-se ao entrar: sequências de fotos estampavam as paredes com dorsos nus amarrados com cordas (que constitui as práticas de *shibari*), fotos de *bondage*[134], podolatria, fetiche de látex, uso de adaga, uso de velas, uso de agulhas, ou ainda cenas de mulheres tendo o cabelo raspado. Nessa entrada repleta de imagens, encontrei uma "*citação*" *Leather*: no centro do hall, uma moto forrada em couro preto. Toda a área, chamada localmente de "*social*", tinha o formato de um retângulo, composto por duas saletas pequenas. Na primeira delas, havia um par de mesas, dispostas uma depois da outra. A ideia do espaço social, também no Dominna, é a de socialização das pessoas. Elas sentam nas mesas conjuntamente e, quando não se conhecem, tem ali oportunidade de se apresentarem. À direita das mesas, um balcão de atendimento, onde eram feitos pedidos, anotadas e pagas as comandas.

Em uma noite de janeiro, chegamos e cumprimentamos um par de dominadores (um senhor totalmente grisalho, que devia ter mais de 60 anos, magro, usando barba e uma senhora, loira, de cabelos compridos, lisos, um pouco gorda) e, sentados com eles, dois rapazes mais jovens, aparentemente iniciantes, um deles em um banco bem mais baixo. Notei alguns assentos

[133] Há quatro anos, o relacionamento, bem como a sociedade, entre essas duas mulheres foram desfeitos. Uma delas permaneceu no clube com outras mulheres. Para maiores esclarecimentos sobre o clube Dominna, ver Facchini (2008).

[134] Como já informei no capítulo anterior, *bondage* é uma prática de amarração e suspensão com cordas e nós, empregada com frequência na cena S/M.

desse tipo espalhados pelas salas para que os escravos ou submissos pudessem se acomodar. Na parede do fundo, da segunda saleta, havia quatro quadros com gravuras de rostos e nomes: Masoch, Sade, Anne Desclos (cujo pseudônimo seria Pauline Réage, a quem se atribui a autoria de *História de O* [135]), John Norman (autor das obras de ficção que inspiram Gor[136]).

Depois desse espaço, um corredor estreito conduzia ao *dungeon* – masmorra, em português, e palavra bastante empregada, desde os anos 70, nos clubes S/M. Em todos eles existe essa fronteira espacial, separando uma área "*social*", aparentemente coletiva, socializante e de conversação e o *dungeon*, lugar mais escuro ou, parafraseando Brás (2010), à meia luz, onde se pratica, com maior ou menor liturgia, as atividades variadas que compõem as cenas S/M [137]. Rubin, ao se referir ao *Catacombs*, sugere que essa separação replica no espaço a distinção entre a parte da frente e a de trás, parodiando a noção de que "*the back was for sex*" (2004:125). Ali, no marco das experimentações dos gays masculinos, dos anos 70, em meio a troncos de madeira e postes de luz a gás (tentando estilizar uma certa ambientação do séc. XIX), era proibido fumar, se drogar ou beber. Além destas regras, algumas práticas como a suspensão por cordas, em roldanas, era autorizada e supervisionada pelo próprio Steve McEachern.

---

[135] A *História de O*, um dos romances pornográficos mais notáveis do século XX, surgiu em 1954 com a autoria de Pauline Réage e logo se tornou um sucesso editorial, segundo Susan Sontag, também em função de seu patrocinador e prefaciador, Jean Paulhan. Existe o rumor de que Pauline Réage, que alegava morar em local distante da França e manter total anonimato, era, na verdade, o pseudônimo de Jean Paulhan. Sontag destaca a semelhança entre Pauline e Paulhan e afirma: "*A identidade real de Pauline Réage persiste como um dos raros segredos bem guardados das letras contemporâneas*" (Sontag 1987[1967]:53)

[136] John Frederick Lange Jr, mais conhecido como John Norman, é um escritor e atual professor de filosofia em New York, tendo publicado uma série de livros intitulados *Chronicles of Gor,* bastante populares nos Estados Unidos, nas décadas de 70 e 80 do séc. XX. Tais crônicas enfatizam um modo de vida a partir de uma noção singular de ordem natural que, entre outros aspectos, defende a sociedade de castas e propõe que as diferenças de gênero sejam configuradas de modo a posicionar a mulher como uma submissa natural do homem dominante. Essa literatura deu elementos de base para uma espécie de subcultura que informa praticantes na cena BDSM, nos EUA e também no Brasil. Para maiores informações, consultar na internet: http://en.wikipedia.org/wiki/John_Norman.

[137] Facchini, em sua tese (2008), apresenta rica descrição dos *dungeons* do clube Dominna e já assinala um aspecto importante: trata-se de um espaço decoroso, isto é, um ambiente para a realização das cenas em que o contato entre as pessoas se dá em tom formal.

No Libens, o *dungeon* era bem pequeno, talvez uns 3m x 3m. No fundo dele, disposto sobre uma parede pintada em azul celestial, uma cruz de Santo André [138], na qual estavam fixadas, nas pontas superiores, duas algemas em couro. Ao lado esquerdo do X, havia uma canga [139] e, ao direito, uma mobília que foi apresentada como suporte para o *spanking*, ou melhor, um apoio feito de madeira que mantém o espancado de joelhos, com as pernas apoiadas atrás e o tronco apoiado para frente.

A sala foi dividida ao meio, nas paredes e no teto, por um suporte de metal do qual pendia o que nos disseram ser o "*novo brinquedo*" da casa: uma roldana com correntes e ganchos para a prática de suspensão. Na parede à direita da sala, em frente à porta, ficava pendurado o suporte que prendia – de modo organizado - cordas e instrumentos de *spanking*. Os chicotes, na maior parte, eram *floggers* [140]: feitos de diferentes materiais, grossuras e quantidade de tiras. Inclusive, *floggers* de corda, de camurça, de tira mais fina de couro, com tiras mais grossas, de couro sintético costurado, alguns compridos com as pontas finas e leves, utilizados para "*aquecer*" a pele para o spanking. Além deles, havia um relho e as *canes*[141]. Um objeto me impressionou: redondo como se fosse um rolete vermelho cheio de pontas de metal e que é chamado de "ralador", é usado diretamente sobre a pele, machucando e tirando sangue.

Diferente de outros *dungeons* descritos ou vistos, este tinha cadeiras encostadas em toda a extensão de uma das paredes, colocadas umas ao lado das outras. Um aspecto singular, indicando uma divisão espacial entre

---

[138] Cruz de Santo André, ou sautor, é um símbolo heráldico, de tradição cristã, na forma de cruz diagonal ou da letra X. Santo André, apóstolo cristão e irmão de São Pedro, sofreu martírio através de crucificação em cruz diagonal, vindo daí a referência. Esta cruz, em forma de X, é uma das peças mais comuns do equipamento S/M e normalmente é feita artesanalmente.

[139] Canga é um suporte de madeira que conta com uma parte que se abre para acomodar e prender o pescoço e os braços, de quem lá é preso.

[140] Instrumento para açoite e flagelo. No caso das práticas S/M, os floggers são os chicotes feitos de múltiplas pontas.

[141] Caniço, bastão ou bengala fina, usado para espancar e, segundo depoimentos, o mais dolorido de todos os chicotes.

aqueles que praticam as cenas e os espectadores que, passivamente, assistem aos *plays*. No Dominna, que também conta com um espaço social, repleto de mesas e de um bar, as cenas ocorrem em dois *dungeons*, um deles especialmente criado para a prática do *shibari*. Não que sejam espaços muito maiores, porém as pessoas participam das cenas, outras assistem a elas, em um espaço ocupado apenas pelos equipamentos.

Dois aspectos a comentar: a fronteira entre o espaço "*social*" e o *dungeon* não deve ser vista do prisma da distinção entre público e privado. O social, no caso, sugere a interação coletiva, conversas, paqueras e até as negociações para as cenas ou para os relacionamentos. Pelo que pude observar, a maioria das pessoas já se conhece (algumas conversam diariamente pela internet) e, muito animadas, fofocam sobre as situações variadas que vivenciam no cotidiano do mundo "*baunilha*" ou nos eventos promovidos pelos ambientes S/M. No *dungeon*, o que se passa não é privado ou menos público. Não existe um limite que estabeleça claramente um espaço para intimidade. Além disso, existe uma noção difusa de que as cenas destinam-se a ser praticadas e vistas. Neste caso, assistir é também uma prática, de modo que não faz sentido pensar na perspectiva de um palco com encenações e uma plateia. O *voyer* é um personagem ativo e frequente nesses universos.

A aparência teatralizada do *dungeon* remete diretamente a aspectos presentes nos cenários escritos de Sacher-Masoch, segundo a maravilhosa interpretação feita por Gilles Deleuze. No sentido de enfatizar os elementos romanescos, presentes em obras como *Vênus das Peles* (Sacher-Masoch, 1870), ele chama atenção para a forte presença da marca estética e plástica: "*O gosto pelas cenas fixadas, como que fotografadas, esteriotipadas ou pintadas, se manifesta nos romances de Masoch no mais alto ponto de intensidade*" (Deleuze, 1983[1967]:77). Como esculturas ou quadros, os atos de amarrar, pendurar e de crucificar, são descritos cuidadosamente, ou

melhor, liturgicamente. O sentido evocado por essa ambiência e atos parece ser, de acordo com Deleuze, assinalar na experiência a espera e o suspense[142]. Assim, menos do que encenar uma peça – o que já implicaria uma fronteira entre atuar/ator e assistir/plateia – trata-se, me parece, de uma atuação coletiva a remarcar, tentar eternizar esteticamente, cada um dos gestos. O tempo da forma do masoquismo é "*esperar infinitamente o prazer, mas esperando intensamente a dor*" (Deleuze, 1983:79).

Mas, há algo forte que marcou minhas impressões sobre esses clubes e que já tinha notado nos usos que as pessoas fazem dos objetos eróticos: uma conotação significativa de simulação perpassa os elementos materiais e espaciais. O cuidado ou requinte estético que emanam dos livros de Masoch não aparecem neles. Uma sensação recorrente é produzida pela exposição, sem nuance, dos referentes simbólicos associados ao S/M. As marcas que sugerem a aproximação com os castelos sadianos, com os jardins da *Vênus das Peles*, com as senzalas[143] ou com as punições japonesas, são apresentadas, deixando à vista do observador a sua qualidade de cópia ou de algo escolhido para estilizar. A estilização é feita para estimular a sensação daquilo que evoca e não para assegurar uma experiência ontológica. Como no ato de simular, são feitas cópias que guardam alguma semelhança com o referente, mas que produzem ou provocam um efeito de deslocamento (Deleuze, 1988).

---

[142] A leitura de Deleuze sobre Sacher Masoch foi valiosa para a análise do S/M, principalmente por ela oferecer uma chave de interpretação que, em diálogo com a literatura, com a psicanálise e com a filosofia, amplia as possibilidades de apreensão simbólica. O ensaio "*Sacher-Masoch, o frio e o cruel*" foi escrito para ser publicado como prefácio ao romance *Vênus das Peles,* em 1967. Trata-se de uma interpretação que assinala as particularidades do gênero narrativo e a engenhosidade singular das fantasias dos personagens, em comparação ao que está presente nas obras de Sade. Não existe solução de continuidade, tampouco de transição, entre o sadismo e o masoquismo como quer Kraft-Ebing e que foi aceito por Freud. Voltarei a essa leitura, a seguir.

[143] No *dungeon* do clube Dominna, especialmente criado para as práticas de *Shibari*, além dos suportes com roldanas para suspensão, existe uma canga, alguns elementos em bambu e, no chão, foram dispostas esteiras de palha. Há uma tentativa de decorar, tentando aludir uma ambientação que pode ser japonesa ou de uma senzala.

24/7

As pessoas no clube se apresentam com seus *nicknames* [144], todos ou a maioria, compatíveis com os apelidos empregados na internet. São nomes escolhidos que já assinalam a posição ou status que o sujeito tem, nas relações S/M. Assim, *nicks* como Mestre K ou Y, Rainha Laura, Domme Virgínia são comuns, bem como nomes dos(as_ escravos(as) ou submissos (as) que são grafados em minúsculo e que incorporam uma letra que faz referência ao nome de seu/sua senhor(a) como, por exemplo, o caso de marya, esposa do Mister Y. As posições de status são eminentemente relacionais: Dominatrix, Dom/Domme, Dono/Dona ou Mestre/Mistress se afiguram em relação aos subs (submisso/a) e escravos(as). Ainda existem os que se qualificam como sádicos e outros como masoquistas[145]. Caso especial, me parece, são os *switchers*: as pessoas que podem ocupar posição de dominação ou submissão, dependendo da relação escolhida.

Existem diferenciações estabelecidas nessas posições[146]. Dominatrix é a dominadora profissional (a que vende seus serviços na dominação feminina), Dom/Domme é o par dominador dos subs, Mestre/Mistress domina com ênfase no castigo e no sadismo. A Rainha é a escolhida pela comunidade e que supera qualquer Mestre ou Dom. Não existe uma distinção muito clara entre ser sub e ser escravo. Masoquista é alguém que está numa posição de submissão, mas que busca a dor corporal.

Facchini (2008) chama a atenção para o fato de que essas relações são produzidas em meio a uma comunidade, como uma espécie de confraria imaginada, definida por contornos (litúrgicos ou normativos) e por controles.

---

[144] A expressão em inglês é de uso corrente, bem como uma série de outras designações, como *dungeon, flogger, cane* etc. Tal recorrência parece indicar a influência das linhagens S/M, vindas de fora e consagradas como linguagem via internet.

[145] Na literatura norte-americana aparece *Top* e *bottom*, expressões conhecidas dos praticantes daqui, mas não muito empregadas.

[146] Todas essas informações foram extraídas do trabalho de Facchini (2008) e pude comprová-las em campo.

Assim, é preciso ter em mente que as relações não são essencialmente diádicas. Elas podem se estabelecer entre um dono/dona e variados subs ou escravos e, fundamentalmente, são definidas a partir de um conjunto de prescrições partilhado coletivamente. Tal controle comunitário "*por outro lado, não deixa de propiciar um campo de conflitos, fazendo com que a comunidade se estruture em um equilíbrio tênue entre vaidades, fofocas, posições isolacionistas, debates de concepções, solidariedade e busca de respeito*" (Facchini, 2008:198).

Além de termos que contemplar as relações entre as pessoas, no marco de uma comunidade, a autora destaca outro aspecto que me parece especialmente importante: as posições ocupadas pelas pessoas e as interações estabelecidas entre elas não são pautadas pelo sexo biológico dos parceiros. Ser mulher ou homem não é critério de dominação ou de submissão, assim como não há uma exigência para que essas posições sejam estipuladas a partir da orientação sexual. É possível que um heterossexual seja sub ou mestre de alguém do mesmo sexo. Também há a possibilidade do jogo erótico envolver uma relação sem, necessariamente, haver sexo.

Na primeira visita ao Libens, conhecemos narinha e Mestre Sargitarius[147]. Já se apresentaram com seus *nicks* e logo narinha caracterizou sua posição e relação com Mestre S como sendo D/s (de Dominação e submissão), com componentes de sadismo. Ele, calado a princípio e "*siderado*" nela que, eloquente, transmitia enorme vivacidade. Ela nos disse que a relação deles é 24/7 (vinte quatro horas por sete dias), o que significa: ela é escrava, mas também esposa dele. Mesmo tendo se conhecido há

[147] Ela é uma moça de aproximadamente 25 anos, morena parda com os cabelos pintados de dourado. Estudante de Administração, sempre trabalhou, mas disse que estava pensando em parar por um tempo. Mestre S, uns dez anos mais velho, é branco e trabalha com informática. Ele se vestia normalmente, como se tivesse saído do trabalho, calça e camisa clara de mangas curtas. Narinha era a única, naquele dia, que se vestia de modo menos convencional: scarpins altos e estampados, meia arrastão 7/8, um vestidinho preto, muito curto, de corte trapézio, cabelo cortado reto, frisado, preso por presilhinhas, maquiagem leve. O conjunto sugeria uma "*meninota*", algo como uma Lolita.

menos de um ano, eles já estão morando juntos. Para narinha, como a relação S/M é 24/7, o casal estabeleceu que ele detivesse o controle e ela, por sua vez, presta contas de tudo o que faz durante o dia. Não só relata como pede permissões. Na hora do almoço, quando trabalhava, ela avisava a ele que estava saindo e pedia para comer e ele autorizava determinadas coisas. Ela dá a comida para ele, serve, dá banho.

Na narrativa, Mestre S usou imagens que supostamente estariam relacionadas com a escravidão, no passado, para descrever como vivem. Mesmo sem saber como era exatamente, o que importa para eles é o que se estabelece como fantasia. O repertório serve como cenário e inspiração para as práticas. Em dado momento, ao comentarem sobre a distinção entre escrava, submissa e masoquista, narinha explicou: a sub é aquela que deseja servir; a escrava é a que pode ou não servir e que costuma questionar, contestar; e a masoquista vai querer provocar para conseguir a dor. O Mestre assinalou tratar-se de um jogo de recompensas e castigos, ao que ela completou se referindo a como se comporta, enquanto escrava, de modo a obter o que quer. Esse "*o que quer*" me pareceu um pouco ambíguo, oscilando entre "*a dor, que acalma*" e outras sensações que deseje ou lhe deem prazer.

O enlace entre narinha e seu Mestre apresenta uma conotação contratual, como, aliás, está na base da relação masoquista, a partir da interpretação de Deleuze sobre a obra de Sacher-Masoch[148]. É o contrato que exprime não simplesmente o consentimento da vítima, mas, sobretudo, a sua habilidade em persuadir, seduzir e até ensinar o seu algoz. Ele produz uma espécie de efeito de tipo jurídico que, segundo Deleuze, diferencia cabalmente a dinâmica erótica do masoquismo, em comparação ao efeito

[148] Deleuze chama atenção para a ignorância em relação à obra de Masoch, em contraste com a significativa visibilidade de seu nome, designando uma perversão. Além do maior destaque dado a Sade, o que faz com que até clinicamente o masoquismo constitua complemento ao sadismo, a expressão sadomasoquismo foi sendo aceita como, segundo o autor, uma "*injusta unidade dialética*" (Deleuze 1983:12).

institucional provocado pelas cenas de Sade[149]. A submissão, no caso dos personagens de Masoch, não é passiva. Severino apela tornar-se escravo de sua Deusa das peles, primeiro em sonho, em fantasia e, em seguida, em um relacionamento que ele pretende eterno. A sua escolhida, Wanda, é a vizinha misteriosa que passa a ser, na narrativa em forma de suspense, a sua Vênus. Ele a seduz com tempo e calma, convencendo-a a amá-lo e, a partir de então, ensina a ela como submetê-lo e a provocar nele a sujeição física.

Deleuze acredita que esse romance traz todos os elementos que fornecem a base do masoquismo e que foram desconsiderados pela psicanálise[150]: a presença de uma significação especial de fantasia, ou melhor, a recorrência de uma forma de fantasma que aparece nas cenas sonhadas, dramatizadas ou ritualizadas; o emprego frequente do que ele chama de "*fator suspensivo*" - a espera, o atraso como forma de tensionar o apelo sexual; a recorrência, no texto, de um traço demonstrativo, ou seja, persuasivo (o escravo ou submisso clama e exibe a humilhação); há também o elemento de provocação como se, ao demandar a punição, o masoquista aliviasse a angústia de ansiar um prazer proibido; e, finalmente, o contrato que supõe a vontade dos contratantes, estabelecendo direitos e deveres e por um tempo determinado.

No final de uma das publicações de *Vênus das Peles* são apresentados três diferentes contratos estabelecidos pelo próprio Masoch com suas

---

[149] Para o autor, enquanto Masoch dá particular importância à forma estética (na arte e no suspense) e à forma jurídica (o contrato e a submissão), Sade acentua o naturalismo, a partir de um sistema movido a um mecanismo de moto perpétuo. O pensamento de Sade se exprime em termos de instituição: as interações entre libertinos e vítimas são baseadas em um estatuto de longa duração, segundo uma configuração involuntária (a vítima é presa da vontade soberana do libertino), sendo os direitos e deveres substituídos por um modelo dinâmico de ação, de poder e de potência (Deleuze, 1983:84).

[150] Deleuze critica a psicanálise, sobretudo pela ausência de um exame mais depurado da forma narrativa, presente na origem literária que deu base ao masoquismo. Ele considera que Kraft-Ebing elaborou conceituações toscas que não foram devidamente problematizadas por Freud. Contudo, reconhece que o psicanalista Theodor Reik foi o psicanalista a ir mais longe na caracterização do masoquismo, apenas não tendo identificado a centralidade do elemento de contrato.

mulheres e amantes[151]. O primeiro, foi o contrato estabelecido, por ele, na idade de 33 anos, com Fanny Pistor Bagdanow, sua amante no período. Reproduzo, a seguir, um pequeno trecho:

> (...)"*Sob palavra de honra, Leopold de Sacher-Masoch compromete-se a ser o escravo de Madame Pistor, e a executar absolutamente todos os seus desejos e ordens, e isto durante seis meses.*
>
> *Por sua parte madame Fanny de Pistor não lhe pedirá nada de desonroso (que possa fazer-lhe perder a sua honra de homem e cidadão). Além disso, deverá deixar-lhe seis horas diárias para os seus trabalhos e não lhe verá nunca as cartas ou escritos. Por cada infração ou negligência, ou por cada crime de lesa-majestade, a dona (Fanny Pistor) poderá castigar ao seu gosto o escravo (Leopold de Sacher-Masoch). Em resumo, o sujeito obedecerá à sua soberana com uma submissão servil, acolherá os seus favores com um dom encantador, não fará valer nenhuma pretensão de amor nem nenhum direito sobre sua amante. Por seu lado, Fanny Pistor compromete-se a usar freqüentemente e sempre que possível peles, principalmente quando se mostre cruel*". (...) (Começado a executar em 8 de dezembro de 1869).

Essa dimensão do contrato, mesmo sem a referência explícita feita pelas pessoas que conheci na cena S/M, parece estar inteiramente de acordo com a bandeira "*são, seguro e consensual*" que sustenta as práticas contemporâneas, tanto no Brasil como no exterior. Há um "*zelo escrupuloso com a lei*" que, segundo a leitura de Deleuze (1983:96), leva ao absurdo. Voltarei a essa reflexão, a seguir. Trata-se aqui de entender que, mesmo no caso do autor que dá origem simbólica a essa expressão do erotismo, há a operação de elementos que conferem "*agência*" aos escravos e uma maior permeabilidade entre a cena literária ou encenada, no clube, e a vida cotidiana das pessoas. Nesse sentido, o 24/7 implica uma fronteira tênue com o que está presente na liturgia das cenas praticadas pelos membros das

[151] - Essa publicação de *Vênus das Peles* foi editada pela Edição "Livros do Brasil" de Lisboa em conjunto com a novela *Diderot e Catarina II* e traz em anexo com o subtítulo "Fragmento de Psychopathia Sexualis" três contratos, segundo Kraft-Ebing coletados por Schlichtegroll.

confrarias. A sensação que fica é a de uma dinâmica que certamente terá que ser mais investigada, de que os limites entre a vida no mundo S/M e no "*baunilha*" vão esvaindo, mas ao preço de um esforço enorme em ir estabelecendo, até inventando, rotinas ritualizadas. Por mais irônico que possa parecer, não é fácil garantir a experiência do domínio e da servidão, em meio a uma vida organizada para a autonomia dos indivíduos. Não se trata, apenas, de evitar o estranhamento público (ou privado) quanto às dissimetrias acentuadas presentes nessas relações. No caso de narinha e Mestre S, foi preciso ir criando um conjunto de prescrições para o dia a dia, o que, certamente, deve ser exaustivo.

Ao senso comum seria mais provável imaginar que existam muito mais dominadores(as) do que submissos. Outra das idiossincrasias interessantes dessas experiências é que ocorre justamente o contrário. É muito comum ouvir, no clube, uma queixa em relação à exiguidade de pessoas que ocupam essas posições. São muitas as atribulações das Rainhas, Mestres ou Mistress. A eles cabe inventar as punições, criar o material apropriado, não hesitar no controle às solicitações e provocações dos subs. Além disso, Mestre S alertou que um dos cuidados que um dominador deve ter, em uma relação 24/7, é o de estimular que os escravos não parem de estudar, de trabalhar, de terem amigos e que não rompam seus laços familiares. É preciso evitar, segundo ele, a dependência ao Dono quando as relações chegam a termo. A palavra "*guiar*", aliás, foi bastante empregada por ele: "*o Dono deve guiar sua peça, cuidar dela*".

Patrick Califia [152], fundador do *Samois* e uma das maiores referências do cenário S/M norte-americano, discute os aspectos paradoxais da relação

[152] Califia nasceu mulher e assumiu identidade lésbica nos anos 70. Escritora de inúmeros livros de ficção e ensaios sobre sexualidade, ela foi uma das fundadoras do *Samois* (e no grupo, assinalou os elementos da *Leather Culture*), participou das *sex wars* ao lado das feministas e lésbicas pró-sex, contrárias à lei antipornografia de coautoria de Catherine MacKinnon.; e teve contribuição relevante no volume organizado por Carol Vance *Pleasure and Danger.* Um dos seus livros mais populares é *Macho Sluts*, publicado no

entre *Top/bottom*. A partir de sua posição como *top*, ele indaga sobre as razões da significativa escassez de dominadores nesse campo e argumenta que a fantasia de dominação, com o paradigma da dissimetria de status (idade, classe, educação), é pouco vivenciada[153]. Tal disparidade é ainda mais intrigante pela natureza consensual que caracteriza o processo de negociação entre parceiros. De modo levemente irônico, ele reclama que, ao ser basicamente um sádico, não tem interesse em roupas ou no comportamento submisso do que diz serem as empregadas francesas ou em *bondages*. Diz que as subs que conhece não acreditam nele. Aliás, pontua: elas escolhem não acreditar nele. De um lado, tal fato tem a ver com a pouca experiência da maioria dos parceiros e o parco conhecimento disponível sobre a variedade de dominadores e de subs. De outro, ele já se sentiu, em inúmeras ocasiões, como se fosse um objeto na mão de suas escravas ou submissos, sendo demasiadamente solicitado. Os subs não precisam ter habilidades ou competências, não são desafiados e não precisam ter energia. Além da comunidade não oferecer treinamento aos Donos – o que exige deles imenso esforço -, ele afirma que nas discussões sobre segurança e consentimento, o foco de atenção está inteiramente direcionado para a proteção ao sub, quanto aos eventuais danos físicos ou psicológicos. O *top* que apresenta seus limites, inclusive, nem é considerado como um verdadeiro dominador.

Ainda que os marcadores de diferença sexual não possam ser considerados como critério para posicionar o dominante ou o submisso nessas relações, é preciso admitir que as tensões de gênero permanecem

---

final da década de 80. Em meados dos anos 90, Califia decidiu-se pela transição de gênero e adotou o nome Patrick. Hoje se autodefine como uma pessoa transgênero bissexual.

[153] O título do artigo já traz essa indicação: "*The Limits of the S/M Relationship, or Mr Benson Doesn´t Here Anymore*" (2004). Mr Benson é o personagem principal de uma novela escrita por John Preston e publicada, ainda de modo seriado nos anos 70, na publicação Drummer. Nos anos 80, foi publicado o livro que é considerado o primeiro *Best Seller* sobre os *Leathermen*. Aristotle Benson foi elaborado como um "*real top*" e jamie, seu escravo, como "*a real bottom*". Benson não era só sexualmente dominante e sádico, pois era rico, mais velho e esperava de jamie, seu escravo, obediência absoluta. jamie, além de mais jovem, não tinha objetivos, recursos ou direitos.

atuantes. Não se trata de uma operação de inversão que irá garantir a transgressão, como erroneamente imaginou Deleuze ao acentuar que a posição de dominação deveria ser ocupada por uma mulher. Esse não é o elemento inovador, até porque no cenário S/M não existe sequer a preponderância de um dos sexos no lugar da submissão. O que me parece relevante atentar é para o caráter marcado, até exagerado, dos gestos e sinais que indicam o mando ou a obediência. Assim, o que marca em termos de gênero as dissimetrias de poder é acionado, produzindo um efeito quase caricatural. As tensões são escrupulosamente ativadas como para afastar a verossimilhança, expondo a armação contingente que trama o poder. De fato, o lado contestador dessas iniciativas quanto às normas de gênero está nessa espécie de ritualística que expõe as posições de mando e controle, que ainda marcam as relações de gênero, de um modo extrapolado causando uma sensação de algo inapropriado.

Quando a pele vira carne

Deleuze afirma que os textos de Masoch (e também os de Sade) não constituem propriamente pornografia. Ele cria o neologismo *pornologia* de modo a definir esse gênero de linguagem erótica, cujo traço marcante não é o do mero comando e descrição, mas da demonstração (em *Justine*, por exemplo, há toda a discussão com a vítima) ou da persuasão (no modelo literário de Masoch, ele é um educador da mulher déspota). Assim, a fórmula "*faça isso – faça aquilo*", seguida por obscenidades, é substituída pela abundância de palavras que passam a agir sobre a sensualidade. A ênfase na linguagem literária, me parece, deve ser acrescida de outro elemento fundamental para a compreensão do S/M: a encenação da prática do flagelo.

A encenação começa pela atenção aos objetos e, em particular, pela invenção de aparatos que são criados e cuidados com enorme zelo. O fetiche

pertence essencialmente à dinâmica erótica do masoquismo, daí a exuberância das peles, o rigor e altura dos saltos dos sapatos e, em particular, o gosto pelos chicotes[154].

Flogger e chicote

Mestre S e narinha mostraram seu arsenal, guardados em um estojo especialmente escolhido para abrigá-los. Havia uma chibata de cabo fino, leve e de ponta macia. Narinha explicou que ela servia para aquecer a pele para receber o *spanking*. Havia *floggers*, um de tiras plásticas, como cerdas grossas de uma vassoura e outro era um chicote artesanal feito por um amigo Mestre, de cabo curto de borracha e com tiras de couro sintético, um pouco mais duras e pesadas do que as feitas de camurça. Havia nozinhos na ponta de boa parte dos fios, o que provoca muito mais dor quando do contato com a pele. Havia também um conjunto de *canes*: uma era praticamente uma vara de marmelo e outras moldadas em madeira ou látex. Segundo narinha, as *canes* são os instrumentos que mais ferem. É preciso saber usá-los, esperar passar a dor de uma pancada para dar outra, senão a pessoa passa a não sentir mais nada. Uma das *canes* tinha quatro pontas soltas, como se fosse um

[154] O fetichismo, definido por Freud, implica a presença de um objeto – substituto do falo feminino – que é a imagem imediatamente posterior à descoberta de que a mãe não possui pênis. Deleuze lembra que o fetichismo é, nessa perspectiva teórica, inicialmente denegação ("*não, à mulher não falta o pênis*"); em seguida, neutralização defensiva (mesmo sabendo que ela, na realidade, não possui o pênis, esse conhecimento fica em suspenso); e, finalmente, neutralização protetora (o falo feminino se põe à prova, fazendo valer os direitos do ideal contra o real). Para Deleuze, "*o fetichismo, assim definido pelo processo de denegação e do suspense, pertence essencialmente ao masoquismo*" (Deleuze, 1983:35). Importante grifar que o relevante, no seu caso, não é a definição em termos psicanalíticos, mas sim a sua rentabilidade para demarcar uma qualidade estética.

flogger. Essa, disse a submissa, era a escolhida para o castigo: as varinhas se abrem quando batem e é como se quatro *canes* batessem ao mesmo tempo. Havia ainda um relho de couro cru.

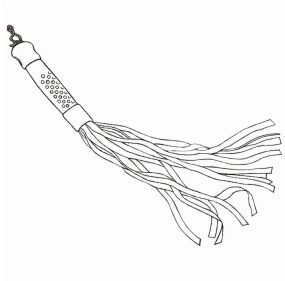
Causou impressão, não apenas a descrição detalhada de cada chicote e seu uso, mas o brilho no olhar dela ao manusear, esticar e torcer, movimentando o ar com um chiado peculiar. A cada peça, uma demonstração, experimentando as texturas e o volume sobre as mãos espalmadas. Um modo de lidar com os objetos, não muito diferente da relação das pessoas com os dildos e vibradores. O chicote é também um acessório erótico. Porém, um objeto a produzir hematomas.

Não que a dor seja menor, em função de um corpo já calejado. Dor é dor, ainda que a tolerância a ela possa ser expandida. Para o casal, não se trata de prazer com a dor, em si, pois essas são sensações discerníveis. Eles contextualizam o espancamento em meio a um jogo erótico que envolve recompensas e castigos, de modo a envolvê-la em outros elementos da fantasia. Além disso, lembram que ela, provocada dessa maneira, ativa a produção de endorfina, elevando a pessoa ao que eles chamaram de *subspace*, espaço no qual o martírio físico fica submerso numa situação de prazer[155]. Uma designação própria, porém não muito distinta da noção de êxtase de Georges Bataille (1987). Algo que evoca imergir em um plano não tangível, liminar e, simultaneamente, mágico.

Elaine Scarry, em seu *Body in Pain* (1985) diz que a resistência à linguagem é algo essencial à dor: ela é inefável, ainda que não possa ser negada. O que se objetiva em discurso diz respeito muito mais às reações que ela enseja. Ela não é contabilizável e as caracterizações não especificam tipos, além de aproximações como a "*dor profunda*" ou a "*dor ardida*". O

[155] Michael Taussig (1987) faz uma análise intrigante sobre os efeitos das situações de privação ou de limites físicos. Ao vivê-las, prisioneiros torturados ou pessoas expostas ao terror, passam por uma experiência de habitar temporariamente o que ele chama de "*espaço da morte*", uma dimensão fora da realidade social tangível que confere certa capacidade visionária. Ele estabelece uma analogia entre viver nesse espaço e a qualidade alucinógena provocada pelo uso de chás pelos xamãs.

que essa abordagem ensina é que, ao lidarmos com a dor, evitemos reificações. Portanto, a qualidade de, a partir dela, alçar à transcendência ou à purificação – presente no repertório de variados rituais de expiação -, no caso do casal S/M aparece como retórica a traduzir, me parece, pele em carne.



Flogger

Quando fomos ao Libens, assisti a uma encenação. Sentada em uma das cadeiras, vi Mister Y, vestido de jeans e camiseta, espancar marYa que vestia apenas a roupa de baixo preta e portava uma coleira. Ele é um rapaz grande e ela, bem branca, tem o corpo opulento. A brancura do corpo seminu parecia trazer luz àquele espaço escuro. Bem devagar e concentrada, ela se ajoelhou sobre um suporte que permitia apoiar o tronco, de barriga para baixo. O movimento lento fez revelar as nádegas, arrebitadas e expostas. Ele acendeu duas velas grossas uma contra a outra, produzindo gotas gordas de cera que, ainda quentes, foram derrubadas sobre o dorso dela. Na medida em que caíam, a pele parecia enrugar, criando um segundo volume, para além do corpo. Um a um, os pingos azuis foram ocupando a superfície, descendo em direção às coxas. Ela sequer murmurou. Toda a operação lenta, olhares ao redor, silêncio absoluto. Com os dedos, ele tirou a cera, apertando a pele como carícia. Depois, ele escolheu um único chicote usado durante toda a cena: um *flogger* de camurça. Deu a primeira chibatada abaixo da asa esquerda dela e, a pele branca, antes pontuada de pingos azuis, foi avermelhando. Cada batida parecia estudada. A força dele no chicote

estalava a pele, entoando um som, acompanhado de perto pelo gemido dela. Não era grito. O chicote parecia mole e pesado ao tocar a parte dura das costas. Os músculos contraíam. Eventualmente ela levantava a mão e ele parava imediatamente, ia até perto do seu rosto, ouvia algo e acariciava o lugar batido. Esperava a pele rubra acalmar. Voltava a chicotear, dirigindo cada batida para as partes mais baixas do corpo. Comecei a notar um encadeamento sonoro: o som do couro no corpo, cadenciando o gemido, como uma percussão estranha. Mas o corpo não era tratado como tambor. A cada movimento do *flogger* a lisura da superfície ia dando lugar a re-entrâncias, ondulações, volumes moles. A pele sendo tornada carne. Como se o chicote pudesse produzir orifícios e penetrar. Terminada a cena, ela se levantou e beijou os pés dele.

A encenação é uma operação de erotização dos corpos. São gestos, sons, cores e luzes e, também, chicote, volumes de corpo e olhos. Todos articulados em uma combinação material, carnal e simbólica. Não me pareceu ocorrer a preponderância de um elemento sobre os demais. Entrecruzamento é a expressão mais próxima do que vi. Meus alunos me contaram que nunca viram uma cena de sexo num *dungeon* de clube S/M. Normalmente, não é proibido, mas as pessoas não o fazem [156]. Eu acho que fazem sim, pois testemunhei a um intercurso sexual sem o advento dos genitais.

---

[156] O estímulo sexual com as mãos é muito comum (algumas cenas com escravas têm como um dos pontos altos fazer com que a mulher se entregue a ponto de ter um orgasmo publicamente) e a penetração com objetos é muito comum nas práticas de FemDom (dominação feminina), nas quais homens são penetrados (prática chamada de "*inversão de papéis*"), com ou sem "*feminização*" (prática que geralmente implica que homens assumam aparência, vestimenta, maquiagem, atividades ou personagens tidos como femininos, daí as "*empregadinhas*" e as "*sissies*").

A performance do risco

A literatura sobre sadomasoquismo é bastante vasta, especialmente nas abordagens relativas ao âmbito da psicanálise e dos estudos sobre sexualidade, no marco da tradição aberta pela sexologia. Também não é possível desprezar as perspectivas vindas do campo da crítica literária e dos estudos filosóficos que descortinam os aspectos constitutivos da literatura da libertinagem, sobretudo a que ganha destaque entre os intelectuais franceses, responsáveis pela elaboração, a partir da leitura das obras de Sade, da teoria sobre o erotismo e que ainda hoje constitui a base analítica sobre o tema[157].

Além dessas contribuições inspiradoras, sobretudo pela sua riqueza, existe um debate sobre o sadomasoquismo no marco das identidades e das minorias sexuais, relevante aos propósitos antropológicos. Trata-se de uma variedade expressiva de livros e artigos, inclusive na bibliografia norte-americana, sobre essa dimensão do fenômeno, principalmente a partir de 1980 [158]. No referido material, o sadomasoquismo é definido como uma espécie de subcultura que, antes do que revelar patologias individuais, é vista como exercícios simbólicos do risco social (McClintock, 1993).

Ann McClintock (2003) e Lynda Hart (1998) trabalham o sadomasoquismo no registro dos exercícios simbólicos mobilizados, sejam

---

[157] Para as leituras de Sade, consultar especialmente: Barthes (1979); Deleuze (1983); Bataille (1987); Jane Gallop (1981); Ângela Carter (1978). No Brasil, consultar os artigos e livros de Eliane Robert Moraes (2002, 2003).

[158] Data dos idos de 1970, as primeiras publicações sobre o tema que o tratam na perspectiva das minorias sexuais (consultar Gerald Greene and Caroline Greene *S/M: The Last Taboo*. New York: Grove, 1974). Mas é principalmente a partir da década de 80 que o volume de publicações se intensifica. Desta literatura chamo atenção para as vertentes de estudo sócio-antropológica como os vários artigos publicados pela Samois *Coming to Power: Writings and Graphics on Lesbian S/M*. (Boston: Alyson, 1982) que traz um artigo importante de Gayle Rubin "The Leather Menace: Comments on Politics and S/M", bem como a coletânea organizada por Thomas Weinberg e G.W.Levi Kamel *S and M: Studies in Sadomasochism* (New York: Prometheus, 1983), o livro organizado por Carol Vance (op cit) e as contribuições de Pat Califia, em particular *Macho Sluts* (Boston: Alyson, 1988). Na década de 90, as autoras que tratam da questão em uma perspectiva teórica estão reunidas em uma coletânea organizada por Pámela C.Gibson e Rama Gibson *Dirty Looks: Women, Pornography, Power* (London: British Film Institute, 1993) e nela chamo atenção para o artigo de Anne McClintock "Maid to Order: Commercial S/M and Gender Power", o livro dessa autora *Imperial Leather – Race, Gender and Sexuality in the Colonial Contest* (New York: Routledge, 1995) e o livro de Lynda Hart *Between the Body and the Flesh – Performing Sadomasochism* (New York: Columbia University Press, 1998).

como manifestações subculturais (McClintock), sejam como *performances* (Hart). Seus estudos operam no registro do teatro e na análise de várias expressões S/M como escolhas e práticas sexuais que só podem ser inteligíveis como encenações;, colocando em suas cenas, nos cenários e personagens, aspectos que fazem parte das contradições que emergem no interior das dinâmicas do poder social. Menos do que cópia ou reprodução do que constitui o cerne da sexualidade heterossexual, modulada como norma pelo patriarcalismo - principal crítica apontada pelas feministas antissadomasoquismo - as autoras sugerem que consideremos o seu lado contestatório. Seguindo tal perspectiva, é interessante analisar o S/M comercial, o lesbianismo S/M e as manifestações S/M entre gays masculinos, como alternativas que, no limite, problematizam os modelos que supõem naturalidade, inatismo ou normalidade entre as fronteiras que delimitam homens e mulheres e, mais particularmente o comportamento sexual masculino (ativo) e o feminino (passivo); assim como as fronteiras que separam o prazer da dor, o comando e a submissão. Tratam-se de experiências que ousam lidar com o risco social, ou melhor, com aqueles conteúdos e inscrições, presentes nas relações entre a sexualidade e, as suas assimetrias em termos de gênero, de idade, de classe e de raça. McClintock (ano?) chega até a afirmar que o S/M performa o poder social como um *script,* de modo que as assimetrias que constituem tal poder passam a ser encenadas, teatralizadas, tratadas como contingentes e sujeitas a mudanças e novas inflexões. Nesse sentido, para ela, a "*economia*" do S/M é uma "*economia*" da conversão: escravo em mestre, adulto em criança, dor em prazer, homem em mulher, assim por diante e sucessivamente. Esta autora analisa, em especial, o S/M comercial e por intermédio de depoimentos de trabalhadoras sexuais que vendem seus serviços como *dominatrix,* mostra que, neste cenário, é mais comum encontrar no cliente-homem aquele que quer ocupar a posição de escravo. Ainda que tenhamos que considerar as

outras formas de S/M comercial em que mulheres, como clientes e como trabalhadoras sexuais, estejam na posição subalterna, ela levanta uma intrigante questão: é frequente que os clientes-escravos paguem muito dinheiro para limpar o chão, lavar as roupas sujas, esfregar as paredes de suas dominatrizes. Essa espécie de "*degradação*", baseada na domesticidade e que está presente nas encenações, inverte a equação que separa a esfera masculina do mercado e a esfera feminina do lar, sendo o cliente, homem, aquele quem paga para realizar as tarefas "sujas" do lar, trabalho normalmente não pago e executado pelas mulheres, empregadas ou esposas.

Lynda Hart (1998) estuda os casos S/M entre lésbicas, experiências que ameaçam certas noções das teorias feministas, principalmente desenvolvidas sobre as relações mulher/mulher, que alimentam a ideia da igualdade ou de um "*não poder*", como estratégia de libertação. Segundo a autora, tal forma de S/M, ao trazer nos *plays* as piores cenas heterossexistas, desafia a definição ética e política envolvida no lesbianismo (sobretudo, a noção de irmandade). Seguindo a orientação de Deleuze, em que também me baseio, ela chama atenção para o fato de que o componente crucial da relação masoquista é o contrato, um acordo sempre formalizado que pressupõe o consentimento, a reciprocidade e que não afeta os indivíduos fora dos limites de cada encenação.

Além disso, como Deleuze também já havia formulado, o cuidado extremoso com liturgias ou com a "*lei*" pode ser interpretado como um movimento que, ao ser intensificado, provoca o efeito oposto: "*toma-se a lei ao pé da letra; não se contesta o seu caráter último ou primeiro; faz-se como se, em virtude desse caráter, a lei reservasse para si os prazeres que ela nos interdita*" (Deleuze, 1983:96). A lei é "*revirada humoristicamente, obliquamente, pelo aprofundamento das consequências*" (idem).

Contudo, é preciso ponderar que esse lado do contrato não deve nos levar a desconsiderar que as experiências constituem um empreendimento de

risco, a partir de atos que implicam negociações delicadas. Os riscos, bem como as operações de produção de consensualidade e segurança, das várias modalidades de S/M, indicam que é preciso empreender esforços para analisar detalhadamente os vários contextos em que elas se apresentam, bem como as relações sociais e pessoais envolvidas. A preocupação com a segurança e com a consensualidade funciona como uma espécie de ideal. Nenhum desses termos é facilmente acessível ou garantido.

Daí o interesse de estudá-los em uma perspectiva dinâmica e comparativa que, em consonância com Butler (1990) e Facchini (2008), tome as experiências S/M como paródias: como práticas que mobilizam e expõem com força dramática, a partir de todo um repertório de convenções culturais e sociais disponíveis, as assimetrias de poder, as materializações e corporificações de normas de gênero, de sexualidade, bem como de outros marcadores de diferença como classe, raça e idade. Para além da ideia presente no senso comum de que o teatro não é a vida, tratar essas práticas e decifrar seus enredos, cenas e cenários permite entender – até por seus intrincados paradoxos – as convenções que organizam, também de modo indiossincrático, as relações entre violência, gênero e erotismo.

Indiossincrasias que constituem o cerne do que essa tese pretendeu abarcar: apreender as articulações entre convenções de gênero e de sexualidade, que remetem ao problema do risco e do consentimento, de como as referidas questões se conectam com práticas contemporâneas de mercado. Cenário mais intrincado do que aparenta à primeira vista, é nele que tais articulações se materializam, nas experiências das pessoas.

Uma das preocupações desta tese foi a de consolidar a noção de mercado erótico, buscando conceituações menos maniqueístas do que as empregadas usualmente, nas denúncias ao poder alienante do mercado. É inegável que ele opera a partir de convenções, articula as que circulam de modo difuso, pelo mundo social, simplifica conteúdos e, especialmente, cria

standards. No caso das novas formas de erotismo, a presente pesquisa observou um processo intrigante: produtos, imagens e práticas, nascidos em cenário norte-americano e em contexto de luta pela ampliação de direitos sexuais, chegaram ao Brasil pelo mercado, criando aqui um nicho "*feminino*" para a pornografia.

Essa não é uma mudança de pequena monta. Não esqueçamos que o material pornográfico, desde as primeiras expressões no mundo ocidental, foi produzido por e para o mundo masculino. Inflexão, esta, que se explica pela associação contemporânea das práticas sexuais ao fortalecimento da autoestima das pessoas, bem como ao cuidado saudável do corpo.

As implicações desses novos erotismos sobre convenções de gênero e sexualidade são variadas. De um lado, eles permitiram expandir a tolerância e o âmbito de experimentações sexuais, como fica claro pela diversidade de usos de bens eróticos. Há, porém, por outro lado, o risco de responsabilizar as mulheres pela manutenção da felicidade sexual de relacionamentos amorosos, reforçando uma espécie de etiqueta erótica composta por convenções ainda fortemente heteronormativas. Além disso, como notei no mercado erótico, há uma tendência de que, o corpo adornado ou manipulado pelos *toys,* é o corpo "*feminizado*", sendo ainda limitadas as alternativas para os corpos masculinos ou "*masculinizados*".

O risco de criação de uma nova norma que exige mulheres ativas e criativas, sexualmente, é atenuado pelas experiências de uso das pessoas. A dimensão vivencial dos usuários de bens eróticos permitiu vislumbrar uma série relevante de deslocamentos, expondo as normas à ambivalência. As experiências narradas, ao assinalarem uma vívida sexualidade polimorfa, revelaram, pelo menos, dois efeitos: em primeiro lugar, a desestabilização da matriz que enlaça sexo, gênero, sexualidade e desejo, a partir do modelo do dimorfismo sexual; em segundo lugar, a transitividade da agência entre pessoas e objetos mostrou a limitação das teorias que desconsideram a

importância do mundo material sobre as relações sociais, sobre as pessoas e seus corpos.

Finalmente, a investigação sobre práticas que operam na zona de tensão entre prazer e perigo, trouxe elementos valiosos para a reflexão sobre os limites da sexualidade. As paródias, os arremedos e as simulações produzidas, por elas, mobilizam um jogo que põe em cena as posições de poder, as figuras que as ocupam e as marcas de diferenciação social, colocando-os em risco. Essas práticas põem em perigo, de um lado, as configurações normativas que, ao serem empregadas como convenções eróticas, tornam contingente o que outrora era visto como natural. Vejo nelas algumas rupturas positivas e cenários de contestação às desigualdades de gênero. De outro lado, ainda é preciso conhecer melhor as implicações desses jogos, nas relações de poder entre os envolvidos, para além das encenações. Tratam-se de relações de risco que, mesmo ao transformarem as tensões em "*tensores libidinais*" – e, assim, de colocarem os marcadores sociais que produzem diferença a serviço da libido – não resolvem inteiramente a questão. Ainda é necessário um escrutínio qualitativo e detalhado que revele se os deslocamentos pretendidos, as simulações e paródias têm efeito concreto e material sobre as relações, entre as pessoas que os praticam, de modo a não colocá-las em risco, perpetuando desigualdade e dominação.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Sergio (1995). "Discriminação racial e justiça criminal em São Paulo". In: *Novos Estudos*, vol.43 pp45-63. São Paulo: Editora Brasileira de Ciências.

AGUIAR, Neuma (org). 1997. *Gênero e Ciências Humanas - desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos.

APPADURAI, Arjun (org). 1986. *The Social Life of Things – Commodities in Cultural Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press.

DEBERT, Guita G e Danielle Ardaillon. 1987. *Quando a Vítima é a Mulher - análise do julgamento de crimes de estupro, espancamento e homicídio*. Brasília: CNDM

ARENDT, Hannah. 1985[1970]. *Da Violência*. Brasília: Editora UnB.

AUSTIN, John Langshaw. 1970. *How to do things with words*. New York: Oxford University Press.

_____. 1998. "Performativo-Constatativo". In: Ottoni, Paulo. *Visão Performativa da Linguagem*. Campinas: Editora da Unicamp.

BALDWIN, Guy. 1993. *Ties That Bind. S/M, Leather, Fetish Erotic Stye*. Los Angeles: Deadalus Publishing Company

BARBOSA, Regina et alli. 2002. *Interfaces – Gênero, Sexualidade e Saúde Reprodutiva.* Campinas: Editora da Unicamp.

BARTHES, Roland. 1979. *Aula*. São Paulo: Cultrix

_____. 1985. *Fragmentos de um Discurso Amoroso*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

_____.1979. *Sade, Fourier e Loiola*. Lisboa: Edições 70.

BATAILLE, Georges. 1987. *O Erotismo*. Porto Alegre: L&PM

BEAUVOIR, Simone. 1970. *O Segundo Sexo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro.

BERQUÓ, Elza (org). 2003. *Sexo & Vida. Panorama da saúde reprodutiva no Brasil.* Campinas: Editora da Unicamp.

BHABHA, Homi. 1994. *The Location of Culture*. London: Routledge.

BRAH, Avtar. 1996. *Cartographies of Diaspora: Contesting Identities.* London/New York: Routledge.

BRANDÃO, Eliane. 1997. *Nos corredores da DEAM: um ensaio etnográfico sobre mulheres e violência conjugal*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Medicina Social/UERJ

BRAZ, Camilo Albuquerque de. 2007. Macho versus Macho um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo. *Cadernos Pagu*, nº 28, p. 175-206 Campinas: Unicamp.

_____. 2008. Men Only: miradas antropológicas sobre clubes de sexo para hombres en São Paulo/Brasil. *Quaderns-e (Institut Catalá d'Antropologia)*, v. 11, p. 1-27.

_____. 2010. *À Meia-luz...Uma etnografia imprópria sobre clubes de sexo masculinos.* Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas – Unicamp.

BUTLER, Judith. 1990. *Gender Trouble: Feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge.

_____. 1993. *Bodies That Matter: On the Discursive Limits of Sex.* New York: Routledge.

_____. 1997. *Excitable speech : a politics of the performative.* New York: Routledge.

_____. 2002. *Cuerpos que Importan. Sobre los límites materiales y discursivos del "sexo"*. Buenos Aires: Paidós.

_____. 2004a. *Undoing Gender.* New York/London: Routledge.

_____. 2004b. *Precarious Life: The Powers of Mourning and Violence*. New York: Verso.

BUTLER, Judth e SCOTT, Joan (Ed). 1992. *Feminists Theorize the Political.* New York/London: Routledge.

CALIFIA, Pat. 2004. *Macho Sluts*. Los Angeles, New York: Alyson Books

CARRARA, Sérgio. 1996. *Violência contra a Mulher no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Núcleo de Pesquisas, ISER

CARRARA, Sérgio; VIANNA, Adriana & ENNE, Ana Lúcia. 2000. "Crimes de bagatela": a violência contra a mulher na justiça do Rio de Janeiro. In: CORRÊA, Mariza (org). *Gênero e Cidadania.* Campinas: Pagu.

CARTER, Angela. 1978. *The Sadeian Woman -and the ideology of pornography*. New York: Panteon Books.

COLLIER, J.F., YANAGISAKO, S (ed). 1987. *Gender and Kinship - Essays Toward a Unified Analysis*. California: Stanford University Press.

CORNELL, Drucila.1988. *The Heart of Freedom: Feminism, Sex and Equality*. Princiton: Princiton University Press.

CORNWALL, Andrea e LINDSFARNE, Nancy (eds). 1994. *Dislocating Masculinity: Comparative Ethnographies*. London: Routledge.

CORRÊA, Mariza. 1981. *Crimes da Paixão*. São Paulo: Brasiliense.

_____. 1982. *Morte em Família*. Rio de Janeiro: Graal.

_____.1993. Repensando a família patriarcal brasileira. CORREA, M. et alli (org). *Colcha de Retalhos*. Campinas: Editora da Unicamp.

_____. 2002. *Gênero e Cidadania*. Campinas: Coleção Encontros Pagu.

CORRÊA, Mariza et alli. 2004. Gênero e Corporalidades. Projeto Temático Fapesp.

COSTA, Albertina e BRUSCHINI, Cristina (orgs). 1992. *Uma questão de Gênero*. São Paulo: Rosa dos Tempos / Fundação Carlos Chagas.

CSORDAS, Thomas J.(ed). 1996[1994]. *Embodiment and Experience: The Existencial Ground of Culture and Self*. Cambridge: Cambridge University Press.

DANIEL, E. Valentine. 1996. *Charred Lullubies – Chapters in an Anthropology of Violence*. Princeton: Princeton University Press.

DAS, Veena (ed). 1990. *Mirrors of Violence: Communities, Riots and Survivors in South Asia*. Delhi: Oxford University Press.

DEBERT, Guita G. 1999. *A Reinvenção da Velhice*. São Paulo: Edusp/ Fapesp.

DEBERT, Guita e Maria Filomena GREGORI. 2002. As delegacias especiais de polícia e o projeto Gênero e Cidadania. In: CORRÊA, Mariza. *Gênero e Cidadania*. Campinas: Coleção Encontros Pagu.

DEBERT, Guita, Maria Filomena GREGORI e Adriana PISCITELLI (org). 2006. *Gênero e distribuição da justiça: As delegacias da mulher e a construção das diferenças*. Campinas: Pagu

DEBERT, Guita Grin e Maria Filomena GREGORI. 2008. Violência e gênero: novas propostas, velhos dilemas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais.* Vol. 23, n.66.

DELEUZE, Gilles. 1983. Apresentação de Sacher-Masoch: o frio e o cruel. In: SACHER-MASOCH, Leopold. *Vênus das peles.* Rio de Janeiro: Taurus.

DELEUZE, Gilles 1988. *Diferença e Repetição*. São Paulo: Editora Graal.

DELEUZE, Gilles e Felix GUATARRI. 1972. *Anti-Édipo*. São Paulo: Editora Graal.

DERRIDA, Jacques. 1976[1967]. *Of Grammatology*. Trans. Spivak. Baltimore: Johns Hopkins University Press.

DI LEONARDO, Micaela, LANCASTER, Roger N (ed). 1997. *The Gender / Sexuality Reader - Culture, History, Political Economy*. New York: Routledge

DI LEONARDO, Micaela. 1984. *Varieties of Ethnic Experience:Kinship, Class, Gender among California Italian-Americans*. Ithaca, New York: Cornell University Press.

DIAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. 2009. *Nas Redes do Sexo: Bastidores e Cenários do Pornô Brasileiro.* Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

DIÓGENES, Glória. 1998. *Cartografias da Cultura e da Violência: gangs, galeras e o movimento hip hop*. São Paulo: Anna Blume / Governo do Ceará

DOUGLAS, Mary. 1966. *Purity and Danger: An Analysis of Concepts of Pollution and Taboo.* London/New York: Routledge & Kegan Paul.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. 1981. *The World of Goods.* New York: Basic Books.

DUARTE, Luís Fernando Dias. 2004. A sexualidade nas Ciências Sociais: leitura crítica das convenções. IN: PISCITELLI, A; GREGORI, M. F. & CARRARA, S (ed). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras.* Rio de Janeiro: Garamond.

_____. 1999. O Império dos Sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna. In: HEILBORN, Maria Luíza (org). *Sexualidade. O olhar das Ciências Sociais.* Rio de Janeiro: Zahar.

ECO, Humberto. 1983. *Travels in Hyperreality*. New York: Harcourt Brace Javanovich

EL FAR, Alessandra. 2004. *Paginas de sensação : literatura popular e pornografica no Rio de Janeiro (1870-1924).* Rio de Janeiro : Companhia das Letras.

EM e LO. .2006. *Sex Toy*.. São Francisco: Cronicle Books

FACCHINI, Regina. 2005. *"Sopa de letrinhas?"*: Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond.

_____.2008. *Entre Umas e Outras:* mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo. Tese (doutorado em Ciências Sociais). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas

FELDMAN, Alan. 1991. *Formations of Violence: The Narrations of the Body and Political Terror in Northern Ireland*. Chicago: University of Chicago Press.

FERGUNSON, Ann. 1984. Sex War: the Debate between Radical and Libertarian Feminists. *Signs*, vol 10, n. 11, autumn.

FINDLEN, Paula. 1993. Humanism, Politics and Pornography in Renaissance Italy. In: HUNT, Lynn. *The Invention of Pornography: Obscenity and the Origins of Modernity, 1500-1800*. New York: Zone Books.

FONSECA, Claudia. 1984. La violence et la rumeur: le code d'honneur dans un bidonville brésilein. *Les Temps Modernes*. 455:2193-2235.

FOUCAULT, Michel. 1977a. *Eu, Pierre Riviere, que degolei minha mãe, minha irmã, meu irmão*. Rio de Janeiro: Graal.

_____. 1976. *História da Sexualidade: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal.

_____. 1977c. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes.

_____. 1979. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal.

_____. 1984. *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal.

FRANÇA, Isadora Lins. 2006. *Cercas e pontes: movimento GLBT e mercado GLS na cidade de São Paulo.* Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Dissertação de mestrado. São Paulo.

_____. 2010. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo.* Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas – Unicamp.

FRAPPIER-MAZZUR, Lucienne. 1993. Truth and the Obscene Word in Eighteenth-Century French Pornography; In: HUNT, Lynn. *The Invention of Pornography: Obscenity and the Origins of Modernity, 1500-1800*. New York: Zone Books.

FREUD, Sigmund. 1972. E*studos sobre histeria.* Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora .

FRÚGOLI, Heitor. 2000. *Centralidade em São Paulo : trajetorias, conflitos e negociações na metrópole.* São Paulo : Cortez/Universidade de São Paulo.

FRY, Peter. 2002. Estética e política: relações entre "raça", publicidade e produção da beleza no Brasil. In: GOLDENBERG, Mirian (org.) *Nu & Vestido:* dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record.

GAGNON, John H. 2006. *Uma interpretação do desejo. Ensaios sobre o estudo da sexualidade*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária-CLAM.

GALLOP, Jane. 1981. *Intersections: A Reading of Sade with Bataille, Blanchot, and Klossowski*. Lincoln: University of Nebraska Press.s

_____. 1988. *Thinking Through the Body*. New York: Columbia University Press.

GASPAR, Maria Dulce. 1985. *Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social.* Rio de Janeiro: Zahar.

GELL, Alfred. 1986. Nowcommers to the world of goods: consumption among Muria Gonds. In: Arjun Appadurai (org). *The Social Life of Things – Commodities in Cultural Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press.

_____. 1998. GELL, Alfred. *Art and Agency*. Oxford: Oxford University Press.

GIBSON, Pamela e Roma GIBSON (eds). 1994. *Dirty Looks – Women, Pornography, Power*. London: BFI Publishing.

GIDDENS, Anthony. 1993. *A Transformação da Intimidade*. São Paulo: Unesp

GORDON, Linda; BREINES, Wini. 1983. The new scholarship on Family Violence. In: *Signs: a Journal of Women in Culture and Society* 8(3) 490-531.

GOW, Peter e HARVEY, Penelope (ed). 1994. *Sex and Violence - Issues in Representation and Experience*. New York: Routledge.

GREGORI, Maria Filomena e SILVA, Cátia Aída. 2000. *Meninos de Rua e Instituições: tramas, disputas e desmanche*. São Paulo: Contexto/ Unesco.

GREGORI, Maria Filomena. 1989. Cenas e Queixas: mulheres e relações violentas. *Novos Estudos Cebrap*. 23: 163-75.

_____. 1993. *Cenas e Queixas. Um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista*. São Paulo: Paz e Terra/ ANPOCS.

_____. 1999. Estudos de gênero no Brasil (comentário crítico). MICELI, S. (org) *O Que Ler nas Ciência Social Brasileira (1970-1995)*. Vol. Sociologia. São Paulo: Sumaré/ANPOCS.

_____. 2000. *Viração: experiências de meninos nas ruas*. São Paulo: Companhia das Letras (no prelo).

_____. 1999. The misfortunes of victimism. *Estudos Feministas*. Número Especial: 116-125

_____. 2003. Relações de violência e erotismo. Campinas: *Cadernos Pagu* n.20, vol.1.

_____. 2004. Deslocamentos semânticos e hibridismos: sobre os usos da noção de violência contra a mulher. In: *Revista Brasileira de Ciências Criminais*. Vol 48. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais.

_____. 2005a. Prazer e Perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M In: *Quaderns Institut Catalá dÁntropologia*. Barcelona, vol.4.

_____.2005b. Feixes, paralelismo e entraves: as Delegacias de Defesa da Mulher de São Paulo e as instituições. In: *Coleção Primeira Versão*. Campinas, IFCH/Unicamp, n. 132, 2005.

_____. 2005c. Prazer e Perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M. In: *IDE – Revista de Psicanálise e Cultura*. São Paulo, vol.11.

GREGORI, Maria Filomena; Adriana PISCITELLI. 2000. Apresentação dossiê Corporificando o Gênero. *Cadernos Pagu*, n. 14.

GREGORI, Maria Filomena; Guita G. DEBERT. 2002. As delegacias especiais de polícia e o projeto Gênero e Cidadania. In: CORRÊA, Mariza. *Gênero e Cidadania*. Campinas: Coleção Encontros Pagu.

GREGORI, Maria Filomena, Adriana PISCITELLI e Sergio CARRARA(ed) 2004. *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras.* Rio de Janeiro: Garamond.

GREGORI, Maria Filomena, Adriana Piscitelli e Guita Grin Debert (org). 2006. *Gênero e distribuição da justiça: As delegacias da mulher e a construção das diferenças*. Campinas: Pagu

GREGORI, Maria Filomena e DEBERT, Guita Grin. 2008. Violência e gênero: novas propostas, velhos dilemas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais.* Vol. 23, n.66.

GROSSI, Miriam P. 1991. Vítimas ou cúmplices? Dos diferentes caminhos da produção acadêmica sobre violência contra a mulher no Brasil. *Mímeo*. Caxambu: XV Encontro Anual da ANPOCS.

_____. 1994. Novas/Velhas violências contra a mulher no Brasil. *Estudos Feministas*. Número Especial:473-485.

_____. 1988. Représentations de la violence: discours sur la violence contre les femmes ao Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado, Université de Paris V.

GROZS, Elizabeth e PROBYN, Elspeth. 1995. *Sexy Bodies - The Strange Carnalities of Feminism.* New York: Routledge.

GROZS, Elizabeth. 2000. Corpos reconfigurados. *Cadernos Pagu*, n.14.

HALBERSTAM, Judith. 1998. *Female Masculinity*. Durham: Duke University Press.

HANSSEN, Beatrice. 2000. *Critique of Violence*. New York: Routledge.

HARAWAY, Donna. 1991. *Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature*. NewYork: Routledge.

HARDING, Sandra. 1992[1991]. *Whose Science? Whose Knowledge? Thinking from Women's Lives*. New York: Cornell University Press.

HARRIS, Olivia e YOUNG, Kate (org). 1979. *Antropologia e Feminismo*. Barcelona: Anagrama.

HART, Lynda. 1994. *Fatal Women: Lesbian Sexuality and the Mark of Agression*. London: Routledge.

_____. 1998. *Between the Body and the Flesh – Performing Sadomasochism*. New York: Columbia University Press.

HEILBORN, Maria Luiza e SORJ, Bila. 1999. Estudos de Gênero no Brasil. MICELI, S. (org) *O Que Ler nas Ciência Social Brasileira (1970-1995)*. Vol. Sociologia. São Paulo: Sumaré/ANPOCS.

HEILBORN, Maria Luiza. 1992. Dois é par: conjugalidade, gênero, identidade sexual. Tese de Doutorado, PPGAS/MN/UFRJ.

HEILBORN, Maria Luiza (org). 1999. *Sexualidade. O olhar das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Herdt, Gilbert e Robert Stoller. 1990. "Intimate Communications". In: *Erotics and the Stuy of Culture*. New York: Columbia University Press.

hooks, bell. 2000. *all about love – new visions*. New York: William Morrow and Company.

HUNT, Lynn. 1993. *The Invention of Pornography: Obscenity and the Origins of Modernity, 1500-1800*. New York: Zone Books.

IRIGARAY, Luci. 1992. *Les Corpes des Femmes*. Bruxelles: Complexe.

KRAFT-EBING, R. (1886) *Psychopathia Sexualis*. Paris: Georges Carré Editeur.

LAQUEUR, Thomas. 1992. *Making Sex: Body and Gender from Greeks to Freud*. Cambridge: Cambridge University Press.

_____. 1997. Orgasm, Generation, and the Politics of Reproductive Biology. DI LEONARDO, M., LANCASTER, R. (ed) *The Gender / Sexuality Reader - Culture, History, Political Economy*. New York: Routledge.

_____. 2003. *Solitary Sex: A Cultural History of Masturbation.* New York: Zone Books.

LAURETIS, Teresa De. 1984. *Alice Does'nt: Feminsm, Semiotics, Cinema*. Bloomington: Indiana University Press.

_____. 1987. *Technologies of Gender: Essays on Theory, Film, and Fiction.* Bloomington: Indiana University Press.

_____. 1994. *The Practice of Love. Lesbian Sexuality and Perverse Desire*. Bloomington: Indiana University Press

_____. 1997. The Violence of Rethoric. DI LEONARDO, M., LANCASTER, R. (ed) *The Gender / Sexuality Reader - Culture, History, Political Economy*. New York: Routledge.

LEITE JR, Jorge. 2009. A pornografia "bizarra" em três variações: a escatologia, o sexo com cigarros e o "abuso facial". In: DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira & FÍGARI, Carlos Eduardo (org). *Prazeres Dissidentes.* Rio de Janeiro: Garamond.

LEVINE, Martin. 1998.*Gay Macho: The Life and Death of the Homosexual Clone.* New York, NY : New York University Press

LINDEN, Robin R et alli. 1982. *Against Sadomasoquism – a Radical Feminist Analysis*. Palo Alto: Frog In the Well.

MacCORMACK, Carol, STRATHERN, Marilyn. 1980. *Nature, Culture and Gender*. Cambridge: Cambridge University Press .

MACKINNON, Catharine. 1980. Feminism, Marxism, Method, and the State: na Agenda for Theory. *Signs*, vol 7, n.3, spring.

_____. 1993. *Only Words.* Cambridge: Harvard University Press.

MACDOWELL DOS SANTOS, C. 1999. Cidadania de Gênero Contraditória : Queixas, Crimes e Direitos na Delegacia da Mulher de São

Paulo. In A do Amaral Júnior e C. Perrone-Moisés (orgs) *O Cinqüentenário da Declaração Universal dos Direitos do Homem*. São Paulo: Edusp.

MACHADO, Lia e MAGALHÃES, Maria Teresa. Violência Conjugal: os espelhos e as marcas. *Série Antropológica n. 240*. Brasília: UnB

MAINES, Rachel. 1999. *The Technology of Orgasm: Hysteria, the Vibrator, and Women´s Sexual Satisfaction.* Baltimore: John Hopkins University Press.

MATTA, Roberto da .1983."Por uma teoria da sacanagem: uma reflexão sobre a obra de Carlos Zéfiro". In: Joaquim MARINHO (Ed) *A arte sacana de Carlos Zèfiro*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero.

McDOWELL, Linda e SHARP, Joanne P. (eds). 1997. *Space, Gender, Knowledge: Feminist Readings*. London: Arnold.

McCLINTOCK, Anne. 2003. Couro imperial: raça, travestismo e o culto da domesticidade. *Cadernos Pagu*, n.20.

_____. 1994. Maid to Order: Commercial S/M and Gender Power. In: Pamela Gibson e Roma Gibson (org) *Dirty Looks*. London: British Film Institute.

MOORE, Henrietta. 1994. The problem of explaining violence in the social sciences. GOW, P., HARVEY, P. (ed). *Sex and Violence - Issues in Representation and Experience*. New York: Routledge.

MORAES, Eliane Robert. O Efeito Obsceno. *Cadernos Pagu*,Campinas, v. 20, p. 122-130, 2003.

_____. 2004. Os perigos da literatura: erotismo, censura e transgressão. In: PISCITELLI, Adriana, GREGORI, Maria Filomena e CARRARRA, Sergio (orgs). *Sexualidades e saberes: Convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária. p. 225-234.

_____. 2002. *O Corpo Impossível.* São Paulo: Iluminuras.

_____. 2003. Um olho sem rosto. In: BATAILLE, Georges. *História do Olho.* São Paulo: Cosac & Naify.

_____. 2005. "Essa sacanagem" In: *Revista Ide – Psicanálise e Cultura*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Psicanálise, nº 41.

NICHOLSON, Linda et alli. 1995. *Social post modernism: beyond identity polices.* Cambridge : Cambridge University Press.

ORTNER, Sherry Ewhitehead, Harriet (eds). 1981. *Sexual Meanings: The Cultural Construction of Gender and Sexuality*. Cambridge: Cambridge University Press.

PARREIRAS, Carolina. 2008. *Sexualidades no ponto.com*: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade on-line. Dissertação (mestrado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Campinas

_____. 2009. Fora do armário...dentro da tela: notas sobre avatares, (homo)sexualidades e erotismo a partir de uma comunidade virtual. In: DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira & FÍGARI, Carlos Eduardo (org). *Prazeres Dissidentes.* Rio de Janeiro: Garamond.

PAZ, Octavio. 2001. *A dupla chama. Amor e erotismo*. Sâo Paulo: Editora Siciliano.

PERLONGHER, Nestor. 1987. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense.

PISCITELLI, Adriana. 1997. Ambivalência sobre os conceitos de sexo e gênero na produção de algumas teóricas feministas. AGUIAR, N. *Gênero e Ciências Humanas - desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos.

_____. 2004. Entre a praia de Iracema e a Uniao européia: turismo sexual internacional e migraçao feminina. In: PISCITELLI, Adriana, GREGORI, Maria Filomena e CARRARRA, Sergio (orgs). *Sexualidades e saberes: Convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária. p. 283-318.

_____. 2008a. *Relatório Parcial de Pesquisa.* Projeto Temático "Gênero, Corporalidades". Campinas: Unicamp.

_____2008b. "Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras". In: Sociedade e Cultura, vol11, n.2, PP 263-274.

PISCITELLI, Adriana,Maria Filomena GREGORI e Sergio CARRARA(ed) 2004. *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras.* Rio de Janeiro: Garamond.

PONTES, Heloisa. 1985. *Do palco aos bastidores*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Unicamp.

PRECIADO, Beatriz. 2002. *Manifiesto Contrasexual.* Madrid: Opera Prima.

RICH, Adrienne. 1980. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. *Signs*. 5(4):631-660.

ROHDEN, Fabíola. 2001. *Uma Ciência da Diferença: sexo e gênero na medicina da mulher.* Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

ROSS, Ellen, RAPP, Rayna. 1997. Sex and Society - A research note from Social History and Anthropology. DI LEONARDO, M., LANCASTER, R. (ed) *The Gender / Sexuality Reader - Culture, History, Political Economy*. New York: Routledge.

RUBIN, Gayle. 1975. The Traffic in Women: notes on the 'political economy' of Sex. REITER, Rayna (org) *Toward na Anthropology of Women*. New York: Monthly Review.

_____. 1982. The Leather Menace: Comments on Politics and S/M. In: Samois (org) *Coming do Power: Writings and Graphics on Lesbian S/M*. Boston: Alyson.

_____. 1984. Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality. In: VANCE, Carol (ed) op cit.

_____. 2004. "The Catacombs: A Temple of the Butthole". In: THOMPSON, Mark (org). *Leatherfolk: Radical Sex, People, Politics and Practice*. Los Angeles: Alyson Books.

RUBIN, Gayle; BUTLER, Judith. 2003. Tráfico sexual: entrevista. *Cadernos Pagu.* Campinas, vol. 21.

RUDGE, Ana Maria. 2004. "Aspectos do discurso perverso" In: Revista del Centro Psicoanalítico de Madrid, acessado pelo www.centropsicoanaliticomadrid.co/revista/6/art4.html.

RUSSO, Jane. 2009. A sexologia na era dos direitos sexuais: aproximações possíveis. IN: VELHO, Gilberto & DUARTE, Luís Fernando Dias (org). *Gerações, família e sexualidade.* Rio de Janeiro: 7 Letras.

RUSSO, Jane & CARRARA, Sérgio. 2002. A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entre guerras: entre a ciência e a auto-ajuda. IN: *História,Ciência e Saúde – Manguinhos.* Rio de Janeiro, vol. 9, nº 2.

SADE, Marquês. 1968. *Justine ou os infortúnios da virtude*. Rio de Janeiro: Saga.

_____. 1987. Histoire de Juliette. In: *Oeuvres Complètes*, tomo I. Paris: Pauvert.

SAFFIOTTI, Heleieth. 1994.Violência de gênero no Brasil. *Estudos Feministas*. Número Especial:443-462.

_____. 1999. O estatuto teórico da violência de gênero. SANTOS, J. V. (org) *Violências no Tempo da Globalização*. São Paulo: Hucitec.

SCARRY, Elaine. 1985. *The Body in Pain. The Making and Unmaking of the World*. New York and Oxford: Oxford University Press

SCHWARTZ, Hillel. 1996. *The Culture of the Copy*. New York: Zone Books.

SCOTT, Joan. W. 1988. *Gender and the Politics of History*. New York: Columbia University Press.

SENNETT, Richard. 1988. *O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade.* São Paulo: Companhia das Letras.

SHOWALTER, Elaine. *The Female Malady: Women, Madness and English Culture, 1830–1980.* London: Virago.

SIMÕES, Júlio Assis e Richard MISLOSCI. 2007(Ed) Dossiê Sexualidade Disparatadas. In: *Cadernos Pagu*, n.28, Campinas.

SIMÕES, Júlio Assis. 2008. O negócio do desejo. In: *Cadernos Pagu.* Campinas, nº31.

SIMÕES, Júlio. A. 2009. Identidades Sexuais. In: SOUZA LIMA, Antônio Carlos (org). *Antropologia e Direito: Temas Antropológicos para Debates Jurídicos.* Brasília/Blumenau: ABA/Nova Letra.

SIMON, W & GAGNON, J.H. 1973. *The Sexual Conduct: The Social Sources of Human Sexuality*. Chicago: Aldine.

SOARES, Barbara M. 1999. *Mulheres Invisíveis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

SONTAG, Susan. 1987. *A Vontade Radical.* São Paulo: Companhia das Letras.

STEWARD, Samuel M. 2004. Dr. Kinsey takes a peek at S/M: a reminiscence. In:THOMPSON, Mark (org). *Leatherfolk: Radical Sex, People, Politics and Practice*. Los Angeles: Alyson Books.

STOLCKE, Verena. 1991. Sexo está para o gênero assim como raça está para etnicidade?. *Estudos Afro-Asiáticos*. 20:101-119.

STOLER, Ann L. 1995. *Race and Education of Desire: Foucault's History of Sexuality and the Colonial Order of Things*. Durham: Duke University Press.

STORR, Merl. 2003. *Latex and lingerie: shopping for pleasure at Ann Summers Parties.* Oxford/New York: Berg Publishers.

STRATHERN, Andrew J. 1996. *Body Thoughts*. Ann Arbor: The University of Michigan Press.

STRATHERN, Marilyn. 1988. *The Gender of the Gift*. Berkeley: University of California Press.

_____. 1992. *Reproducing the Future - Essays on Anthropology, Kinship and the New Reproductive Technologies*. New York: Routledge

TAUSSIG, Michael. 1987. *Shamanism, colonialism, and the wild man : a study in terror and healing*. Chicago : University of Chicago Press.

THORNE, Barie e YALOM, M. (ed). 1982. *Rethinking the Family - Some Feminist Questions*. New York: Longman.

TURNER, Terence. 1996[1994]. Bodies and Anti-Bodies: flesh and fetish in contemporary social theory. CSORDAS, Thomas J. (ed). *Embodiment and Experience: the Existencial Ground of Culture and Self.* Cambridge: Cambridge University Press

VALE DE ALMEIDA, Miguel (org). 1996. *Corpo Presente - treze reflexões antropológicas sobre o corpo*. Oeiras: Celta Editora.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. 1995. *Senhores de Si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século.

VANCE, CAROL. 1984. *Pleasure and Danger: Exploring Female Sexuality*. (Ed) London/Boston: Routledge & Kegan Paul.

_____. 1995. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. In: *Physys – Revista de Saúde Coletiva.* Rio de Janeiro, vol. 5, nº 1.

VARGAS, Joana. 1997. Fluxo do sistema de justiça criminal para crimes sexuais, a organização policial. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Unicamp.

_____. 2000. *Crimes sexuais e sistema de justiça.* São Paulo : IBCCrim.

VENCATO, Anna Paula. 2009. "Existimos pelo prazer de ser mulher": uma análise do Brazilian Crossdresser Club. Tese (Doutorado em Sociologia/Antropologia). Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

VIANNA, Adriana e LACERDA, Paula. 2004. *Direitos e Políticas Sexuais no Brasil. O panorama atual.* Rio de Janeiro: CEPESC.

ZALUAR, Alba. 1994. *Condomínio do Diabo*. Rio de Janeiro: Revan / UFRJ.

_____. 1999. Women of Gangsters: chronicle of a less-than-musical city. *Estudos Feministas*. Número Especial:109-116.

ZILLI, Bruno Dallacort. 2007. *A perversão domesticada*: *Estudo do discurso de legitimação do BDSM na Internet e seu diálogo com a Psiquiatria*. Rio de Janeiro: PPGSC/UERJ. Dissertação. (Mestrado em Medicina Social).

ZUKIN, Sharon. 2005. *Point of purchase: how shopping changed American culture*. New York/London: Routledge.

WAGNER, Peter. 1988. *Eros Revived: Erotica of the Enlightenment in England and America.* London: Secker & Warburg.

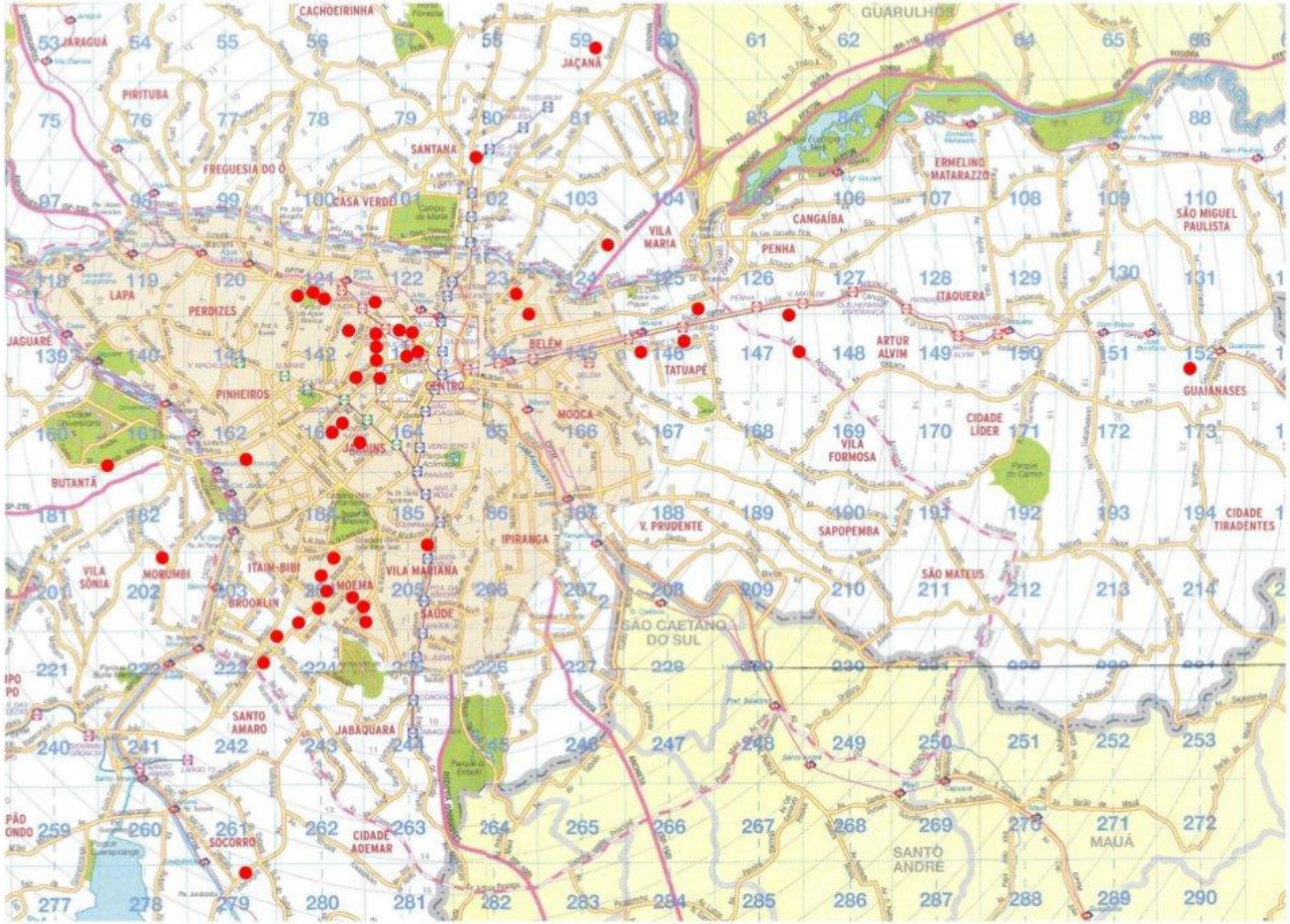
WAGNER, Roy. 1981. *The Invention of Culture.* Chicago: University of Chicago Press.

WEED, Elizabeth & SHOR, Naomi (ed). 1997. *Feminism meets queer theory.* Bloomington, Indianapolis: Indiana University Press.

Anexos

Anexo 1

Mapa dos Sex Shops de São Paulo



● Lojas - Sex Shops

Anexo 2

Entrevistado	Sexo	Idade	Ocupação	Escolaridade	Estado Civil	Identidade Sexual
1	Mulher	50 anos	Empresária	2° grau completo	Separada	Heterossexual
2	Mulher	45 anos	Consultora de sex-shops	2° grau completo	Casada	Heterossexual
3	Mulher	40 anos	Proprietária de sex-shop	Superior completo (Marketing)	Casada	Heterossexual
4	Mulher	35 anos	Proprietária de sex-shop	2° grau completo	Solteira	Heterossexual
5	Homem	41 anos	Designer gráfico	Superior incompleto	Solteiro	Heterossexual
6	Homem	36 anos	Músico	Superior completo em Música	Solteiro	Heterossexual
7	Mulher	25 anos	Estudante	Superior completo em Ciências Sociais	Solteira	Bissexual
8	Mulher	41 anos	Psicóloga	Superior completo em Psicologia	Casada	Bissexual
9	Mulher	30 anos	Jornalista	Superior completo em Jornalismo	Solteira	Bissexual
10	Mulher	19 anos	Estudante	Superior incompleto em Enfermagem	Solteira	Heterossexual
11	Homem	37 anos	Advogado	Superior completo em Direito	Casado	Bissexual
12	Mulher	26 anos	Estudante	Superior completo em Ciências Sociais	Solteira	Homossexual
13	Mulher	27 anos	Estudante	Superior completo em Ciências Sociais	Solteira	Homossexual
14	Homem	30 anos	Jornalista	Superior completo em Jornalismo	Solteiro	Homossexual
15	Homem	25 anos	Desempregado	Superior incompleto	Solteiro	Homossexual
16	Homem	27 anos	Garoto de programa	1° grau completo	Solteiro	Homossexual